

**Universidade Estadual do Ceará
Celina Maria Torres Portugal Bezerra**

**DOS PASSOS DE GAZELA DE IRACEMA AO
RASTRO DO CAPITAL: O COTIDIANO DAS (OS)
TAPIOQUEIRAS (OS) DE MESSEJANA-FORTALEZA-
CE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia do Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em geografia. Área de Concentração: Análise Geoambiental e Ordenação do Território nas Regiões Semi-Áridas e Litorâneas.

Orientadora: Dra. Zenilde Baima Amora

**Fortaleza – Ceará
2005**

Universidade Estadual do Ceará
Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia

Título do Trabalho: Dos Passos de Gazela de Iracema ao Rastro do Capital: o Cotidiano das (os) Tapioqueiras (os) de Messejana – Fortaleza – CE

Autora: Celina Maria Torres Portugal Bezerra

Defesa em: 27 de setembro de 2005

Dissertação Aprovada

Conceito obtido: Satisfatório com Louvor

Nota obtida: 10,0

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Meneleu Neto (UECE)

Prof. Dr. Manoel Fernandes de Souza Neto (UFC)

Profa. Dra. Zenilde Baima Amora (UECE)

Orientadora

DEDICATÓRIA

Aos injustiçados, incompreendidos, renegados e a todos aqueles que não perderam o amor, a autenticidade, a simplicidade e a poesia da vida, é para vocês que eu dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao agradecer corremos o risco de deixar de fora pessoas que nos são caras e que direta ou indiretamente contribuíram para esta pesquisa. Quando construímos um caminho em busca de conhecimento, encontramos pela frente inúmeras contribuições individuais e coletivas que o tornam possível e que sem estas jamais chegaríamos ao nosso destino. Portanto, incluímos nesse trabalho todos aqueles que o possibilitaram, professores, colegas (as), entrevistados (as): autores (as), amigos, companheiros de caminhada e tantos outros mais que deram a sua contribuição. De modo especial destacam - se alguns nomes que contribuíram mais diretamente para realização deste trabalho.

Agradeço em primeiro lugar ao Deus vivo, libertador, verbo encarnado que se manifesta pelo amor revolucionário na vida, nas pessoas que encontramos e que enriquece o nosso caminho.

Um agradecimento especialíssimo às (os) tapioqueiras (os): sra. Socorro, sr. Manoel , sra. Núbia, sra. Betinha, sr. Crio, Valdeniza, Mazé, sr. Ernandes, sr. René, sr. Raimundo, sr. Sebastião, sra. Zenaide, sr. José Gadelha, sra. Maria Ivone, Zilma, Marilene, Cassimira, Elizabeth, sra. Maria Augusta, sra. Lindalva, além de outros. São muitos os nomes e sem os quais essa pesquisa não teria sido possível.

Gostaria de agradecer à professora Zenilde Baima por ter me aceitado como orientanda, pela orientação dedicada, pela tolerância nos meus momentos de arroubos e empolgação, pela paciência e contribuições.

Agradeço ao professor Meneleu pela rica contribuição obtida através das suas aulas, do seminário e da qualificação.

Não poderia deixar de agradecer a Manoel Fernandes pelo ser humano que é, pela poesia que faz e representa e por todas as contribuições durante e depois da qualificação e nos momentos de conversa.

Do mesmo modo não poderia jamais deixar de incluir nestes agradecimentos a amiga e professora Amélia Damiani, pela pessoa generosa que é, e pelas inúmeras contribuições no sentido de enriquecer a pesquisa, sejam através das conversas que tivemos, das indicações, ou das publicações e palestras.

Agradeço à Eliana pela contribuição e momentos de discussões calorosas e pela prontidão, disponibilidade e simpatia com que sempre se colocou.

Também agradeço à professora Ana Fani Carlos pelas palestras, publicações e atenção.

Agradeço a todos os professores, funcionários e colegas do mestrado. Destaco entre os (as) colegas Glaudênia pela solidariedade, atenção e amizade. E também pela contribuição com sua técnica em fotografia e do mesmo modo a Lidiane.

Como deixar de agradecer a pe. Chico Moser, ser humano grandioso, grande amigo que sempre me inspirou e incentivou na vida, com quem pela postura tenho aprendido e preciso aprender muito mais.

Agradeço a todos os técnicos dos diferentes órgãos do Estado que se disponibilizaram a contribuir com esta pesquisa.

Agradeço aos meus pais por terem incentivado durante todo o percurso desse estudo.

Devo agradecer a todas as pessoas que mesmo indiretamente e sem o saber contribuíram para a pesquisa em encontros e conversas anteriores a ela, artistas, (poetas, pintores, músicos) militantes dos movimentos sociais e das CEBs

(Comunidades Eclesiais de Base), companheiros (as) de caminhada com quem tanto aprendi.

Agradeço à Marilei pela amizade, incentivo e correção deste trabalho e a Jader pela contribuição na execução da montagem dos mapas, das figuras e Marcelo pelas fontes fornecidas.

Finalmente agradeço a UECE (Univerisidade Estadual do Ceará) pela oportunidade e a FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela meia bolsa concedida.

RESUMO

Este trabalho busca compreender e refletir sobre como vem se constituindo o cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os), diante das mudanças: o desvio e duplicação da “nova” CE – 040 e a instalação do Centro das Tapiocas e do Artesanato de Messejana nesta rodovia, com as pressões e “apropriações” advindas nas permanências e mudanças. A modernização que ora se abate sobre diferentes lugares, muitas vezes associada a traços tradicionais, quando não captura estes, submentendo-os a uma racionalidade “mundializada” própria dos atores hegemônicos que a representam em detrimento das populações locais, o destrói, apagando rastros, desprotagonizando e imergindo na cotidianidade como ocorreu com o lugar e cotidiano das (os) tapioqueiras (os) de Messejana, Fortaleza-Ceará. O caminho percorrido nas discussões sobre cotidiano e lugar partiu da crítica à modernidade num contexto de “mundialização” considerando como categorias da cotidianidade prática as *pressões* e “*apropriações*” ao lugar da apropriação como caminho e projeto. Verificou-se que, o desvio e duplicação da CE – 040 se deram como momento de um processo maior de modernização e “mundialização” através do Estado na associação com o capital financeiro internacional intervindo no “espaço como negócio” demarcando um antes e depois no cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os). O turismo, o automóvel e a cozinha formal como “subsistemas fragmentários” que são, exercem - se principalmente como pressão e tensão permanente. De um lado: a desprotagonização das (os) tapioqueiras (os); a perda do tempo e autenticidade de vida e de outro: as resistências quando estas se ressentem e, apesar das pressões, anseiam apropriação na busca de alternativas, possibilidades de vida.

Conceitos – chaves: Modernidade e modernização, cotidiano, reificação, subsistemas fragmentários, pressão, apropriação e lugar.

RESUMÉ

Ce travail cherche à comprendre et réfléchir sur comment vient se constituer le quotidien et le lieu des tapioqueiras (os), devant des changements : le détour et la duplication de la nouvelle CE - 040 et l'installation du Centre des Tapiocas et de l'artisanat de Messejana dans cette route, avec les pressions et "appropriations" arrivées dans les permanences et les changements. La modernisation qui se abat sur de différentes places, beaucoup de fois associée à des traces traditionnelles, quand elle ne capture pas ceux-ci, les soumettant à une rationalité "mondialisée" propre des acteurs hégémoniques qui la représentent au détriment des populations locales, l'annule, en effaçant les voies, "desprotagonizando" et en immergeant dans "cotidianidade" comme est arrivé avec l'endroit et le quotidien des tapioqueiras (os) de Messejana, Fortaleza-Ce. Le chemin parcouru dans la discussion sur le quotidien et le lieu est parti de la critique à la modernité dans un contexte de "mondialization" considérant comme catégories de "cotidianidade" pratique les pressions et "appropriations" au lieu de l'appropriation comme chemin et projet. Il s'est vérifié que le détour et la duplication de la CE - 040, ils s'ont donné comme le moment d'un processus plus grand de modernisation et "mondialization" à travers de l'État dans l'association avec le capital financier international intervenu dans "l'espace comme affaire" et délimitant un avant et un après dans le quotidien et le lieu des tapioqueiras (os). Le tourisme, l'automobile et la cuisine formelle comme "sous-systèmes fragmentaires" qu'ils sont, ils s'exercent principalement comme pression et tension permanente. D'un côté : à "desprotagonização" des tapioqueiras (os); la perte du temps et de l'authenticité de vie et de l'autre côté : aux résistances quand celles-ci se ressentent et malgré des pressions, ils prétendent l'appropriation dans la recherche d'alternatives, possibilités de vie.

Mots - clés : Modernité et modernisation, quotidien, "reificação", sous-systèmes fragmentaires, pression, appropriation et lieu.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| Lista de Abreviaturas..... | 11 |
| Lista de Figuras, Quadros e Tabelas..... | 12 |
| 1.Introdução..... | 16 |
| 2. Das cortinas e ilusões inerentes ao contexto mundial ao seu espectro na “captura” local..... | 42 |
| 2.1 Refletindo modernidade, modernização, “mundialização” e cotidianidade inerente..... | 43 |
| 2.2. O Ceará no contexto “mundializado” contemporâneo..... | 62 |
| 2.3. Messejana de um pequeno centro local, a uma nova centralidade da periferia de Fortaleza..... | 69 |
| 3. “Uma estrada atravessou a minha vida, a CE – 040 desviada e duplicada... esse tempo já não é o meu”..... | 88 |
| 3.1 Do que foi e do que é o antigo lugar das (os) tapioqueiras (os) diante do <i>desvio</i> e <i>duplicação da CE – 040</i> | 90 |
| 3.2. A “nova” CE-040 e o rebatimento no lugar: o automóvel, o turismo, e implicações no cotidiano das (os) tapioqueiras (os)..... | 116 |
| 4. Tapioqueiras (os) de “protagonistas” a “coadjuvantes”: um caminho sem retorno?..... | 131 |
| 4.1. O Centro da Tapioca e do Artesanato de Messejana: Quem comanda, quem demanda, quem obedece..... | 132 |
| 4.2. O turismo e a cozinha formal no Centro das Tapiocas..... | 174 |

| | |
|--|------------|
| 5. Daquilo que escapa, o que não se deixa aprisionar: a luta pelo lugar da vida se fazendo na busca da vida no lugar..... | 178 |
| 5.1. Repensando o lugar como “promessa”..... | 180 |
| 5.2 É possível detectar novas possibilidades de apropriação após as mudanças?..... | 184 |
| 5.3. Para onde vão as (os) tapioqueiras (os)?..... | 195 |
| 6. Considerações finais..... | 207 |
| Referências bibliográficas..... | 214 |
| Anexos..... | 222 |
| Anexo I: Roteiro dos questionários e entrevistas realizados..... | 223 |
| Anexo II: Instituições públicas visitadas para levantamento de dados..... | 229 |
| Anexo III: Programa Rodoviário de Integração Social do Estado do Ceará II..... | 230 |
| Anexo IV: Quadro de Acompanhamento Físico – Financeiro Subprograma de Obras Civis..... | 232 |
| Anexo V: Regimento Interno do Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana – CETARME..... | 233 |
| Anexo VI: Informativo Gerencial – ANEXO II – DECRETO N. 26. 411/2001. Relação Descritiva das Rodovias Estaduais: Rodovias Radiais..... | 240 |
| Anexo VII: figura representativa da malha rodoviária de Fortaleza..... | 241 |
| Anexo VIII: Pesquisa de tráfego na CE – 040..... | 242 |
| Anexo IX: “Iracema – Messejana” | 243 |
| Anexo X: Outras publicações em jornais..... | 246 |
| Anexo XI: Pesquisa de tráfego: dia /hora na CE- 040..... | 253 |
| Anexo XII : Contrato de financiamento de Capital Fixo | 254 |
| Anexo XIII: Informativo Gerencial: b) Malha rodoviária..... | 256 |
| Anexo XIV: Ofício aos órgãos públicos para coleta de dados..... | 257 |

Lista de Abreviaturas e / ou Símbolos

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

CENTEC – Instituto Centro de Ensino Tecnológico

CETARME – Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana

DERT – Departamento de Estradas, Rodagem e Transporte

SEINFI – Secretaria Municipal de Infra – Estrutura e Controle Urbano (Fortaleza)

SEINFRA – Secretaria Estadual de Infra – Estrutura

SETAS – Secretaria do Trabalho e Ação Social

SETE – Secretaria do Trabalho e Empreendedorismo

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Lista de figuras, Quadros e Tabelas

| | Mapas e figuras | Página |
|---|---|----------------|
| 1 | Figura 1: Distrito de Messejana, de Fortaleza e do Ceará..... | 76 |
| 2 | Figura 2 e mapa: Distrito de Messejana; Bairros Messejana-sede, Coaçu e Paupina; e mapa de localização do Centro da Tapioca e do antigo pólo das.Tapioqueiras..... | 77 |
| 3 | Mapa situacional das tapioqueiras e do Centro .de Tapioca e do Artesanato de Messejana..... | 78 |
| 4 | Figura 3: Trecho da Rodovia (Extensão(KM)) da CE-040..... | 90 |
| 5 | Figura 4: Planta do Centro da Tapioca e do artesanato de Messejana..... | 145 |
| 6 | Figura 5: Planta do Panopticon de Jeremy Bentham (apud Foucault, 2002)..... | 145 |
| 7 | Figura 6: Projeto de hospital (apud Foucault, 2002)..... | 145 |
| | Fotos | .Página |
| 1 | Igreja do antigo lugar das tapioqueiras..... | 96 |
| 2 | Visão panorâmica da avenida Barão de Aquiraz – trecho das antigas tapioqueiras..... | 98 |

| | | |
|-----------|--|-----|
| 3 | Residência de uma família de tapiqueiras (os)..... | 98 |
| 4 | Senhora (tapiqueira) numa casa de produção de tapioca no antigo pólo com residência próxima..... | 98 |
| 5 | Casa de produção de tapioca São Rafael (uma das pioneiras)..... | 98 |
| 6 | Antigo tapiqueiro..... | 100 |
| 7 | Tapiqueiro com menino..... | 100 |
| 8 | Casal de ex. tapiqueiro..... | 100 |
| 9 | Casas de produção de tapiocas..... | 100 |
| 10 | Casas de produção de tapiocas..... | 100 |
| 11 | Rua da capela por trás das casas de produção de tapiocas..... | 101 |
| 12 | Casa de produção de tapioca Santa Cecília..... | 101 |
| 13 | Casa de produção de tapioca Santa Cecília em outro momento..... | 101 |
| 14 | Casa de produção São Pedro..... | 101 |
| 15 | Visão panorâmica noturna da Rodovia CE-040 e do Centro das Tapiqueiras e do Artesanato de Messejana..... | 133 |
| 16 | Visão panorâmica diurna da lateral esquerda, frente interna e começo da lateral direita do Centro da Tapioca e do Artesanato de Messejana..... | 133 |

| | | |
|----|---|-----|
| 17 | Balcão de um box de uma tapioqueira..... | 133 |
| 18 | Lateral direita do Centro da T. e do A. de Messejana..... | 133 |
| 19 | Casal de tapioqueiros nos boxes..... | 133 |

Quadros

Página

| | | |
|-----|---|-----|
| 1- | Quadro I - Parentesco entre tapioqueiras (os) no antigo espaço..... | 102 |
| 2 - | Quadro II – Número de pessoas trabalhando (familiares e não – familiares) e de tapiocas vendidas antes e depois do desvio da Ce – 040 na comunidade das antigas (os) tapioqueiras 9samente aquelas que continuam no lugar..... | 126 |
| 3 - | Quadro III – Parentecos entre tapioqueiras (os) do Centro da Tapioca e do Artesanato de Messejana e antigas (os)..... | 151 |
| 4 - | Quadro IV – Parentesco no Centro das Tapiocas e do Artesanato de Messejana..... | 152 |
| 5 - | Quadro V – Número de pessoas trabalhando (familiares e não – familiares) e número de tapiocas vendidas no bloco 1..... | 172 |
| 6 - | Quadro VI – Número de pessoas trabalhando (familiares e não – familiares) e número de tapiocas vendidas no bloco 2 | 173 |
| 7 - | Quadro VII - Número de pessoas trabalhando (familiares e não – familiares) e número de tapiocas vendidas no bloco 3 | 174 |

Tabelas.....Página

| | |
|-----|--|
| 1 - | Tabela I - População residente de 5 ou mais anos de idade, por grupos de idade, total e alfabetizada, segundo o distrito, os subdistritos, os bairros |
|-----|--|

por situação de domicílio do município de Fortaleza – Ceará.....80

2 - Tabela II' - Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, segundo os distritos, os subdistritos, os bairros e situação de domicílio do município de Fortaleza – Ceará.....81

3 - Tabela III - Moradores em domicílios particulares permanentes, por classe de rendimento nominal mensal da pessoa responsável pelo domicílio, segundo os distritos, os subdistritos, os bairros do município de Fortaleza – Ceará.....82

4 - Tabela IV - Domicílios particulares permanentes, por classe de rendimento nominal mensal da pessoa responsável pelo domicílio, segundo o distrito, os subdistritos, os bairros do município de Fortaleza – Ceará....83

5 - Tabela V - Domicílios particulares permanentes, por forma de abastecimento de água, segundo o distrito, os subdistritos , os bairros do município de Fortaleza – Ceará.....84

6 - Tabela VI - Domicílios particulares permanentes, por existência de banheiro ou sanitário e tipo de esgotamento sanitário, segundo o distrito, os subdistritos, os bairros do município de Fortaleza – Ceará.....85

7 - Tabela VII - Domicílios particulares permanentes, por destino do lixo, segundo o distrito, os subdistritos, os bairros do município de Fortaleza – Ceará.....86

1. INTRODUÇÃO

O processo de modernização no estado do Ceará no último período, a contar principalmente do início da década de 1990 até o momento atual, tem se constituído em sucessivas intervenções em consonância com a mundialização do capital que captura e fragmenta o espaço segundo a sua lógica e frente a diferentes temporalidades. Isto é verificável a partir dos freqüentes empréstimos feito pelo então chamado “governo das mudanças” ao BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) para execução de grandes obras de infra – estrutura.

Fortaleza, enquanto metrópole em permanente expansão, receptora de fluxos turísticos crescentes, vivencia também contradições que estão no cerne dos processos de modernização. Entre outras implicações desta modernização destacam – se: a fragmentação dos lugares, atomização, novas formas de segregação e de isolamento.

As interferências modernizantes na metrópole, em muitos casos resultam em inúmeras pressões como metas, normas, regulamentos, comportamentos predeterminados etc, que visam o “ajustamento” de alguns, pelo menos aqueles que se deixam enquadrar nessa forma e que preenchem os requisitos necessários, sejam pessoas (individualmente), ou uma população inteira de um determinado lugar. Outros resistem, ou então não tiveram “oportunidade de enquadramento” por não preencherem os “requisitos básicos” (afinal a modernização tem os seus perfis), não se adequando às novas condições impostas.

As novas demandas de diferentes lugares do planeta sejam estas através da Internet, do turismo, têm encontrado eco e apoio dos governos do Estado do Ceará através de ações interventoras no sentido de promover “mudanças”. E muitas vezes como tentativa de captura do irreduzível, das culturas espontâneas como o exemplo das (os) tapioqueiras (os). Tudo isso faz parte de um conjunto de intervenções pelas quais vem passando Fortaleza e sua Região Metropolitana.

A espacialidade cotidiana de Fortaleza, e, portanto, das (os) tapioqueiras (os), é fruto do embate de forças de diferentes formas de exercício de poder, provenientes da materialização de uma teia de relações sociais. De um lado observa-se o poder hegemônico representado pelo Estado, pelas empresas (pequenas, médias e grandes, demandas turísticas) imprimindo o moderno. Do outro, habitantes e circulantes dessa espacialidade com suas dificuldades, crenças, costumes, enfim, sua cultura. A ordenação da espacialidade cotidiana é impressa, nesse começo de século, por sucessivas mudanças que se sobrepõem aos interesses da maioria da população local. Vivencia-se um cotidiano de pressões, de ordenamentos e reordenamentos velozes da espacialidade cotidiana pela população que se desapropria não só materialmente, mas também culturalmente do seu espaço de vivência como é o caso das (os) tapioqueiras (os).

Dentre as “mudanças” provocadas pelo Estado no sentido de dar fluidez aos fluxos ligados à metrópole e, sobretudo aos caminhos percorridos pelo “veranista” e turista nacional e internacional, destacam-se o desvio, alargamento e duplicação do trecho Cambeba - Messejana da CE-040¹, denominada Estrada do Sol Nascente em direção ao litoral leste do estado como mais uma ação do Programa Rodoviário de Integração Social do Estado do Ceará – Ceará II. É justamente esse trecho reestruturado que deixou de lado as (os) antigas (os) tapioqueiras (os), onde foi construído o Centro da Tapioca e do Artesanato de Messejana² como uma ação financiada pelo Estado e voltada para o veranismo e o turismo.

Logo que as interferências modernas carregadas de novas técnicas se instalam em algum lugar, regeografizam - no trazendo consigo grande carga de poder e de controle sobre o cotidiano das pessoas, passando estas a serem coordenadas no seu tempo e espaço, submetidas a comandos que demandam comportamentos previamente planejados, estabelecidos, determinados. Essa situação denota diversas formas de pressão e perda de apropriação, as quais podem ser identificadas na ordenação do cotidiano das (os) tapioqueiras (os) de

¹ Obra financiada pelo BID (Banco Interamericano do Desenvolvimento) com a participação do Estado do Ceará.

² Geralmente são utilizadas as duas formas: Centro das Tapiocas ou Centro das tapioqueiras, adota-se neste trabalho as duas.

Paupina (Messejana), principalmente após o desvio e ampliação da nova CE-040 e a construção do Centro da Tapioca.

Essas intervenções ocorridas no espaço alteram significativamente o cotidiano das pessoas que vivem e de algum modo participam na construção do lugar, este é o caso das (os) tapioqueiras (os)³ em Paupina (Messejana)⁴.

Ressaltando, constata-se então a repercussão dessas mudanças no cotidiano das (os) antigas (os) tapioqueiras (os), situadas às margens da antiga Avenida Barão de Aquiraz, parte do curso anterior da CE – 040 que foi recentemente cortado pelo desvio e construção de um novo trecho alargado e duplicado pertencente à nova estrada, uma continuação da Avenida Washington Soares, ligando Fortaleza – Eusébio⁵ e cortando os bairros: Paupina, Coaçu e Messejana - sede do distrito de Messejana, sudeste de Fortaleza. Sendo assim, divide o distrito de Messejana deixando quase de lado os bairros Messejana-sede, Paupina e parte do Coaçu, bairros estes diretamente ligados ao cotidiano das tapioqueiras. Conseqüentemente esse desvio “amputa” (para usar um termo de Jane Jacobs 2000, p.2)⁶ o antigo trecho correspondente à avenida Barão de Aquiraz antes pertencente ao curso da velha estrada, justamente onde estão situadas (os) as antigas (os) tapioqueiras (os).

Essa “amputação” do pequeno trecho que pertencia à estrada CE – 040 na sua forma antiga diminuiu a intensidade de fluxos de veículos que circulavam pela Avenida Barão de Aquiraz e passavam pelas (os) tapioqueiras (os). Provocou a quase desativação do antigo pólo (denominação dada pelo governo do Estado). Tal situação confirma o que diz Jane Jacobs (2000, p. 2), quando se refere ao desfavorecimento do implante de determinados projetos para as áreas urbanas

³ Adota-se nesse trabalho as terminações (as) e (os) como referência a pessoa conforme o gênero que exerce a atividade de produção da tapioca.

⁴ Messejana possui três escalas administrativas: Messejana-distrito, Messejana-subdistrito e Messejana - sede-bairro. Paupina é um bairro do subdistrito e, portanto, do distrito de Messejana.

⁵ Município da Região Metropolitana de Fortaleza.

⁶ Apesar de Jane Jacobs ter se referido as metrópoles americanas nos anos 50 e 60 e desta não ter se referido mais diretamente as contradições de classes sociais e ao papel da mercadoria nos seus estudos, optou –se nesse estudo pela utilização dos termos “amputação e gangrena” adotados por esta autora, mesmo sabendo que esta se referia ao momento de construção de vias de circulação e de transferência da riqueza das áreas mais centrais das grandes cidades dos Estados Unidos para suas periferias.

circundantes: “(...) resultam muitas vezes na amputação dessas áreas que (...) são normalmente acometidas de gangrena fulminante”. É o que se passa hoje com o antigo pólo das (os) tapioqueiras (os) que perdeu grande parte da sua antiga vitalidade, resultando na quase total desativação de algumas casas originais das (os) tapioqueiras (os) e no desmantelamento de uma organização familiar de trabalho.

A nova CE-040⁷, desviada e duplicada em 2 vias de circulação de sentidos opostos, pode constituir-se cada vez mais (já iniciado no presente), porém mais fortemente no futuro, num corredor de adensamento e de atividades como outros tantos abertos anteriormente em Fortaleza. Além de ampliar e atender aos fluxos turísticos direcionados ao litoral leste de Fortaleza, já que o caminho anterior de passagem dos turistas pela Av. Barão de Aquiraz, onde está situado o antigo pólo das (os) tapioqueiras (os) foi deixado de lado. Poderia ser aparentemente só mais uma via da dinâmica de expansão da metrópole, porém na verdade está voltada também para as demandas do turismo internacional. Mas o que se esconde por trás da abertura de uma via? O que ela atropela? Quais “gangrenas” ela causou? Como interveio com as mudanças espaciais? Quais mudanças foram provocadas?

O novo percurso da estrada do Sol Nascente ao ter deslocado e isolado o antigo caminho do turista acabou praticamente esvaziando o pólo das (os) tapioqueiras (os) e colocando em risco a sua única fonte de renda.

O então governo do Estado, em 7 de janeiro de 2002, inaugurou o Centro das Tapiocas e do Artesanato de Messejana, com as (os) antigas (os) tapioqueiras (os). Mais tarde algumas (uns) desistiram e foram substituídas por novas tapioqueiras (os), (pessoas que não exerciam essa atividade antes).

Com a instalação do Centro das Tapiocas houve uma tentativa de enquadramento das (os) antigas (os) tapioqueiras (os) aos novos padrões exigidos. A criação de uma associação com regimento e tudo, apesar de votadas em

⁷ Conforme engenheiro do DERT (Departamento de Estradas Rodagens e Transporte) (dr. Irã): “- Trata -se de uma pista duplicada com canteiro central variando de 3 a 6 metros; as pistas de tráfego com 3,60 metros para cada sentido e 2 metros de acostamento e mais uma faixa de segurança de ½ metro”.

assembléia, não ocorre como um processo endógeno, de iniciativa da comunidade dos (as) tapioqueiras (os), mas como um processo exógeno, induzido pelos técnicos do Estado. Desde aí, têm ocorrido insatisfação e desistência por parte de algumas das referidas (os) tapioqueiras (os), devido às condições impostas para o funcionamento do novo equipamento urbano (o centro das tapiocas que muito se assemelha a um shopping). E, assim, deixa as (os) tapioqueiras (os) em uma situação de vulnerabilidade frente às mudanças e perda de apropriação gerada por pressões impostas pelas novas condições de produção, portanto, de trabalho e de “vida”.

Na nova situação o papel intervencionista, “desprotagonizador”, desde o início do Centro da Tapioca até o momento atual, foi atribuído aos técnicos do Estado principalmente, e a algumas empresas relacionadas. Além disso, a nível econômico, os ganhos se tornaram mais desiguais, umas (uns) são mais favorecidas (os) do que outras (os) pela localização do box. E para algumas (uns) tapioqueiras (os) os ganhos são bem menores do que aqueles obtidos no antigo pólo. Parece, então, cada vez mais difícil escapar ao “poder colonizador” dos processos de modernização e reestruturação do turismo e do lazer, do planejamento urbano autoritário, do controle da produção circulação e consumo, da competitividade do “mundo da mercadoria”, através da corrida tecnológica, dos novos padrões de consumo, enfim dos sistemas de marketing para o enquadramento, e a maximização dos lucros.

É nesse contexto caótico de mudanças velozes, de mais expropriação pelas pressões do que apropriação, que se insere o cotidiano e o lugar das (os) tapioqueiras (os) frente às intervenções técnicas que vêm sofrendo manifestadas como pressões. Tais pressões não são acatadas integralmente e acabam encontrando resistência na busca de possibilidades de apropriação por parte de algumas (uns) tapioqueiras (os), com o caráter específico e identitário próprio que lhe confere.

Ao contrário do que se possa pensar, mesmo “desprotagonizadas (os)” do seu tempo de vida, a aparente passividade das (os) tapioqueiras (os) não (as) os reduz a apatia e submissão total, há relutâncias, insatisfações, busca de novos

caminhos, resistências as mais diversas. Às vezes querendo percorrer o caminho de volta que já não é mais o mesmo. Às vezes buscando sobreviver de algum modo, sabendo estas (es) que as novas condições contrariam o ritmo e os princípios que moveram por muitos anos aquela comunidade que agora se fragmenta.

O que se questiona, entre outras coisas, vai muito além de se querer manter a tradição a todo custo, já que a história não “pára”, as mudanças sempre irão ocorrer. É muito mais que isto, é sobre quem protagoniza essas mudanças e no que estas se constituem em relação ao tempo de vida e a possível apropriação das (os) tapioqueiras (os). As condições originais, embora precárias, das (os) antigas (os) tapioqueiras (os) – dentro dos seus limites - eram protagonizadas por elas (es) mesmas (os) havia um precário, mas relativo grau de apropriação.

É importante mais uma vez enfatizar que não se trata simplesmente de rejeitar as instalações modernas, mas sim, de buscar compreender como se dão tais processos enquanto formas de pressão e apropriação após o desvio e ampliação da CE -040 e a instalação do Centro das Tapiocas no cotidiano e lugar das tapioqueiras, indagando-se: para quê e para quem se dá, o modo como se dá, a finalidade, quem participa? Até que ponto esse novo espaço é desejado ou rejeitado? De que modo o Centro das Tapiocas e a CE – 040 se impõem ao cotidiano das (os) tapioqueiras (os)? Quais ritmos de vida e de cultura foram quebrados, desrespeitados e atropelados? . Qual é o grau de vulnerabilidade, as possibilidades e as representações das (os) tapioqueiras (os), mediante as pressões exercidas pelos diversos atores hegemônicos atuantes no seu cotidiano? Atores estes identificados na figura dos agentes do Estado (governo, planejadores, técnicos, etc.); na figura dos agentes do capital privado via empresas e turismo; na figura do consumidor local ou do turista. Quem dita as regras do cotidiano das (os) tapioqueiras (os) após as mudanças? Que tipos de pressões eles têm sofrido? O que permanece e o que mudou? Quais foram as perdas? Houve ganhos? Quais? Quais os elementos de apropriação que permanecem e quais elementos foram perdidos? Quais são as pressões identificadas no antigo e novo espaço das (os) tapioqueiras (os)? Quais são as novas possibilidades frente ao moderno?

O objetivo maior desse estudo é tentar compreender como vem se constituindo o cotidiano e o lugar das (os) tapioqueiras (os) de Paupina (Messejana) diante da “nova” CE-040 e da instalação do Centro das Tapiocas nesta rodovia. A partir daí busca - se refletir e discutir o contexto contemporâneo global com ênfase no local considerando a discussão de alguns conceitos: modernidade, modernização, “mundialização” e cotidianidade. Para dar continuidade faz – se uma discussão sobre as pressões e apropriações advindas nas permanências e mudanças e nas representações dos diversos atores sociais na cotidianidade prática, procurando considerar a voz das (os) tapioqueiras (os). Por último procura – se refletir sobre o lugar e apropriação e discutir mais sinteticamente sobre a cotidianidade prática das (os) tapioqueiras (os).

Como um primeiro momento do caminho teórico seguido por esse trabalho, considera-se relevante esclarecer como se compreende o processo de conhecimento via sujeito e objeto, situando e expondo logo em seguida os conceitos e categorias norteadores desse trabalho.

Portanto, compreende-se que a apreensão do objeto só se torna possível através da “tríade” sujeito, objeto e conhecimento. Estes como uma totalidade aberta em movimento, em permanente processo de transformação, onde na apreensão do objeto, o sujeito a partir do contexto histórico do qual faz parte, toma para si um problema por ele identificado que caracteriza o objeto, podendo até ser ele próprio o sujeito. A detecção desse problema não se faz dissociada da história e da historicidade constituinte de ambos sujeito e objeto. Assim sendo, o processo de apreensão do objeto se dá pela integração de suas partes: conhecedor, conhecimento e conhecido, num tempo – espaço presente herdado das relações sociais – político – econômico – cultural de gerações passadas. Oliveira (1997, p.23) diz que:

O sujeito é condicionado e determinado por seu mundo, de experiência, pela tradição histórica que constitui seu próprio ser e ele é sujeito de seu mundo na medida mesma em que ele é objeto dele.

No entanto, conhecimento não é puro reflexo, pois o homem é objeto do seu mundo como sujeito, que, livremente, transforma seu mundo e, assim, se realiza a si mesmo em seu mundo.

Este é o movimento transformador que qualifica o ser humano enquanto tal. É o que o torna capaz de intervir diferenciadamente em cada lugar, de modo a alterar, modificar o contexto em que vive transformando-se simultaneamente.

O trabalho como conteúdo que é, como práxis humana, pode perfeitamente sintetizar conhecimento e ação. É pelo conhecimento que a ação pode ser apropriada, justamente por este possibilitá-la e explicitá-la. A ação materializa o conhecimento incorporando-o. Ela também é fonte e ponto de partida para transformação do conhecimento e o conhecimento para transformação da ação. Portanto, o conhecimento é uma construção histórico-social condicionada a uma temporalidade, a uma cultura, uma identidade, e até, uma “individualidade” também que o personifica.

É inegável a importância da problemática exposta nesse trabalho, quando se faz mister um conhecimento relativo ao cotidiano e ao lugar das (os) tapioqueiras (os) diante do que muda e do que permanece, portanto, das pressões e apropriações possíveis frente a recente reestruturação, fragmentando e inserindo mais efetivamente o espaço destas na mundialização, tornando fundamental e urgente a busca de entendimento dos rumos gerados por esses processos.

Quando se pensa ou se age, nunca se está sozinho de fato, já que pensamentos e ações são frutos do conhecimento adquirido nas relações que se trava, nos livros que se lê, nas diversas experiências vivenciadas, sempre como um processo social, individual e coletivo que é compartilhado, assimilado, incorporado, ou negado, ou recusado, consciente ou inconscientemente pelo ser humano, o qual ao adquiri-lo lhe dá uma feição própria, uma identidade pessoal, específica, o que faz cada um ser único no mundo, apesar de ser simultaneamente fruto de uma construção histórico-social.

A paixão pela geografia e a vivência por mais de vinte anos da espacialidade cotidiana de Messejana, além da frequência durante esse período ao espaço das (os) tapioqueiras (os), motivou esse estudo. Embora as frequentes caminhadas matinais em 2000 já acompanhassem o curso do referido trecho em construção do desvio da estrada - o que provocou inquietação ao observar a abrupta

e quase total estagnação inicial do antigo espaço das (os) tapioqueiras (os), somente mais tarde, em 2003, após o início da pesquisa sobre o cotidiano de Messejana como uma nova centralidade de Fortaleza, considerando seus vários aspectos entre estes as (os) tapioqueiras (os), é que, depois da apresentação de um painel no VIII SIMPURB, optou – se por delimitar ainda mais o tema do ponto de vista empírico, restringindo – o somente a um dos seus aspectos, nesse caso as (os) tapioqueiras (os) dado a sua complexidade e grandiosidade. A partir daí tentou – se entregar – se a esta pesquisa lembrando o que diz Fernandes (2003, p. 95) como:

(...) qualquer coisa que nos leve de um minúsculo pontinho até o infinito ou pode ser o minúsculo infinito que nos leve ao ponto máximo”. (...) capaz de suscitar debates, levantar questões, despertar preocupações, recuperar a tradição e vislumbrar o futuro. (...) qualquer coisa assim que aparentemente é coisa alguma.

Portanto, a constante observação pela freqüência, as conversas de pé de mesa com as (os) tapioqueiras (os), as vivências e assessorias às CEBs, às pastorais sociais, ao movimento popular, às leituras e estudos realizados anteriormente principalmente de Gramsci, Lefebvre, Heller, Damiani e Carlos contribuíram sensibilizando para um olhar mais atento sobre as questões que hoje atingem o cotidiano das (os) tapioqueiras (os) de Paupina – Messejana. Além disso, a moradia fixa há muito neste bairro e distrito de Fortaleza possibilitou um maior contato com o antigo lugar e o acompanhamento dos trabalhos de desvio e duplicação da CE-040, local no qual foi construído o novo Centro da Tapioca, foram de grande importância para a escolha da pesquisa e realização deste estudo. Somado a isto ainda, as horas de escuta sobre essa nova situação na vida das (os) tapioqueiras (os). Tudo isto despertou interesse pela problemática tratada nesse estudo, que, por sua vez, toma o cotidiano como ponto central de suas preocupações.

A elevação crítica de uma concepção de mundo, ou do conhecimento que se busca acerca do objeto, pressupõe por parte do conhecedor que supere a visão caótica e desagregada inicial transformando-a, na medida em que este decompõe o

objeto em partes para recompô-lo depois, ou seja, partindo do concreto simples, abstraído no início, para então, depois, compor o concreto sintético⁸.

O conhecimento parte da contextualidade histórica, da realidade prática, deve, portanto, conduzir “a aproximação em direção à complexidade e a riqueza da realidade prática e histórica” como reporta Damiani (1991, p. 9). Os dados empíricos, por si só, não são suficientes para o entendimento da realidade, daí a necessidade de uma fundamentação teórica que seja capaz de possibilitar uma leitura e decodificação coerente do objeto estudado⁹.

Para uma melhor compreensão da problemática estudada, optou – se nesse trabalho por um aporte teórico que considera a realidade como um conjunto de contradições conflituoso. Portanto, destacamos como conceitos chaves: cotidiano e cotidianidade, e como categorias desse cotidiano: pressões e apropriações. Ao uso dessas categorias vinculam-se ainda as dimensões relativas aos conceitos de técnica e mercadoria que por sua vez remetem à reflexão sobre a modernidade.

Cabe ainda afirmar a importância do conceito de lugar, que assume, neste estudo, papel de destaque e é compreendido na visão de Carlos (1996 p.15): “O lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo, posto que preenchido por múltiplas coações, expõe as pressões que se exercem em todos os níveis”.

As referidas categorias e conceitos instrumentalizam e abrem a compreensão e reflexão favorecendo uma maior aproximação da complexidade da

⁸ Como teria dito Marx (1978 p.116): “O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método, a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento”.

⁹ É importante estar atento e não descuidar do que nos chama atenção Baudrillard (2000 p. 26): “A inútil agitação e a oculta efervescência dos serviços secretos passou para o campo intelectual, com os milhares de colóquios que seguem o rastro um do outro – sem falar dos agentes duplos que trabalham para uma potência estrangeira, aquela da Estupefação Visual e da Ininteligência Comparada. E com os milhares de pesquisadores que, como falsos espões se esqueceram de tirar o preço da sola de seus sapatos, assim como se esqueceram de tirar as notas, as citações, da exposição de suas idéias. Mas sempre se pode ler o preço, quando eles cruzam as pernas sob a tribuna, e ver a marca de suas capas quando as colocam sobre a cadeira, e o ano da safra de suas idéias quando, rumo as suas conclusões, vagueiam os olhos fluorescentes por trás dos óculos, enxugando furtivamente uma lágrima filosófica em cima de seu fracasso”.

problemática relativa às (os) tapioqueiras (os), sobretudo no que tange ao cotidiano e ao lugar destas (es) após as mudanças ocorridas.

A discussão sobre esses conceitos obedece a uma coerência a partir das principais categorias que formam os pares dialéticos dessa pesquisa: mudanças e permanências *pressões e apropriação*, como conflito permanente presente no cotidiano e nas representações da sociedade moderna. Nesse sentido, Lefebvre (1991, p.97) refere – se a estas:

Apropriação e pressões têm relações conflituosas e complexas. Quem diz *apropriação* diz pressão dominada, mas o domínio técnico dos determinismos “naturais”, ainda que necessário, não é suficiente. Pode-se dizer, grosso modo, que, quanto mais pressões há (e pressões organizadas, codificadas), menos apropriação. Não há uma relação de inversão lógica, mas de conflito dialético. A apropriação capta as pressões, altera-as, transforma-as em obras.

O cotidiano na sociedade moderna, “*sociedade burocrática de consumo dirigido*” (Lefebvre, 1991), manifesta-se pela complexidade do conflito entre pressões e apropriações. Para o domínio das pressões é necessária inicialmente uma leitura decodificadora do cotidiano capaz de dar conta da identificação e descortinamento das pressões neste, em toda a sua complexidade, considerando neste ponto a questão da reificação conforme Lukács (2003). O mesmo procedimento deverá ser adotado com relação às possibilidades de apropriação, as quais devem ser descobertas, identificadas e analisadas. Tudo isto tendo em vista as transformações, conflitos e contradições pelas quais vêm passando as tapioqueiras. Portanto, foi sem dúvida, esta, uma condição desafiante e complexa que permeou toda a pesquisa e conduziu esse trabalho.

Eleger –se para discussão sobre a modernidade autores como Lefebvre (1969) e Martins (2000, 2002) entre outros; no tratamento do conceito de cotidiano adotou – se o primeiro autor citado (1972, 1991, 2004); Heller (2000); Kosik (1989); Damiani (1991, 1997, 2001, 2003, 2004) e Carlos, (1993, 1996, 1997, 2001, 2004, 2005), tendo o trabalho também se referenciado nesta última autora a respeito do conceito de lugar como pode ser visto. Todos esses autores contribuíram fundamentalmente para construção do percurso metodológico. Lançamos mão

também das contribuições teóricas de outros estudiosos como contraponto das idéias desenvolvidas pelos autores citados.

Ressalta-se ainda que o estudo do cotidiano também é transdisciplinar e, portanto, não é objeto exclusivo de nenhuma ciência não obstante alguns ramos do conhecimento tenham se antecipado nesta tarefa. A geografia descobre mais tardiamente a importância desse conceito incorporando-o as suas preocupações sobre espaço e lugar.

Os processos modernizantes recentes ocorridos no cotidiano e lugar das tapiqueiras (os) e mudanças resultantes desafiaram esse estudo a buscar uma compreensão do pensamento moderno vigente, portanto da modernidade na fase que teve início no começo do século XX permanecendo válida até hoje, como pontua Lefebvre (1969 p.222):

Ela atinge o drama compreendendo o movimento dialético: separação e totalização, a dispersão afetando o que concerne ao individual e ao vivido, a totalização efetivando-se pelos meios do Estado, da sociedade global, das comunicações, das normas de cultura, etc. tentativa moderna, de dominar a necessidade e de se apropriar do desejo.

A “captura” do tempo de vida das (os) tapiqueiras (os) pela racionalidade imposta com o Centro das Tapiocas através dos técnicos do Estado, dos padrões de exigência do turismo internacional, do marketing empregado dão o tom dos processos de modernização desencadeados na atual fase da modernidade que atinge muitos lugares no mundo, no Brasil e no Ceará.

O caráter colonizador das novas técnicas que acompanha os processos de modernização a cada reestruturação, principalmente para os países que não deram origem a estes, realiza-se como mais uma forma de pressão, de dominação, mas também não se fecha aí, já que poderá despertar a busca de novas possibilidades de apropriação.

Martins ¹⁰ considera que modernidade chega na América Latina com o gosto amargo da convivência dos modernismos com formas arcaicas de exploração. Desse modo a modernidade acaba nos chegando pelo seu lado mais perverso, aproveitando - se das formas pré-existentes não só, mas principalmente com a finalidade de acumulação. O processo de modernização retardou nesse contexto e, quando chegou, foi sob os estardalhaços das intervenções técnicas, modernismos, reforçando e favorecendo as forças hegemônicas internas e externas, ampliando as disparidades de classes. É claro que nem tudo é negativo, existem ganhos, embora não muitos quando pensamos nas perdas em termos de apropriação de tempo e espaço de vida, de corpo e desejo e dos sacrifícios de muitos.

A modernidade ambígua, contraditória em meio ao descompasso do mais arcaico com o moderno e assim apresentada por Martins, como já foi dito, chega ao nosso continente com o fardo das explorações mais perversas, utilizando-se em princípio inclusive de formas nada modernas, mas que foram utilizadas para dar sustentação aos altos lucros e, portanto, ao modelo de capitalismo que se configurava na época nos países onde este tem origem.

Em períodos posteriores e dentro de outros momentos históricos, a modernidade, nas múltiplas formas como esta tem nos chegando, deixa sempre um legado de pressões por vezes sutis e por outras agressiva, mostrando sua cara de opressão, de controle e de criação de dependência.

No caso brasileiro e mais específica e recentemente no Ceará, a modernização tem acentuado as desigualdades sociais e as pressões sobre o tempo de vida, repercutindo então no trabalho e na vida em geral, sobretudo das camadas mais pobres da sociedade. Portanto, o cotidiano das (os) tapioqueiras (os) é também

¹⁰ (2000, p. 22; 23; 27) (...)”é uma modernidade constituída ao mesmo tempo de temporalidades que não são as suas. A diversidade dos tempos históricos que se combinam nessa modernidade difícil, (...) incorpora a cultura popular que pouco ou nada tem de moderno; mas, insisto, incorpora também efetivas relações sociais datadas, vestígios de outras estruturas e situações que são ainda, no entanto, realidades e relações vivas e vitais. E que anunciam a historicidade do homem nesses desencontros de tempo, de ritmos e possibilidades, nessas colagens. (...) nos chega, pois pelo seu contrário e estrangeira, como expressão do ver e não como expressão do ser do viver e do acontecer. Chega-nos como uma modernidade epidérmica e desconfortável sob a forma do fardo nas costas do escravo negro, ele mesmo negação do capital e do capitalismo, embora agente humano e desumanizado do lucro naquele momento histórico. Ou sob a forma da vigilância cotidiana no panóptico oculto numa vila inteira de operários

diretamente atingido pelo processo de “mundialização”, tanto nos modelos adotados como na viabilização deste, através dos empréstimos financiados pelo BID.

Isto só, já comprova que o desvio, duplicação da CE-040 e a posterior construção e instalação do Centro da Tapioca (este financiado só pelo Estado) são intervenções inscritas no processo de mundialização, que provocaram mudanças profundas no cotidiano das (os) tapioqueiras (os), suscitando um novo olhar sobre o lugar.

Esta intervenção “modernizadora” do Estado divide a história da comunidade em um antes e um depois, levando-nos a refletir a cotidianidade, que para Lefebvre (1991, p. 82) é assim considerada:

(...) a cotidianidade seria o principal produto da sociedade dita organizada, ou de consumo dirigido, assim como a sua moldura, a Modernidade. Se o círculo não consegue fechar-se, não é por falta de vontade nem de inteligência estratégica: é porque alguma coisa de irreduzível se opõe.

O cotidiano na sociedade moderna é permeado por pressões inerentes à mercadoria, à racionalidade da técnica e seus desdobramentos. É mais uma vez identificada por Lefebvre (1991 p. 98) como: “Cotidianidade: • *Pressões* (determinismos verificados por ciências, subjugados por técnicas) – biológicos, geográficos, econômicos, etc – múltiplos, mas agrupados na dominação social da natureza, na práxis”.

Tais pressões aprisionam, capturam, e por vezes acuam o “homem moderno”, “homem *quotidianus*” na visão de Lefebvre (1991), ou ainda “homem híbrido” conforme Martins (2000). A ausência, a eterna falta, a correria de um tempo presente que não satisfaz e a constante espera por um tempo sempre futuro, mesmo que não haja consciência disso, reclama apropriação. Segundo Lefebvre (1991, p. 98): “Poiesis e práxis:• *Apropriação* (pelo ser humano de seu ser natural): corpo, tempo, espaço, desejo – valores em formação ou em vias de desaparecimento: festa, lazer, esporte, cidade e urbanidade, natureza etc”. Apesar de tudo ainda nas frestas desse cotidiano é possível recriar-se nas insurgências, nos resíduos (o irreduzível, aquilo que escapa) e na festa, que hoje é reduzida a pequenos instantes

de conversa na frente das casas de uma ou outra (o) tapioqueira (o), na queima do Judas com a meninada, nas quadrilhas caseiras, que provavelmente não ocorrerão mais, - já que não há mais muito tempo para estas – nos diálogos na feira e no mercado. Lefebvre (1991 p. 68) aborda a questão do cotidiano:

O cotidiano no mundo moderno deixou de ser "sujeito "rico de subjetividade possível" para se tornar "objeto" (objeto' da organização social). O cotidiano torna-se o objeto de todos os cuidados: domínio da organização do espaço tempo da auto regulação voluntária planificada .

Na sociedade moderna o cotidiano (embora que não de forma absoluta) é mutilado nas suas possibilidades no mundo, apresentando um reduzido grau de apropriação e elevado grau de pressão, que busca reduzi-lo à condição de objeto submetido às coações, ordenações, projetando-o para fora de si mesmo, sujeitando-o, apesar das formas de resistência persistirem e permanecerem. Cabe muito bem lembrar o quanto tem custado para as (os) tapioqueiras (os) o enquadramento nos novos parâmetros cobrados, os quais incidem sobre o seu trabalho, dominando o espaço, tempo, buscando um ordenamento quase preciso, matemático, regulado por uma forma de associação criada de fora para dentro em tempo breve e assessorada por técnicos do governo e empresas.

Heller (2000, p. 20) afirma que: "A vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social". Portanto, traz à tona a importância do cotidiano, tantas vezes esquecido ou negligenciado pelos pesquisadores os mais diversos. Talvez o verdadeiro conteúdo histórico esteja justamente no acontecer cotidiano. A história do cotidiano é pautada por diversos atores, de múltiplas ações que se confrontam, conflitam - se, submetem - se, cooperam, e imprimem na materialidade do lugar uma espacialidade de uma "normalidade" que muitas vezes mais aprisiona do que liberta Damiani (1997, p.227) comenta a respeito do cotidiano:

O cotidiano inclui o homem inteiro em seus diferentes momentos: o da vida privada, o dos lazeres, o do trabalho; exatamente quando um desses momentos se constituem como tal, sustentado por instituições, organizações, poderes, conhecimentos, é que o tema se torna crucial.

Ainda no sentido das imposições que aprisionam e sobrecarregam o cotidiano, instrumentalizado pela lógica do capital, Damiani (2001, p. 52) diz que:

É o espaço formal que impera. O cotidiano e o vivido lhe escapam. Ou melhor, programa-se o cotidiano. Lugares neutralizados, higiênicos e funcionais, como as avenidas, voltadas para a circulação do automóvel. Toda a racionalidade econômica e política pesa sobre o cotidiano enquanto vivido.

As intervenções programadas, protagonizadas pelos atores hegemônicos, o Estado e empresas interferem no cotidiano das pessoas, esvaziado-o, tornando-o inautêntico. O conhecimento elaborado e direcionado, pela planificação burocrática, a hegemonia da mercadoria, com seu valor de troca, roubam o tempo de vida das pessoas, as quais tentam resistir naquilo que se apresenta como condições mínimas de apropriação possível. Essa situação se evidencia com a duplicação e desvio da CE – 040 e instalação do Centro das Tapiocas com seu modelo arquitetural e funcional. São estabelecidas novas formas de organização da produção na reprodução das relações de produção, alterando as relações de trabalho, com a introdução do gerenciamento e do assalariamento, implicando assim, em uma nova lógica do tempo e do espaço.

Para além das imposições e pressões persiste e permanece o anseio de liberdade, de busca de vida e de encontro com essas pessoas. Michel Certeau (2002, p. 41) discorre sobre a apropriação possível frente ao estabelecido e ao instituído:

Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede de “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida do lado dos consumidores (ou “dominados?”), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política.

Por um outro viés metodológico diferente de Lefebvre, Michel De Certeau aborda a questão do cotidiano buscando evidenciar as táticas de apropriação possíveis num caminho inverso e complementar ao de Foucault que busca evidenciar as formas de poder submersas na sociedade. O que para Lefebvre aparece muito mais como resíduos, formas de resistências, já que a poietica, a festa,

enquanto forma de apropriação, só se realizaria no seu sentido pleno, como obra, como algo inerente à práxis revolucionária, fruto da revolução cultural permanente, de uma perspectiva, uma estratégia que possibilitasse um cotidiano emancipado através da apropriação, do uso, que na visão de Lefebvre (1991,p.214-215): (...)” nossa revolução cultural não pode ter finalidades simplesmente “culturais”. Ela orienta a cultura em direção a uma prática: a cotidianidade transformada. A revolução muda a vida não apenas o Estado ou as relações de propriedade”.

Esse estudo adota como fundamento básico a visão Lefebvreana por considerá-la mais adequada aos objetivos deste trabalho, porém não são descartados os esforços de Certeau no sentido de “exumar as táticas de apropriação” exercidas no cotidiano. Consideramos a desocultação de tais “táticas”, importantes como ponto de partida, mas evidenciá-las só não basta, é preciso ir mais além na busca de transformar a cotidianidade.

De um lado os poderes hegemônicos das grandes empresas, do Estado com todas as suas instituições, da mídia, enfim do fetiche da mercadoria reificado, que persuade, entorpece e legitima os interesses capitalistas, imprimem no cotidiano uma lógica impiedosa, que naturaliza diferentes formas de pressão. Por do outro, têm-se as resistências às pressões impostas aos sujeitos que não se deixam capturar completamente já que criam e reinventam novas estratégias de busca de vida.

É na apreensão da cotidianidade na captura das (dos) tapioqueiras (os) que poderemos evidenciar as pressões pelas quais estas (es) estão submetidas (os) na sociedade moderna como mostra Lefebvre (1991 P. 35):

Tratando-se do cotidiano trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera a cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos. Não apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a “sociedade”, situando o cotidiano no global: o Estado, a técnica e a tecnicidade, a cultura (ou a decomposição da cultura) etc.

As pressões exercidas sobre o cotidiano na sociedade moderna têm um caráter ostensivo que se manifesta numa aparente “normalidade”. Essa aparente normalidade é decorrente de condicionamentos naturalizados pela generalização de regras, padrões de comportamentos, formalidades, normatizações, regulamentos, modelos padronizados de consumo, técnicas as mais diversas, marketing. Tudo isso submetido ao fetiche da mercadoria o que acaba encontrando eco nas representações dos diferentes atores sociais.

A pior parte do processo de alienação impetrado pelos fetichismos que atuam como formas de pressões sobre a cotidianidade, dá - se quando estes penetram e se estabelecem, legitimando - se pelas representações do senso-comum que passam a reproduzi-los sem que haja nenhuma avaliação prévia, ou decorrente dos seus estabelecimentos. Muitos atores hegemônicos e não-hegemônicos inclusive, cegamente se imaginam detentores da “realidade” e se dizem “pé no chão” (expressão usada popularmente), como se a apreendessem de fato, quando na verdade estão quase totalmente dominados por ela.

Quando alguém questiona a “realidade” nas representações dos atores dominantes e também na maioria das vezes nas representações do senso - comum, diz - se logo popularmente que esta pessoa está fora da realidade por justamente criticá-la e por tentar fugir aos padrões desta não se deixando submergir ou dominar, quando a questão é justamente o inverso.

Aquele que é tragado ou que se deixa dominar, tendo ou não consciência disso, faz-se nas suas representações muitas vezes porta voz do *status-quo*, de determinações hegemonicamente estabelecidas provenientes do mercado (com suas empresas, mercadoria e “ideologias de consumo”) e do Estado a serviço do capital. É provável que uma ou outra tapioqueira em determinadas situações verbalize que as representações dos técnicos do Estado coincidem com as suas, mas logo em seguida entra em contradição e se queixa admitindo maior liberdade e tempo no antigo espaço, antes das mudanças referidas nesse estudo.

A mídia, através da publicidade, dos sistemas de marketing, dos *lobs* e muitas instituições (igrejas, escolas, universidades), contribui muitas vezes para

esse processo de alienação produzindo pessoas inautênticas desprotagonizadas de si mesmas.

É válido ressaltar que a inautenticidade esvazia o sentido e o conteúdo das ações das pessoas e dos lugares, do pensamento, deprotagonizando-as da própria vida. Muitas ações inautênticas esvaziadas de sentido e conteúdo são reproduzidas devido às regras e imposições externas e velozes, mas não sem resistência. Essa é uma situação que povoa o imaginário da maioria dos atores sociais hegemônicos e não hegemônicos. Lefebvre (1991 p.99) refere-se ao imaginário:

(...) faz parte do cotidiano. No entanto, o imaginário, com relação a cotidianidade prática (pressão e apropriação), tem um papel: mascarar a predominância das pressões, a fraca capacidade de apropriação, a acuidade dos conflitos e os problemas “reais”. E às vezes preparar uma apropriação, um investimento prático”.

Para Lefebvre o conjunto de “álibis” capaz de provocar uma alienação generalizada produz um “homo quotidianus” desapropriado do seu tempo-espço de vida, portanto do seu corpo, do seu desejo. Um homem a meio caminho capturado pela “sociedade burocrática de consumo dirigido”, aterrorizado, submergido, aprisionado, desapropriado do seu próprio ser. Sobre isto Lefebvre (1991, 204) interroga e imediatamente afirma:

O homo sapiens, o homo faber, o homo ludens se transformam em homo quotidianus, e nisso perdem até a qualidade de homo. Será o quotidianus ainda um homem? Ele é virtualmente um autômato. Para que reencontre a qualidade e as propriedades do ser humano, é preciso que supere o cotidiano, dentro do cotidiano, a partir da cotidianidade

Novamente Lefebvre (1991 p.208) comenta ainda sobre a cotidianidade: “Hoje em dia a cotidianidade desempenha esse papel. Ela domina, resulta de uma estratégia global (econômica, política cultural) de classe”. Portanto, a transformação da cotidianidade só poderá acontecer pela conquista da cotidianidade, uma conquista sem vencidos, que por sua vez, só se realizará através da apropriação e emancipação de todos, o que só é possível com a tomada de consciência das pressões e elevação do “bom senso” do senso comum a um senso crítico capaz de dar conta das pressões quem sabe talvez num sentido gramsciano, em parte. O que

nos remete a Gramsci (1987 p.12) quando este questiona sobre as concepções de mundo:

(...) é preferível ‘pensar’ sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção do mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior (...) ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira crítica e consciente e, portanto em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção histórica do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e sensivelmente, a marca da própria personalidade?

Sem dúvida este é o ponto de partida para que possamos emergir da cotidianidade. É necessário dominar as pressões e para isto é fundamental conhecê-las muito bem, detectá-las para buscar outros caminhos. Lefebvre (1991, p.216) diz claramente: “Hoje, talvez, o conflito “felicidade-infelicidade” (ou melhor: consciência da felicidade possível-consciência da infelicidade real) substitua e suplante a antiga idéia de destino”.

Novamente Lefebvre (1991, p. 79 e 80) nos dá pistas para entendermos melhor essa problemática, enfocando a realidade como um conjunto de “subsistemas fragmentários”, os quais se manifestam como formas de pressão quando atribuídos ao turismo, ao automóvel, À cozinha formal na cotidianidade. Portanto o automóvel, o turismo e cozinha formal serão alvos de discussão nesse trabalho.

Dentre as pressões que atingem mais diretamente o cotidiano das (os) tapioqueiras (os) é possível identificar, de início, aquelas decorrentes da implementação de um modelo de turismo relacionado às demandas mundializadas, cujo o Estado é um dos seus principais agentes viabilizadores.

A reestruturação sócio-espacial promovida pelo Estado, adequando os lugares às exigências dos padrões globais, repercute na vida das pessoas, no cotidiano e no lugar alterando os hábitos de consumo, os comportamentos, as maneiras de viver.

O turismo e todas as prerrogativas que geralmente o fazem restringe as possibilidades de apropriação, por vezes transformando tudo e todos em mercadoria inclusive o próprio espaço. E nesse caso poderá efetivar-se como uma ação destrutiva que, contraditoriamente, destrói justamente as experiências culturais originais que o movem, logo as submete aos seus padrões e as transforma em mercadoria. A imposição de um padrão modernizante exclui a possibilidade de continuidade dos caracteres próprios de cada cultura ou experiência.

Quando são trazidas as questões postas acima para o caso das (os) tapioqueiras (os) depara - se com um elenco de exemplos que denunciam essa situação. É claro que, não por desaviso do fato de que se queira ou não, as mudanças sempre ocorrerão, porém vale a pena repetir, longe de qualquer saudosismo ou nostalgia, ou defesa a qualquer custo da tradição, é importante ressaltar que as mudanças, através das intervenções técnicas sem a apropriação devida, não deixarão de ser uma forma de violência canalizada para uma finalidade única do padrão modernizante para realização da mercadoria, pautada pela vontade hegemônica do mercado. Logo em nome do turismo, toda uma “organização”, ordenação passa a se ocupar do controle dos corpos com suas atividades no tempo e espaço conforme os padrões de mercado. E é aí que entra o automóvel e a cozinha formal.

Tanto a metrópole no seu processo de expansão, como o modelo de turismo engendraram o aumento dos fluxos, possibilitado pelo alargamento da CE-040 em função do automóvel, resultando na construção e permanência do Centro da Tapioca. Embora que seus fluxos tenham por muito tempo alimentado no local de origem a produção familiar e venda da tapioca, o automóvel com o desvio e a duplicação da CE-040 configurou um antes e um depois para as (os) tapioqueiras (os) e pessoas que freqüentam e consomem aqueles lugares.

Uma outra forma de pressão no cotidiano das (os) tapioqueiras (os) que ocorre no âmbito da organização da produção no novo centro é a exigência de uma “cozinha formal” que se encaixe nos padrões mundializados cobrados pelo mercado voltado para o turismo, na busca da “qualidade total”.

As pressões no cotidiano das (os) tapioqueiras (os) não se esgotam às formas aludidas. Vão além da organização da produção e apresentam-se em termos de conflitos desde a inserção destas na comunidade, às relações com atores diversos como: fornecedores, representantes do turismo, vizinhos e outros, além da dimensão do imaginário.

O cotidiano na sociedade moderna, “sociedade burocrática de consumo dirigido”, portanto, a cotidianidade e todos os “álbis” que esta encarna, permeado pela mercadoria, remete à discussão desse conceito a fim de evitar mistificações. No mundo moderno, o cotidiano é invadido pelo fetichismo da mercadoria, resultando, portanto, no fetichismo do espaço pelo mundo da mercadoria e seus instrumentos: a publicidade, o marketing, o consumo, “os urbanismos” e a técnica. Instrumentos estes utilizados pela mercadoria no sentido de capturar e padronizar formas de comportamentos estabelecendo-as estrategicamente, objetivando-as e “fabricando-as” como o exemplo da “juvenilidade” e da “feminilidade” (sobre os quais não nos deteremos aqui) para o consumo, para acumulação de capital. Desta forma quase tudo e todos parecem capturados pelo valor de troca e submetidos às efemeridades das inovações técnicas para atender aos interesses capitalistas. Essa captura assume escalas local e global.

É visível o espaço que a mídia vem dando ao Centro da Tapioca através da constante publicidade conferindo às (os) tapioqueiras (os) uma representação que nem sempre corresponde de fato ao que estas (es) são e fazem. O discurso fabricado pela publicidade procura dar a cara que o mercado determina para as (os) tapioqueiras (os) sobre isso Lefebvre (1991 p. 117) comenta:

(...) a publicidade torna-se a poesia da Modernidade, o motivo e o pretexto dos espetáculos mais bem-sucedidos. Ela captura a arte, a literatura, o conjunto dos significantes disponíveis e dos significados vazios. Torna-se arte e literatura, apodera-se das migalhas da Festa a fim de reconstituí-las para seu próprio uso. Assim como faz com a mercadoria, que ela empurra até as últimas conseqüências da sua lógica, confere a todo objeto e a todo ser humano plenitude da dualidade e da duplicidade: o duplo valor como objeto (valor de uso) e como mercadoria (valor de troca), organizando cuidadosamente a confusão entre esses “valores” em proveito do segundo deles. A publicidade ganha a importância de uma ideologia. É a ideologia da mercadoria. Ela substitui o que foi filosofia, moral, religião, estética.

Diante de todas as questões levantadas, é que esse estudo optou por ouvir não só, mas, principalmente, as vozes não hegemônicas, desprotagonizadas, muitas vezes silenciadas pelas contingências. Como também, por trazer à tona o não dito, decodificando nas representações dos diferentes atores, as pressões, e apropriações inerentes às permanências e mudanças.

A coleta dos materiais para o instrumental empírico da pesquisa desse trabalho foi alternada, desde simples visitas de observação participante, a entrevistas, questionários, em alguns momentos pesquisa – ação, e até longas conversas em grupo e individual. Justamente nessas conversas era que o não dito emergia, era que a “alma humana” se revelava nesses momentos de informalidade, de soltura entre risos e lamentações, entre justificações (medos) e espontaneidade. E às vezes como denúncia explícita, às vezes quase como denúncia oculta, discreta, escapavam a insatisfação, o mal estar, os comentários dos novos arranjos nas relações familiares, de parentesco e de vizinhança. Por questões econômicas pairava no ar uma certa instabilidade, receio, medo de perder tudo e também o Centro da Tapioca, por parte das (os) tapioqueiras (os) que se submeteram ao enquadramento exigido e não desistiram, continuaram.

A intensa dinâmica das mudanças, quase diárias, no Centro da tapioca, nos impeliu ao freqüente retorno a campo, sempre parecendo que o trabalho era reiniciado a cada retorno. É importante ressaltar que foi possível observar durante o andamento da pesquisa uma relativa alteração no comportamento dos técnicos do governo, que, ao tomar conhecimento da pesquisa, passaram a ter mais cuidado com a postura impositora adotada por eles no início. Outra, entre muitas mudanças, é que após dois anos e meio de pesquisa observou –se um pequeníssimo, sutil aumento relativo do fluxo de carros no antigo espaço das (os) tapioqueiras (os). Uma espécie de acomodação do tráfego (quase estagnado) após o impacto inicial e abrupto da construção do desvio e duplicação da estrada.

As entrevistas foram elaboradas e agrupadas especificamente para as representações daqueles que de algum modo participam, ou intervêm no cotidiano das (os) tapioqueiras (os), Destacando-se entre estes: a) as (os) tapioqueiras (os); b) os técnicos do Estado e da iniciativa privada; c) os fornecedores autônomos; d) os

representantes de empresas fornecedoras e prestadoras de serviços; e) os consumidores locais; f) os turistas. Por questão de precaução, e para que nenhum (a) tapioqueiro (a) sofra nenhum tipo de represália, algumas falas extraídas das entrevistas não apresentarão o nome do entrevistado.

Levou-se em conta, em primeiro lugar, para a coleta dos materiais os pressupostos teóricos, materializados e identificados teórico e empiricamente no cotidiano e espaço das (os) tapioqueiras (os), como algumas pressões (subsistemas fragmentários e fetichismos) presentes nas diferentes representações (ainda que de forma preliminar), de alguns (mas) entrevistados (as). Na verdade buscou-se nas representações identificar tanto as pressões, como as apropriações nas permanências e mudanças. Sabendo – se desde já que a crítica à cotidianidade não torna os conceitos operacionais mesmo porque estes não o são em Lefebvre, mas existem como possibilidade e projeto. Porém considerando a cotidianidade prática é possível elencar aqui a nível empírico, levando –se em conta a apropriação real e pressões, alguns aspectos ou elementos nas permanências e nas mudanças observados e detectados como parâmetros utilizados na elaboração das entrevistas e questionários.

Portanto, foram detectados como elementos de pressões nas permanências: a) -estereótipos remanescentes de culturas passadas que permanecem e contribuem para mistificação (racismos; machismos; preconceitos diversos) e que são reproduzidos incorporados e absorvidos pelos mecanismos voltados para o consumo (feminilidade, juvenilidade); b) Nas mudanças: competitividade, concorrência, medo, insegurança, instabilidade, generalização das novas relações de trabalho, e fetichismos das intervenções técnicas através dos “subsistemas fragmentários”: o turismo, o automóvel e a cozinha formal, do consumo (realizado principalmente pela publicidade e a partir da mercadoria) e o Estado pelo planejamento.

Os elementos (vestígios, prenúncios) de *apropriação real manifestam-se na cotidianidade prática e não de apropriação como propõe Lefebvre*¹¹: a) Nas

¹¹ Considerando Lefebvre (1991, p.98) é possível dizer que: *Apropriação* (nível de liberdade, de espontaneidade, de autonomia, de compreensão político-sócio-cultural da realidade, de participação, de autoconfiança; de

permanências: resíduos: a produção familiar, “ritualística” da tapioca tradicional no antigo espaço, o anseio e a vontade de continuação da liberdade e espontaneidade de vida; b) Nas mudanças: resistências; as queixas, o sentimento de perda da liberdade e espontaneidade, a aversão ao estresse, enquadramentos e todas as formas de pressões impostas resultando nas desistências e resistências daqueles (as) que preferiram o antigo espaço ao Centro da Tapioca, o sonho como possibilidade de reencontro do lugar, da vida, da “festa”.

O capítulo 1 correspondente ao item dois (2) deste trabalho apresenta o contexto atual contemporâneo a partir de uma discussão sobre modernidade, modernização e “mundialização” numa escala mais global considerando a cotidianidade inerente a esta e a modernização no Ceará e mais especificamente em Fortaleza e Messejana.

O Capítulo 2 correspondente ao item três (3) tem como foco central a discussão sobre as pressões e apropriação real nas permanências e mudanças da cotidianidade prática das (os) tapioqueiras (os) a partir da intervenção ocorrida com o desvio, alargamento, duplicação da CE-040, e a repercussão no lugar e cotidiano das (os) tapioqueiras (os) gerando um antes e um depois como um momento de um processo maior a “mundialização” que inclui o Estado, o capital financeiro internacional, empresas e intervêm no espaço como negócio. Portanto, procura expor em um primeiro momento um quadro mais aproximado do vivido antes e depois da intervenção da estrada, expondo a voz das tapioqueiras (os) e para isso adota – se uma linguagem mais literária sem abandonar o teor da reflexão. Em um segundo momento trata da inserção do automóvel no cotidiano e no lugar das (os) tapioqueiras (os) antes e depois da reestruturação.

O capítulo 3 correspondente ao item quatro (4) versa sobre a instalação do Centro da Tapioca e do Artesanato de Messejana como uma outra intervenção técnica realizada pelo planejamento do Estado que nas três últimas décadas tem assumido um caráter empresarial. Alguns aspectos serão priorizados nessa discussão, como: as relações de trabalho; a divisão do trabalho entre os gêneros; os

hábitos de consumo familiares, a relação das (os) tapioqueiras (os) para com os consumidores locais de tapioca, para com os turistas, fornecedores e agentes do Estado; o nível de satisfação e insatisfação com o antigo e novo espaço; o tempo e o ritmo de trabalho e de vida. Tudo isso à luz da reflexão sobre as pressões exercidas pela mundialização da mercadoria, a técnica, o veranismo e o turismo, a “cozinha formal”, “o automóvel”, a forma de organização (normatizações, padronizações, regulamentos), marketing a que está submetido o Centro da Tapioca.

O capítulo 4 correspondente ao item cinco (5) discute e reflete o conceito de lugar e retoma o conceito de apropriação sem deconsiderar a existência das pressões que, seja qual for a situação, sempre existirão, podendo sofrer transformações, aumentarem ou diminuir. A retomada desse conceito reforça a sua condição de projeto para a atual sociedade em consideração com as especificidades locais, donde as condições materiais existentes na atualidade não permitem a sua realização como possibilidade para todos, mas como possibilidade de permanente busca de encontro de apropriação. A partir daí, continua a discussão considerando, em alguns casos, como contraponto as visões dos mais diversos autores, e em outros casos, fazendo toda uma reflexão acerca do que vem a ser apropriação. Por último discute sobre a situação após as mudanças no cotidiano das (os) tapioqueiras (os), indo além da detecção de alguns prenúncios de apropriação real já existentes na cotidianidade prática como os resíduos, resistências, como algo que se mantém e que poderá se reverter em elemento de busca de restituição do cotidiano, do lugar, do espaço e tempo de vida das pessoas, mas que, no entanto, encontra-se cercado, tolhido nas condições postas pela atual sociedade.

A perda da poesia do lugar denuncia a sua ausência e a “impossibilidade” do retorno. Mas, permanece a vontade de busca de uma outra poesia que emancipe o trabalho ao tempo de vida, recuperando a festa.

2. DAS CORTINAS E ILUSÕES INERENTES AO CONTEXTO MUNDIAL AO SEU ESPECTRO NA CAPTURA LOCAL

O “espectro” atravessa a porta e entra sem bater, enquanto finge dormir o guarda.

O “encanto da sereia”, a modernidade via “mundialização”¹², já não se sustenta mais. Suas miragens derretem – se como gelo frente ao fogo das contradições e conflitos gerados, frente ao flagrante da inexistência de um coração que siga o compasso do tempo da vida. Os seus profetas e apostadores são muitos, mas são poucos os ganhadores desse jogo perverso que revira os lugares “encapando” o mundo, pelo crescente véu da “mundialização” de uma modernidade reafirmada permanentemente pela recolonização.

A vontade de precisão e controle estrangula, sufoca a alma dos lugares mesmo e apesar do entorpecimento dos “encantados”, das miragens, de toda a “ordem” de mistificações, entretanto, há aqueles que se insurgem e rebelam – se no “avesso” da cotidianidade, havendo muito por desencantar, descortinar.

¹² Paulo Nogueira Batista Jr. (1994, ps. 125 – 183) alerta para o fato de que é preciso estar atento às controvérsias e mistificações em torno dos temas “mundialização” e “globalização”, como ideologias, mitos que servem de “álibi” para justificação dos atos impopulares de muitos governos nacionais. Esse autor (p. 179) diz: “Apesar de marcadas por vulgaridade e simplificações, as discussões sobre a “globalização” ou “mundialização” da economia adquiriram, nos últimos anos, uma importância estratégica. Da forma como vem sendo conduzido, esse debate tem tido efeitos predominantemente negativos. Por um lado, ajuda a mascarar a responsabilidade pelas opções e decisões dos governos, obstruindo a crítica das políticas públicas. Por outro, inibe a reflexão sobre as alternativas de que dispõe os países na definição de suas políticas econômicas, sociais e de inserção internacional, contribuindo para imobilizar as iniciativas nacionais”.

Batista júnior (1994, ps. 179 -180; 181) diz ainda a respeito da “globalização” que: “Muitos fenômenos apresentados para sugerir o advento de uma nova era constituem a reprodução, sob nova roupagem, de tendências antigas. “Globalização” é uma nova palavra para um processo que remonta, em última análise, à expansão da civilização européia desde o final do século xv. (...) O próprio vocabulário – “globalização”, “mundialização”, “neoliberalismo”, empresas “transnacionais” ou “multinacionais” – está contaminado de distorções e conotações ideológicas”. E conclui: (...) “A expressão “globalização” é enganosa e deve ser evitada. É preferível utilizar termos como “economia internacional” ou “internacionalização econômica, mais compatíveis com um quadro mundial caracterizado, fundamentalmente, pelo intercâmbio entre economias nacionais distintas”.

Nesse trabalho optamos por usar o termo “mundialização”, embora que para isto se leve em consideração os limites e controvérsias em torno do tema, que nesse estudo vem associado basicamente a mundialização do fetiche da mercadoria e sua capacidade de reificação da “realidade” (ou pseudo-realidade), gerando o que Lefebvre chamou de sistema de “álibis”, para esse autor, talvez exista um único sistema, o sistema de alienação generalizada, já que o restante se constitui apenas em sistemas fragmentários.

2.1 Refletindo modernidade, modernização, “mundialização” e cotidianidade inerente

Pensar o mundo a partir do lugar, ou o lugar a partir do mundo, requer um entendimento, um “mergulho” nas águas turbulentas do atual contexto mundial, na busca de um esforço de compreensão capaz de desocultar as mistificações que permeiam a modernidade sejam veiculadas pelo fetiche e reificação da mercadoria, pela técnica, por toda sorte de planificação para a acumulação de capital.

Não há trégua nessa “corrida” e que, no entanto, abala o mundo. Para se falar no atual contexto, seja no Ceará, em Fortaleza, ou em Messejana, e mais especificamente em Paupina, no lugar das (os) tapioqueiras (os), não há como fugir de uma reflexão sobre modernidade, modernização e mundialização inerentes à cotidianidade reificada a partir do fetiche da mercadoria na “captura” dos lugares. Diante da complexidade que envolve o mundo atual e o lugar, indissociáveis, portanto, não há como pensá -los sem um esforço teórico. Nesse sentido é que, no presente capítulo, serão tecidas inicialmente algumas considerações sobre “modernidade” sobretudo na atual fase e o processo de modernização e “mundialização”¹³ com os fetichismos que encarnam a mercadoria e a técnica, que recaem sobre o cotidiano imprimindo uma lógica insustentável. Em seguida a reflexão será conduzida mais especificamente para o atual processo de modernização no Ceará, particularizando Fortaleza e Messejana. Isto porque acredita -se, neste trabalho, que somente dessa forma é possível compreender melhor o modo como estas questões contextuais se manifestam em Paupina

¹³ Sobre a **mundialização**, segundo aponta Chesnais (1996 p.14; 13; 24; 34;), (...) “Outra fase ainda é a de “mundialização do capital”, em que ingressamos no decorrer da década de 1980, decerto muito diferente do período “fordista”, mas também do período inicial da época imperialista, um século atrás. (...) quando se fala em mundialização do capital (ou quando se dá um contexto mais rigoroso ao termo inglês de “globalização”), está se designando bem mais do que apenas outra etapa no processo de internacionalização, tal como o conhecemos a partir de 1950. Fala -se na verdade, numa configuração do capitalismo mundial e nos mecanismos que comandam seu desempenho e sua regulação. (...) termo de origem francesa “mundialização” (*mundialisation*) encontrou dificuldades para se impor, (...) A palavra “mundial” permite introduzir com muito mais força do que o termo “global”, a idéia de que, se a economia se mundializou, seria importante construir depressa instituições políticas mundiais capazes de dominar o seu movimento. Ora, isso é o que as forças que atualmente regem os destinos do mundo não querem de jeito nenhum. (...) A mundialização é o resultado de dois movimentos conjuntos, estreitamente interligados, mas *distintos*. O primeiro pode ser caracterizado como a mais longa fase ininterrupta do capital que o capitalismo conheceu desde 1914. O segundo diz respeito às políticas de liberalização, de privatização, de desregulamentação e de desmantelamento das conquistas sociais e democráticas, que foram aplicadas desde o início da década de 1980, sob o impulso dos governos Thatcher e Reagan”.

(Messejana), portanto, no lugar e cotidiano das (os) tapioqueiras (os), o que será tratado nos capítulos seguintes.

Se há, ou não, escapantes das mistificações desse mundo é algo ainda a ser revelado, mas as contradições, conflitos, insatisfações e insurgências emergem como indícios que denunciam o desencantamento e a urgência de busca de um outro caminho que não seja este que está posto na atual sociedade “moderna”.

Um pensamento ou uma reflexão por mais original que busque parecer não escapa à herança histórica, legado de muitas gerações que o antecederam. E a teoria, principalmente nesses tempos de “mundialização”, não se faz distante da “realidade” local e mundial sobre a qual se pensa.

Lançar mão do que disseram e dizem alguns daqueles que se debruçaram e se debruçam sobre a modernidade é condição indispensável para a compreensão do atual contexto mundial e local e da construção do pensamento que permeia este trabalho. Sabendo – se, desde já, da ousadia de tal intento diante da tamanha envergadura desse esforço teórico. Sabendo – se, outrossim, da exposição e riscos que se corre, nem por isso abandona – se aqui esse desafio, embora que não se pretenda dar conta de todas as controvérsias a respeito da “modernidade”, do “processo de modernização” e de “mundialização” da mercadoria, considera-se indispensável no exercício do pensamento sobre o contexto mundial, a discussão sobre esses conceitos indissociáveis da cotidianidade na atualidade.

Giddens (1991, p.11), afirma que, a modernidade: (...) em um primeiro momento (...) “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII” e em um segundo momento, (...) “se torna ram mais ou menos mundial em sua influência.”

Lefebvre, de outro modo, vai se referir à modernidade na fase iniciada no século XX descortinando a desigual inserção desta nos diferentes países, tanto nos ditos centrais, como naqueles ditos periféricos levando em consideração o conceito de *desenvolvimento desigual*. Para Lefebvre, a modernidade produz os seus próprios “álibis”: o “modernismo”, o “esteticismo”, o “moralismo”, o “ontologismo”, o

“cientificismo”, e o “nihilismo”. Porém a modernidade é também compreendida por Lefebvre (1969, p.04) (...) “como interrogação e reflexão já crítica (...) e autocrítica, uma tentativa de conhecimento”.

É em Lefebvre principalmente que este trabalho se apóia para compreensão da modernidade e conseqüentemente da cotidianidade como parâmetro, para em momento posterior mergulhar na busca de entendimento do lugar e cotidiano das (os) tapioqueiras (os). Desse modo, esta outra face da modernidade, como a interrogação, a reflexão e a autocrítica, abre caminho para condução do esforço de conhecimento inerente a este estudo, encaminha – se para discussão e reflexão sobre a cotidianidade que a partir dela se constitui. Sabendo – se, portanto, desde já, que a superação dos problemas postos pela modernidade e constituídos na cotidianidade só é possível a partir da sua crítica. Oliveira (2001 p. 7), diz:

A modernidade sua significação e sua contribuição para a antropogênese estão de novo em debate. A crise cultural que vivemos é crise contra a razão, contra ilustração, numa palavra contra a modernidade. A crítica da razão instrumental desenvolvida pela modernidade desemboca numa crítica à modernidade enquanto tal e, em última análise, numa crítica a própria razão, que é vista como instrumento de repressão.

Ainda sobre o tema modernidade Berman (2005 p. 15) diz:

Existe um tipo de experiência vital - experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos de vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar – se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir, tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode – se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade; ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido se desmancha no ar”.

Vive - se por um lado em alguns momentos ganhos político, técnico, científico, e graças à modernidade. Mas por outro lado, em outros momentos, quando se pensa em liberdade, em apropriação, em justiça social, a face que tem

aparecido é de mais pressão, exaspero e sujeição ao grande capital. Porém é necessário reconhecer que também existem possibilidades de restituição do tempo de vida, da natureza.

Em diferentes períodos e momentos históricos, a modernidade, nas múltiplas formas como esta tem chegado aos povos, principalmente dos países periféricos, tem deixado sempre um legado de pressões por vezes sutil e por outras, agressivo, mostrando sua cara de domínio, de opressão, de controle e de criação de dependência.

Quando se fala sobre o tema da modernidade na América Latina é necessário estar atento ao que diz Martins (2000, p.18), (...) “ainda é confundido, por alguns, com o tema do moderno em oposição ao tradicional”, e continua ainda esse mesmo autor (2000, p.20) dizendo que a modernidade é:

(...) constituída, ainda, pelos ritmos desiguais de desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada, do que têm fome e sede não só do que é essencial à reprodução humana, mas também fome e sede de justiça, de trabalho, de sonho, de alegria. Fome e sede de realização democrática das promessas da modernidade, do que ela é para alguns, e ao mesmo tempo, apenas parece ser para todos”.

A aba do chapéu das promessas da modernidade cobre mais as cabeças de uma minoria, deixando de fora a grande maioria, que mesmo quando incluída é desprotagonizada, ou seja, excluída. Nesse sentido Martins diz: (...) “modernidade anuncia o possível embora não o realize” (2000 p.20). Portanto, segundo este autor ela (...) “mistifica desmistificando” e (...) “cada um tem de descobrir; isso a coletividade das vítimas, dos incluídos de modo excludente, tem de descobrir” (2000 p.20).

Ao imprimir toda a racionalização própria da “realidade” reificada pela mercadoria, a modernidade mistifica (aliena) as culturas locais, específicas, impondo padrões, modelos, normas, formas de pensamento, comportamento consumista, e desmistifica nestas, justamente os elementos que mais as caracterizavam e as diferenciavam. Desse modo, ao incluir povos de diferentes culturas, coloniza – os e

recoloniza – os quantas vezes forem “necessárias”, mistifica – os, portanto, e simultaneamente os exclui, “desmistificando”, extraindo nestes aquilo que mais os diferenciavam além de incorporar e capturar aqueles elementos convenientes à geração de lucros e ao exercício de poder hierárquico.

Na verdade, mesmo em sociedades como as da América Latina, com imensas desigualdades, onde a modernidade sempre esteve associada a elementos tradicionais das diferentes culturas e a conservadorismos, essas sociedades são incluídas por processo mistificador - através da sedução pela propaganda alienante, persuasiva, sedutora e toda forma de publicidade que implanta a “vontade” de consumo de mercadorias na chamada “sociedade burocrática de consumo dirigido”. Mas são também excluídas não só do acesso aos bens de consumo propagados e inacessíveis devido ao baixo poder aquisitivo, são excluídas do seu tempo de vida, de sonho, de reconhecimento de si próprio como algo importante para o mundo. Assim, mesmo alguns elementos comuns à tradição nas culturas (as vezes capturados pela mercadoria) persistem, além dos conservadorismos¹⁴ dos agentes hegemônicos. Em concordância com o que disse anteriormente Martins, Damiani (2004, p.24) comenta que:

O desencontro dos tempos históricos marca o Brasil e a América Latina: modernidade difícil, hibridismo cultural, persistência do mágico e do mítico como expressões de uma secularização incompleta da memória popular, uma indicação do híbrido e do inconcluso, conjunção de passado e presente, recurso ao tradicionalismo e ao conservadorismo que questionam a sociedade moderna.
A modernização num país como o nosso, configurou –se imersa numa forma de recolonização.

É necessário estar atento ao “hibridismo” cultural a que tanto alude Martins (2000, p. 24) e como se refere Damiani, não se deve confundir na associação do moderno ao tradicional vendo um e outro como positivo, ou negativo, só construtivo ou só destrutivo, em ambas as formas encontram – se as duas faces opostas. Porém são os elementos da modernidade que incidem de forma mais

¹⁴ Castro procura distinguir os conceitos de tradição e conservação, no primeiro caso a autora (2002, p. 289), diz: “O sentido de tradição, por sua vez, significa etimologicamente transmitir ou entregar valores, crenças, conhecimentos etc., através de gerações. No segundo caso, a autora comenta e em seguida cita Cunha (...) conservar significa resguardar, manter, preservar e constitui a raiz de conservador, cujo o significado remete “àquele que em política é favorável a conservação da situação vigente, opondo – se a reformas radicais. E sobre isto comenta Castro comenta: “Há, portanto um forte conteúdo cultural na idéia contida no conceito de tradição, enquanto no conceito de conservação ha um forte conteúdo político.

decisiva sobre as culturas, destruindo – as, ou capturando – as, para “mundializar” alguns dos seus elementos que por ventura possam gerar lucro. Assim, elementos da modernidade são associados a certos elementos das culturas tradicionais, e a conservadorismos, por exemplo, as mais diversas formas de autoritarismo herdadas, reproduzidas, (porque é conveniente ao capital mantê – las). Também são capturados os elementos mais ricos e lançados à “mundialidade” conforme os interesses do mercado capitalista.

No momento atual é possível verificar a imposição dos padrões modernos do ponto de vista da civilização ocidental, com suas nações, classes e empresas hegemônicas, as quais colocam de joelhos as diferentes culturas e provocam simultaneamente um levante destas, como reação às imposições desde as mais abruptas, às mais sutis. Portanto, impõem padrões modernos, mas não realizam integralmente a modernidade enquanto promessa. E mesmo onde esta se realiza, como no caso dos países europeus, não tem resolvido questões cruciais que cada vez mais se agravam como a perda do tempo de vida, o consumismo, a perda de referências culturais afetivas, o individualismo, a concentração de riqueza e a pobreza, o que faz emergir cada vez mais a vontade e necessidade de trabalho criativo e prazeroso.

A modernidade tem no seu “espírito” o efêmero. Acompanhar o mundo efêmero da modernidade se constitui num verdadeiro terror sobre o tempo e espaço de vida das pessoas tanto nos países centrais, como mais ainda nos periféricos, onde as efemeridades já costumam chegar defasadas, mesmo depois da “mundialização”. A permanente pressão e apelo às efemeridades desapropriam, desprotagonizam. A modernidade como a conhecemos na atualidade produziu a “*sociedade burocrática de consumo dirigido*”, identificada também por Lefebvre como “*sociedade terrorista*”¹⁵: A promessa não cumprida da modernidade frustra, aflige, tortura.

¹⁵ Ainda a respeito da sociedade terrorista diz Lefebvre (1991, p. 158-159): “Convergem então as pressões e o sentimento” vivido “da liberdade. As pressões reconhecíveis e não reconhecíveis assediam a vida dos grupos (e dos indivíduos nesses grupos) e as regularizam de acordo com a estratégia geral a diferença entre a consciência dirigida de forma (*other directed*) cai por terra pois o que se mostra como o de dentro não é mais que o de fora investido e transvestido, interiorizado e legitimado. A contestação se vê imediatamente reduzida ao silêncio, ou marginalizada, e por isso mesmo neutralizada, ou absorvida e integrada (...) Na “sociedade terrorista” reúne o terror difuso. A violência permanece em estado latente. As pressões se exercem de todos os lados sobre os membros da sociedade; eles têm uma enorme dificuldade para se desembaraçar delas, para afastar esse peso.

Harvey (2003, p.22; 97) vai dizer que: “Se a vida moderna está de fato tão permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente, há algumas profundas conseqüências. (...) “O modernismo é uma perturbada e fugidia resposta estética a condições de modernidade produzidas por um processo particular de modernização”. Portanto o modernismo¹⁶ como elemento também da modernidade, muitas vezes fabricante de tempos extremamente breves, vem gerando a insatisfação, a inquietude e a angústia, além da (...) “ atomização da vida e uma superorganização que a encerra e acompanha-a”, para repetir uma expressão de Lefebvre (1969 p. 221). Do que diz esse mesmo autor (1969, p. 215-217), é possível afirmar que este considera ainda o modernismo como forma de pressão que atua sobre o cotidiano, como algo que (...) “narra e cria seu próprio elogio, terrorismos intelectual e cultural, processos e técnicas de intimidação, da propaganda, da imprensa, das hierarquias burocráticas”.

A modernização constitui um processo que já dura séculos, atingindo os lugares conforme as possibilidades de realização. Contudo o processo de modernização com suas intervenções técnicas, modernismos, reestruturações, não é absoluto. Permanecem os resíduos, formas de resistência, remanescentes de

Cada um se torna terrorista dos outros e seu próprio terrorista (...) a sociedade terrorista, (...) tem como suporte e como objetivo a organização da cotidianidade. Essa organização faz reinar o terror”.

¹⁶ A respeito do **modernismo** Harvey (1992, p.22) comenta e cita Poggioli e Bürger: “Uma vanguarda sempre desempenhou (...) um papel vital na história do modernismo, interrompendo todo sentido de continuidade através de alterações, recuperações e repressões radicais”. E continua o autor: “Como interpretar isso, como descobrir elementos “eternos e imutáveis” em meio a essas disrupções radicais, é o problema. Mesmo que o modernismo sempre tenha estado comprometido com a descoberta, como disse o pintor Paul Klee, do “caráter essencial do ocidental”, ele agora precisava fazê – lo num campo de sentidos continuamente mutantes que com freqüência pareciam “contradizer a experiência racional de ontem”. Ainda sobre o modernismo Harvey (1992, p. 30; 31; 32) diz: “O modernismo só podia falar do eterno ao congelar o tempo e todas as suas qualidades transitórias. (...) O modernismo internalizou seu próprio turbilhão de ambigüidades, de contradições e de mudanças estéticas pulsantes, ao mesmo tempo que buscava afetar a estética da vida diária. (...) É importante ter em mente, portanto, que o modernismo surgido antes da Primeira Guerra Mundial era mais uma reação as novas condições de produção (a máquina, a fábrica, a urbanização), de circulação (os novos sistemas de transportes e comunicações) e de consumo (a ascensão dos mercados de massa, da publicidade da moda de massas) do que um pioneiro na produção dessas mudanças. Mas a forma tomada pela reação iria ter uma considerável importância subsequente. Ela não apenas forneceu meios de absorver, codificar e refletir sobre essas rápidas mudanças, como sugeriu linhas de ação capazes de modificá – las e sustentá – las”. Porém em outro momento Harvey (1992, p.33), comenta e em seguida cita Guilbaut: “Em seus melhores momentos, o modernismo tentou enfrentar as tensões, mas, nos seus piores, ou as varreu para baixo do tapete ou as explorou – como fizeram os Estados Unidos em sua apropriação da arte modernista depois de 1945 – para tirar vantagens cínicas, de cunho político”. Diz o autor: “O modernismo parece bem diferente a depender de onde e quando nos localizamos”. E complementa comentando e citando mais uma vez Guilbaut: “Porque embora o movimento como um todo tivesse uma atitude internacionalista e universalista definida, muitas vezes buscada e concebida deliberadamente, também havia um forte apego à idéia de “uma arte de vanguarda internacional de elite mantida numa frutífera relação com um forte sentido de lugar”. Harvey identifica também (...) “o modernismo (...) depois de 1848, como um fenômeno urbano”.

culturas e de práticas sociais distintas. Estes resíduos são por vezes capturados, cooptados e até mesmo desmantelados pela implantação hegemônica-colonizadora do moderno. Todavia não se perdem de todo, permanecem resistindo de algum modo. Castro (2002 p. 289), compreende modernização da seguinte maneira:

Ao utilizar o conceito de modernização não é possível escapar do conteúdo dinâmico que lhe foi conferido pela modernidade ocidental. Neste sentido, trata-se de um processo de mudança econômica, social e política pelo qual são superadas estruturas tradicionais, criando novas formas de produção, mecanismos racionais de dominação e novos padrões de comportamento. Do ponto de vista econômico, a modernização envolve expansão e transformação do sistema produtivo mediante a incorporação de inovações técnicas. Os desdobramentos sociais, políticos e territoriais desta incorporação são muitos e têm sido amplamente discutidos na farta literatura sobre o processo de desenvolvimento. Cada inovação pode transformar profundamente a distribuição geográfica da produção, as relações de trabalho e as relações de poder dos agentes no sistema produtivo.

O elogio e a fetichização dos processos modernizantes com suas inovações técnicas vêm se apresentando na maioria das vezes como caminho único a ser seguido por todos, impondo-se e ocupando um lugar hierarquicamente superior em relação às outras formas de vida mais tradicionais, como se este fosse o único caminho possível. Na maioria das vezes, desprotagonizando populações inteiras com seus lugares de origem.

A aceleração do processo de modernização tem convulsionado vários lugares do espaço mundial imprimindo formas homogeneizantes, seletivas, que na inter-relação com os diferentes lugares adquire um caráter heterogêneo, mas nem por isso menos predatória do ponto de vista cultural com conseqüente repercussão sobre a natureza do ser humano e do ambiente do qual faz parte. O capital “mundializado” incorpora espaços, ao mesmo tempo em que os fragmenta. Portanto, esse processo de modernização que se amplia cada vez mais sobre o planeta atingindo simultânea, diferenciada e seletivamente diversos lugares, dá o tom do processo de “mundialização” crescente que se impõe recaindo sobre o cotidiano das pessoas.

Portanto, a modernização compreende mudanças velozes que não são ingênuas, (mesmo quando alienadas) trazendo consigo uma intencionalidade, além

de “fetichizar-se” “fetichizando” os lugares, os objetos, e as relações entre as pessoas, em grande parte dos casos, “transformadas” em mercadorias. E o fetiche é o elemento principal utilizado para adquirir legitimidade e, portanto, adesão.

O ritmo frenético das mudanças econômicas, políticas, culturais e sociais que atingem a sociedade e o planeta, e de modo diferenciado a relação com cada lugar, escapam a qualquer pretensão teórica de abarcar a totalidade dos processos e eventos. A investigação coerente e responsável é um desafio que obriga os pesquisadores a enfrentá-lo cada vez mais despidos dos anseios de poderes unilaterais seja de uma pessoa, de um gênero, de uma determinada classe, ou de um povo. A precariedade e os riscos que corre o planeta denuncia a negligência nas relações humanas, que não se desenvolveram de modo coerente no direcionamento dado a muitas de suas pesquisas, descobertas, inventos e produções técnicas, já que se apóiam na concorrência, competitividade, individualismo, concentração de riqueza e não no oposto a isto tudo, gerando uma produção muitas vezes danosa ao meio ambiente, indiferente à dinâmica da natureza e às reais necessidades humanas. Brinca-se e usufrui-se de infinitos instrumentos modernos, priorizando-os muitas vezes em detrimento da vida. As coisas, os inventos são “fetichizados”, mistificados como valores acima da vida.

As contradições inerentes ao processo de “mundialização” têm recaído sobre o cotidiano muitas vezes aumentando mais ainda as pressões que já existiam, e limitando a apropriação e autonomia. Os inventos oscilam entre as novas tecnologias para o consumo – e neste consumo, o supérfluo e até o nocivo – a hipertecnologia para destruição. Simultaneamente à destruição do planeta, assiste-se à destruição de populações inteiras, seja pelas guerras, ou pela fome provocadas. Afinal, o que se busca? A destruição total? Devemos então continuar nos rendendo a ela? E o cotidiano como fica, ou não fica diante disso tudo? Que pressões impõem os modernismos e a modernidade sobre este? Haverá espaço para a apropriação? Com certeza este trabalho não busca responder a perguntas tão amplas e complexas, mas considera relevante levantá-las. Carlos (2004, p.48) comenta:

A mundialização apresenta – se como uma tendência presente no mundo moderno, o que significa dizer que se trata de um processo em curso, mas que ganha cada vez mais sentido na explicação do mundo moderno. Todavia, trata – se de um processo que se realiza no plano local. Isto é, o lugar é que assegura a materialização de um processo que se realiza no plano imediato, portanto, é no plano do lugar e da vida cotidiana que o processo ganha dimensão real concreta.

Nesta direção uma outra categoria de análise ganha importância na explicação, aquela de cotidiano que permite entender o processo de constituição da vida, na trama dos lugares – nas formas de apropriação e uso do espaço e, nesse contexto revela o fato de que os processos não se referem, exclusivamente, ao plano econômico. Como consequência a noção de cotidiano acentua o processo social. Deste modo, o mundo e o processo de mundialização da sociedade se revelam no plano do lugar, no cotidiano enquanto condição do processo de reprodução da sociedade atual.

É através do processo de modernização que a mercadoria e a técnica se “mundializam” e junto com estas o consumo e o capitalismo nas suas diferentes fases, havendo cada vez mais uma propagação da relação mercantil e suas derivações sobre o lugar e o cotidiano, alienando-o, fetichizando-o ao extremo. E o marketing é o seu grande instrumento. Com isso, ocorre o “obscurecimento” das relações dos homens entre si e com a natureza através do trabalho, das relações no cotidiano. Observa-se, portanto, um contexto de constantes mudanças, algumas permanências e resistências e simultaneamente formas de pressões e apropriações da vida, apresentando um cotidiano muitas vezes confuso e incompreensível para os diferentes atores que se encontram de certo modo “submetidos” a este. O estranhamento prossegue até uma posterior incorporação, sem questionar ou se saber se é ou não um cavalo de tróia que se recebe em forma de modernização e modernidade”.

Cada vez mais a vida é programada, dirigida, cronometrada, planejada nos seus mínimos detalhes em nome da submissão às novas técnicas, aos interesses do capital, ao império da “antimatéria” Lefebvre (1969). É uma corrida desenfreada que não pára, impondo ritmos (pressões), enquadrando pessoas e lugares às novas normas técnicas “eternamente” “prestes” de outras futuras.

Quem rege essa espacialidade não mais de vivência, não de apropriação, mas de desapropriação, são os grandes agentes, atores hegemônicos externos, pactuados com alguns internos, indiferentes aos apelos sociais locais da maioria diferenciada.

A sobreposição de poderes, pressões materializados na espacialidade, não pede licença, apesar das resistências e tentativas de apropriação da vida. O processo de modernização da metrópole captura os espaços e a vida cotidiana através de diferentes formas de pressões, entre elas o consumo fetichizado.

Não se perde só a casa, a rua, a vizinhança. Perde - se as referências mais vitais para submeter-se e “submergir” às demandas do mercado terminando por mergulhar-se no quase total anonimato. Reincorporam-se novos elementos (elementos modernos) como o shopping, o computador, sem o menor “parentesco” cultural afetivo, como forma de sobrevivência. O consumo “fetichizado” “fetichiza” o espaço, portanto, o lugar e o cotidiano, passando a ditar regras, normas de comportamento, formas de vida, supostos valores, exercendo pressões as mais diversas, submetendo o cotidiano ao “fetiche da mercadoria” (Marx, 1985, p. 71) e, portanto, ao mercado capitalista.

Uma névoa, uma cortina de fumaça que embaça, embota o cotidiano e, portanto, as relações sociais. E é por trás dessa cortina que se esconde a invasão “fantasmagórica” da mercadoria que assume cada vez mais seu caráter mistificador legitimando agora, e sabe-se lá até quando, as ações e intenções do mercado capitalista.

A sociedade moderna organiza-se para a produção, circulação e consumo em função da mercadoria, invadindo o cotidiano, o imaginário com as múltiplas formas de pressão. Pressões estas, algumas vezes não percebidas, aparentemente invisíveis, mas que embotam a percepção do cotidiano pelos sujeitos.

Nesse sentido, o cotidiano é “fetichizado” a partir da mercadoria que encerra o espaço e tempo da vida das pessoas ocorrendo então a **“reificação”**¹⁷. E

¹⁷ Esse conceito é retomado neste trabalho no último capítulo na versão lukacsiana, porém é interessante o que diz Lukács (2003, p.198 – 199) quando se refere ao fenômeno fundamental da reificação segundo com base em Marx “Marx descreve o fenômeno fundamental da reificação da seguinte maneira: “O caráter misterioso da forma mercantil consiste, portanto, simplesmente em revelar para os homens os caracteres sociais do seu próprio trabalho como caracteres objetivos do produto do trabalho, como qualidades sociais naturais dessas coisas e, conseqüentemente, também a relação social dos produtores com o conjunto do trabalho como uma relação social de objetos que existe exteriormente a eles. Com esse quiproquó, os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas que podem ser percebidas ou não pelos sentidos ou serem coisas sociais (...) É apenas a

estas, prisioneiras que são de cercas invisíveis, permanecem acudadas nos labirintos de uma teia perversa e hegemônica do ordenamento voltado, principalmente, para os ditames do mercado capitalista.

De uma espacialidade cotidiana para o homem a uma espacialidade fetichizada para o capital, que reificada obscurece as relações sociais. A espacialidade cotidiana dá o tom do ritmo de vida daqueles que se submetem a ela com formas de pressão as mais diversas. Paralelamente existem também as formas de resistências.

É como se o indivíduo se deslocasse de si mesmo perdido entre as coisas, alienado e cego de si mesmo e evidentemente do outro. “Atomizado”, aparentemente despossuído do desejo, que passa a ser determinado pelo mercado, pelo “fetiche da mercadoria”. Na produção do cotidiano, no mundo moderno, a pessoa humana desapropria-se cada vez mais do “seu ser” submetendo-se à busca de um ter sem limites, quer seja pela compra das mercadorias, ou pela vontade de comprá-las, ou pela auto-exibição, ostentação como tal. Para isso uniformiza-se, padroniza-se, mercantiliza-se, esvaziando em grande parte o seu ser, que se defronta com um permanente mal-estar (insatisfação, carência, múltiplas frustrações). Um cotidiano que cai como uma armadura (falando em termos metafóricos). Todos esses problemas são identificados na atual fase da

relação social determinada dos próprios homens que assume para eles a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”. Lukács (2003, p. 199-200) retoma:

“Desse fato básico e estrutural é preciso reter sobretudo que, por meio dele, o homem é confrontado com sua própria atividade, com seu próprio trabalho como algo objetivo, independente dele e que o domina por leis próprias, que lhes são estranhas. E isso ocorre tanto sob o aspecto objetivo quanto sob o subjetivo. Objetivamente, quando surge um mundo de coisas acabadas e de relações entre coisas (o mundo das mercadorias e de sua circulação no mercado), cujas leis, embora se tornem gradualmente conhecidas pelos homens, mesmo se nesse caso se lhes opõem como poderes intransponíveis, que se exercem a partir de si mesmos. O indivíduo pode, portanto, utilizar seu conhecimento sobre essas leis a seu favor, sem que lhe seja dado exercer, mesmo nesse caso, uma influência transformadora sobre o processo real por meio de sua atividade. Subjetivamente, numa economia mercantil desenvolvida, quando a atividade do homem se objetiva em relação a ele, torna-se uma mercadoria que é submetida à objetividade estranha aos homens, de leis sociais naturais, e deve executar seus movimentos de maneira tão independente dos homens como qualquer bem destinado a satisfação de necessidades que se tornou artigo de consumo. “O que caracteriza, portanto, a época capitalista”, diz Marx, “é que a força de trabalho (...) assume para o próprio trabalhador a forma de uma mercadoria que lhe pertence. Por outro lado, é somente nesse momento que se generaliza a forma mercantil dos produtos do trabalho.” E continua Lukács(2003, p.s. 200 – 201):

“A universalidade da forma mercantil condiciona, portanto, tanto sob o aspecto objetivo quanto sob o aspecto subjetivo, uma abstração do trabalho humano que se objetiva nas mercadorias. (...) o princípio de sua igualdade formal só pode ser fundado em sua essência como produto do trabalho humano abstrato, portanto, formalmente igual. (...) Trata-se somente de constatar que o trabalho abstrato, igual, comparável, mensurável com uma precisão crescente em relação ao tempo de trabalho socialmente necessário, o trabalho da divisão capitalista do trabalho, que existe ao mesmo tempo como produto e condição da produção capitalista, surge apenas no curso do desenvolvimento desta e, portanto, somente no curso dessa evolução ele se torna uma categoria social que influencia de maneira decisiva a forma de objetivação tanto dos objetos como dos sujeitos da sociedade emergente, de sua relação com a natureza, da relação dos homens entre si que nela são possíveis. Se perseguirmos o caminho percorrido” pelo desenvolvimento do processo de trabalho desde o artesanato, passando pela cooperação e pela manufatura, até a indústria mecânica, descobriremos uma racionalização continuamente crescente, uma eliminação cada vez maior das propriedades qualitativas, humanas e individuais do trabalhador”.

modernidade em várias partes do mundo, pelo menos naquelas que passam por freqüentes processos de modernização.

O marketing, como planejamento estratégico de controle, que cuida do objeto de consumo e do consumidor desde a idéia, a divulgação, a produção, a circulação e o consumo, cuidando também da obsolência do produto, é um dos principais veículos propulsores de condição ou invasão alienante sobre o cotidiano. E isto é verificável no caso das intervenções técnicas que, a serviço da mercadoria, cada vez mais submetem o espaço ao valor de troca em detrimento do uso, portanto, o principal interessado, a sociedade, na sua grande maioria, aqueles a quem pertence o uso dos lugares tem os seus interesses e satisfações negligenciados.

A captura do espaço e, portanto, do cotidiano pela mercadoria e por todas as mistificações desencadeadas a partir desta, tem no seu escopo, além de outras coisas o condicionamento da técnica, ou seja, da tecnicidade que através das inovações, competitividade contribui como instrumento utilizado para a obsolência dos produtos.

A programação da espacialização do cotidiano "em nome da técnica" e conseqüentemente da mercadoria se instala por sucessivas intervenções. E hoje, quando técnica e "ciência"¹⁸ unificam-se, contraditoriamente a cidadania torna-se ainda mais limitada, o que nos faz crer que o processo de espacialização tecnificado a partir da técnica hegemônica, não tem contribuído para a libertação do espaço e do cotidiano (enquanto identificação manifesta na diferenciação e recorte do lugar) e assim da sociedade, mas para o seu maior controle e aprisionamento em muitos casos. Tudo indica que o fato da maioria dessas tecnologias terem sido gestadas em laboratório de pesquisas científicas militares, voltadas para a guerra, tenha influenciado e se estendido ao espaço como um todo de forma direta ou indireta.

Na verdade, não se trata de rejeitar as novas técnicas por qualquer razão (saudosismo ou devoção às tradições), mas de refletir e questionar a sua "natureza"

¹⁸ Ciência nesse caso refere – se não a toda e qualquer ciência, mas somente aquela ciência cooptada subserviente aos ditames do capital.

e o seu destino. Se estas promoverem a apropriação voltada, principalmente, para o uso, emancipação e bem-estar das pessoas, de modo a recuperarem a natureza, o tempo de vida, corpo, tempo, espaço, desejo no sentido proposto por Lefebvre, e não os tempos da aceleração técnica em nome do capital, então serão bem vindas.

Mas é importante ressaltar que a técnica interventora, ou persuasiva não é inocente, ela coloniza, e geralmente tem tido uma finalidade que lhe rouba o sentido, ou seja, sujeição ao valor de troca como disse bem Baudrillard (2002, 117) (...).”há por trás da aparente inocência da técnica, um interesse de rivalidade e de dominação”. As novas técnicas se instalam ou por persuasão através do marketing, ou por intervenção, de forma autoritária pura e simplesmente. E, muitas vezes, como um trator, atropela vidas, histórias, apagando rastros e imprimindo o seu (como será verificado à frente mais detalhadamente com a reestruturação da CE – 040 e o Centro das Tapiocas. Junte-se a isto o fato das novas técnicas, na maioria das vezes, criarem novas carências muitas destas desnecessárias e supérfluas sem as quais o ser humano poderia viver muito bem.

É inegável o acelerado processo de tecnificação de parte considerável do mundo. As sucessivas revoluções técnicas foram desencadeadas mais intensamente na segunda metade do século 20, principalmente nas décadas de setenta e oitenta, quando então o advento do computador sai dos laboratórios universitários para fins de pesquisas científicas militares, e entra na vida das pessoas (pelo menos aquelas que dispõem de poder aquisitivo para isto) como mais um utensílio doméstico.

O acesso a um turbilhão de informações através da técnica, fez parecer, de início, ao ser humano que a vida se tornaria mais fácil. Porém, em muitos aspectos não é o que se tem verificado, percebe-se que as pressões exercidas sobre o cotidiano das pessoas, ao contrário do que se pensava, aumentaram em vez de diminuírem.

A importância do acesso fácil à informação é inegável, mas pouco ou quase nunca se pergunta que tipo de informação e como esta se realiza. Constatase que com a crescente tecnificação do mundo e, portanto, dos lugares crescem

também as formas de controle sobre a vida, os horários rígidos, a cronometragem dos passos e até o ritmo do pensamento muitas vezes é tocado em frequência determinada pelo momento das temporalidades técnicas. Junte-se a isso as múltiplas formas de vigilância, de espionagem, de controle do tempo e espaço de vida das pessoas (microfones de escuta, câmeras de vídeo, etc.). Além disso, tem a questão da informação cada vez mais veloz matemática e precisa, o que por um lado facilita o intercâmbio entre as pessoas, por outro, aterroriza, cega, entorpece e fetichiza. Tudo isso muitas vezes provocado pela publicidade em todas as suas formas diretas e indiretas voltadas para a mercadoria e exaltação do valor de troca.

O mundo parece ter virado um grande “*big brother*”, através da globalização, que investiga, pesquisa os lugares e também as pessoas numa busca seletiva das possibilidades existentes capazes de assegurar a competitividade e acumulação megalômana da mais-valia. Por trás desse processo estão grandes agentes (empresas transnacionais interagentes de governos de Estados-nações e de organismos internacionais (FMI, Banco Mundial, BID)). Esses agentes vão abrindo cada vez mais as portas do mundo e aprisionando o espaço para instalação das técnicas hegemônicas afinadas com a busca de lucros em todas as circunstâncias. É o império da mercadoria impondo o valor de troca cada vez mais sobre o valor de uso, utilizando a técnica como álibi que ao mesmo tempo também é instrumento de justificação, de persuasão e controle.

Com isso, o espaço, cada vez mais tecnificado, em vez de liberto torna-se prisioneiro e, portanto, aprisiona o cotidiano nas suas múltiplas dimensões, embora as insurgências (as múltiplas formas de rebeldias, resistências que não se deixam tragar facilmente) estejam sempre escapando.

A sensação que se tem é de uma permanente autofagia em nome da competitividade, da concorrência, da mercadoria, gerando um imenso mal-estar e infindáveis desigualdades e patologias sociais.

A racionalização e a artificialização exacerbada, através da especialização das pessoas, atinge hoje o paroxismo, tornando-as cada vez mais “embrutecidas”, “endurecidas”, atomizadas, estranhas a si mesmas e aos outros.

Os avanços técnicos possuem níveis diferentes e intencionalidade capaz de movê – los conforme a possibilidade de realização da mercadoria, que como já foi dito, não há inocência, nem neutralidade na técnica, (principalmente hoje onde toda técnica é filiada ao valor de troca, demandando mais e mais poder para a sua realização). Santos (1997, p.36) vai dizer que: “Graças às novas técnicas, foi possível ao mundo entrar na fase do imperialismo, mas as possibilidades técnicas disponíveis não foram completamente utilizadas”. E complementa ainda Santos dizendo que o (...) “funcionamento simultâneo e harmônico desses impérios, segundo níveis os mais diferentes de tecnologia presentes no centro e na periferia, resulta do fator político”. Santos, ao tecer comentários sobre a colonização e descolonização (1997, p. 37), vai dizer que:

(...) os desequilíbrios produtivos eram compensados pelos equilíbrios comerciais, numa sábia utilização política da desigualdade tecnológica O sistema vai durar praticamente um século, e a crise vai dar-se quando os países que dispunham de tecnologias, mas não de colônias, descobrem a necessidade de penetrar nesses circuitos fechados, pela sedução ou mediante o aberto incentivo a implosão dos impérios.(...) os E.U.A. passam a estimular, no mundo como um todo, a produção de um clima psicológico e intelectual favorável ao processo de descolonização.Esta produz uma crise no interior de cada império.(...) o império americano do após guerra não tem como base a posse das colônias, mas o controle de um aparelho produtor de ciência e de tecnologia e a associação entre esse aparelho, à atividade econômica e a atividade militar.

Poderíamos dizer, grosso modo, que o controle do aparelho produtor de ciência e tecnologia, atrelado à atividade econômica e militar, deixa claro que a técnica de forma mais sutil, porém mais eficaz, também coloniza. Com isso o processo de mundialização acelera o “progresso” técnico, e o enquadramento do mundo pelas técnicas hegemônicas.Tal anseio não se realiza por completo graças às resistências conseqüentes das diferenças que constituem os lugares.

O que conta para o processo de acumulação capitalista, possibilitado pela realização da mercadoria e mediado pela técnica dominante, é o enquadramento de todos para geração de mais valia, de valor, portanto de troca. E para isso adota vários instrumentos de controle como: o tecnicismo, introdução de comportamentos padronizados, programados, repetitivos. que não priorizam o uso, junte-se a isso o “esteticismo”, o “moralismo”, o “cientificismo” (Lefebvre,1969). Portanto, a política -

econômica “mundializada”, voltada para a acumulação de capital, tem nas novas técnicas o seu maior “álibi”.

A sociedade na Idade média tinha um ritmo, a sociedade moderna tem outro, mais acelerado, e isso não é novidade. Porém a sociedade moderna vem passando por sucessivas “revoluções técnicas” que aceleram, cada vez mais o seu ritmo de vida, haja vista que o homem da segunda revolução industrial que era mais veloz (tinha mais intensidade no ritmo de vida) do que o da primeira revolução industrial que era mais lento do que o da terceira, a revolução técnica –científica. Que o digam claramente as inúmeras patologias advindas desse constante processo de aceleração sobre as vidas (o que não é objetivo desse estudo), mas que nos serve de alerta para a questão.

Se por um lado, algumas inovações técnicas, como por exemplo, as técnicas aplicadas à vida doméstica, à indústria e à medicina, facilitam a realização de antigas e novas tarefas, por outro, a sua constante efemeridade nos cai como uma forma de pressão.

O fato de muitas técnicas já nascerem “gestando” outras , como apelo permanente ao mundo da mercadoria e do consumo, contribui para elevação das pressões. As pessoas ainda nem bem se familiarizaram com uma nova técnica, e já vem outra, e mais outra, e assim por diante, sem falar daqueles que nunca tiveram acesso nem às técnicas consideradas já ultrapassadas, ou ainda daqueles que não tem acesso nem à comida suficiente, mas que vêm se exaurindo os recursos do planeta que também deveriam ser deles. O consumo de novas técnicas como apelo a mercadoria, impõe um ritmo cada vez mais acelerado. Portanto a aceleração técnica acaba sendo exercida como elemento de pressão e controle da sociedade e não como instrumento de libertação desta. Santos (1997, p.145) comenta que:

(...) a tecnologia atual se impõe como praticamente inevitável. Essa inevitabilidade tanto se deve ao fato de que a sua difusão é comandada por uma mais-valia que opera no nível do mundo e opera nos lugares, direta ou indiretamente (...) alimenta a estandardização, apóia a produção de protótipos e normas, atribuindo ao método apenas a sua dimensão lógica, cada intervenção técnica sendo uma redução (de fatos, de instrumentos, de forças e de meios), servida por um discurso. A racionalidade resultante se impõe às expensas da espontaneidade e da criatividade, porque ao serviço de um lucro a ser obtido universalmente. É dessa forma que as técnicas se

tornam autopropulsivas, indivisível, auto-expansiva e relativamente autônomas, levando consigo a respectiva racionalidade a todos os lugares e grupos sociais.

A intencionalidade da aceleração técnica contemporânea embute e efetiva-se como álibi “quase perfeito” (não fossem “seus efeitos colaterais”) para realização da mercadoria através da mais-valia, que possui o acelerador e o discurso apologético da tão propagada competitividade.

Desde o seu início, o capitalismo com o processo de modernização voltado para a “globalização”, impulsionado pela colonização, ampliado e disparado pelas “revoluções técnicas” e atualmente pela revolução técnico-científica, deixa claro que não poderia ter atingido os patamares de hoje sem auxílio da técnica. Isto confirma o fato de sabermos que a versão “mundializante” através das técnicas hegemônicas possui um perfil intencional de realização de mais - valia que busca submeter os diversos atores sociais (hegemônicos e não-hegemônicos), portanto, os lugares, as regiões e os territórios. Diante disto, não podemos negligenciar jamais o estudo permanente da intencionalidade que se esconde por trás da técnica, que atrelada à mercadoria, atribui cada vez mais valor de troca ao espaço em detrimento do valor de uso.

O momento atual, gestado num contexto passado, requer toda atenção ao rumo ou destino que essa corrida tecnológica vem tomando e se utilizando da ciência, tornando-se álibi permanente da “mundialização” capitalista. Há uma inter-relação inerente ao modo como as técnicas surgem e se instalam e o conjunto maior que dá sustentação a estas, o contexto donde estas saem e se renovam permanentemente exercendo pressão sobre o cotidiano das pessoas.

Lefebvre (1969, p.209/242), afirma que: “Técnicas novas (que se aplicam, sobretudo à arte da guerra) começam a penetrar na vida cotidiana”, e isto, já desde o início do século XX. E continua ainda esse autor.

A pesquisa da superioridade militar arrasta a introdução imediata das técnicas novas e a incessante perturbação das técnicas existentes. Acontece que processos de fabricação das técnicas e dos materiais consideráveis são superados antes de entrar em serviço. A usura moral (social) dos investimentos acelera-se incrivelmente.

Se o que move o acelerador tecnológico não é o uso, a ética, a busca de igualdade de oportunidades, de justiça, de cidadania e democracia pela apropriação do tempo, espaço, corpo, desejo, natureza (nos termos de Lefebvre), enfim, que liberdade se busca? Se o que move então a corrida tecnológica são interesses econômicos e militares voltados para a acumulação, que futuro poderemos esperar?

Nesse contexto, o “mais que moderno, o”hiper“: o solitário, o infeliz, o atomizado, o homem ilha esvai –se sem nenhum apreço. E ainda, como cego que não quer e nem sabe como se achar, perdido em labirintos mais que modernos, o morto vivo, e tantas outras “qualificações“ mais poderiam lhe ser atribuídas. Carcereiro, e ao mesmo tempo prisioneiro do espaço a quem o cotidiano parece estar sempre escapando como apropriação possível. Lefebvre, (1969, os. 221-222) cita e questiona algumas contradições que podem ser tomadas como características de “nossa modernidade“.

(...) o verdadeiramente “moderno” não seria a contradição entre a solidão individual e a reunião de multidões ou de massas nas cidades gigantes, nas empresas colossais, nos escritórios gigantescos, nos exércitos, nos partidos? É o conflito entre uma certa “atomização“ (cem vezes denunciada unilateralmente) da vida e uma superorganização que a encerra, acompanha e sem dúvida pressupõe. A *socialização da sociedade* prossegue. Rede de relações e de comunicações tornando-se mais densas, mais eficientes, ao mesmo tempo o isolamento da consciência individual e o desconhecimento do próximo “agravam-se”. A contradição situa-se a esse nível. A análise começa por compreender esses dois aspectos separadamente; ela os vê como opostos.

As efemeridades, inerentes aos modernismos que fazem parte da modernidade, fragmentam e dispersam mais ainda o indivíduo e, portanto, a sociedade. Se o processo de modernização auxiliado pelo Estado tenta imprimir na sociedade uma “ordem” que normatiza, padroniza, impõe ritmos, dita comportamentos, modismos, tenta controlar, busca organizar o espaço intervindo e programando o cotidiano” através das intervenções e inovações técnicas no sentido de viabilizar o valor de troca favorecendo os interesses dos atores hegemônicos, não é de admirar que o mal-estar, a inquietitude, a insatisfação, a dispersão, a fragmentação e a solidão do indivíduo deixe-o frustrado diante desse “oceano parafernático” onde o uso, natureza, espaço, tempo, corpo e desejo cada vez mais

só aparecem como resíduos. Esta situação representa bem a cotidianidade na atual sociedade moderna. Kosik (1989, p.71;73), ao tratar da cotidianidade diz:

A cotidianidade e História se interpenetram. Nessa interpenetração o seu pretense ou aparente caráter se muda: a cotidianidade não é aquilo que a consciência comum acredita, assim como a História não é aquilo que se manifesta à consciência comum. A consciência ingênua considera a cotidianidade como atmosfera natural ou como a realidade íntima e familiar, ao passo que a História lhe aparece como a realidade transcendente, que se desenvolve a socapa e que irrompe na vida de cada dia sob o aspecto de uma catástrofe em que o indivíduo é precipitado de maneira tão “fatal” quanto ao do gado que é conduzido ao matadouro. (...) A cotidianidade é o pedestal e o material da História: ela suporta a história e a nutre (...) A cotidianidade se manifesta como anonimidade e como tirania de um poder impessoal que dita a cada indivíduo seu comportamento, modo de pensar, gosto e seu protesto contra a banalidade.

A cotidianidade inerente à modernidade se manifesta a partir desta, encarnando todas as suas ambigüidades e fetichismos que invadem o senso comum e, portanto o imaginário. Ela é povoada de representações mistificadas e mistificadoras que submergem o “homem” comum condicionando o seu destino. Mas é a partir da modernidade e sua crítica e nesta a cotidianidade que poderá ser iniciado um processo de superação.

2.2. O Ceará no contexto “mundializado” contemporâneo

Nos espaços que passam por reestruturações, o moderno se impõe sobrepondo-se, atropelando, como se fora razão única de ser dos destinos, das pessoas, sem, no entanto, considerar-lhes a apropriação de fato, mas sim a competitividade e a realização da mercadoria. A ausência de um sentido mais verdadeiro que priorize o uso e não o valor de troca pode ser verificado em várias partes do mundo, seja no Brasil, no Ceará, ou em Fortaleza e porque não, nas (os) tapioqueiras (os), sobre as (os) quais trataremos mais adiante, pois que fazem parte do centro das preocupações desse estudo. Sempre lembrando que por trás das inovações técnicas cada vez mais freqüentes, está o império da mercadoria que as utiliza como “álbis” (termo muito usado por Lefebvre, 1969).

Portanto, nesse contexto contraditório e conflitivo de “mundialização”, insere - se o Ceará, que pode ser considerado um verdadeiro laboratório de estudo da técnica como elemento chave da reestruturação espacial. A ação interventora do Estado através da implantação de obras infra-estruturais e equipamentos (pontes, estradas, etc.), tem sido associada aos empréstimos feitos ao BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e ao Banco Mundial. Tudo isso a custo de altíssimos juros. Elias (2002, p.11 e 12) aborda essa questão considerando o novo papel assumido pelo Estado do Ceará na divisão social e territorial do trabalho no Brasil.

Nos últimos quinze anos, é visível sua reestruturação econômica com objetivos claros de inserir-se no circuito da produção e do consumo globalizados.

Tal reestruturação, ou seja, o dinamismo econômico e a produção do território cearense podem ser observados, principalmente, pela modernização da produção agrícola; pela implantação de novas indústrias; pelos investimentos no turismo litorâneo; pela expansão do comércio e dos serviços, assim como pela construção de todo tipo de infra-estrutura necessária para dar fluidez à produção e ao consumo (transportes, comunicações, saneamento básico, recursos hídricos, etc.).

A inserção mais incisiva do Ceará na lógica do capital financeiro e do turismo “mundializados” ocorre como parte do atual processo de modernização. E Fortaleza¹⁹, como porta de entrada desse processo, tem apresentado uma complexidade espacial, que se manifesta pelas suas contradições e conflitos, a modernização se instala pela dupla face, o “mais moderno” e a penúria.

Essa condição da modernização em Fortaleza que se realiza através da “produção do espaço urbano como negócio” remota ao século XIX, considerando as diferenças cabíveis ao atual momento é importante lembrá – la como observa (Silva, 2004, p. 374):

¹⁹ Embora que o momento referido da modernização de Fortaleza nesse trabalho seja o atual, é importante ressaltar que o início do processo de modernização desta metrópole não é algo tão recente, conforme diz Ana Silva (2004, p.374) na pesquisa realizada sobre a produção do espaço urbano como negócio na Fortaleza da segunda metade do século XIX possibilitou “(...) compreender o sentido que ganhou a província cearense envolvida na constituição de um monopólio específico da empresa Water Company Limited como uma forma de criar e recriar riquezas imperialistas a partir de serviços públicos, a qual materializa – se inicialmente com a construção de chafarizes ingleses na cidade. Nesse sentido, é possível identificar a simultaneidade de processos modernizadores em todo Brasil na medida em que a formação de empresas via sociedade por ações realiza –se concomitantemente em diversos centros urbanos (São Paulo) e Fortaleza por exemplo) o sentido da acumulação via serviços públicos. Isto evita uma interpretação seqüencial deste processo modernizador.

Tal fato (a modernização) pode ser identificado tanto a partir da construção de estradas, serviços urbanos, quando é através do *aperfeiçoamento técnico* que a inserção de relações bastante modernas combina – se atualizando o atrasado para a formação moderna de capital e expansão capitalista (*Water Company*), quanto posteriormente pela formação do mercado de terra via grupo familiar”. (...) a cidade de Fortaleza se inscreve num cenário mundial como um elemento que compõe a lógica do “*aperfeiçoamento técnico*” de capitais imperialistas. Isto significa dizer que o desenvolvimento desigual do capital, na escala mundial, atualiza – se modernizando o atrasado.

Reforçando, acrescenta-se hoje a intensificação dos negócios financeiros internacionais entre Estado e instituições como BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), Banco Mundial através de empréstimos aplicados no emprego dos serviços de empresas na construção de infra-estruturas “viáveis” ao mercado “mundializado” principalmente. Esses negócios financeiros são cada vez mais assegurados pelas intervenções técnicas que o Estado realiza.

São visíveis a abertura de avenidas, ampliação e duplicação de cursos de algumas vias, no sentido de facilitar os fluxos e atender às novas demandas mundializadas, entre elas as do turismo, além de implantações de novos equipamentos urbanos (aeroporto, centro cultural, e outros).

Paralelamente, as demandas sociais locais hegemônicas são esquecidas, ou colocadas em segundo plano, seja pela total falta de infra – estrutura (saneamento, hospitais, transporte coletivo a contento), seja pela precária condição de vida proporcionada por desemprego, baixos salários e falta de moradia. Isto demonstra que ainda se está longe de se atingir um patamar razoável nos serviços públicos, e estes são antigos elementos modernos que deveriam atender a toda a coletividade, e, no entanto, não foram democratizados na sua instalação e uso, mas ao contrário estão cada vez mais sendo privatizados e elitizados.

Esse contexto configura o ritmo frenético que atinge hoje o habitante de Fortaleza, através das transformações velozes pelas quais passa seu espaço urbano. O que pode ser traduzido em formas de intervenções, fazendo com que nos deparemos com uma dinâmica convulsionada pela “permanente” implantação de

shoppings, supermercados, hotéis, prédios residenciais e de escritórios, gerando novas centralidades interligadas pela abertura de novas vias.

Apesar do processo de modernização de Fortaleza ter iniciado desde o século XIX e mais tarde marcado pela atuação da SUDENE²⁰ (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), somente nas últimas décadas (de 1970, e principalmente a partir da 1980 a 2000), é que realmente foi impulsionado passando a tomar um ritmo mais intensificado²¹. O que é perceptível na complexa e contraditória urbanização desta metrópole.

Fortaleza se apresentava no passado como uma cidade monocêntrica, só mais recentemente, dos anos setenta para cá, surgiram os “subcentros” para alguns autores, ou “novas centralidades” para outros, e com uma área radiocêntrica que permanece até hoje inadequada para a atual malha urbana da cidade. Silva (1992, p.46) se refere aos subcentros dizendo:

(...) o centro tradicional da cidade vai se convertendo em centro da periferia, visto que, a população burguesa e amplos setores da classe média encontram sub-centros alternativos que substituem as atividades que eram exercidas anteriormente pela zona central.

A situação abordada por Silva em Fortaleza, no início da década de oitenta, assume proporções ampliadas na atualidade com o processo de expansão urbana da metrópole que nesse trabalho, compreende -se referenciado em Damiani (2001), como um processo dialético, portanto, contraditório, de centralidades e periferias simultâneas, conforme nos deteremos à frente.

²⁰ O advento da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) que inseriu o Nordeste no mercado nacional e, portanto, na divisão regional do trabalho, contribuiu para o reforço da função central de Fortaleza na década de 1960. A SUDENE que se efetivou como intervenção do Estado no Nordeste através do planejamento econômico favoreceu o enriquecimento de uma parte da classe média em Fortaleza financiando algumas indústrias e as obras emergenciais durante as secas, surgindo daí a chamada “indústria da seca” (Vê Oliveira, Francisco. *Uma elegia para uma re (li) gião*, 1979).

²¹ Com base em Lechner, Barreira (2002, p.77), comenta: “a modernização imposta pela necessidade de adequar as economias locais às exigências do mercado internacional tem ocorrido às custas da exclusão de amplos setores sociais marginalizados do mercado e da proteção estatal”.

Atualmente, Fortaleza com grande região metropolitana, adensamentos populacionais, devido ainda aos intensos fluxos migratórios, apresenta –se em termos demográficos, conforme comentário de Amora (1999 p. 37):

A grande cidade perde posição relativa nos contextos demográficos urbanos mas com reforço das cidades periféricas numa evidência natural da reestruturação espacial em curso. A taxa de crescimento de Fortaleza que foi, no período de 1970 – 1980, bastante elevada, 4,30%, cai em 1991 – 1996 para 2,17%, enquanto neste mesmo período, a taxa de crescimento da região metropolitana foi de 2,32%.

Porém, se olharmos para as diferenças intrametrópole entre o município de Fortaleza como um todo (com 2.138.234 habitantes em 2001) com sua evolução populacional total e por distrito (1996 – 2000), perceberemos que, enquanto o município de Fortaleza teve um crescimento relativo de 8,9%, o distrito de Messejana cresceu relativamente 14,9% perdendo só para o distrito de Mondubim com taxa de 17,0%, e sobressaindo-se diante dos demais distritos: central 6,2%: Parangaba 3,5% e Antônio Bezerra 1,5%.

A relativa queda no crescimento populacional de Fortaleza não atenuou as contradições sociais (o que era previsível, já que as causas não estão no aumento ou na diminuição do crescimento populacional), que permanecem com uma exagerada concentração de renda de um lado, por uma minoria que reside em condições infra-estruturais superiores. E, de outro, a maioria da população à mercê de um processo de modernização que, como já foi dito, intervém através dos modelos “mundializados”, (cada vez mais concentradores de renda), diversificada em empregada, subempregada, ou desempregada, residindo favelas, ocupações, conjuntos habitacionais e novos loteamentos, com infra-estrutura insuficiente ou inexistente em muitos bairros. É, portanto, num cenário contraditório de opulência e de carências, que se dá o desenrolar do contexto histórico dos fortalezenses na configuração do seu espaço urbano. Silva (1992, p. 70), nos seus estudos sobre Fortaleza, já denunciava de forma veemente os problemas da cidade.

A cidade parece totalmente desprovida de meios capazes de resistir a esses problemas sociais. Por sua vez, a administração municipal e da região metropolitana não consegue desenvolver praticamente nenhuma atividade que atenda às necessidades da população como um todo, e especialmente a sua grande maioria constituída de operários empregados e desempregados

ou mesmo sub-empregados. A máquina administrativa parece emperrada para solucionar os problemas urbanos ligados ao saneamento básico, compreendendo calçamento das vias, rede de abastecimento d'água, rede de abastecimento de energia elétrica, rede de esgoto sanitário, serviço de limpeza pública, serviço de coleta de lixo, controle da poluição, transportes, abastecimento de gêneros alimentícios, assistência à saúde, à educação, segurança pública, etc. Todo aparato administrativo e as organizações políticas e jurídicas emanadas do Estado exigem uma estrutura que, em muitos casos, dificulta todo o funcionamento da administração.

Apesar de Silva ter verificado em Fortaleza esses problemas sociais há mais de uma década, eles permanecem como um alerta permanente da “crise da cidade” que não se dá só pela falta de condições dignas de vida, mas também pelo poder alienante, exercido pelo fetichismo das inovações e da mercadoria, através da apologia e apelo justificador destas. A “crise da cidade” é explicitada nas palavras de Damiani (2001 p. 128):

A crise da cidade aparece na contradição entre inúmeros investimentos produtivos, que ela sugere, e a alienação urbana, que ela reproduz, exatamente, tendo em vista os termos desta produção. A crise da cidade aparece como ausência de apropriação para esse proletariado crescente.

Verificam - se a expropriação e exploração que permeiam a urbanização de Fortaleza, indo para além das perdas e ausência de condições básicas de atendimento das “necessidades” da população desfavorecida, subjugada, “mutilada” como “cidadã”, negada na possibilidade de se sócio - autoconstruir como pessoas capazes de intervir potencialmente no espaço enquanto lugar. Portanto, no cotidiano, submetida que esta a uma cotidianidade perversa que hiperboliza, reproduzindo as bases de um capitalismo paroxístico, embora se saiba que de uma maneira ou de outra, as resistências sempre irão ocorrer.

Já as intervenções no espaço, ocorridas em função do turismo²² “mundializado” como uma mercadoria e subsistema fragmentário voltados para o entretenimento, estas têm alterado significativamente o cotidiano das pessoas que vivem e de algum modo participam na construção do lugar. Quando o grande capital chega, este chega desapropriando quem tinha pouco ou quase nada.

²² Lefebvre, (1991, p.79; 80) identifica o automóvel, o turismo como subsistemas fragmentários, e sobre isto comenta: “O “total” captado e definido exatamente há um século por Marx esgotou-se, por falta de uma revolução que mantivesse e promovesse uma totalidade “humana”. Tanto na escala de cada país como na escala mundial, não percebemos nada mais que fragmentos: fragmentos de cultura, fragmentos de ciências parcelares, sistemas ou “subsistema” fragmentários. E como definir as possibilidades, senão por meio de prospectivas que representam uma estratégia?”

O turismo “mundializado” na maioria das vezes acaba destruindo e submetendo populações e lugares as suas exigências e padrões. No Ceará, o turismo tem ocupado cada vez mais o centro de interesses do Estado em virtude do retorno econômico que essa atividade propicia, como demonstra Dantas (2002 p. 84 - 85):

O turismo é apresentado como atividade econômica rentável, dado norteador das políticas públicas. O Programa de Desenvolvimento do Turismo no Estado do Ceará (PRODETUR-CE)²³ é a expressão maior dessas políticas. Trata – se de política baseada em ações públicas de planejamento de território e do turismo em escala regional (PRODETUR – NE), cuja base de recursos é, de um lado, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e, de outro lado, o Banco do Nordeste e os governos locais, em parceria em que cada um contribui com 50% do financiamento.

A questão econômica parece ocupar o papel principal em tudo que envolve o turismo, seja através das políticas públicas, ou de qualquer projeto ou empresa que se instale em algum lugar turístico. São esquecidas as questões das culturas locais, dos lugares que são devorados pelo consumo turístico e fatalmente destruídos. O Ceará é um nítido exemplo disso, diversos lugares são destruídos em nome do turismo. É o caso das praias antes primitivas, hoje totalmente urbanizadas. Os antigos moradores perderam as suas marcas, registros, referências, identidade, o lugar tornou – se estranho.

Fortaleza ao reconhecer - se cidade litorânea – marítima, não mais voltada basicamente para o sertão, passou a direcionar grandes fluxos inicialmente de veranistas, depois de turistas para o litoral, conforme Dantas, (2002 p.83):

Os anos 1970 e 1980 simbolizam importante movimento de transformação e de incorporação das zonas de praia do Ceará à sociedade de consumo; é, no final dos anos de 1980, porém, que se observa a intensificação deste

²³ Conforme Dantas (2001, p. 85), O PRODETUR – CE, organizado pelo então Instituto de Planejamento do Ceará (IPLANCE), distingue quatro regiões turísticas no litoral:

- I) **região turística I** – os municípios de Caucaia Fortaleza e Aquiraz, que compõem a região metropolitana;
- II) **região turística II** – os municípios de Itapipoca, Trairí, Paraipaba, Paracuru, São Gonçalo do Amarante e Caucaia. Esta região foi definida como zona prioritária do programa;
- III) **região turística III** – os municípios de Aquiraz, Cascavel, Beberibe, Fortim, Aracati e Icapuí.
- IV) **Região turística IV** – os municípios de Barroquinha, Camucim, Cruz, Acaraú, Itarema, Amontada e Itapipoca.

processo dos municípios litorâneos, graças a intervenção do Estado buscando posicionar o Ceará no mercado turístico nacional e internacional.

E continua ainda Dantas (2002 p.84):

...o Estado põe em prática após o final dos anos 1980, política pública de planejamento territorial que reforça as de Fortaleza com as zonas de praia, contribuindo para a consolidação de novos fluxos na rede urbana e que privilegiam as relações da capital com o litoral: a valorização das praias como mercadoria turística acrescenta – se á demanda do veraneio.

E essa lógica atinge Messejana de forma direta e decisiva, já que esta como periferia e nova centralidade, encontra - se a meio caminho de passagem como acesso de saída e entrada da metrópole em relação ao litoral leste.

2.3. Messejana: de um pequeno centro local, a uma nova centralidade da periferia de Fortaleza²⁴

Messejana²⁵ que teve um passado de engenhos e farinhadas próprios dos muitos sítios ao redor de seu pequeno centro local, ainda nos tempos de município, era bem pacata e mesmo por um bom tempo depois de ter se tornado distrito, subdistrito e bairro de Fortaleza continuou sendo. A vida girava em torno de algumas atividades como o comércio tradicional local (o mercado, armazéns, a feira, padaria, algumas lojas); pequenas indústrias de confecção de roupas, fabricação de peças

²⁴ Vê figura 1 e anexo IX.

²⁵ Como lugar antigo que é, Messejana nasceu em pleno Brasil - Colônia e até, de outro modo, já existia antes como refúgio de uma aldeia potiguara (índios provenientes do Rio Grande do Norte em fuga das invasões européias).

Muitos índios para não serem submetidos às contingências de um Brasil – Colônia, fugiram do litoral, como ocorreu com os potiguaras que vieram se refugiar em Messejana para mais tarde serem novamente encontrados.

A pequena aldeia indígena recebeu outros potiguaras tempos depois, os quais eram acompanhantes da fracassada expedição de Pero Coelho em 1603 segundo (Ribeiro, 1982, p. 20). E Em 1607 chegam a Messejana Padre Francisco Pinto e Padre Luis Figueira (Jesuítas) (Id. *Ibid* p. 20), quando então “tudo” começa como início de mais uma história entre tantas outras da colônia.

Com a passagem dos Jesuítas, recebe o nome de aldeia de São Sebastião da Paupina. O nome da aldeia foi mencionado em documento de 1698 de acordo com Studart, citado por Ribeiro (1982, p. 14) e diz ainda, “Paupina, como nome indígena, significa lagoa limpa ou descoberta”.

Conforme Ribeiro, (1982, p. 32), são muitas as controvérsias em torno do nome Messejana: “O nome Paupina foi substituído por Vila Nova Real de Messejana da América (27), grupo de palavras em que Messejana é a essencial e, por isso, ficou sendo usada. Segundo José de Alencar (Iracema, 2ª edição, p. 79), esta palavra é de origem tupi com a significação de “Lagoa ao abandono” e deve ser escrita com **c** – Mecejana. Já para aqueles que a admitem de origem portuguesa, o certo é escrevê-la com **ss** – Messejana. Mas na realidade é um vocábulo português. (...) Tal palavra, diz Braga Montenegro, citado por Ribeiro (1982, p.32) no Prefácio à edição comemorativa do 1º centenário do romance Iracema: “aparece na toponímia luzitana com a forma Messejana (do árabe mosjona) e vem incluída nos vestígios da língua árabe em Portugal”. Hoje Paupina se restringe a um bairro do distrito e subdistrito de Messejana, onde se localizam as antigas tapioqueiras.

(além de outras); fabricação de doces caseiros (sra. Cordeira (Gueirinha)); dos bordados da sra. Janeira, do lazer domingueiro no balneário da lagoa ou dos dramas²⁶ do salão paroquial; do aguadeiro (sr. Hildo) que levava água do chafariz até as casas das famílias; das missas na paróquia; das festas dos dias santos e da padroeira; das peladas de futebol organizadas por Walter Lacerda no Murilão e Campo do Salgado; das peças dos dramas escritos por Eduardo Porto; dos poetas; dos pintores, dos artesãos, dos corais de Ana Maria Porto (Nininha); do bar do sr. Jaime; do cinema do “solar” (antigo sobrado); porém não só disto era feito Messejana, já que as contradições e conflitos sempre estiveram presentes.

E também destaca –se neste antigo centro local que foi Messejana a história dos transportes, que “evoluiu” de animais para a “Pata Choca” (espécie de dois vagões (lembrando bonde e trem) que se arrastavam pelos trilhos fazendo barulho até Fortaleza), aos caminhões “pau – de - arara”, aos ônibus do Badi (Sírio – Libanês que morava em Messejana), depois viação Cruzeiro, viação São Vicente de Paula, além de outras.

Em termos político – administrativos é possível dizer que de aldeia a município, de município a distrito foram muitas as idas e vindas de Messejana, por vezes elevada a município, por outras “rebaixada”. Messejana cheirava à manga. Dos mangueirais restam poucos, já que os loteamentos, favelas, ocupações, construções vêm “devorando a todos”. O processo de urbanização é intenso, “o ritmo agora é o do sinal”. O trânsito tornou-se caótico, como toda periferia e nova centralidade de uma grande metrópole do Terceiro Mundo em tempos de “mundialização”. Apresenta um espaço onde estão inerentes as contradições e conflitos presentes na luta por um pedaço de chão, por um teto, enfim pela sobrevivência.

A paisagem urbana é também marcada pela presença de duas grandes praças centrais, uma igreja com casas comerciais no entorno e uma lagoa famosa pelo romance

²⁶ Espécie de teatro apresentado por famílias tradicionais locais, muitas vezes as peças eram criadas por moradores letrados.

de Iracema de José de Alencar (romancista da terra). A lagoa compõe, juntamente com a estátua de Iracema e, localizada mais distantemente a casa de José de Alencar um percurso turístico podendo ser prolongado até as tapioqueiras. Predominam ainda, em uma das margens da lagoa, remanescentes de sítios de famílias abastadas de Messejana e de Fortaleza, enquanto que, do outro lado da parede construída, reside uma parte da população pobre.

Encontramos em Messejana as disparidades sociais bem presentes e materializadas na paisagem, identificadas na maneira como vivem e habitam as pessoas, indo desde pequenos sítios (bem poucos agora) abastados, a algumas residências com relativo luxo (classe média – pequena burguesia), até favelas (na sua maioria, transferidas de vários pontos de Fortaleza para Messejana), como também loteamentos, ocupações, conjuntos habitacionais. As famílias de maior poder aquisitivo de um lado, e a miséria das favelas alardeada de outro, por vezes se misturam e se conflitam.

O tradicionalismo, o conservadorismo e a religiosidade são também uma marca de Messejana. A religiosidade é representada por muitas igrejas cristãs, principalmente, e alguns raros terreiros de candomblé, mas é a igreja católica ainda, a mais influente, de viés conservador (os carismáticos), de um lado, e emancipadora (as CEBs: Comunidades Eclesiais de Base), de outro.

Em contraponto com o conservadorismo, Messejana tem uma vida política intensa: É palco da concentração de muitos movimentos sociais: movimento sindical, movimento dos sem teto, movimento negro (filhos da África; M.N.U. (Movimento Negro Unificado)), movimento de mulheres (Mulheres em Movimento); pastorais sociais (pastoral operária, da terra, da criança, da mulher, do solo urbano, etc.); Comunidades Eclesiais de Base – (CEBs); e outros. Muitas greves, passeatas, manifestações em Fortaleza foram iniciadas em, e a partir de Messejana. As lutas e as resistências têm raízes bem fincadas em Messejana.

Diante do que foi dito a respeito de Messejana até aqui, ressalta –se que as mudanças ocorridas nesta nos últimos vinte anos têm sido cada vez mais

velozes: desde os semáforos, que antes não eram necessários, aos novos equipamentos urbanos, às construções e reformas na praça e reestruturação da lagoa, ao crescimento contínuo e modernização do comércio, aos loteamentos, especulação imobiliária, à constante derrubada dos antigos pomares (mangueiras), à reestruturação de algumas vias (CE-O40, BR-116, Perimetral), de um lado. E de outro, as aglomerações de favelas em locais de antigos sítios, expulsas e transferidas antes de bairros elitizados de Fortaleza, as invasões, ocupações, desapropriações. O estranhamento, as tensões e o medo já se instalam como terror e pressão permanente no cotidiano de Messejana que se “realiza”, hoje muito mais do que no passado, como negócio, como espaço – mercadoria, apesar das resistências e insurgências.

Portanto, aprazível e pacífica não adjetivam mais Messejana, como era conhecida em outros tempos, já que a violência tem crescido bastante nas últimas duas décadas. Infelizmente a violência tem destoado do seu passado ainda recente e até tem sido a tônica dos últimos anos, seja pelos assaltos, assassinatos, atropelamentos, ou pela repressão policial.

É nesse contexto então expresso, que **Messejana** está situada, seja do ponto de vista político-administrativo, quando se faz referência a sua posição de **distrito** numa escala maior, ou de **subdistrito** e **bairro (Messejana-sede)** em escala menor. Reforçando, evidencia-se novamente o fato de ter sido uma pequena e antiga cidade no passado, ou melhor, um pequeno núcleo ou centro local. Porém, hoje, com o crescimento da metrópole gerando novas centralidades, é que Messejana se inclui como mais uma periferia, Isto é, todo o distrito de Messejana composto por dois subdistritos que por sua vez se compõem de vários bairros, considerados de Fortaleza. Simultaneamente surge uma **nova centralidade Messejana-sede** nesta periferia. Damiani (2001, p.129), sobre a questão da dinâmica e movimento da metrópole que se descentraliza criando e recriando centralidades, vai dizer o seguinte:

O espaço social se realizaria plenamente enquanto apropriação do espaço e do tempo e hoje inúmeras alienações obstruem essa apropriação. Se o sentido da história coloca como possibilidade esta apropriação do espaço, um pensamento sobre esta possibilidade deve reconhecer e decifrar não somente a crise na cidade, mas a crise da cidade: o movimento de produção

e reprodução de centro(s) e periferia(s), com a extensão do fenômeno urbano em termos críticos.

A urbanização é um fenômeno mundial, enquanto tal é homogêneo, mas concretamente se realiza através da diferenciação do espaço, periferias diferenciadas nas centralidades, também diferenciadas, ambas provisórias, podendo constituir novas periferias e novas centralidades. As contradições sociais envolvem definitivamente o urbano; sem essa consideração, arrisca-se a uma versão imobilizada do sentido da história.

As afirmações teóricas da referida autora podem fundamentar muito bem o caso de Fortaleza que “explodiu” no seu processo de urbanização, criando novas centralidades e periferias que poderão no futuro transformar-se noutras centralidades e periferias num movimento dialético, portanto, contraditório de espacialização e extensão da urbanização, como fenômeno “mundializado” que se anuncia produtor e reproduzidor de centralidades e periferias constituídas pela crise da cidade.

Essa centralidade advinda do movimento da metrópole, o qual se manifesta na criação e recriação de várias centralidades, traz mudanças a nível econômico, político e social e torna a sede de Messejana um centro ou um atrativo, evidenciado pelo fluxo constante de pessoas provenientes das já citadas localidades.

Constituindo –se como uma das novas centralidades que faz parte hoje da metrópole, é possível dizer que a atual configuração de um centro - periférico (Messejana – sede), apresentando uma paisagem urbana com intensa movimentação, é possuidora de um comércio movimentado tradicional periódico representado, sobretudo, pela feira livre; um comércio tradicional permanente: os velhos armazéns, o mercado; um comércio moderno permanente: supermercados, lojas modernas de eletrodomésticos com matrizes no centro histórico e nos centros mais dinâmicos da metrópole e pequenos *shoppings centers*. O comércio das (os) tapioqueiras (os) (um pouco mais afastado) incluía-se aí como uma atividade tradicional antes de ser reestruturado pelo governo, capturadas (o) e incorporadas (o) pelo turismo “mundializado”.

Repetindo, o fato de Messejana (sede) se constituir numa nova centralidade, do ponto de vista desse momento de explosão da metrópole em várias

centralidades, traz ressonância a todos os bairros que formam este **distrito**, os seus **subdistritos** e, entre os **bairros** destes, Messejana – sede (nos limites), Paupina e Coaçu (nos limites), os quais correspondem respectivamente a localização das (os) tapioqueiras (os) antigas (os) e do Centro das tapiocas (figuras 1; 2 e mapa). Podendo também a influência de Messejana abranger alguns municípios vizinhos que fazem parte da região metropolitana de Fortaleza, como Eusébio²⁷, Itaitinga e Aquiraz, se é que se pode falar assim, uma vez que as pessoas das localidades que compõem a área de influência de Messejana dirigem – se a Messejana –sede com objetivos de trabalho, estudo, compras, negócios, entre outros.

Neste contexto é que se situam Paupina e Coaçu, bairros do subdistrito e do distrito de Messejana, e diante das transformações ocorridas, o antigo e pequeno núcleo urbano de Messejana ganha novos contornos. Do antigo aldeamento potiguara restam poucas lembranças e registros, talvez as tapioqueiras de Paupina sejam heranças ou resíduos desses tempos, algo que permanece, “o irreduzível”, como diz Carlos (1997, p.211), ao refletir sobre a festa de San Gennaro na Mooca em São Paulo, o que cabe muito bem nas reflexões sobre a permanência das (os) tapioqueiras (os) em Paupina, “Messejana”:

É decididamente o irreduzível que não se deixa matar, o residual que não será nunca suprimido. Este é também um dos atributos da individualidade, aquela da ação espontânea que não foi completamente capturada e submetida à pressão da realidade programada. Capaz de se opor aos padrões de comportamento ditados, existe viva a possibilidade do despertar ou mesmo da permanência do papel ativo e intransigente do homem.

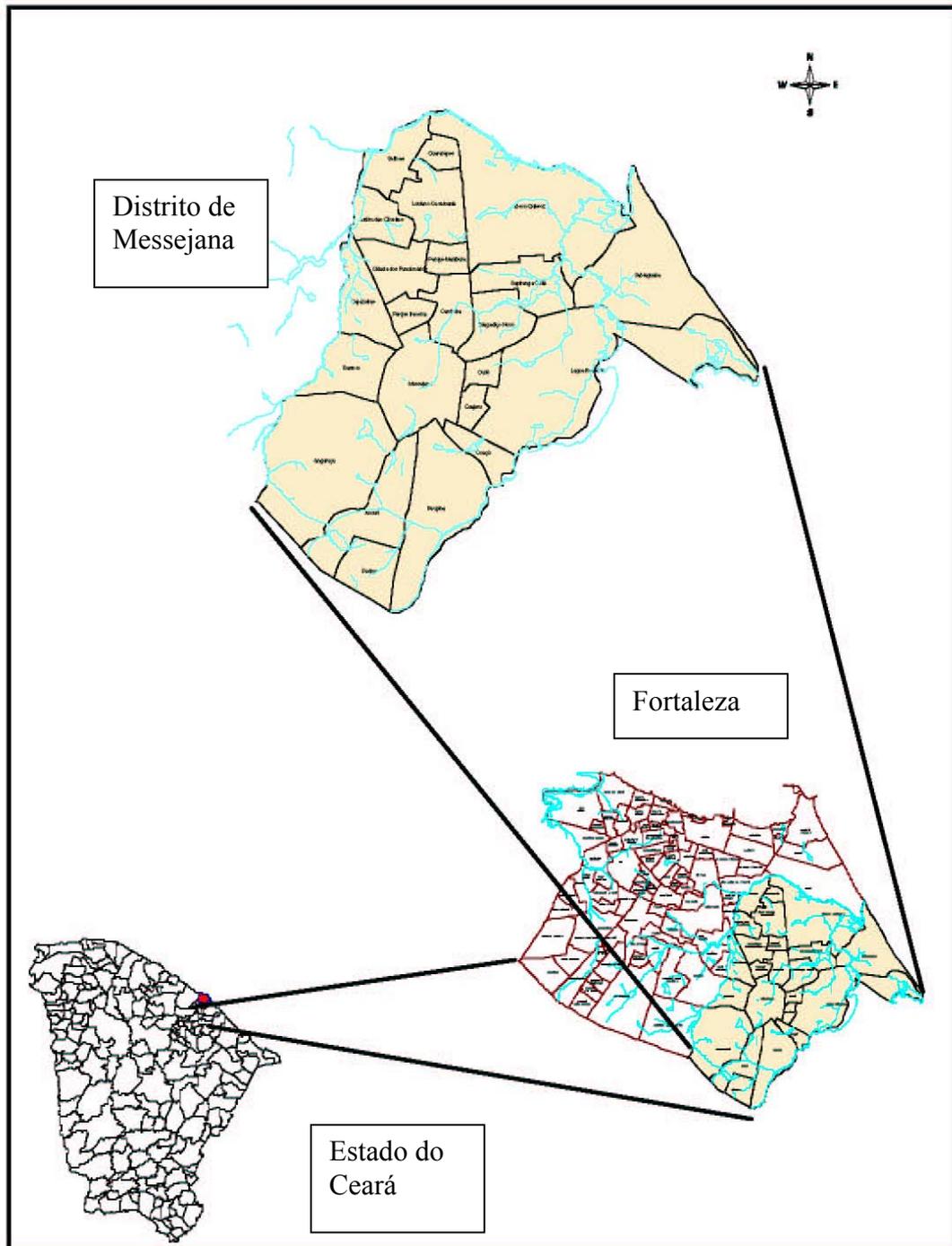
O contexto reificado e “mundializado”, a partir do fetiche da mercadoria através do processo de modernização, por mais avassalador que possa ser, jamais será absoluto. Estará sempre encontrando resíduos, resistência naquilo que espontaneamente é criado e construído, como as distintas culturas que tornam o lugar vivo. Não poderia ser diferente, seja no Ceará como um todo, ou apenas em

²⁷ Existem diferenças consideráveis entre Messejana, Aquiraz e Eusébio tanto do ponto de vista do passado histórico como das transformações recentes ocorridas. Apesar de Messejana atrair as populações locais originais de Eusébio, este município vem tendo desde o início da última década um acelerado crescimento dos preços dos seus lotes cada vez mais valorizados, resultando num processo de transformação pela transferência de moradores de bairros de luxo como a aldeota. Esses moradores passaram a morar em condomínios ou sítios de luxo no Eusébio. Entretanto, a população original local continua se deslocando para Messejana, seja para estudar ou para fazer compras. Já Aquiraz apesar de ter sido a primeira capital do Ceará, não sofreu grandes mudanças tendo em vista o seu tempo de existência quando relacionado ao de outras localidades históricas.

Paupina (Messejana) com as (os) tapioqueiras (os), que apesar das intervenções realizadas pelo Estado e pelo capital financeiro “internacionalizado” via empréstimos concedidos pelo BID (Banco Interamericano de desenvolvimento), de algum modo muitos traços permanecem como resíduo do passado ainda vivo, mas também como resistência, pela capacidade de se recriarem, escapando no que for possível dos padrões interventores do Estado associado aos do mercado.

Vale lembrar que quando o espaço é “mercadoria”, e “mercadoria” voltada para a “mundialização”, tudo o mais passa a ser programado e destinado a essa finalidade, o “lugar”, o “cotidiano”, num permanente esforço de totalização que atualmente se exerce principalmente pela mão do Estado e pelo capital financeiro internacionalizado. E o que passa a contar não são os anseios das populações locais, mas desses agentes exteriores a elas. Portanto as investidas modernizantes atropelam e não reconhecem esses anseios, já que se estabelecem no espaço enquanto negócios e hoje, mais do que nunca, negócios financeiros. Como diz Damiani, (2003 p.369): “O urbano constitui uma mercadoria primordial e através de sua análise compreendemos não só o urbano, a urbanização enquanto negócio, mas também os limites, as características e a potência do movimento do capital no Brasil”. Portanto a urbanização e modernização em Fortaleza e mais especificamente em Messejana não escapam e se realizam enquanto negócio muitas vezes em detrimento das populações locais e as expensas de muitos prejuízos para estas, por não incluírem nestes processos a participação e os interesses destas.

FIGURA 01: Mapas: do Distrito de Messejana, de Fortaleza e do Estado do Ceará:

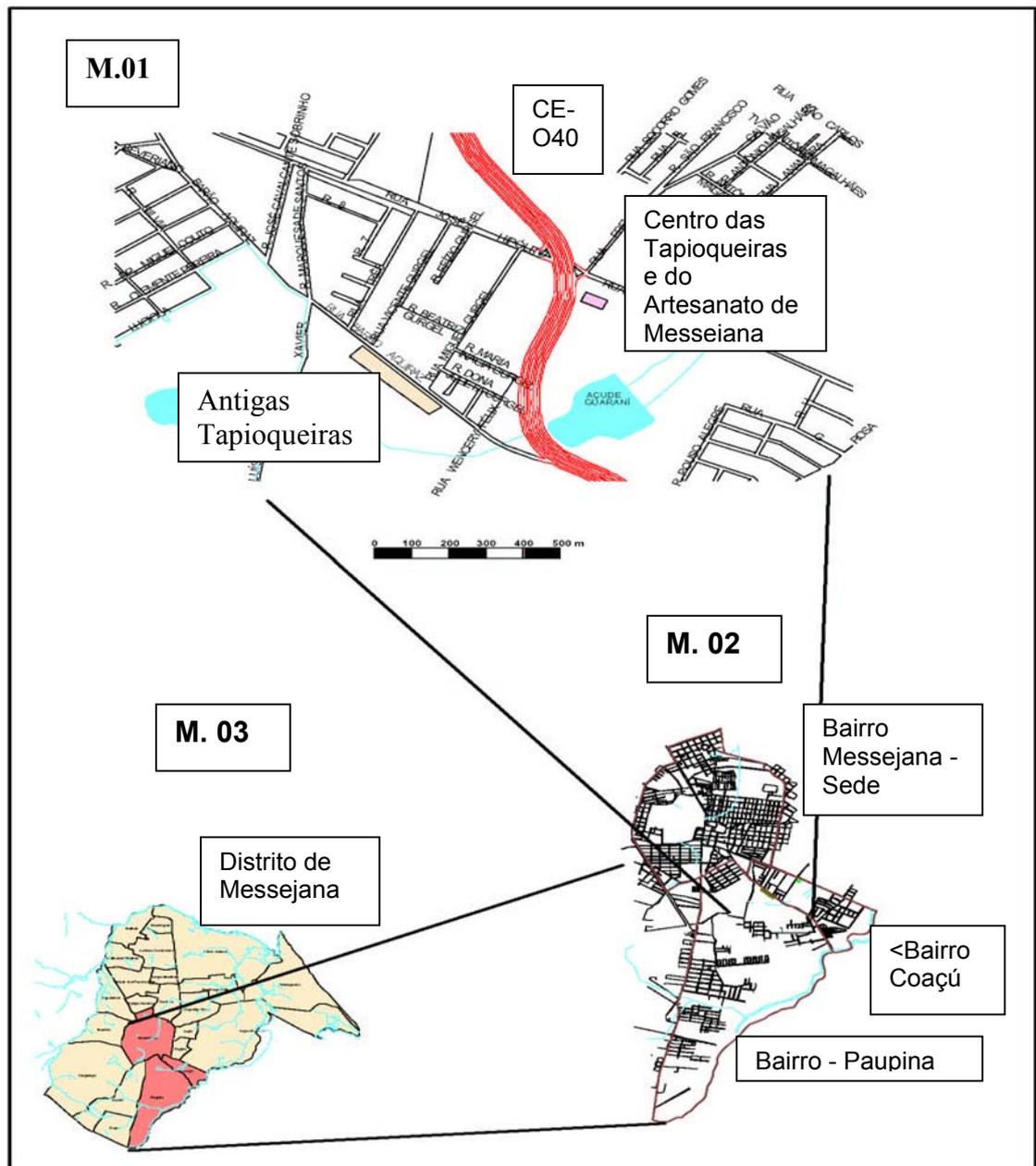


Composição: da autora (2004)

Montagem: Jader Santos (2004)

Fontes: Sérgio Funck (2000) e SEINF (1997)

FIGURA 02: M. 01: – Mapa situacional das antigas tapioqueiras, da CE-O40 e do Centro das Tapioqueiras; - **M. 02** – Mapas do bairro Messejana – Sede, Paupina e Coaçu; - **M. 03** – Mapas: do Distrito de Messejana e dos bairros: Messejana – Sede, Paupina e Coaçu.

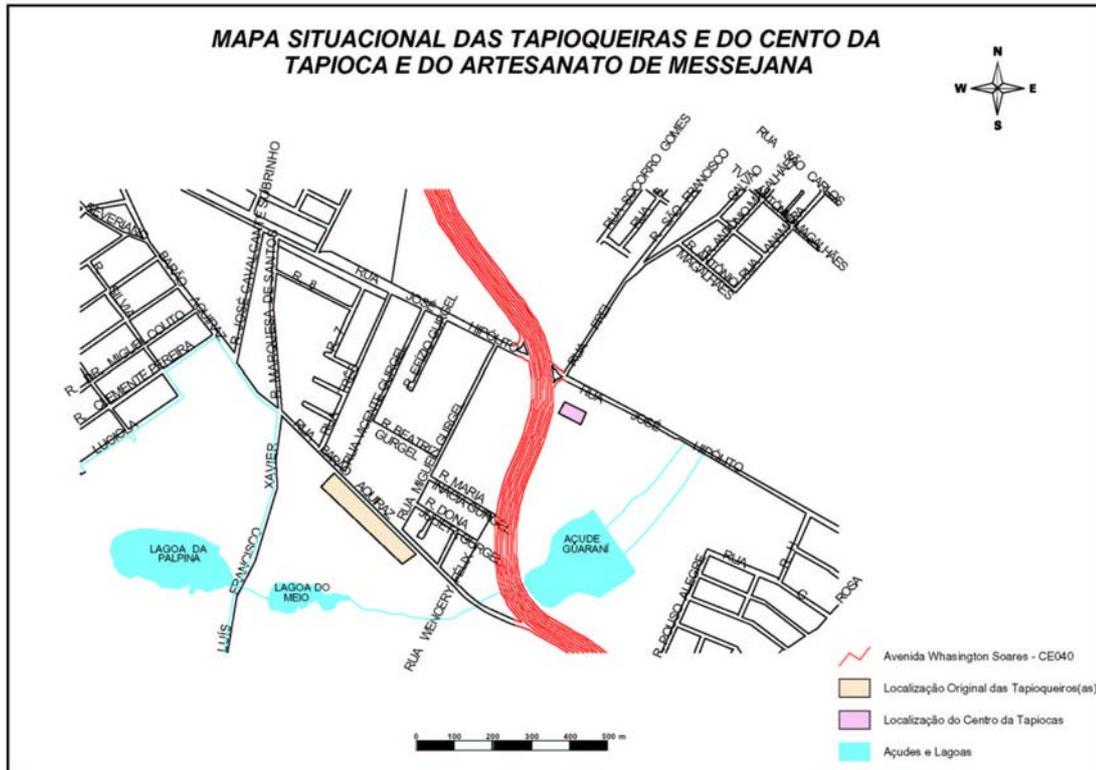


Composição: BEZERRA, Celina (2004);

Montagem: SANTOS, Jader (2004)

Fontes: FUKC, Sérgio (2000) e SEINFI (1997).

MAPA SITUACIONAL DAS TAPIOQUEIRAS E DO CENTRO DAS TAPIOQUEIRAS E DO ARTESANATO DE MESSEJANA:



Composição: BEZERRA, Celina (2004);

Montagem: SANTOS, Jader (2004); Fonte: SEINFI (1997)

Alguns dados da população de Messejana em suas diferentes escalas e da população de um dos seus bairros: Paupina

Procura – se aqui apresentar alguns dados da população de Messejana e Paupina, sabendo – se desde já que os dados quantitativos por si só não revelam a complexidade dos problemas existentes. Portanto, os números não revelam por si só em aparência o que se esconde em essência. Uma leitura qualitativa destes destinaria – se a descobrir o que está por trás, não detendo – se só na aparência, mas indo buscar a essência, o conteúdo, o que os faz serem o que são. No entanto, não sendo este o centro das preocupações desta pesquisa, limita – se nesse trabalho apenas a expô – los como um complemento, um informativo à parte sem aprofundar mais especificamente na análise da questão, embora se deva reforçar

que estes partem de um contexto e no caso, em parte, o contexto exposto. Meneleu neto diz:

Os deslocamentos espaciais da população, as mudanças no seu perfil demográfico, seu acondicionamento urbano, sua concentração e/ ou dispersão e, principalmente, sua utilização como força de trabalho, constituem aspectos fenomênicos – aparência imediata – resultantes da lógica que ordena os espaços regionais.

Considerando o fato de que Messejana se constitui numa nova centralidade na periferia (com um dinâmico e crescente comércio), como expressão do intenso processo de “urbanização” e “modernização”²⁸ da metrópole que tem lá o seu “rebatimento” nesta área leste da cidade, conflitante devido às contradições sociais que se manifestam no conflito permanente marcado pela especulação imobiliária²⁹, as invasões, mutirões, favelas nas últimas décadas, e, tendo em vista outras questões como o fato desta estar no caminho do turista que busca o litoral leste, é possível dizer que esta é uma área de atração e recepção de diferentes fluxos populacionais.

Portanto o crescimento de Messejana na última década foi bastante expressivo, ou mesmo elevado, perdendo só dos distritos de Fortaleza para o distrito do Mondubim. Em 2000, o distrito tinha uma população total, conforme Censo Demográfico de 2000, de 344.817 habitantes. Se fosse uma cidade, seria a maior depois de Fortaleza. A transferência de muitas favelas, a construção de conjuntos habitacionais, condomínios, mutirões, ocupações, além de imigrantes do interior do estado e até de outros estados. Tudo isto tem contribuído para esse rápido crescimento, que associado ao crescimento e modernização do comércio fez de Messejana a já referida nova centralidade resultante da “explosão” da metrópole.

Das cinco áreas de expansão urbana do município de Fortaleza apresentadas por Funck (2000, p.44) com grandes frentes para o mercado imobiliário, destaca –se entre elas a Avenida Washington Soares/CE 040, entre a

²⁸ É importante frisar que a modernização mais efetivamente naquilo que tange as carências da população mais pobre não tem atingido a estas demandas.

²⁹ Vê Fuck 2000.

grande Messejana (Messejana - distrito) e o Eusébio, a qual corta Paupina, bairro do distrito de Messejana, que, conforme o Censo Demográfico de 2000, apresenta uma população residente de 18.499 habitantes, sendo 9.101 homens e 9.398 mulheres.

As tabelas seguintes destacam alguns elementos referentes às populações de Messejana distrito, dos subdistritos de Messejana e dos bairros Messejana – sede e Paupina, podendo ser feito em seguida um quadro comparativo podendo ser remetido qualitativamente aos conflitos, contradições e pressões que estão por trás das quantidades.

A tabela abaixo mostra a população residente de cinco ou mais anos de idade, por grupos de idade, total e alfabetizada, segundo o distrito de Messejana, os subdistritos de Messejana e Cidade dos Funcionários, os bairros de Messejana – sede e Paupina e a situação do domicílio de Fortaleza – Ceará.

TABELA 1

| População residente de 5 ou mais anos de idade, por grupos de idade, total e alfabetizada, segundo o distrito, os subdistritos, os bairros por situação de domicílio do município de Fortaleza – Ceará | | | | | | | | |
|--|--|--------------|----------------|------------------|--------------------|-----------------|--------------|---------------|
| Unidade por situação de domicílio | População residente de 5 anos ou mais de idade | | | | | Grupos de idade | | |
| | Total por unidade geogr. | Alfabetizada | Alfabetizada % | Não Alfabetizada | Não Alfabetizada % | 5 anos | | |
| | | | | | | Total | Alfabetizada | Não Alfabetiz |
| MESSEJANA (Distrito) | 307.953 | 252.093 | 81,9 | 55.860 | 18,1 | 7.978 | 780 | 7.198 |
| Cidade dos Funcionários (subdistrito) | 124.146 | 102.074 | 82,2 | 22.072 | 17,8 | 2.960 | 282 | 2.678 |
| Messejana (subdistrito) | 183.807 | 150.019 | 81,6 | 33.788 | 18,4 | 5.018 | 498 | 4.250 |
| Messejana(sede) (bairro) | 35.209 | 30.900 | 87,8 | 4.309 | 12,2 | 720 | 117 | 603 |
| Paupina (bairro) | 16.401 | 13.176 | 80,03 | 3.225 | 19,7 | 454 | 47 | 407 |

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 2000

Conforme a tabela 1, ao comparar a porcentagem de população não alfabetizada de Paupina, 19,7%, com relação à porcentagem não alfabetizada de

Messejana (sede), 12,2%, percebemos que há uma diferença considerável em termos proporcionais. Isto se deve ainda mais ao baixo poder aquisitivo de grande parte dos moradores de Paupina refletindo, portanto, no nível de escolaridade dos habitantes em relação à população de Messejana (sede). Essa comparação evidencia-se na tabela 2 (anexo), onde Paupina está proporcionalmente em desvantagem no que tange aos índices de escolaridade em relação ao bairro Messejana (sede).

A tabela abaixo refere –se às pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, segundo o distrito de Messejana, os subdistritos de Messejana e Cidade dos Funcionários, os bairros de Messejana – sede e Paupina de Fortaleza – Ceará:

TABELA 2

| Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, segundo os distritos, os subdistritos, os bairros e situação de domicílio do município de Fortaleza – Ceará | | | | | | | | | |
|---|--|--------------------------------|------------|------------|-------------|--------------|-----------------|------------------|------------------------------|
| Unidade por situação de domicílio | Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes | | | | | | | | Código da Unidade Geográfica |
| | Total por unidade geográf. | Grupos de anos de estudo | | | | | | | |
| | | Sem Instrução e menos de 1 ano | 1 a 3 anos | 4 a 7 anos | 8 a 10 anos | 11 a 14 anos | 15 anos ou mais | Não determinados | |
| MESSEJANA (Distrito) | 82.970 | 13.482 | 13.780 | 22.917 | 11.823 | 14.9874 | 5.698 | 296 | 230440065 |
| Cidade dos Funcionários (Subdistrito) | 32.313 | 5.063 | 5.178 | 8.062 | 3.699 | 6.026 | 4.185 | 100 | 23044006509 |
| Messejana (Subdistrito) | 50.657 | 8.419 | 8.602 | 14.855 | 8.124 | 8.948 | 1.513 | 196 | 23044006511 |
| Messejana(sede) (bairro) | 9.301 | 1.175 | 1.335 | 2.586 | 1.581 | 2.121 | 467 | 36 | 2304400065 |
| Paupina (bairro) | 4.617 | 82 | 788 | 1.493 | 744 | 633 | 65 | 12 | 2304400068 |

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 2000

A tabela a seguir trata dos moradores em domicílios particulares permanentes, por classe de rendimento nominal mensal da pessoa responsável pelo

domicílio, segundo o distrito de Messejana, os subdistritos de Messejana e Cidade dos Funcionários, os bairros de Messejana – sede e Paupina de Fortaleza – Ceará:

TABELA 3

| Moradores em domicílios particulares permanentes, por classe de rendimento nominal mensal da pessoa responsável pelo domicílio, segundo os distritos, os subdistritos, os bairros do município de Fortaleza – Ceará | | | | | | | | | | | | | |
|--|---|-------|---------------|---------------|---------------|-----------------|-------------------|-----------------|---------------|---------------|----------------|-----------------|-----------------|
| Unidade geográfica | Moradores em domicílios particulares permanentes | | | | | | | | | | | | |
| | Classe de rendimento nominal mensal da pessoa responsável pelo domicílio (salário mínimo) | | | | | | | | | | | | |
| | Total por unidade geográfica | Até ¼ | Mais de ¼ a ½ | Mais de ½ a ¾ | Mais de ¾ a 1 | Mais de 1 a 1 ¼ | Mais de 1 ¼ a 1 ½ | Mais de 1 ½ a 2 | Mais de 2 a 3 | Mais de 3 a 5 | Mais de 5 a 10 | Mais de 10 a 15 | Mais de 15 a 20 |
| MESSEJANA (Distrito) | 343.621 | 1.107 | 4.455 | 8.327 | 71.649 | 10.600 | 25.912 | 43.560 | 34.104 | 33.159 | 31.357 | 11.484 | 8.871 |
| Cidade dos Funcionários (subdistrito) | 136.887 | 389 | 1.592 | 2.911 | 27.486 | 3.491 | 8.967 | 14.026 | 10.715 | 10.387 | 13.624 | 7.322 | 6.652 |
| Messejana (subdistrito) | 206.734 | 718 | 2.863 | 5.416 | 44.163 | 7.109 | 16.945 | 29.534 | 23.389 | 22.772 | 17.733 | 4.162 | 2.219 |
| Messejana (sede) bairro | 38.231 | 39 | 245 | 531 | 7.628 | 771 | 2216 | 4.819 | 4.038 | 5.221 | 5.363 | 1.332 | 620 |
| Paupina (bairro) | 18.461 | 51 | 280 | 604 | 3.876 | 748 | 1.760 | 2.838 | 2.325 | 2.072 | 1.344 | 211 | 96 |

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 2000

A tabela seguinte mostra os domicílios particulares permanentes, por classe de rendimento nominal mensal da pessoa responsável pelo domicílio, segundo o distrito de Messejana, os subdistritos de Messejana e Cidade dos Funcionários, os bairros de Messejana – sede e Paupina de Fortaleza – Ceará:

TABELA 4

| Domicílios particulares permanentes, por classe de rendimento nominal mensal da pessoa responsável pelo domicílio, segundo o distrito, os subdistritos, os bairros do município de Fortaleza - Ceará | | | | |
|--|---|------------|----------------|------------------------------|
| Unidade geográfica | Moradores em domicílios particulares permanentes | | | Código Da Unidade Geográfica |
| | Classe de rendimento nominal mensal da pessoa responsável pelo domicílio (salário mínimo) | | | |
| | Mais de 20 a 30 | Mais de 30 | Sem rendimento | |
| MESSEJANA (Distrito) | 5.608 | 6.984 | 46.444 | 230440065 |
| Cidade dos Funcionários (subdistrito) | 4.678 | 6.039 | 18.608 | 23044006509 |
| Messejana (subdistrito) | 930 | 945 | 27.836 | 23044006511 |
| Messejana (sede) (bairro) | 289 | 330 | 4.789 | 2304400065 |
| Paupina (bairro) | 22 | 35 | 2.199 | 2304400068 |

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 2000

As tabelas 3 e 4 (anexo) confirmam as tabelas anteriores se compararmos rendimentos nominais mensais das pessoas responsáveis pelos domicílios do bairro do Distrito de Messejana (sede). A partir de 3 a 20 e 30 salários mínimos amplia-se proporcionalmente a distância entre os dois bairros com relação à quantidade de pessoas que percebem esses salários. Tal situação reafirma mais ainda as baixíssimas condições sócio-econômicas de grande parte dos moradores de Paupina, principalmente. Quase um quarto da população do subdistrito de Messejana percebe apenas de 3/4 a um salário mínimo. Em Messejana sede essa população cai para pouco mais de 1/5 da população e em Paupina para um sexto da população. Se, também, compararmos os subdistritos de Messejana e Cidade dos Funcionários perceberemos claramente o quanto a população que recebe os salários mais elevados do distrito da Cidade dos Funcionários, se sobressai

proporcional e sócio-economicamente em relação à população do subdistrito de Messejana.

Os domicílios particulares permanentes, por forma de abastecimento de água, segundo o distrito de Messejana, os subdistritos de Messejana e Cidade dos Funcionários, os bairros de Messejana – sede e Paupina de Fortaleza – Ceará estão destacados na tabela abaixo:

TABELA 5

| Domicílios particulares permanentes, por forma de abastecimento de água, segundo o distrito, os subdistritos, os bairros do município de Fortaleza – Ceará | | | | | | | | | | |
|---|-------------------------------------|--------------------------------|------------------------------------|---|-----------------------------------|------------------------------------|---|----------------|-------|------------------------------------|
| Unidade geográfica | Domicílios particulares permanentes | | | | | | | | | |
| | Total por Unidade geográfica | Forma de abastecimento de água | | | | | | | | |
| | | Rede geral | | | Poço ou nascente (na propriedade) | | | | Outra | |
| | | Total | Canalizada em pelo menos um cômodo | Canalizada só na propriedade ou terreno | Total | Canalizada em pelo menos um cômodo | Canalizada só na propriedade ou terreno | Não canalizada | Total | Canalizada em pelo menos um cômodo |
| MESSEJANA (distrito.) | 82.970 | 72.382 | 67.607 | 4.775 | 7.218 | 335 | 3.199 | 3.370 | 178 | |
| Cidade dos Funcionários (subdistrito) | 32.313 | 27.42 | 25.378 | 1.764 | 3.692 | 172 | 1.218 | 1.179 | 73 | |
| Messejana (subdistrito) | 50.657 | 44.940 | 41.929 | 3.011 | 3.526 | 1.382 | 163 | 2.987 | 2.191 | 105 |
| Messejana (sede) (bairro) | 9.301 | 8.739 | 8.632 | 107 | 431 | 261 | 10 | 160 | 131 | 13 |
| Paupina (bairro) | 4.617 | 4.043 | 3.681 | 362 | 412 | 111 | 31 | 270 | 162 | 9 |

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 2000

A tabela que se segue apresenta os domicílios particulares permanentes, por existência de banheiro ou sanitário e tipo de esgotamento sanitário, segundo o distrito de Messejana, os subdistritos de Messejana e Cidade dos Funcionários, os bairros de Messejana – sede e Paupina de Fortaleza – Ceará:

TABELA 6

| Domicílios particulares permanentes, por existência de banheiro ou sanitário e tipo de esgotamento sanitário, segundo o distrito, os subdistritos, os bairros do município de Fortaleza – Ceará | | | | | | | | | | |
|---|-------------------------------------|---------------------------------|---------------|------------------|--------|------------------|------------------|-----|-----------------------------------|------------------------------|
| Unidade geográfica | Domicílios particulares permanentes | | | | | | | | | |
| | TOTAL | Tipo de esgotamento sanitário | | | | | | | Não tinham Banheiro nem sanitário | Código da Unidade Geográfica |
| | | Rede geral de esgoto ou pluvial | Fossa séptica | Fossa rudimentar | Vala | Rio, lago ou mar | Outro escoadouro | | | |
| MESEJANA (Distrito) | 82.970 | 78.621 | 25.210 | 20.160 | 30.223 | 1.529 | 509 | 890 | 4.449 | 230440065 |
| Cidade dos Funcionários (subdistrito) | 32.313 | 30.708 | 5.971 | 10.025 | 13.244 | 736 | 257 | 475 | 1.605 | 23044006509 |
| Messejana (subdistrito) | 50.657 | 47.813 | 19.239 | 10.135 | 16.979 | 793 | 252 | 415 | 2.844 | 23044006511 |
| Messejana (sede) (bairro) | 9.301 | 9.229 | 2.138 | 4.334 | 2.681 | 12 | 23 | 35 | 73 | 2304400065 |
| Paupina (bairro) | 4.617 | 4.377 | 1.322 | 543 | 2.445 | 31 | 4 | 32 | 240 | 2304400068 |

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 2000

Domicílios particulares permanentes, por destino do lixo, segundo o distrito de Messejana, os subdistritos de Messejana e Cidade dos Funcionários, os bairros de Messejana – sede e Paupina de Fortaleza – Ceará estão destacados na tabela abaixo:

TABELA 7

| Domicílios particulares permanentes, por destino do lixo, segundo o distrito, os subdistritos, os bairros do município de Fortaleza – Ceará | | | | | | | | | | |
|---|-------------------------------------|----------|------------------------|-------------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|--|------------------------------|----------------|------------------------------|
| Unidades geográficas | Domicílios particulares permanentes | | | | | | | | | Código da Unidade Geográfica |
| | TOTAL | Coletado | | | Quei-ma-do (na pro-prie-dade) | Enter-rado (na pro-prie-dade) | Jogado em terreno baldio ou logra-dou-ro | Jo-ga-do em rio, lago ou mar | Outro Des-tino | |
| | | Total | Por serviço de limpeza | Em ca-çam-ba de ser-viço de limpeza | | | | | | |
| MESSEJANA (Distrito) | 82.970 | 75.520 | 72.961 | 2.559 | 1.480 | 330 | 5.216 | 263 | 161 | 230440065 |
| Cidade dos Funcionários (subdistrito) | 32.313 | 29.442 | 28.292 | 1.150 | 326 | 93 | 2.307 | 100 | 45 | 23044006509 |
| Messejana (subdistrito) | 50.657 | 46.078 | 44.669 | 1.409 | 1.154 | 237 | 2.909 | 163 | 116 | 23044006511 |
| Messejana(sede) (bairro) | 9.301 | 9.191 | 9.155 | 36 | 29 | 15 | 57 | 4 | 5 | 2304400065 |
| Paupina (bairro) | 9.299 | 8.825 | 8.529 | 296 | 79 | 16 | 346 | 20 | 13 | 2304400068 |

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 2000

As tabelas cinco, seis e sete fornecem um quadro comparativo de acesso aos serviços de saneamento da população de Paupina e do bairro de Messejana; dos subdistritos de Messejana e Cidade dos Funcionários; e do Distrito de Messejana.

Apresentando, entretanto, um quadro geral que deixa descobertos esses serviços para uma parcela considerável da população, principalmente no que tange aos esgotos e canalização de água e até mesmo à coleta e destino do lixo.

Os dados demográficos das populações de Messejana distrito, de Messejana subdistrito e dos bairros Paupina e Messejana denunciam as condições de classes intra e inter lugares, as quais não podem ser negligenciadas na busca de entendimento da situação sócio-econômica dessa população. Podendo, a partir daí,

começar a identificar o grau de precariedade e vulnerabilidade da referida população (de Paupina – especificamente dos tapioqueiros), mediante as pressões exercidas pelos diversos atores hegemônicos no seu cotidiano.

Toda essa exposição a respeito da demografia de Messejana e Paupina realizada até aqui busca mostrar que a maioria da população de Messejana e de um dos seus bairros Paupina, não é contemplada ainda sequer pelo processo de modernização no que tange aos serviços básicos infra – estruturais necessários demandados pela própria população. Entretanto, as intervenções modernas destinadas principalmente ao turismo, não solicitadas pela população local, exercem - se desmantelando o que existia antes, até mesmo as populações que gozavam de um certo bem estar, de uma certa autonomia se autosustentando como o caso das (os) tapioqueiras (os) do qual trata esse trabalho.

3. “UMA ESTRADA ATRAVESSOU A MINHA VIDA, A CE-040³⁰, DESVIADA E DUPLICADA:..ESSE TEMPO JÁ NÃO É MAIS O MEU”

E a roda que cavou a estrada/ que matou a estrada/ que levou o que tinha antes/ e até o que dela fez brotar/ a roda que levou a vida.// Tapi, já não tem/ oca, já não há.// A roda que veio de longe/ que veio de perto, / levantou poeira/ sacudiu “as gentes” / fez desabar as casas/ cavou nova e larga estrada/ e quem sobrou ficou “para trás”.../ e para não partir/ continuou no lugar/ que não é o mesmo/ embora ainda marcado pelo passo manso/ do que restou.// E quem acompanhou a roda/ se perdeu na estrada, / alinhou – se à estrada/ abandonando o bom desalinho da vida.

No dia 20 de outubro de 1999, tiveram início as obras de duplicação e desvio do trecho da CE – 040 Cambeba - Messejana³¹ e prosseguindo em seguida Messejana – Aquiraz (passando pelo município de Eusébio)³². Como já foi dito na introdução deste trabalho, a partir daí, deu – se então uma “ruptura” no cotidiano das (os) tapioqueiras (os) gerando um antes e um depois. Era o começo de muitas mudanças que solaparam o lugar inserindo no espaço uma outra dinâmica, um tempo programado e ritmo mais acelerado. Desta vez a “mundialidade” não passava

³⁰ De acordo com o ANEXO II do Informativo Gerencial, de 2001/2002 do DERT, Governo do Estado do Ceará e Secretaria de Infra-estrutura (SEINFRA) constante nos anexos desse trabalho e segundo decreto n. 26.411/2001 de 18 de outubro de 2001 referente à relação descritiva das rodovias estaduais, dentre as rodovias radiais a RODOVIA CE – 040 tem como pontos de passagem “Fortaleza (Av. Padre Antônio Tomaz) – Entr. CE 025 – Messejana – Anel Rodoviário – Entr. – 251 (Eusébio) – Acs. Norte p/Aquiraz– Entr. CE - 452 (Aquiraz) – Entr. CE – 453 (Facundes) – Entr. CE – 454 (Pindoretama) – Entr. CE – 350 p/ Coluna – Entr. CE – 138 (A)/253 (Cascavel) – Entr. CE – 352 p / Beberibe – Sucatinga – Paripueira – Parajuru – Acs. p/Fortim – Entr. CE – 123(A) (Viçosa) – Entr. CE – 123(B)/BR – 304”.

Vê anexos VI e VII.

³¹ Refere-se ao trecho que liga o bairro do Cambeba ao bairro de Messejana (ambos do distrito de Messejana). E conforme o quadro de acompanhamento físico - financeiro de janeiro de 2005, referente à duplicação de vias, cedido pelo DERT (executor) através do Programa Rodoviário do Estado do Ceará – Ceará II e constante nos anexos deste trabalho, o trecho Cambeba – Messejana apresenta uma extensão de 4 km, construído pela firma EIT, com um valor contratual de US\$ 4.222 e custo atual US\$ 4.023. Vê figura 3 e também anexo III.

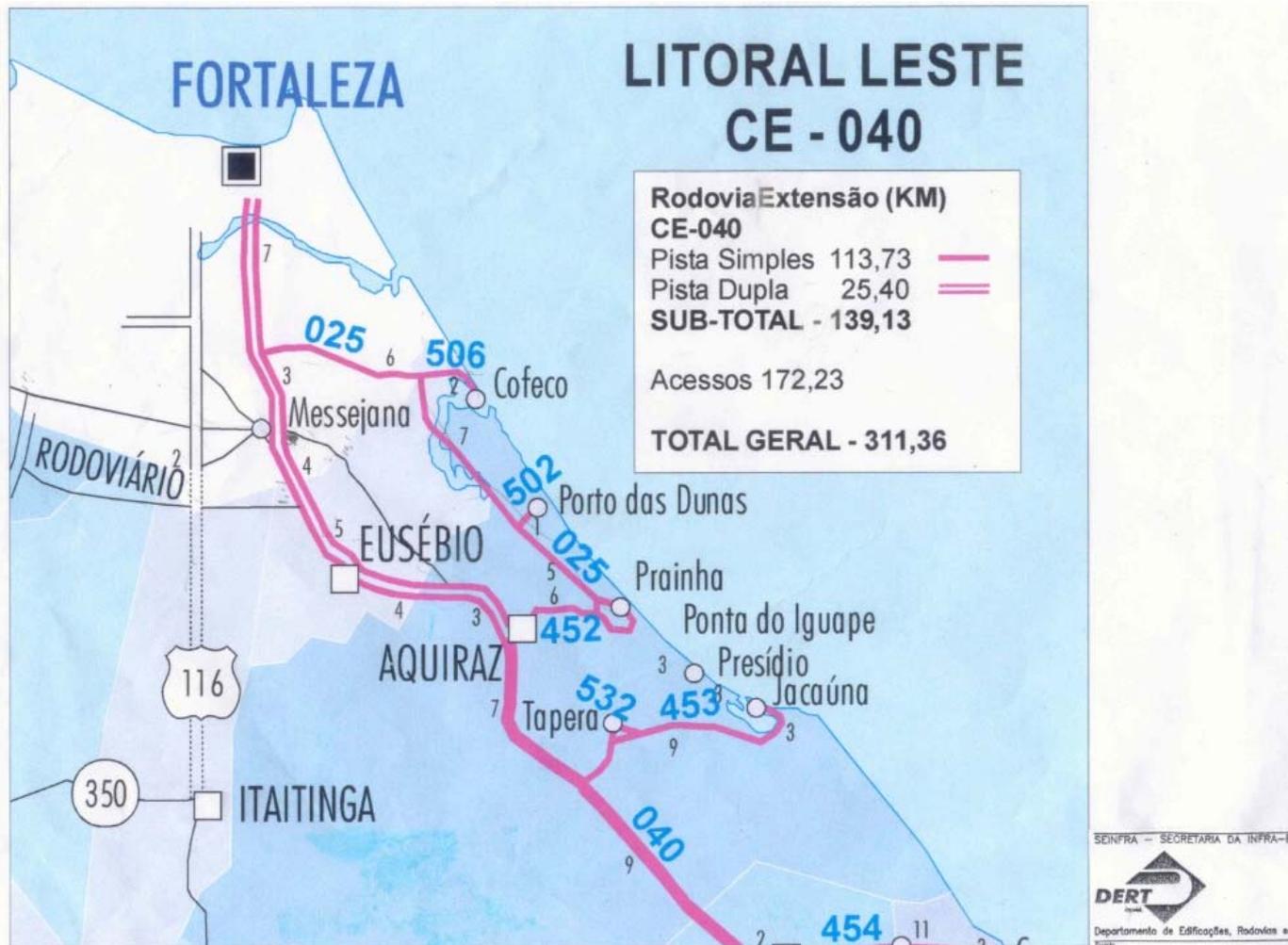
³² Já o percurso compreendido por Messejana – Aquiraz e contorno do Eusébio (município pertencente à região metropolitana de Fortaleza) conta com 13,9 km de extensão construído pela firma DM/RODOF e com valor contratual de US\$ 9.664 constante nos anexos desse trabalho (DERT 2005).

apenas no interior das residências através da tv, ou dos fluxos de carros de veranistas e turistas à frente das casas das (os) tapioqueiras (os), ou pelas novidades que os filhos e netos traziam da escola e pelos objetos comprados no centro de Messejana, mas pelo turismo “mundializado”. A “mundialidade” agora intervinha de forma direta e mais incisiva no cotidiano e no lugar, gerando um novo tempo e um novo ritmo, que, a expansão e constante modernização da “metrópole como negócio” - tendo em vista o lazer e o turismo - impunha àquela ainda pacata comunidade. O que não foi, nem tem sido, um processo isento de conflitos, transtornos e profundas alterações nas vidas dessas e de muitas outras pessoas.

O automóvel insere – se mais uma vez no cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os) destruindo o que existia até então, “reestruturando” via capital financeiro, Estado e empresas, criando uma infra – estrutura “necessária” às rodas, aos pneus, aos fluxos apressados das elites veranistas e do turismo - como “subsistema fragmentário” e mercadoria “mundializada”.

Para compreensão desses processos de intervenção e como pré-requisito é que foi feita no capítulo anterior uma reflexão sobre o contexto de “mundialização” que vivenciam os espaços na contemporaneidade, nos quais Paupina e Messejana são exemplos. E a inserção mais incisiva das (os) tapioqueiras (os) na “mundialidade” através da reestruturação e desvio da CE – 040 e da instalação do Centro das Tapiocas em função do turismo “mundializado”, principalmente, requer que se dê continuidade à reflexão sobre esse contexto em relação ao cotidiano e ao lugar onde tais mudanças se processaram e se processam ainda, com atenção especial também para o vivido. Portanto, requer que se busque compreender, discutir e refletir sobre as pressões e apropriações a partir do desvio e duplicação da CE – 040 que, como já foi dito, foi uma intervenção geradora de uma “ruptura”, de um antes e um depois no lugar e cotidiano das (os) tapioqueiras (os), considerando nisto as representações dos diversos implicados. Nesse mesmo sentido, procura – se também discutir as questões acerca do automóvel como elemento de pressão, como “subsistema fragmentário” e seus fetiches.

FIGURA – 03: TRECHO DA RODOVIA CE – 040 – LITORAL LESTE



Fonte: SEINFRA - DERT(

3.1 Do que foi e do que é o antigo lugar das (os) tapioqueiras (os) diante do desvio e duplicação da CE – 040

De quando o dia ainda escorregava por baixo da porta junto com a luz do sol: era um tempo mais lento lá por trás da rua chamada “avenida” Barão de Aquiraz.

Este item destina – se às vozes das (os) tapioqueiras (os) como vozes do lugar. Portanto discute e reflete as particularidades do lugar um pouco antes e diante do desvio e duplicação da CE – 040 considerando a cotidianidade prática das (os) tapioqueiras (os). Martins (2004, p.21) diz: “(...) há uma escala específica de tempo e

espaço na história local, é praticamente impossível expô-la como se fosse uma história de anônimos, como seria possível num estudo em que a escala da história fosse outra”. É nesse sentido que procura –se aqui mostrar “mais de perto” o que dizem as (os) tapioqueiras (os) sobre o seu trabalho e vida no lugar diante das mudanças ocorridas. Mas considera – se também o que expressa Damiani (2001):

Relacionar cotidiano e lugar são envolver as relações próximas, ordinárias, singulares a mundialidade. A vida cotidiana, mais íntima, ao mesmo tempo, situa seu lugar na sociedade global. Pela mediação do cotidiano no lugar, somos levados dos fatos particulares à sociedade global. (...) Hoje (...) com o lugar no mundo se produz o lugar do cotidiano: nivelamento das necessidades, alinhamento dos desejos uns sobre os outros, cotidianidades análogas, senão idênticas.

Apesar de enfatizar particularidades do vivido neste capítulo não se busca perder de vista a questão da “mundialidade” que se faz presente no lugar e que programa o cotidiano e nesse ponto coloca todos como “coadjuvantes” pela alienação. Mas atribui –se particular importância a um relativo e limitado “protagonismo” antes vivenciado pelas (os) tapioqueiras (os) e mesmo alienado (sobre o que se retoma mais a frente com referência em Martins (2004)). Carlos (2004, p.50) comenta:

(...) o tempo que se acelera em função do desenvolvimento da técnica, redefine as relações espaço tempo da prática social e com isso, redefinindo as relações do indivíduo com o lugar e no lugar. Tal situação coloca – nos diante de redefinições importantes na articulação entre o **lugar** da realização da vida – **da identidade** criada entre as pessoas no lugar e do **cotidiano** aonde a vida ganha dimensão real.

As palavras de Carlos traduzem bem o que vem ocorrendo no antigo lugar das (os) tapioqueiras (os) principalmente a partir das referidas mudanças. Porém é importante como já foi dito, conhecer a partir da voz destas e da reflexão sobre as suas representações sobre como se constituía e se constitui o “seu” cotidiano e lugar.

As tapioqueiras³³, como são comumente chamadas as casas que fazem a tapioca, há muito queimam esse tradicional pão (tapi) de casa (oca). Como uma

³³ Sabia – se que trabalhavam juntos homens e mulheres, mas chamavam ao conjunto de casas de produção e venda de tapiocas de tapioqueiras da Paupina.

tradição da culinária cearense, a tapioca é também identificada como uma herança da cultura indígena.

Com os fluxos de fins de semana da população veranista de Fortaleza direcionada para as casas de praia, e com a expansão do turismo, a parada nas tapioqueiras virou costume intensificado, principalmente, a partir da década de 1970, mas desde o início da década de 1960, o então governo do Estado, já havia denominado o espaço das tapioqueiras de “pólo” das tapioqueiras. Ocorre a partir de então uma intensificação de um processo em Paupina - Messejana de grande freqüência às (os) tapioqueiras (os), aumentando os fluxos que por lá passavam. Antes da vinda desses fluxos, as (os) tapioqueiras (os) já faziam a tapioca. Porém, estas (es) eram antes vendedoras (es) ambulantes que saíam vendendo seu produto nos mercados (São Sebastião, Mercado dos Peões) e nas feiras, entre as quais a de Messejana. Até hoje um ou outro ainda faz esse trajeto, mas a maioria deixou de fazê-lo, devido aos fluxos dos consumidores de fim de semana e dos turistas e a partir de então passaram a vender sua tapioca onde viviam.

Levantar antes do sol e dormir quando este já baixou (prolongados nos últimos anos pelas novelas) sempre fez parte do tempo das (os) tapioqueiras (os) que faziam - e algumas (uns) ainda fazem - os seus horários e ritmos sem as amarrações dos relógios.

Ressaltam-se os resíduos de um tempo mais vagaroso (talvez mais próximo à natureza) correspondente a um passado que foi diversas vezes sacudido, desde a colonização, mas que dele algo ainda persiste e se arrasta como latência de um tempo sem tanta pressa, herança da sabedoria indígena agora abruptamente interrompido com as mudanças recentes. A importância desse tempo vagaroso latente tem se mostrado nas resistências, insurgências e insatisfações diante das intervenções “modernas” do Estado, o que remete ao que diz Walter Lacerda (1999, 48-49):

(...) (conforme dos lusíada vero e vivo carne/ que já se faz do mundo todo/ globalização , carma) -/ só que de nós num lembrem/ nós assim da liberdade ganha mais um naco/ sem dito nem desdito/ já é luta/ por mais valia, sempre/ (mas é dito contra a contradição/ (...) em mim si ter, ser)/ como vento/ invento dentro/ aos intero/ aos pedaço/ do tempo presente/

que é a vida toda e toda vida/ da terra, mar e ar/ que de nós não é nada/
que na História num tem nada/ tão somente rebentando// a quem deuses
concedem/ nada, tem liberdade// a quem os ome de bem/ menos que nada
concedem,/ tem mais que lutá por mais/ liberdade, liberdades (Walter B.
Lacerda Filho, *Sagatinga*).

Os versos do poema de Walter Barbosa Filho servem como um paralelo para quem como as (os) tapioqueiras (os) de Paupina, mesmo que no limite, ainda se preservavam dos desmontes do “furacão” da modernização “recolonizadora” mundializada. Procura –se compreender, discutir e refletir neste subcapítulo o antigo lugar das (os) tapioqueiras (os) antes e depois do desvio e duplicação da CE – 040, considerando o vivido, as relações de parentesco entre estas, as relações de trabalho, as relações de gênero, suas representações, sem perder de vista as pressões e apropriações que permeiam essas relações e representações no cotidiano. Desta forma ressaltam – se alguns “resíduos”, (porém talvez não exatamente a diferença dita nos termos de Lefebvre³⁴) que “diferenciavam” o lugar. É possível que em alguns momentos, sobressaíam questões que possam dar uma conotação quase literária, no entanto, não se busca aqui escapar ao “sadio” “desvio” da linguagem “fria”, assumida muitas vezes pelos trabalhos acadêmicos, porém, sempre procurando dar um tratamento não menos rigoroso em termos científicos. Carlos (2004, p.50) comenta:

³⁴ Lefebvre (1972,p.42) comenta: *Inicialmente essas diferencias existem como hechos naturales, em el estado de particularidades ligadas a condiciones y circunstancias locales: elementos materiales y sitios, condiciones (...) étnicas, etc. Em este estado inicial, para las personas (los seres humanos) que las vivem, las diferencias no se representan como tales, Las personas son así y no de outra manera; no saben po qué, no pueden comparar. Aisladas, exteriores unas as otras, las particularidades no se comprenden. El sentimiento de extrañamiento ligado a esta exterioridad recíproca se transforma facilmente em hostilidad hacia otras. Estas relaciones elementales las encontramos em los mitos y las leyendas. Lentamente, a través de um devenir “prehistórico”, se presenta um período em el que las particularidades naturales (que pronto se convertirán em nacionales) se ponen em contacto, se enfrentan. En ese momento se inicia uma história; así nace, de uma confrontación, uma ‘comprehensión’, es decir, la diferencia percebida, concebida, hablada, escrita,?Cómo podría desarrollarse um proceso semejante sin conflictos? Las particularidades no se aprehenden unas a otras más que en luchas mortales, em el curso de las cuales corren el riesgo de desaparecer. El momento de la confrontación da lugar em la historia a amplias tetativas devastadoras que las particularidades intentan destruir, econômica, política y “culturalmente”.*

Estas tentativas que no son duvedosas (em la Antigüedad, em Occidente, existió Roma y la “romanidad” destructiva, y posteriormente la iglesia) han llegado al paroxismo em el mundo moderno, Es entonces y de esta manera precisamente como las particularidades se convierten em diferencias, nacen a la diferencia. Transformadas por la lucha, las qualidades que sobreviven y que aún pueden afirmarse no se afirman más por separado. No pueden presentarse re – presentarse más que em sus relaciones recíprocas, conflictivas o sosegadas. De esta manera y en este momento surge el concepto de la diferencia. No es solamente por el pensamiento lógico sino através de numerosas vias – la história, los dramas múltiples de la acción – como el concepto recibe um contenido.

De esta primera exposición resulta que la diferencia em acto difiere, de uma manera aún poco determinada, de la diferencia que es solamente pensada y reflexionada. A la diferencia pensada e no vivida por los filósofos y los lógicos se opone la diferencia vivida e no pensada. Formulada o informe, la diferencia no puede reducirse a representaciones vanalizadas: la originalidad, la diversidad, la variedad, la distinción, etc.

El concepto de la diferencia, desde el momento em qu deja de ser abstrato (lógico o filosófico), permite reconsiderar todo lo que condujo a él. El recorrido entero se percibe de uma manera diferente y toma outro sentido”.

(...) o plano do lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de auteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo – lhe sentido. É assim, por exemplo, que a cidade enquanto articulação de lugares – produz – se e revela –se no plano da vida e do indivíduo, criando identificações. Este plano é aquele do local, que faz da cidade uma mediação entre as ordens próxima e distante, posto que o habitante vive a metrópole de forma fragmentar, na medida em que sua vida se realiza e se define em lugares passíveis de apropriações reais, revelando que trajetos, percursos, ações que se compõem numa articulação dos lugares da metrópole.

Considerando o que diz Carlos é possível dizer que a primeira vista o lugar das (os) tapioqueiras (os) parece constituir – se em um pequeno pedaço de rua, de uma estrada, aparentemente um lugar “qualquer” como tantos encontrados à margem do caminho, uma possível parada para quem por ali transita. Junto com o aroma de tapioca com coco que tomava de conta da rua, a vida acontecia nas misturas de famílias, casas, trabalho e rua como extensão de casa, quase terreiro, apesar dos momentos alternados de intenso fluxo de carro. O terreiro, também uma beira de estrada, sem cercas ou muros, espaço comum, aberto, apto a uma conversa, à queima de um Judas quando a época pedia, ou à queima de uma fogueira de São João para as quadrilhas espontâneas de primas (os) e comadres e compadres.

Por trás da rua chamada de avenida Barão de Aquiraz “morava” um lugar com igrejinha (construção de mutirão) ao meio e casinhas em volta (autoconstrução em família). Deste lado “de dentro”, sem trânsito algum de carros, um povo persistia e alguns ainda persistem no “eterno” resguardo de um lugar que está sempre renascendo. E “parecia” ser tudo como via Drumond de Andrade (1979 p. 11):

Casas entre bananeiras
Mulheres entre laranjeiras
Pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Na viela paralela à “avenida” Barão de Aquiraz, nos fundos correspondentes às casas de tapiocas e residências de tapioqueiras (os), a vida parecia passar ao longe, distante da turbulência dos carros que, do lado de fora, na rua, ou “avenida”, multiplicavam - se. Mas, as (os) tapioqueiras (os) continuavam ali, e apesar das perdas, sabiam tirar algum proveito sem perderem o próprio rumo, como quem procura se beneficiar ouvindo o som da banda que passa, mas não entra de todo nela, e suspeita dos seus perigos. Até o dia em que a banda lhe invade a casa ferindo os tímpanos e ocupando o espaço.

No bairro Paupina, por um outro ângulo, a “cidade” multifacetada se mostra também nas iniciativas comuns a muitos lugares e comunidades que ainda persistem como o irredutível, algo que não morre, como unir forças e partilhar o trabalho e o que tem para construir uma capela, ou igreja, como narra Da. Socorro:

“ - A igreja foi construída com a participação da comunidade, na construção era homem e mulher. As mulheres carregavam massa, botavam água e os homens iam carregando tijolo, fazendo massa, levantando parede, almoçava todo mundo junto. Faziam até quentinha dia de domingo, alguns iam deixar, outros vinham buscar, e outros almoçavam na própria igreja. Davam tapioca aos caçambeiros e em agradecimento eles traziam entulho para o aterro da igreja. Nas caminhadas e nas festas das missões, agente costumava fazer um café da manhã com a participação também dos homens. Em natal agente sai da Paupina e vai para festa da padroeira em Messejana. Por aqui... tempo desse houve um casamento comunitário com mais de vinte (20) noivos. Sabe esse lugar era de índio mesmo, meu avô tinha o apelido de Jiqui, Jiqui é onde prende o gado” (2004).

Talvez a raiz dessa iniciativa esteja adormecida lá mesmo, desde o tempo de Padre Pinto, conhecido pelos índios como “Pai Pinto”, (por mais que os jesuítas tenham contribuído com os colonizadores no processo de desculturização dos índios, ensinando - os uma outra cultura e castigando – os quando achava necessário), quando o referido padre encontrou no lugar que hoje tem o nome de Paupina³⁵ vários potiguaras refugiados, corridos das invasões européias no Rio

³⁵ Messejana constituiu - se em pleno Brasil colônia como uma pequena aldeia potiguara (índios provenientes do Rio Grande do Norte), para mais tarde após a passagem dos Jesuítas, receber a graça de aldeia de São Sebastião da Paupina. O nome da aldeia foi mencionado em documento de 1698. Paupina, como nome indígena, significa lagoa limpa ou descoberta, conforme (Stuart, p.14 apud Ribeiro 1982, p.14). Porém existem comentários que dizem que *Paupina* significa *pau de canoa*. A pequena aldeia indígena recebeu outros potiguaras tempos depois os quais eram acompanhantes da fracassada expedição de Pero Coelho em 1603. (Ribeiro, 1982, p.20). Em 1607 chegam a Messejana Padre Francisco Pinto e Padre Luis Figueira (Jesuítas) (Id. Ibid p.20)

Hoje Paupina, como já foi dito várias vezes, é um bairro do subdistrito e distrito de Messejana.

Grande do Norte, permaneceu ali junto com os índios por longo período, criou vínculos e de certo modo apadrinhou – os e, nos moldes jesuítas, pareceu protegê – los da sanha de outros colonizadores.



Foto 01: Igreja do antigo lugar das tapioqueiras
Foto da autora, apoio técnico Glauênia Peixoto

A herança indígena da Sra. Socorro já não está mais no nome, está na lembrança do apelido do avô, da tapioca que fazia, no jeito acolhedor com que recebe as visitas em casa, como era característica das tribos não afrontadas pelo colonizador. Quem visita a área da casa da Sra. Socorro é realmente considerado com todo o sentido e força que essa palavra possa trazer. É colocado à altura das estrelas, mas, mais que isso, A Sra. Socorro relata a possibilidade de encontro, de partilha, de festa que escapa aos parâmetros da mercadoria, quando a religião abre espaço para o lúdico sem acorrentar as pessoas com preceitos exagerados que acorrentam e aprisionam, mas remetendo a elas, por elas mesmas, a possibilidade talvez de vivenciar experiências de colaboração e solidariedade, uma lembrança dos cristãos primitivos ainda não institucionalizados, que se refugiavam nas catacumbas.

Os carros que paravam nas portas das casas de tapiocas (tapioqueiras), às vezes aceleravam o ritmo de quem ali trabalhava, mas sempre sobrava um tempo

para a conversa mais demorada com o freguês, sem tanta pressa, aproveitando a sombra das mangueiras. O corpo do turista, ou do veranista logo relaxava, dava vontade de saber da vida das (os) tapioqueiras (os) e as palavras iam sendo tecidas de lá e de cá sem querer terminar. Sabia – se logo que dali em diante aquele seria um freguês assíduo e um provável amigo. Mais alguns reencontros e era então quebrada a fronteira entre tapiqueira (o) e freguês, era o início de uma amizade. Conta uma tapiqueira que o cantor Tim Maia, ao passar por ali, não resistiu, pediu que armassem uma rede embaixo das mangueiras e dormiu após comer tapioca. Isto pode ser considerado um flagrante do favorecimento do lugar ao espontâneo, ao informal, ao escape às estruturas rígidas. É possível que em um lugar mais formal o comportamento de Tim Maia fosse considerado excêntrico, mas lá foi considerado “natural”, já que um ou outro freguês que pedisse o mesmo não deixaria de ser atendido.

É possível afirmar que quando o trabalho das (os) tapioqueiras (os) era mais livre de tantos “determinantes exteriores”, em muitos momentos era também festa, haja vista as muitas horas de conversa jogada fora com os fregueses que se tornaram amigos.

A produção da tapioca no seu lugar original (fotos: 2,3,4,5,6,7,10,11,12,13 e 14) conserva-se de forma espontânea. Aliás, o termo tapioca, em idioma indígena, significa pão de casa (tradução livre corrente da cultura popular), e fazendo jus ao significado do termo permanece a produção familiar da tapioca, onde os membros revezam-se entre si alternando com as atividades de casa. Maria José, tapiqueira e filha de tapiqueiro, referindo - se ao lugar das tapiqueiras comenta: - *“Antigamente era taipa e forquilha, cobertura de palha. A gente vendia as tapiocas em Fortaleza... a estrada era carroçável, o transporte era o jumento”* (11/2003).

ANTIGAS TAPIQUEIRAS



Foto – 02: Visão panorâmica da avenida Barão de Aquiraz (trecho atualmente desolado, onde estão localizadas as (os) antigas (os) tapioqueiras (os)).



Foto – 03: Residência de uma tapiqueira



Foto – 04: Tapiqueira posicionada em sua casa de produção familiar de tapioca com residência aos fundos.



Foto 05: Casa de produção de tapioca São Rafael (uma das pioneiras)

As (os) tapiqueiras (os) e seus familiares trabalhavam – e os que restam ainda trabalham – em uma puxada³⁶, espécie de alpendre constituindo uma extensão da casa. Em geral, essa puxada, de início coberta de palha, atualmente de telha, é dotada de forno a lenha, pia, mesas e cadeiras compondo um mobiliário rústico e simples. No conjunto, o espaço das (os) tapiqueiras (os) formava uma

³⁶ Puxada, segundo o dicionário Aurélio, é uma construção que prolonga o corpo central da casa. Esse tipo de espaço comum nas casas pobres do Ceará, é em geral utilizado para as mais diversas atividades, sobretudo pequenos comércios.

paisagem típica encontrada em alguns recantos do nordeste e, em particular, do Ceará. O cearense que parava naquele lugar parecia sentir-se mais à vontade e o turista descobria a singularidade do lugar calcada em valores como cordialidade e simplicidade no atendimento, conforme depoimentos coletados em entrevistas e reportagens em jornais locais (anexos IX e X).

Apesar de hoje ser comum a produção e venda da tapioca em quase todo Brasil, afinal este país já foi um país de índios, fazer tapiocas na Paupina tem lá os seus mistérios, é coisa séria, coisa de vida. Esse pão de casa não se faz só com as mãos, *“os (as) tapioqueiros (as) têm o corpo cozido nos fornos de barro”* como disse o Sr. Raimundo (Pelé), que comenta ainda:

“- É preciso acordar cedinho, de madrugada. Primeiro se rala o coco, depois molha - se a goma no ponto certo para dar tapioca boa. Mistura - se o coco a goma, coloca - se na forminha de” flandres “e finalmente leva - se ao forno. Parece simples à primeira vista, mas para dar o ponto de boa liga, sabor e sal, não é para todo mundo não, tem seus “segredos”. Para comer basta uma xícara de café e derramar um pouquinho de leite de coco em cima. E se for de “madrugadinha” com os amigos, ou de “noitinha”, aí ainda é mais gostosa a tapioca.”

As (os) tapioqueiras (os) além da tapioca fazem o pé - de - moleque, o grude (uma espécie de bolo parecido com o gosto da tapioca), o bolo de macacheira, de carimã, de milho e de batata que também são tradição na culinária cearense e nordestina de um modo geral. Mas o forte é mesmo a tapioca.

No que tange à organização do lugar, existiam entre as (os) tapioqueiras, (os) de acordo com o Sr. Francisco José, seis famílias. Entretanto, os casamentos entre membros de uma mesma família e de famílias diferentes contribuíram para o estreitamento dos parentescos. Algumas famílias são descendentes dos potiguaras, e há muito, já faziam tapioca por ali, enquanto outras têm pouco tempo no lugar, cerca de vinte e cinco anos. As misturas de famílias criaram laços e às vezes pequenos conflitos, porém nada capaz de abalar ou desfazer a “comunidade”, e, nesse sentido, o lugar.

A estreita convivência entre vizinhos criava uma rede de proteção espontânea ao lugar onde as casas não tinham as fronteiras dos muros. O terreiro e

quintal de um, misturava –se ao quintal do outro. Com o novo Centro algumas (uns) tapioqueiras (os) começaram a ir morar em outras ruas mais distantes do núcleo original de parentescos, quebrando desde aí a rede de proteção anterior, sinalizada no levante de um primeiro muro a frente da casa de um (a) tapioqueiro (a).

Tapioqueiros (as) e casa de produção de tapiocas:



Foto 06: Antigo tapioqueiro



Foto 07: Tapioqueiro com menino



Foto 08: Casal de ex. – tapioqueiros (marido in memoriun) a frente de uma das raras Mercearias do lugar.



Fotos 09 e 10: Casas de produção de tapiocas

Fotos da autora com apoio técnico de Gladênia Peixoto.



Foto 11: Rua da capela por trás das casas de produção de tapiocas



Foto 12: Casa de produção de tapioca Santa Cecília



Foto 13 : Casa de produção de tapioca Santa Cecília (em outro momento)



Foto 14: Casa de produção de tapioca São Pedro

O quadro que se segue dá uma idéia aproximada dos parentescos entre alguns (as) tapioqueiros (as), pelo menos aqueles (as) que ainda permanecem no antigo espaço:

Quadro – 1:

| PARENTESCO ENTRE TAPIOQUEIRAS (OS) NO ANTIGO ESPAÇO | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|-----------------------|---|----------------------------|---------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|-----------------------|---------------------------------|---------------------------------|------------------|---------------------------------|---------------------------------|--------------------------------------|-----------------------|---------------------------------|--------------------------------------|---|
| T P I O Q U E I R A S (O S) | J Ú L I O | F R A N C I S C O | M A N O E L | Z E N A I D E | B E T I N H A | S O C O R R O | N E U M A | E R N A N D E | S O C O R R O | J O S É | J O Ã Z I T O | Z E N A I D E | R E N E Z I T O | O S C A R | S O C O R R O | T A R C I S I O | TAPIOQUEIRAS (OS) E CASAS DE TAPIOCA |
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | | |
| | | <u>P</u> | | | <u>P</u> | <u>P</u> | | | | | | | | | | | 1.JÚLIO - SÃO RAFAEL (continua) |
| <u>2</u> | <u>P</u> | | <u>C</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | | | | | | | | | | | 2.Sr.FRANCISCO-SÃO FRANCISCO (continua só nos finais de semana) |
| <u>3</u> | | <u>C</u> | | <u>P</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | | | | | | | | | | | 3.Sr.MANOEL(desistiu)-SANTA CECÍLIA(desistiu,atualmente está com o neto nos finais de semana) |
| <u>4</u> | | <u>P</u> | <u>P</u> | | <u>P</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | | | | | <u>P</u> | | | | | 4.Sra. ZENAIDE-T.SÃO PEDRO (após 6 meses parada, voltou a funcionar) |
| <u>5</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | | | | | | | | | | 5. Sra.BETINHA – T. da CHICHICA(há muito desistiu) |
| <u>6</u> | | <u>P</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | | <u>P</u> | | | | | <u>P</u> | | | | | 6. Sra. SOCORRO (desistiu) |
| <u>7</u> | | <u>P</u> | | <u>P</u> | <u>P</u> | <u>P</u> | | | | | | | | | | | 7.Sra. NEUMA – T. NEUMA (CONTINUA) |
| <u>8</u> | | | | | | | | | <u>P</u> | | <u>P</u> | | | | | <u>P</u> | 8.Sra. ELIZA(atualmente ERNANDES) |
| <u>9</u> | | | | | | | | <u>P</u> | | | <u>T</u> | | | | | <u>T</u> | 9.Sra.SOCORRO GADELHA-3 IRMÃS |
| <u>10</u> | | | | | | | | | | | | | | | | | 10.Sr. JOSÉ FRANCA (in memórium) |
| <u>11</u> | | | | | | | | <u>P</u> | <u>S</u> | | | | | | | <u>I</u> | 11. Sr.JOÃOZITO – T. DA XUXA(continua, antes era do irmão) |
| <u>12</u> | | | | | | | | | | | | | | | | | 12. Sra ZENAIDE-T. SÃO JOSÉ (desistiu) |
| <u>13</u> | | | | | | | | | | | | | | | | | 13 Sr.RENEZITO-T.GOSTO QUENTE-(continua só nos finais de semanas) |
| <u>14</u> | | <u>I</u> | | | | | | | | | | | | | | | 14.Sr. OSCAR (mudou para estrada do fio) |
| <u>15</u> | | | | | | | | | | | | | | | | | 15. Sra. SOCORRO (há muito fechou) |
| <u>16</u> | | | | | | | | <u>P</u> | | | | | | | | | 16. Sr. TARCÍSIO (não tem mais a antiga banca está no Centro das T.) |

Fonte: pesquisa direta

Legenda com as abreviaturas do quadro de parentescos: **M**=mãe; **P**=primo (a); **P***=pai; **T**=tio (a); **S**=sobrinho; **P**=parente de segundo e terceiro grau e distante; **S**=sogra; **I**=irmão; **G**=genro; **N** = nora; **F**=filho (a); **C**=cunhada (o);

Com base no quadro acima é possível dizer que continuam sendo comuns os casamentos entre os (as) filhos (as), netos (as), sobrinhos (as), primas (os) de tapioqueiros (as), mesmo nas novas gerações mais recentes. As famílias que foram para o Centro das Tapiocas continuam realizando os cruzamentos de parentescos.

O fato da produção e venda estar conjugada a casa facilita a vida familiar, ou seja, as pessoas realizam as tarefas domésticas e o trabalho de produção e venda da tapioca. Apesar da participação dos homens, são as mulheres que mais se sobrecarregam; Isto porque além das atividades domésticas ainda revezam – se nas produções de tapiocas, bolos e doces.

Antes da “nova” estrada, no antigo espaço, estas famílias gozavam de uma certa autonomia em relação à produção e venda da tapioca, portanto, em relação ao seu trabalho, ao seu tempo de vida. Eram beneficiadas pelos fluxos dos veranistas e dos grupos que alugavam coletivos para passar o dia nas praias, principalmente a maioria de consumidores locais e dos turistas, que geralmente ali passavam em direção ao litoral e costumavam parar no início da manhã, ou no final da tarde para comer tapioca com café e leite de coco. Até então, os turistas não chegavam a intervir, influenciando tão radicalmente na forma de produção e venda da tapioca e na prática cultural tradicional de vida das tapioqueiras (os), como será visto em outro item deste trabalho.

Apesar de oficialmente fazer parte de Fortaleza, as (os) tapioqueiras (os) de Messejana vivenciavam de certo modo, uma temporalidade diversa da metrópole devido ao valor de uso enquanto qualitativo de sua atividade (produção familiar da tapioca) e de tempo de vida no trabalho, o que implicava num maior grau de apropriação. Donas (os) do tempo do seu trabalho, que mesmo estando inseridas (os) em uma sociedade capitalista, gozavam de um certo grau de liberdade. Além disso, como já foi dito, havia uma certa comodidade por revezarem - se entre a atividade da tapioca e as atividades domésticas mesmo quando iniciavam o trabalho às quatro, ou às cinco horas da manhã e o encerravam entre dezessete e vinte horas, mantinham vínculos com os fregueses e, ao que parece, não havia a corrida acirrada da concorrência.

A “produção familiar”, o ritmo da vida das (os) tapioqueiras (os) davam o tom de uma atividade específica (a produção e venda da tapioca) conferindo, mesmo que a nível micro, sua especificidade cultural local. Portanto, esse ritmo de trabalho e maneira de organização da vida, decorrente das especificidades culturais,

caracterizava a convivência, reprodução e produção material e espiritual das (os) tapioqueiras (os).

Um outro momento do cotidiano das (os) tapioqueiras (os) vai sendo aos poucos descortinado, através de algumas falas, entre o dito e o não dito, deixam escapar a nova situação das pressões impostas.

Portanto, as vozes do lugar não restam perdidas. E para falar do lugar nada melhor do que escutar aqueles que o fazem. Para dar continuidade à compreensão da situação do lugar das (os) antigas (os) tapioqueiras (os) um pouco antes e logo depois do desvio e duplicação da CE – 040, destacam – se ainda, alguns trechos das falas³⁷.

Conforme o Sr. Manuel, a (...) *“tapioca era o trabalho, o lugar, a vida”*. Tudo que tem, casa, sustento e escolarização dos filhos segundo ele, foram custeados com seu trabalho nesta atividade. E ainda complementa que na atual situação as coisas se inverteram, os filhos é que agora o ajudam no sustento da família. Antes todos trabalhavam juntos: avós, pais, filhos, netos, genros, noras, sobrinhos (as). Em 1958 o Sr. Manuel vendia tapioca na Conde D’Eu, Mercado São Sebastião, Mercado dos Peões (onde o sr. Raimundo, conhecido por Pelé, vendeu desde 1961 até recentemente)³⁸

A matéria prima para a feitura da tapioca se resumia apenas na goma, no coco, água e sal, como já fizemos referência. A goma (fécula de mandioca), que anteriormente era produzida nas farinhadas locais e também em outras mais distantes não tem mais essa origem, já que atualmente boa parte da goma utilizada é industrializada, como comentou uma tapiqueira: - *“No princípio a goma era*

³⁷ Procura – se nesse trabalho manter os trechos citados das falas dos diversos atores sociais na íntegra, inclusive, até, no emprego do português.

³⁸ Antigamente as cargas de tapiocas eram levadas nos comboios de animais com caçoás (espécie de mala que era pendurada nas costas dos animais).Esses carregamentos partiam de madrugada, percorriam a cidade chegando ao seu destino ao sol nascer. Depois com o aumento dos fluxos de carros em meados da década de 1960, e início da década de 1970, mais ou menos, alguns (mas) tapiqueiros (as) foram deixando de ir vender tapioca nos mercados e feiras, enquanto outros ainda continuam até hoje como é o caso da Sra. Ivone Amorim (nas feiras) e do Sr.João (no mercado São Sebastião).

retirada das farinhadas... os mais antigos foram deixando de fazer farinha³⁹ na proporção que foram vendendo as terras” (Sra. Maria José, novembro de 2003)

O Sr. Chico Franca era tapioqueiro e tinha também uma farinha. Para alguns (mas) tapioqueiros (as) a época da farinha era uma festa, apesar do trabalho duro, havia muita animação e fartura, muita conversa, cantorias, todo mundo que ajudava tinha a sua parte. O fato de a farinha ser muito esperada, porque significava encontro e fartura, caracterizava um possível grau de apropriação e, nesse aspecto, a verdadeira festa.

Segundo o Sr. Manuel, antes do desvio e duplicação da “nova” CE -040, os fornecedores da goma grossa (feita ainda em farinha) traziam – na de Itapipoca; o coco utilizado era comprado em Eusébio, como também em outras localidades não indicadas. O fornecimento era feito através de vendedores ambulantes; já a lenha era, em grande parte, originária de restos de construção, fato que ainda hoje permanece. O filho do Sr. Manuel dá continuidade à conversa comparando a situação anterior com as transformações sofridas pelo lugar após as intervenções realizadas pelo Estado:

“- Ali, onde antes era uma tapiqueira hoje é oficina, outra mudou para a estrada do fio, outra simplesmente fechou e outras continuam. Antes da estrada agente chegava a molhar cento e vinte (120) quilos de goma grossa num mesmo dia. Um Kg de goma dava par fazer de oito (8) a dez (10) tapiocas tradicionais; Uma saca de goma de sessenta quilos dava para fazer de quatrocentos e oitenta (480) a quinhentas (500) tapiocas; Hoje se molhar 10 quilos de goma corre o risco de perder. A vida para as (os) antigas (os) tapiqueiras (os) piorou bastante. Antes, um trabalhava dois

³⁹ Messejana no passado teve muitas farinhadas, uma ou outra ainda resiste ao tempo e permanece até hoje, mas não usando a força de bois. No passado, quando Messejana ainda era município, conforme Ribeiro (1982, p. 68 – 69) a farinha de mandioca “(...) era tanto dos grandes como dos pequenos proprietários rurais, dos reideiros, cobrindo todo o município. Significava trabalho e fartura para todos, ricos e pobres, guardadas as devidas proporções. Nos sítios ao lado dos engenhos por toda parte havia casas de farinha a funcionar – como ainda hoje a maioria – em seu primitivismo e rudeza.

As casas de farinha eram amplos galpões apoiados em colunas de alvenaria, de telhado descaído para os laterais, completamente abertos. Destinavam – se ao beneficiamento da mandioca pela retirada da casca, trituração, espremedura da massa, extração da goma, peneiramento da massa e sua conversão em farinha. Desta palavra derivou farinha – operação, movimento. O vulgo, entretanto, se encarregou de criar o termo **desmancha** como sinônimo.

As farinhadas, como eram aguardadas! Chegavam em fins d’água, Isto é, a partir do mês de julho e demoravam em média dois meses para os grandes proprietários e duas semanas para os pequenos. Tão logo se aproximavam, os preparativos começavam.

Os preparativos consistiam na limpeza geral da casa (varrição, espanamento lavagem); limpeza esmerada dos paio e do forno; lavagem dos cochos; lubrificação dos eixos (caititu, prensa, roda); encostamento de lenha ao pé da fornalha. Vinham depois os reparos nos apetrechos utilizados no transporte de cargas, o recolhimento ao curral dos animais necessários e, finalmente, o contrato do pessoal destinado aos diversos setores e tarefas.

dias, outro no final de semana, de acordo com a necessidade que tinha pedia ao avô (João Inácio), e trabalhava para pagar as necessidades” (Sr. Francisco José de Souza (Tico) 2004).”

A espontaneidade que era comum ao trabalho em família e a vida das (os) tapioqueiras (os) denotava uma certa tranqüilidade com relação à renda, “o ganha pão certo” e ao que tudo indica, pelas falas, não havia corrida atrás de dinheiro há qualquer custo. As (os) tapioqueiras (os) costumavam receber pessoas ilustres, famosas, os mais variados personagens midiáticos, como é possível verificar no comentário de uma delas:- *“Antes, no final de semana, eram duas sacas no sábado e no domingo... paravam de dez (10) ônibus. Passaram por aqui: Noite Ilustrada, Martim da Vila, Renato Aragão, e muitos outros” (Ma. Elizabete (Da.Betinha)).*

Os consumidores, entre os quais artistas conhecidos através da mídia, encantavam - se com a simplicidade e espontaneidade do lugar e acabavam demorando mais do que esperavam. Uma outra tapiqueira se queixa da venda da tapioca que caiu, do preço da goma que subiu e descreve o lugar depois da perda dos fluxos de carros anteriores:

“- Tenho trinta e dois anos de tapiqueira, hoje (depois da estrada) passo o dia todo para tirar vinte ou trinta reais. A saca de goma grossa de sessenta quilos esta cara, custa cento e setenta reais (R\$170, 00). Antes demanchava duas sacas de sessenta quilos e vendia bem. Agora está tudo morto, sem graça, esquisito. Espero agora a aposentadoria e saúde... não espero mais nada da tapioca (Neuma, 2004).”

O que Da. Neuma reclama na verdade é a falta de garantia de renda certa proveniente da produção e venda da tapioca, a qual era obtida antes sem precisar correr atrás, sem perder a visão de casa, dos filhos e dos vizinhos. Apesar da intensidade dos fluxos de carros anteriores, como já foi dito, não atrapalhavam o lugar que se mantinha quieto, sem estresse, tranqüilo na sua intimidade, nos fundos das casas de tapiocas com as residências e a viela, de modo a manter até certo ponto a vida doméstica, a “privacidade” protegida (praticamente comunitária) das (os) tapioqueiras (os) e preservada das agitações dos automóveis. Hoje a diminuição e ausência desses fluxos, principalmente e em especial dos transportes coletivos, os ônibus, representa incerteza quanto ao futuro, instabilidade, tensão como será discutido mais a frente.

O trabalho partilhado e executado como manda a tradição, acabava encontrando resistência no gosto do turista que sempre intervinha, sugerindo o que era comum ao seu paladar, um outro tipo de tapioca como expressou o tapioqueiro:

“- Quando tinha muito movimento dividia o trabalho, mas quando o movimento era pouco todo mundo fazia de tudo. Os turistas eram mais exigentes queriam tapiocas finas, ficam perguntando come é, o que é este lugar das (os) tapioqueiras (os). Apesar de tudo, acho o lugar bom, calmo, trabalho por conta própria, sem “zuada” no “pé do ouvido”, faço meus próprios horários. Não tem nada ruim. Mas se voltasse o antigo movimento era bom (J. Joãozito, 2004).”

É interessante destacar que a preferência do turista (pelo menos do brasileiro) é mais para a receita de tapioca que de certo modo se nacionalizou, isto é, a tapioca de goma água e sal. Já o consumidor local, o fortalezense, tinha o hábito de consumir pelo menos nas tapioqueiras, a tapioca grossa, tradicional, com coco. Entretanto, as novas receitas vão se impondo e passam “a ser regra” como ocorre hoje no Centro das Tapiocas, onde as tapiocas mais vendidas são as recheadas que, aliás, são bem mais caras. O comentário seguinte de uma tapioqueira reafirma a “preferência” do turista pela tapioca fina e a espontaneidade e “soltura” do lugar que vai escapando em cada fala:

“- Ser tapioqueira é muito bom, é divertido. O que era bom aqui eram os parentes, os fregueses, a animação, conversa com um, conversa com outro, prosa, brincadeira. Antes da avenida vendia - se muito, pagava - se tudo e ainda sobrava dinheiro. Os turistas às vezes estranhavam as tapiocas e preferiam as finas. Existem fregueses do tempo da minha mãe, um ou outro ainda passa por aqui. Lembro só de uma coisa ruim o atropelamento do meu avô (Socorro Gadelha,2004).”

Apesar de comum a todos que lá vivem, no lugar das (os) tapioqueiras (os), cada uma (um) destas (es) tinha sempre algo mais a acrescentar, um detalhe que fosse, acabava expondo as diferenças entre um (a) e outro (a), o olhar de cada um. Os ritmos de trabalho eram diferenciados conforme as famílias, por isso era comum algumas (uns) venderem um pouco mais, e outras (os), um pouco menos, porém nada discrepante capaz de gerar grandes desigualdades como se observa hoje no Centro das Tapiocas e é mostrado no segundo capítulo. Recorre – se aqui novamente ao que diz um tapioqueiro:

“- Agente dividia o trabalho em família, mas todos sabiam fazer tudo. Eram duas sacas de goma no final de semana, mais ou menos 700 tapiocas. Hoje (2003 - início de 2004)⁴⁰, na semana, vende - se cinco (5) tapiocas por dia, e vinte (20) tapiocas, ou trinta (30), mais ou menos, no final de semana a setenta centavos cada uma. Eu tinha fregueses antigos. Os turistas que não sabiam o que era tapioca, beliscavam igual a papagaio, perguntavam o que era, se gostavam comiam. Se não gostavam deixavam lá e iam embora. O turista dava mais resultado quando chegava de muito (de ônibus), o freguês era um pinga –pinga (Renezito,2004).”

Pela descrição do comportamento do turista feita pelo tapioqueiro acima, com o estranhamento da tapioca, percebe – se que se trata provavelmente de um turista estrangeiro, já que praticamente todo brasileiro conhece tapioca. E isto mostra que a tapioca ainda não foi mundializada como a pizza (de origem chinesa e difundida mundialmente a partir da Itália e, atualmente, através de diversas cadeias de *fast foods* de nacionalidades diferentes distribuídas em todo planeta) assim como o sanduíche americano.

As (os) tapioqueiras (os) ambulantes da Paupina que ainda vendem nas feiras e mercados _ uma herança das (os) mais antigas (os) - já são bem poucas (o que já foi dito antes), quase não se vê mais. Agora proliferam por toda a cidade pessoas vendendo tapioca nos shoppings e em vários lugares. A esposa de um tapioqueiro relata sobre o trabalho e trajeto do marido e filhos:

“- Meu sogro vendia no mercado São Sebastião, onde vende o João, meu marido, até hoje. De madrugada eles saem (marido e filhos) para o São Sebastião, vendem o que dá e a tapioca que sobra vendem ou trocam por outros produtos (carne ou peixe). Meu marido tem setenta anos (70), nasceu vendo e fazendo tapioca (Maria Barbosa, 2004).”

As palavras de dona Maria Barbosa são complementadas pela fala do marido, Sr. João quando diz:

“- Desde os doze (12) anos faço tapioca, eu ia com meu pai. Perdi tempo na escola, mas não aprendi nada. Acho que agora é melhor é só dia de sábado. No tempo do meu pai ele ia da Paupina para o mercado central, para o Mucuripe, para o mercado modelo... saia antes da meia noite nos animais com os caços não tinha perigo pelos caminhos. Hoje é o carro que leva as tapiocas. O trabalho ainda é todo em família. Os meus filhos vendem 300 ou 400 tapiocas no São Sebastião e me entregam o dinheiro e eu administro. Antigamente aqui era animado, se juntava todo mundo para as quadrilhas. Hoje tem muita violência no mundo, mas aqui no canto das

⁴⁰ Atualmente (2005) houve uma pequeníssima mudança, como será mostrado na próxima tabela.

tapioqueiras ainda é calmo... sofro de erisipela...e sinto muita saudade da minha saúde (João 2004).”

O Senhor João, tapioqueiro e morador nas proximidades da rua onde se concentram as (os) tapioqueiras (os), à margem da velha rodovia, não foi atingido pelo desvio da estrada, já que sempre vendeu tapioca no mercado São Sebastião em Fortaleza. Esse senhor, manteve assim a tradição dos seus antepassados, vendendo o seu produto fora do lugar da sua produção. Porém, reconhece que aos poucos vem perdendo espaço pela queda das vendas, devido à multiplicação de vendedores de tapiocas por toda cidade.

O Senhor Raimundo (o Pelé), é um outro exemplo de tapioqueiro e até já perdeu a banca e a venda de tapioca no Mercado. Ele herdou do seu tio uma banca no Mercado dos Peões, onde trabalhava todos os domingos. Com as modificações feitas naquela área, ele perdeu seu ponto de venda e comenta a respeito:

“ - Tapioca é luta, os tapioqueiros morrem cozidos”. Depois dos artesanatos caíram as vendas, também porque hoje é forno por todo canto. Hoje o apurado é R\$ 150,00...R\$ 120,00. Os fregueses antigos eram amigos e os colegas de banca eram gente boa, muitos morreram. Todo domingo ia levava em animal, levando na chuva, era animado. As feiras estão caindo. Lá no mercado velho vendia tudo, hoje não vende nada. Os mercados tradicionais estão acabando, arrancaram da mão do povo. Dei baixa no fomento. Cheguei de Cascavel com sete (7) anos, desde de sessenta e um (1961) que faço tapioca e vendo no mercado⁴¹ e ainda tiro folha de coaçu para forrar as tapiocas, aprendi com o tio Jorge (2004).”

Do que diz o Sr. Raimundo (Pelé), entre um “resmungo”, uma brincadeira e outra, percebe – se que ele deixa escapar a desapropriação crescente provocada pelo processo de modernização que ao racionalizar demasiadamente os lugares da cidade, estereliza – os, esvaziando – os, e expulsando os principais atores que os fundaram, os quais não conseguem se enquadrar nos novos “parâmetros”.

Às vezes as conversas se misturavam e tomavam um rumo mais distanciado do eixo da pesquisa, mas era importante deixá - las fluírem, é assim que acontece com o cotidiano ainda não tão programado, com o vivido, com o lugar. Era curioso como espontaneamente a questão dos estereótipos de gêneros, como de etnia (mais sutilmente) acabavam quase sempre aparecendo nas falas das (os)

⁴¹ O Sr. Raimundo deixou de vender tapioca no Mercado dos Peões em abril de 2005.

tapioqueiras (os), independente de serem solicitadas, ou não. A persistência desse fato fez com que esse trabalho, pelo menos no que se refere a alguns relatos, refletisse, ainda que de maneira muito breve, um pouco sobre o assunto. Destaca – se aqui um primeiro momento da conversa sobre os estereótipos de gênero através do relato de uma tapioqueira sobre a relação com o ex – marido, os filhos e com o seu avô:

“Uma boa mulher tem que saber levar a vida com filhos e marido e com problemas. O meu arranhou outra e me deixou. Criei meus filhos dando as tarefas mais pesadas para os homens, mas eu não cobrava deles os serviços de casa, isso era para as filhas. Sabe esse lugar era de índio mesmo, meu avô tinha o apelido de Jiqui, Jiqui é onde prende o gado (Da. Maria do Socorro 2004).”

As (os) tapioqueiras (os) sofrem pressões que permanecem pelos estereótipos, tanto aquelas que passam a cobrar e a ter expectativas estereotipadas das outras, de si próprias e dos homens, como destes últimos sobre si mesmos, os outros e sobre as mulheres de uma forma geral são, portanto, capturadas e acentuadas pela publicidade, pela mercadoria.

Embora a questão de gênero não seja o objeto de estudo desse trabalho, convém destacar que se considera pertinente sua abordagem, já que é algo tão presente nas representações das tapioqueiras, manifestando – se quase sempre nas conversas sobre relações de parentesco e de trabalho. Uma tapioqueira manifesta –se a respeito dizendo:

“ – os homens estão muito cruéis, mas as mulheres dão muito em cima deles. As meninas de doze (12) anos ficam de bucho pela desobediência. A própria mulher está fazendo com que o homem não queira compromisso, já que as mulheres vêm com facilidade. Há mais fidelidade de um homem com o outro do que de uma mulher com outra mulher. O homem é diferente, a não ser que a mulher insista muito é que ele vai ficar com ela. Mas a mulher é muito discriminada em todos os setores, eu mesma sou discriminada, já sofri preconceito só porque tenho um bar e o meu marido me dá liberdade para trabalhar no bar. No trânsito e na TV a mulher é muito discriminada (Sra. Irismar, 2004).”

Essa é uma situação que, guardadas suas especificidades, atinge homens e mulheres e a mídia, através da TV principalmente, não hesita em propalá – la. E, em se tratando dos gêneros (masculino e feminino), resulta muitas vezes numa

feminilidade⁴² e numa **masculinidade** fabricadas onde o feminino, e o masculino também são capturados para o consumo de mercadorias.

Porém, é importante lembrar que nessa armadilha não caem só as mulheres, os homens tanto quanto as mulheres estão presos a essa mesma teia e armação, ou “armadura” invisível imposta pela mercadoria com sua publicidade e consumo. Provavelmente de um modo mais sutil, afinal a hegemonia dos estereótipos masculinos ainda é muito freqüente nas práticas sociais da atual sociedade, por mais tacanho e anacrônico que o preconceito machista possa parecer, basta olhar no mundo todo (em alguns lugares mais, noutros menos) as estatísticas que apontam tratamentos desiguais e injustos que favorecem os homens em detrimento das mulheres.

Talvez de um modo diferenciado, mas nem por isso menos importante, a Masculinidade tanto quanto a Feminilidade fabricadas para o consumo constituem-se em “campos cegos” (expressão usada por Lefebvre (2004, p.33)), portanto “cegante” e “cegado”. Essa submersão a cotidianidade, a modernidade pela publicidade em função do consumo da mercadoria, constitui - se nas formas de pressão mais perversas desapropriando homens e mulheres de seus corpos, tempo, espaço e desejo. As mistificações da mercadoria reificadas na “realidade”, fabricam e programam o homem e a mulher. E estes se esvaziam, perdendo em conteúdo e como masculinidade e feminilidade fabricadas, fragmentam-se. A Sra. Socorro (2004) retoma a conversa: “- *Por falar em discriminação, eu acho que todo mundo é igual independente de cor, mas um neto meu sofreu discriminação. Há discriminação entre as (os) tapioqueiras (os)*”

⁴² Sobre a **feminilidade** relacionada ao ato de consumir Lefebvre (1991, p.184-185) afirma: “O ato de consumir perde sua monotonia se apresentado não simplesmente a partir do olhar sobre o objeto, não a partir da destruição do objeto pelo consumo, mas a partir do corpo feminino e do que ele evoca. Tomado como significante do ato geral do consumidor, ele promete sair (em aparência) da retórica e da metalinguagem. Ele desvia o olhar e substitui o ato de consumir por um outro ato (uma mulher na verdade não se consome como um objeto). Esse desvio traz um esteticismo consumível inerente ao que se costuma chamar “cultura”. A Feminilidade em geral, estrela de primeira grandeza, brilha no centro de uma constelação de astros particulares entre os quais percebemos a Espontânea, a Natural, A Culta, a Alegre, A Amorosa, em resumo, os papéis que a **Feminilidade** suscita e mantém em seu influxo. São caracteres? Não. Naturezas? Não. São pseudonaturezas, produtos de cultura, isto é, formas puras rodeadas de artifícios.(...) essa **Feminilidade** proíbe às mulheres reais o acesso à sua própria vida: a apropriação da sua vida. Ela subordina a individualidade e as particularidades (diferenças específicas) a generalidades estranhamente traiçoeiras”.

O preconceito, tanto no caso do machismo, como do racismo, atua enquanto forma de pressão nas permanências do cotidiano e está enraizado na cultura sendo facilmente capturado e reforçado pela difusão de mercadorias, mesmo quando o mercado se coloca como defensor dos que sofrem discriminação. De uma maneira ou de outra, as formas estereotipadas acabam aparecendo de modo sutil, por isso mais perigosas. Essa é uma forma de pressão que atinge também as (os) tapioqueiras (os) descartando a falsa idéia de alusão a um possível paraíso perdido, mas que também tem uma espontaneidade e liberdade de vida que vem perdendo e tende a desaparecer a cada intervenção modernizante que sofre. Os comentários das tapioqueiras denunciam o quão forte é ainda a condição estereotipada, portanto, de submissão da mulher, como se verifica no pronunciamento abaixo:

“ - Sou tapioqueira a mais ou menos 15 (quinze) anos. Eu era dona de casa e costureira em Brito e trabalhava na roça. Sinto prazer em trabalhar com tapioca. Gostava de trabalhar na casa de farinha em Brito pela animação. Raspava mandioca, peneirava a massa, tirava a goma. Nas tapioqueiras antigas na Paupina, eu vendia muito a tapioca tradicional, ganhava bem, criei meus filhos. Eu não tinha forno na beira da estrada, tinha dificuldade de atravessar a pista. Eu não tenho divertimento, o meu esposo não me deixa sair, mas foi um costume que eu botei nele. Sempre fui assim. Agora se ele for embora é uma benção, porque agora ele só quer beber. Nunca fui a festa, o meu pai não deixava. Comecei a trabalhar em casa de família com treze (13) anos, do trabalho para casa... se tivesse tempo ia a praia (2004). “

O que parece extrapolar, ferindo qualquer olhar de emancipação, soa coma condição “natural” no senso – comum, na forma de pensar de muitas mulheres e homens que trazem nas mentes os modelos cristalizados de dominação masculina e submissão feminina. Este é o caso dessa tapioqueira da citação acima que leva uma vida de simplicidade, resignação, luta, sacrifícios e autocondenação pelas limitações que sofre, assumindo uma culpa que na verdade não tem. Assim se fez e ainda se faz a vida de muitas tapioqueiras; E a família, enquanto tal, não está isenta dessa situação de pressão, ao contrário, as vezes é até maior pela proximidade e, nesse caso, a instituição familiar pode ser vítima e carrasco de si mesma. É possível detectar a mesma condição no que diz outra tapioqueira:

“Eu tenho muitos anos de tapioqueira. Antes bordava, costurava e era dona de casa. Era caçula e fui criada como uma princesa. Depois que casei me decepcionei, mas por outro lado os meus filhos são bons. Na antiga não tinha nome. Não interessava botar o nome da Xuxa, apesar da Xuxa ter ido lá. Só vendia a tradicional, na semana era uma saca de goma de sessenta

quilos (60 kg) e no final de semana eram duas... duas e meia sacas. No antigo tinha mais liberdade. O filho é o pai da família. Antes eu ficava bordando numa máquina com candieiro e o filho estudava do lado. Todos os filhos terminaram o ensino médio e dois são formados: um é da informática e o outro é gerente de laboratório. Eu morava no bairro Vila União, depois vim para Paupina (em Messejana), tenho o ponto há onze anos, desde oitenta e sete (Lindalva, 2004).”

As falas das tapioqueiras e ex – tapioqueiras citadas acima (Sra. Irismar, Sra. Socorro, Sra. Maria Augusta e Sra. Lindalva) ressaltam as pressões presentes também nas permanências, como foi visto, seja pelos machismos, seja pelos racismos, preconceitos tacanhos, anacrônicos mas que permanecem. Embora se saiba que nada se compara ao estado de insegurança, de “violência”, de terror - muitas vezes não declarado - em que as mudanças abruptas e “determinantes” se instalam e desabam sobre as cabeças, as vidas, o cotidiano, difíceis de serem superadas a favor daqueles que a estas foram submetidos.

Hoje, passado o desespero do “desmonte” da velha estrada e com a acomodação e regularidade dos fluxos de carros embora reduzidos, verifica –se, segundo depoimentos dos (as) tapioqueiros (os), um pequeno e relativo aumento na venda da tapioca no antigo lugar, como poderá ser verificado na tabela n. 2, porém nada que descarte a “gangrena” e nem recupere, mesmo que de longe, os ganhos e a tranqüilidade da renda certa dos anos anteriores quando não havia a nova rodovia e o novo Centro.

Algumas tapioqueiras (os) mais jovens que “assumiram” o novo espaço, o Centro das Tapiocas, comentam sobre o lugar antigo com uma certa nostalgia conforme se pode perceber nas falas seguintes:

“ – Faço tapioca desde os doze anos. Sou filha da Da. Neuma. antigamente era ótimo muito movimentado, agora caiu muito. Agente desmanchava uma saca de sessenta quilos (60) no final de semana e meia saca na semana. Vendia pé-de-moleque, doce de mamão, bolo de carimã, macacheira... vendia só a tapioca tradicional. Ficava perto de casa, era calmo (Rosélia 2004).”

A tapiqueira acima se refere ao antigo lugar como “movimentado”, mas ao mesmo tempo “calmo”. A movimentação dos carros e fregueses não abalava a vida doméstica tranqüila e em comunidade, que embora aberta, mantinha –se

segura e reservada na viela e nos quintais das casas de tapioca, como já foi dito. Outra tapioqueira reclama como tantas outras, da perda dos ônibus de piquenique, comuns no antigo lugar das (os) tapioqueiras (os), e denuncia a quase total ausência destes no novo espaço, o Centro das Tapiocas:

“ – Tem oito anos que faço tapioca. O movimento antes era bom, perto de casa, os ônibus de piquenique no novo espaço quase não têm. Quando vinham o horário era deles, se revezavam. Eu desmanchava uma saca de sessenta quilos no final de semana, outra na semana (Marineusa 2004).”

A ausência dos consumidores que trafegavam nos ônibus de piquenique, também chamados de “*farofeiros*”⁴³, é sentida pelas (os) tapioqueiras (os), uma vez que estes eram fregueses certos e além de grandes apreciadores de tapioca. A fala do senhor Cosmo⁴⁴ ilustra bem o que isso significou ao dizer que: “– *Em mil novecentos e noventa e dois no último dia de férias de julho, eu contei numa tarde setenta e dois ônibus*”. E a Sra. Neuma complementa: “– *Tanto vendia como era enrolado*”, o que significa que além do consumo local a tapioca era também levada para casa, o que aumentava as vendas.

Os ônibus especiais, de piquenique, eram predominantes, com exceção de uns poucos que transportavam turistas. Os ônibus de piquenique transportavam na sua grade maioria pessoas simples, vizinhos, e, ou amigos que se juntavam no bairro, alugavam um ônibus e iam para as praias, prática muito comum entre a população pobre das periferias urbanas. Em geral esses consumidores costumavam encomendar as tapiocas na passagem de ida para praia e na volta eles demoravam – se mais ao consumirem e efetuarem o pagamento do que foi encomendado. Esse procedimento era apreciado pelas (os) tapioqueiras (os) que ficavam com tempo para preparar tudo antecipadamente, porque tinham uma previsão de venda.

⁴³ Pessoas que na verdade fazem a festa, muitos dividem uns com os outros o que levam e o que compram, dançam, jogam futebol, rolam na areia, conversam, etc. No transporte e no lazer coletivo, esses grupos de vizinhança costumam se apresentar com toda espontaneidade, descontraidamente, sem nenhum constrangimento, ou preocupação com qualquer censura. Apresentam – se geralmente como são, sem máscaras, de certo modo desnudos dos artifícios das formalidades. São muitas vezes famílias inteiras que procuram extravasar num único dia, liberando – se das pressões da semana. Juntos se sentem mais fortes e preferem espaços livres, abertos e informais e nesse caso as (os) tapioqueiras (os) eram mais que apropriadas pela descontração sempre acolhedora que tinham.

⁴⁴ Cosmo antes tapioqueiro, agora é vigia do Centro da Tapioca.

O lugar antigo das (os) tapioqueiras (os), como lugar aberto que era, favorecia a frequência de consumidores de todas as classes, os quais recebiam um tratamento informal, espontâneo sem nenhuma distinção e isso acabava atraindo os passageiros dos ônibus de piquenique. A abertura do lugar abrigava também alguns (mas) vendedores (as) ambulantes agregados (as) que aproveitavam a movimentação e a atração exercida pelo consumo da tapioca para vender outras iguarias como podemos ver na fala de Cassimira⁴⁵:

“Não sou tapiqueira, mas sempre morei perto das tapiqueiras. Eu acordava as cinco da manhã, fazia o caldo, vendia empurrando na bicicleta até meio dia. A tarde vendia canjica, pamonha e salada de frutas. E a noite eu vendia churrasco. No antigo espaço para mim era mais difícil, o apurado era só de trinta reais (R\$30,00) por semana. Eu não andava de bicicleta mas empurrava uma para vender (Cassimira 2004).”

No lugar das (os) tapioqueiras (os), a vida se entrecruzava em toda a sua vivacidade. Cada pessoa percebia e vivia o espaço nas suas múltiplas dimensões, de acordo com as relações mantidas. O lugar era rico em variações: morar, trabalhar, divertir – se seja no futebol (peladas), quando havia tempo, ou nas conversas com os fregueses e com os parentes e vizinhos na calçada ao entardecer, ou nas quadrilhas de família, nos festejos do salão, ou ainda, na ida à novena na igreja. O olhar descansava vendo os filhos brincando no terreiro enquanto a goma era molhada, o coco era ralado e misturado á goma, a tapioca era assada e desenformada. A chegada dos ônibus especiais era sempre uma festa. A alegria dos passageiros mexia com as (os) tapioqueiras (os) que corriam e riam ao atendê – los. Os carros passavam velozes, mas a vida das (os) tapioqueiras (os), ao seu modo, mantinha –se ainda em muito dos seus costumes e até contagiava quem por ali chegasse. Da. Zenaide lembra da última grande festa que fez convidando toda comunidade e, entre um soluço e outro, comenta sobre o começo de sua vida com seu Pedro nascido no lugar e sobre o que aconteceu antes e depois do desvio e duplicação da Ce - 040:

“ –Aqui era minha vida...Casei em cinqüenta e três e quando completei cinqüenta anos de casada em dois mil e dois juntei todos os tapiqueiros e fiz uma festa. Comecei fazendo renda, colcha de cama para o mercado e depois tapioca”.

⁴⁵ Ex – vendedora ambulante no lugar das tapioqueiras, atualmente ocupa um box no novo Centro das Tapiocas.

Antes da estrada, tinha semana que vendia cem (100) pé-de-moleque; quinze latas de doce, rosca, cocada eram cem pacotes, bolo de carimã, de milho, de macacheira...mas o forte era mesmo a tapioca. Eu lembro quando a Florinda fez um filme aqui nas tapioqueiras, o nome é Tuiuiu”.

Depois da estrada eu e o Pedro, meu esposo, passamos cinco meses parados e a tapiqueira São Pedro continuou com o irmão, Carlos. Passei uns tempos na praia, numa casa que tenho graças ao dinheiro da tapioca. (Zenaide 2005).”

O que ocorreu no lugar das (os) tapioqueiras (os) depois do desvio e duplicação da estrada aparece como uma situação de perdas para estas (es), não só os (as) que permaneceram. Não só perdas na renda obtida anteriormente, mas de outros elementos, características do vivido no lugar. É importante destacar que mesmo antes do desvio da estrada, com o aumento do turismo, tornou – se comum os jornais e noticiários de TV comentarem sobre as (os) tapioqueiras (os) e até mesmo o cinema, como narrou dona Zenaide a respeito de um filme intitulado Tuiuiu protagonizado por uma conhecida atriz brasileira, Florinda Bulcã, que atua internacionalmente. Não só a tapioca, mas a cultura, o lugar passava a ser consumido. Porém a condição de esterelidade das estratégias do marketing do turismo não atingia de todo o lugar das (os) tapioqueiras (os) que apesar de tudo conseguia se manter.

3.2. A “nova” CE-040 e o rebatimento no lugar: o automóvel, o turismo, e implicações no cotidiano das (os) tapioqueiras (os)⁴⁶

O desvio e duplicação da Ce – 040, como uma intervenção, viabilizada principalmente pelo capital financeiro associado ao capital do Estado, atingindo diretamente o cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os), resultou numa espécie de ruptura, um antes e um depois, desestabilizando o que antes havia. Essa desestabilização que agora atinge o lugar e cotidiano das (os) tapioqueiras (os) é um momento de um processo muito maior que diz respeito ao modo como os espaços (lugares) são invadidos e explodidos pelo processo de “mundialização” e

⁴⁶ Vê nos anexos documentos, publicações e informações a respeito da CE-040.

“globalização”⁴⁷. É necessário estar alerta para a indiferença do modo como se realizam as intervenções técnicas provocando, na maioria das vezes, situações que recaem sobre o lugar e o cotidiano, portanto, das comunidades com aspectos que assumem um caráter desastroso, porém mascarado pelo discurso apologético de atores hegemônicos que se dizem defensores da modernização a qualquer custo. Poucas vezes, ou quase nunca, os interesses das populações atingidas são levados em conta. E em geral é mais uma etapa de “apropriação”⁴⁸ do espaço como negócio.

Assim como acontece com o “turismo” que é uma mercadoria para o consumo e, ao mesmo tempo, um “subsistema fragmentário” que atua como elemento de “possibilitação” e de pressão atuante sobre o espaço das (os) tapioqueiras (os). Nesse sentido, reificam – se todas as mistificações possíveis a partir destes, tanto aquelas provenientes do mundo da mercadoria, como aquelas advindas dos fetichismos da técnica e do Estado com seus planejamentos atrelados ao capital financeiro.

O desvio e duplicação da CE – 040 no trecho Cambeba – Messejana foi concluído em 05 de fevereiro de 2000, no segundo mandato do então governador Tasso Jereissati, e foi financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) com uma participação de 60% dos recursos gastos, enquanto os 40% restantes foram de responsabilidade do poder estadual, conforme informações obtidas através de funcionários do DERT (Departamento de Estradas, Rodagens e Transportes). A reestruturação desse trecho está submetida ao Programa Rodoviário de Integração Social do Estado do Ceará – Ceará II⁴⁹ segundo objetivos⁵⁰

⁴⁷ Chesnais (1996, p.34): “(...) o desaparecimento de certa especificidade dos mercados nacionais e a destruição, para muitos Estados, da possibilidade de levar adiante políticas próprias, não são *consequência mecânica* da globalização, intervindo como processo “externo”, sempre mais coercitivo, impondo a cada país, a seus partidos e a seus governos uma determinada linha de conduta. Sem a intervenção política ativa dos governos Thatcher e Reagan, e também do conjunto dos governos que aceitaram não resistir a eles, e sem a implementação de políticas de desregulamentação, de privatização e de liberalização do comércio, o capital financeiro internacional e os grandes grupos multinacionais não teriam podido destruir tão depressa e tão radicalmente os entraves e freios à liberdade deles de se expandirem à vontade e de explorarem os recursos econômicos, humanos e naturais, onde lhes for conveniente”.

⁴⁸ Nesse caso o sentido de *apropriação* se refere ao ato de se apossar, portanto, não é o mesmo atribuído ao conceito de *apropriação* neste trabalho.

⁴⁹ “O custo total do Programa CEARÁ II é de US\$ 230 milhões, dos quais US\$ 115 milhões são financiados pelo BID, através do Contrato de Empréstimo N. 1.019/0C – BR firmado em 19.12.97 e os US\$ 115 milhões restantes são custeados com recursos do Governo do Estado do Ceará como aporte local. O Programa tem como Co – Financiador, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, através do Contrato de Empréstimo N. 98.2.017.3.1 firmado com o Estado do Ceará. O prazo final de contabilização do Programa é 19.12.2004”.

apresentados em cópia de documento cedida pelo DERT (Departamento de Estradas, Rodagens e Transportes) em 18 de fevereiro de 2005, e constante nos anexos deste trabalho.

No sentido de esboçar mais sobre o contexto de ocorrência das mudanças e permanências do lugar e cotidiano das (os) tapioqueiras (os), adianta – se aqui que não se trata nem de assumir os aplausos daqueles que sem o menor questionamento declaram – se defensores de todas as intervenções e ações modernizantes, nem tampouco de outros que se declaram neoluditas. Trata-se, nesse subitem, de buscar compreender até que ponto uma “obra” de infra – estrutura que possibilitará mais fluidez aos fluxos de carros direcionados ao litoral leste de Fortaleza interfere no lugar e cotidiano das (os) tapioqueiras (os). Quais são as pressões existentes? Qual é o significado do automóvel, que como se sabe não é um simples objeto, possui uma série de mistificações e pressões? Como e quem são os atingidos? É nesse sentido que se busca dar continuidade à reflexão.

A inseparabilidade entre espaço e tempo nos faz crer que o espaço, como resultado da unidade espaço-tempo, é uno e diverso. Uno, através do processo de modernização na busca de totalização e nesse sentido alienante, fetichizante e seletivo, atingindo direta e indiretamente os diferentes lugares no mundo. E diverso, pela diversidade de multiplicidade de espaços – tempos encontrados, gerando muitos recortes espaciais, imbricados, inter-relacionados (territórios, regiões, lugares), em relação com a “mundialização” do espaço reificado a partir da mercadoria em permanente processo de “totalização” e fragmentação sempre em transformação.

Essa técnica “totalizante”, da qual tanto se fala, tem sem dúvida o peso da mão do poder dominante, una e diversa, na inter-relação com os diferentes lugares, jamais será a mesma. Isto porque cada lugar terá sempre uma forma de reação

⁵⁰ “Os objetivos gerais do Programa, fundamentam – se na execução da Duplicação de Rodovias de Acesso a Região Metropolitana de Fortaleza, na Pavimentação de Vias Principais e de acesso aos Municipais, na Reestruturação de Vias Pavimentadas e na Selagem Asfáltica de Rodovias Estaduais, objetivando dotá – las de infra – estrutura viária que permita a integração das regiões norte – sul e leste – oeste do Estado, garantindo o escoamento da produção interna e de matéria – prima para o parque industrial cearense, e facilitando a inter – relação com os Estados vizinhos”. Vê anexos.

própria, o que dá um caráter diverso ao espaço em processo. Mas esse caráter diverso não impede os danos, muitas vezes gerados pelas intervenções técnicas instaladas à revelia das diferentes demandas populacionais locais. Portanto, o rastro da técnica materializada no espaço encarna e marca o tempo. E o tempo instrumentalizado pela técnica demarca e marca o ritmo das transformações espaciais conforme demanda a mercadoria, portanto, o capital.

A complexidade do problema diante das implicações e dos implicados que são as tapioqueiras (os), no processo, demanda ousadia na reflexão e maior aprofundamento sobre o contexto dessas mudanças, além do modo como estas se instalam no cotidiano e no lugar. Portanto, tais mudanças e permanências envolvem questões cruciais de ordem local e mundial. Isto nos leva a recorrer a Carlos (2005, p. 32) ao referir – se à metrópole paulistana, o que pode ser tomado como referência também para esse caso:

(...) o capital financeiro para realizar – se hoje, o faz através do espaço, isto é, produzindo o espaço enquanto exigência da acumulação continuada sob novas modalidades, articuladas ao plano mundial. Mas esse movimento se realiza aprofundando contradições; o processo de reprodução continuada do espaço metropolitano coloca em questão o plano do habitar decorrente das novas exigências de reprodução das frações de capital na metrópole e de uma nova relação entre Estado – espaço. Desse modo, o plano local, figura como nível importante do processo de realização da reprodução social no conjunto do espaço mundial – um movimento que acompanha as modificações do processo de reprodução do capital em suas novas articulações com o plano político. Trata – se, aqui, do modo específico como o Estado atua diretamente no espaço da metrópole, construindo a infra – estrutura necessária e as condições para realização das novas atividades econômicas, pois só ele é capaz de atuar no espaço da cidade através de políticas que criam infra – estrutura necessária para realização desse “novo momento do ciclo econômico”. Por outro lado, só o Estado pode dirigir investimento para determinados lugares na cidade sob o pretexto da necessidade coletiva.

O jogo de interesses que move as ações do Estado no sentido de criar infra – estruturas como as reestruturações da CE – 040, ou de qualquer outra rodovia, está atrelado ao capital financeiro através dos empréstimos realizados ao BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), aos interesses empresariais hegemônicos, e as demandas “mundializadas” como as de lazer e turismo. Portanto, deixam à margem do caminho os verdadeiros interesses das populações locais como é o caso das (os) tapioqueiras (os).

Se em outros tempos os fluxos de automóveis, de veranistas principalmente, foram responsáveis pela fixação da venda da tapioca no lugar onde moram as (os) tapioqueiras (os), agora, novamente, de outro modo, é o automóvel que vai sacudir o lugar destas (es) para “fora”, arremessando – as definitivamente na mundialidade. Sem dúvida nenhuma um ingresso que não teve a escolha opcional das (os) tapioqueiras (os).

O automóvel (visto como mercadoria *suprema*⁵¹), este que viabilizou a fixação da venda da tapioca onde sempre foi produzida, através da sua utilização para o transporte dos fluxos de veranistas, num período em que os fortalezenses se voltam para o lazer nas praias, acabou por contribuir na atualidade para o desmonte da produção familiar em função da expansão de um novo padrão de circulação atrelado ao turismo “mundializado”. Nesse momento o Estado intervém no espaço reestruturando - o através do seu capital e do capital financeiro internacional para dar fluidez aos fluxos direcionados a metrópole, mas também e principalmente para dar fluidez aos fluxos turísticos. No lugar das (os) tapioqueiras (os) o alargamento, ou desvio da estrada, ou as duas coisas, como ocorreu, sempre soou como ameaça ao futuro, o que é possível verificar no que diz uma tapiqueira:

“– Eles iam passar a avenida lá onde moram as tapioqueiras, mas a população do bairro e as tapioqueiras mesmo não gostaram, mas tiveram que chiar, porque com a nova CE foi pior ainda. A única saída foi a construção do shopping (2004).”

Nas palavras dessa tapiqueira, novamente, percebe - se a insegurança, vulnerabilidade e medo frente às mudanças, e a dúvida se seria melhor que a estrada alargada e duplicada passasse em frente das suas casas e vendas de tapiocas, ou não, temendo ainda, antes do desvio da estrada, as dificuldades do período de estagnação durante e depois da sua construção, o que implicaria em recuo e destruição temporária das casas de tapiocas. Com o alargamento e duplicação poderia ocorrer o isolamento devido o sentido dos fluxos, isto porque as casas de tapiocas estavam dispostas de ambos os lados da estrada, o que seria bem possível que uns fossem mais prejudicados do que outros. Nesse caso, antes mesmo das mudanças, as pressões pelas tensões provocadas já eram exercidas.

⁵¹ A palavra *suprema* indica no caso do automóvel o altíssimo grau de mistificação (além da mistificação da troca, portanto a nível econômico principalmente, a mistificação da representação em termos técnicos, culturais políticos e sociais) e de interferência no espaço.

O drama, muitas vezes silencioso, vivido por muitas famílias não diminui a intensidade do conflito, apenas o amordaça. Isto requer da reflexão que se detenha um pouco mais sobre o automóvel como objeto altamente fetichizado que é.

Ressalta – se que não se trata de uma postura neoludita (como já foi dito anteriormente), ou, ao contrário, apologética do automóvel. O que se busca refletir é como o automóvel, voltado para demandas veranistas e turísticas, paradoxalmente enquanto veículo que dentro dos limites e através dos seus fluxos “manteve” (dentro dos limites cabíveis) a permanência do lugar atuou também como instrumento de pressão contribuindo para a desestabilização do lugar das (os) tapioqueiras (os). Daí as implicações contraditórias e paradoxais, ou seja, ao mesmo tempo que “favoreceu” em primeiro momento as (os) tapioqueiras (os), serviu em outro momento para desagregá – las, dispersá –las e desestabilizá – las.

Em nome do automóvel como mercadoria a partir da qual também se reifica o cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os), promove - se uma reviravolta, sobretudo, através da infra – estrutura criada a seu favor e em função do turismo “mundializado” pelo Estado e capital financeiro. Multifacetado que é, o automóvel, prevalece neste a face inerente da reificação a partir do fetiche da mercadoria associado ao fetiche da técnica e requer para sua compreensão e desmistificação uma breve reflexão que busque em parte dar conta de suas faces, ou dimensões. Kurz (1996, p.352) diz que:

A palavra automóvel, de origem grega e latina (“ auto “=“ por si próprio “e” móbilis “=“ móvel “, não por acaso pode reduzir –se a auto. Pois não se trata de uma mera mobilidade no sentido técnico ter se tornado independente de animais de tração e do abastecimento manual dos aquecedores de caldeiras. Antes pelo contrário, o automóvel representa o “auto”, o “por si próprio” mecânico de um tipo humano, que apenas desenvolveu a sua “liberdade individual” para subjugar – la com maior certeza a uma relação mais objetivada e materializada.

Nesse mesmo sentido, Lefebvre (1991, p. 111) já havia dito:

No trânsito automobilístico as pessoas e as coisas se acumulam, se misturam sem se encontrar. É um caso surpreendente de simultaneidade sem troca, ficando cada elemento na sua caixa, cada um bem fechado na sua carapaça. Isso contribui também para devorar a vida urbana e para criar a “psicologia”, ou melhor, a psicose do motorista.

A “simbiose” automóvel e pessoa humana “encarnada” pelos fetiches que compõem o que este representa resulta muitas vezes, numa fábrica de indiferença, individualismo e suposto poder que atomiza ainda mais as pessoas.

Curiosamente, como já pode ser observado no item anterior nas falas das (os) tapioqueiras (os), o que mais se lamenta no antigo espaço e também mesmo no novo, (o Centro das Tapiocas), não é o automóvel em si, mas os ônibus especiais. As (os) tapioqueiras (os) não reclamam tanto a falta dos transportes individuais, mas reivindicam constatemente o retorno dos transportes coletivos.

Lefebvre (1991, p.110 -113) classifica o automóvel como mais um “subsistema fragmentário”⁵² que exerce pressão sobre o cotidiano e refere – se a este como:

(...) a) objeto-Rei, a Coisa-Piloto. (...) Este Objeto por excelência rege múltiplos comportamentos em muitos domínios, da economia ao discurso. O Trânsito entra no meio das funções sociais e se classifica em primeiro lugar, o que resulta na propriedade dos estacionamento, das vias de acesso, do sistema viário adequado. Diante desse” sistema “, a cidade se defende mal. No lugar em que ela existiu, em que ela sobrevive, as pessoas (tecnocratas) estão prestes a demoli-la. Concebe-se o espaço de acordo com as pressões do automóvel. O circular substitui o habitar, e isso na pretensa racionalidade técnica. (...) De fato e na verdade não é a sociedade que o Automóvel conquista e “estrutura” é o *cotidiano*. (...) b) (...) não se reduz a um objeto material dotado de uma tecnicidade, meio e lugar sócio-econômico, portador de exigências e de pressões. (...) dá lugar as hierarquias: a *hierarquia* perceptível e *sensível* (tamanho, potência e preço) e se desdobra numa hierarquia mais complexa e mais sutil, a das *performances*. (...) c) (...) tem uma dupla realidade mais intensa, dotada de uma duplicidade mais forte que os outros: sensível e simbólica, prática e imaginária. (...) d) Esse objeto tem o seu código, o código da estrada.

⁵² Ainda com relação a sistema e “subsistema” Lefebvre (1991, p.108,109) expressa mais detalhadamente: “O sistema ou é único ou não existe. Se há vários sistemas, cada um deles não tem mais que uma existência e uma importância relativas. Nenhum deles pode isolar-se”.

Para que haja subsistemas, é preciso que haja (são condições necessárias):

a) Atos, uma atividade (social) distinta, especificada ou especializada. Objetos que correspondam a uma atividade, isto é, específicos, suscetíveis, por isso de ser organizados, classificados, etiquetados. Situações determinadas pelas relações entre as atividades (sujeitos ou agentes sociais: indivíduos e grupos) e as coisas sensíveis (objetos), o que constitui um conjunto indissociável;

b) Organizações e instituições, estas legalizando aquelas, ao nível do Estado ou de outra instituição opera em cima desse “material”, a organização, que por sua vez, opera em cima da atividade social. Uma burocracia competente, dedicada, logo toma conta da coisa social, dando imediatamente lugar a uma hierarquia (ou a várias hierarquias);

c) Textos (dos quais se pode separar antecipadamente um *corpus*) que garantem a comunicação da atividade, a participação nas medidas que a organizam, a influência e a autoridade das instituições correspondentes. Esses textos podem já constituir um código, mas podem também consistir em documentos, tratados, manuais, guias, imagens ou escritos publicitários dos quais o *corpus* e o código explícitos são extraídos por análise.”

O fetiche da mercadoria está presente em tudo que o mercado capitalista produz e vende, portanto este se generaliza, ocorrendo como foi visto a reificação, e o automóvel adquire *status* de grande “escala”, portanto, este expressa em muito a atual sociedade moderna, “*sociedade burocrática de consumo dirigido*”, para usar os termos de Lefebvre que assim comenta: “O Automóvel impõe sua lei ao cotidiano, contribui fortemente para consolidá-lo, para fixá-lo no seu *plano*: para planificá-lo. O cotidiano, em larga proporção hoje em dia, é o ruído dos motores, seu uso “racional”, as exigências da produção e da distribuição dos carros etc” (1991, p.111).

O cotidiano programado e reificado assume a condição de objeto”, (como pontuou Lefebvre em citação anterior desse trabalho), portanto faz com que o tempo de vida do consumidor seja também consumido. Nesse sentido o automóvel, enquanto mercadoria, impõe uma racionalidade ao espaço, abre e alarga estradas segundo a proporção e a convergência de interesses dos seus fluxos. Impõe um ritmo, é paradoxalmente gerador de velocidade e de estagnação pelos congestionamentos nas grandes cidades.

Com a duplicação da CE -040, como em tantas outras estradas, o papel principal não é ocupado pela pessoa humana priorizada no seu tempo e espaço de vida, como ser dotado de natureza, corpo e desejo. Nessa estrada quem ocupa o papel principal é o “automóvel” enquanto mercadoria para produção, circulação e consumo, é a “indústria do turismo”, a “indústria” gastronômica, do lazer, além de outras indústrias. Para um dos engenheiros do DERT, há muito, a estrada demandava duplicação, já que segundo ele a partir do fluxo de cinco mil (5.000) carros diários, conforme manda a lei, se deve duplicar uma rodovia. E a CE – 040 extrapolava a cifra chegando hoje ao fluxo de dezoito mil (18.000) carros diários, mais de nove mil carros (+ de 9 000) em um sentido da estrada e mais de oito mil (8 000) no outro.

Os períodos durante e após a construção da estrada resultaram numa verdadeira travessia para as (os) tapioqueiras (os). O desespero e a corrida para sobrevivência fizeram com que muitos (as) procurassem subempregos (empregada doméstica, vigilante), ou ainda, aceitassem ser sustentados pelos filhos. Um

tapioqueiro antigo comenta a respeito: - “*Aqui foi bom, até antes de construir a avenida, foi bom*”. (Sr. Francisco (Crio) 2004).

O modo como essa rodovia se instalou não só “atropelou” o lugar dos tapioqueiros (as), mas alinhou – se como tapete duro e pesado sobre o tenro tecido de muitas vidas, sobrepondo – se a qualquer possibilidade de escolha dos implicados⁵³.

Um dos grandes paradoxos do automóvel é o fato de que este, ao mesmo tempo em que pode proporcionar o encurtamento das distâncias pelo aumento da velocidade, também favorece os congestionamentos nas grandes cidades. E, se por um lado, a CE – 040 “favoreceu” um maior fluxo de automóveis, por outro, tem sido palco de muitos desastres. Lefebvre (1991, p. 111) diz:

(...) o perigo real, mas fraco e calculado por antecipação impede que somente poucas pessoas” enfrentem os riscos “. O automóvel, com seus mortos e feridos, com as estradas sangrentas, é um resto de aventura no cotidiano, um pouco de prazer sensível, um pouco de jogo. Interessante notar o lugar do carro no único sistema global que descobrimos: a estrutura dos álibis. Álibi para o erotismo, álibi para a aventura, álibi para o habitar e para sociabilidade urbana, o Automóvel é uma peça desse” sistema “que cai em pedaços assim que o descobrimos. Objeto técnico, pobre que permite uma análise funcional (circular, portanto, rodar – utilizar uma energia Considerável, desperdiçando – a – iluminar a estrada, (mudar de direção e velocidade) e estrutura (motor, chassi e carroceria, aparelhagem) bastante simples e pobre da sociedade.

As marcas do automóvel “deixaram” vítimas em várias famílias de tapioqueiras (os), mesmo na antiga estrada. E, na atual, as vítimas de outras famílias parecem ter se multiplicado e já se tornaram freqüentes pelos desastres e atropelamentos previsíveis. Além disso, nas altas madrugadas são comuns os “pegas” clandestinos de automóveis naquela rodovia⁵⁴ e, nesses momentos, o automóvel é usado como “álibi para aventura”.

⁵³ Para muitos (as) tapioqueiros (as) os efeitos foram danosos, provocando depressão, hipertensão, problemas cardíacos, além do aumento da violência no lugar o que têm sido uma das faces dessa rodovia.

⁵⁴ Fuck (2002p.54) comenta: “A segunda importante rodovia citada – CE – 040 – trata –se de uma saída na cidade para o litoral Leste (“Costa Sol Nascente”), margeada por equipamentos e atividades terciárias, culturais e de lazer (bancos, escolas, instituições públicas, shopping centers e outros estabelecimentos), bem como por algumas moradias. Podemos considerá –la, no nível intra – urbano, um “corredor viário de atividades”, caracterizada pelo recente processo de aldeotização. Nesse caso, o Governo do Estado vai de encontro (contraditoriamente) apo processo histórico, ao transformar uma “avenida” em “rodovia” no *espaço urbano*, quando a história das cidades nos indica, geralmente, o procedimento inverso; contraria também o Plano Diretor

O “antes” e o “depois”, demarcados pelo desvio e duplicação da estrada, trouxeram conseqüências drásticas para muitos (as) tapioqueiros (as) que tiveram suas vidas abaladas e resultou numa fragmentação ainda maior do espaço. Funcionou como impacto desestabilizador que recaiu sobre o cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os) destruindo quase completamente o pouco que havia restado, perda, da força do lugar que ia muito mais além de um pedaço de rua do qual o morador se sentia pertencido. Constituem, hoje, resíduos de um tempo esquecido, porém vivido, que ainda mantém as pessoas agregadas. A pulverização do lugar é que funciona como perda que não se repara mais. Carlos (2004, p.10) comenta:

A metrópole cortada por vias de trânsito rápido, baseada na circulação sobre pontes e viadutos cada vez mais modernos, representa o vazio no cheio, constituindo um *espaço amnésico*, caracterizado pela tendência à impossibilidade do uso dos espaços públicos e pelo distanciamento do indivíduo em relação aos lugares de realização da vida; como decorrência, as relações de identidade ganham novo sentido.

O espaço fragmenta –se em detrimento de outras temporalidades e em função da cidade como negócio que destrói os lugares recriando outros. O estilhaçamento da cidade se dá como perda do lugar e, portanto, da cidade.

Um lugar que, desde as décadas de 1960 e 1970 já fazia parte das rotas veranistas litorâneas de Fortaleza, mas que, de outro modo, existia há muito, antes destas. Este lugar sobreviveu a estas e até certo ponto se preservou; e recriando - se permaneceu até fortalecido enquanto tal. O que não é possível afirmar é se conseguirá permanecer após as mudanças recentes.

O quadro a seguir é um comparativo das vendas de tapiocas. Comparativo de antes e depois da CE – 040, nas férias e feriados, durante a semana e durante os finais de semana. Este dá uma idéia aproximada das perdas a nível econômico das (os) antigas (os) tapioqueiras (os), mostrando antes e depois do desvio e duplicação da estrada:

do Município, ao tornar uma “via arterial” numa “via expressa”, implicando uma engenharia de trânsito ineficaz e, conseqüentemente, riscos aos transeuntes/usuários.

Quadro - 2⁵⁵

| NÚMERO DE PESSOAS TRABALHANDO (FAMILIARES E NÃO-FAM.) E DE TAPIOCAS VENDIDAS ANTES E DEPOIS DO DESVIO DA CE-040 NA COMUNIDADE DAS (OS) ANTIGAS (OS) TAPIQUEIRAS (OS) (SOMENTE AQUELAS QUE CONTINUAM NO LUGAR). | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|--|---------------------------------------|---------------------------|---|--|---|---|---|--|-----------------------|--|--|--|-----------------------|-------|
| TAPIQUEIRAS (OS) ANTIGAS (OS) | | | | 1 JÚ- LIO - SÃO RA- FA- EL | 2 FRAN CIS- CO - SÃO FRAN CIS CO | 3 MA NU EL - STA. CE CÍ LIA | 4 ZE- NAI DE - SÃO PE- DRO | 5 BETI NHA * - T. DA CHI- CHI- CA | 6 NEU MA - T. DA NEU MA | 7 ER NAN DES | 8 SO- COR RO - GA- DE- LHA 3 IR MÃS | 9 JOÃO ZITO - TAP. DA XUXA | 10 RE NE ZI TO - GOS TO QUEN TE | T O T A L | |
| N. DE PES- SOAS E TRA- BA LHAN DO | FÉ- RIAS E FÉR! ADOS | ANTES DA N. CE-040 | SEM. | 3 | - | | 3 | 4 | 1 | 5 | 1 | 13*? | 2 | 30 | |
| | | | F.DE S. | 3 | 4 | | 5 | 7 | 8*?F | 5 | 3 | 15*? | 5 | 55 | |
| | | DEPOIS DA N. CE-040 | SEM. | 1 | - | | 1M* | - | 1 | 2 | 1 | 2 | 2 | - | 7 |
| | | | F.DE S. | 1 | 1 | | 1 | - | 1 | 2 | 1 | 2 | 2 | 1 | 11 |
| | | FORA DAS FÉR! AS E F. | ANTES DA N. CE-040 | SEM. | 3 | - | | 2 | 4 | 1 | 5 | 1 | 7*? | 2 | 25 |
| | | | | F.DE S. | 3 | 4 | | 3 | 7 | 8*? | 5 | 3 | 15*? | 3 | 51 |
| | DEPOIS DA N. CE-040 | | SEM. | 1 | - | | 1M* | - | 1 | 2 | 1 | 2 | - | 7 | |
| | | | F.DE S. | 1 | 1 | | 1M* | - | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 | 10 | |
| | N. DE TAPI OCAS VEN- DI- DAS | FÉ- RIAS E FÉR! ADOS | ANTES DA N. CE-040 | SEM. | 1200 | - | - | 480 | 900 | 900 | 1200 | 600 | 2000 | 600 | 7880 |
| | | | | F.DE S. | 1800 | 900 | - | 960 | 1800 | 1200 | 2000 | 1000 | 2000 | 600 | 12260 |
| | | | | TOTAL | 3.000 | 900 | - | 1440 | 2700 | 2100 | 3200 | 1600 | 4000 | 1200 | 20140 |
| | | | DEPOIS DA N. CE-040 | SEM. | 50 | - | - | 100 | - | 100 | 100 | 100 | +100 | - | 550 |
| F.DE S. | | | | 50 | 100 | - | 75 | - | 100 | 70 | +50 | +100 | 20 | 565 | |
| TOTAL | | | | 100 | 100 | - | 175 | - | 200 | 170 | 150 | 200 | 20 | 1115 | |
| FORA DAS FÉR! AS E F. | | ANTES DA N. CE-040 | SEM. | 1200 | - | - | 240 | 900 | 300 | 1000 | 600 | 1000 | 600 | 5840 | |
| | | | F.DE S. | 1800 | 600 | - | 960 | 1200 | 900 | 1800 | 800 | 1000 | 600 | 9660 | |
| | | | TOTAL | 3000 | 600 | - | 1200 | 2100 | 1200 | 2800 | 1400 | 1000 | 1200 | 15500 | |
| | | DEPOIS DA N. CE-040 | SEM. | 50 | - | - | 100 | - | 100 | 100 | 100 | 130 | - | 580 | |
| | | | F.DE S. | 50 | 100 | - | 75 | - | 100 | 70 | +50 | 130 | 20 | 595 | |
| | | | TOTAL | 100 | 100 | - | 175 | - | 200 | 170 | 150 | 260 | 20 | 1175 | |

Fonte: pesquisa direta

Olhando o quadro, percebe – se que as diferenças são extremadas entre os ganhos que as (os) tapioqueiras (os) obtinham antes do desvio e os ganhos que estas (es) obtêm atualmente. Isto demonstra o estado de quase total estagnação em que hoje se encontra o espaço das (os) tapioqueiras (os). Com a mostra desse

⁵⁵ Os dados mostram apenas um quadro aproximado e conforme as respostas dos entrevistados.

quadro, em princípio, pode até parecer o que mais se reivindica aqui é o retorno do automóvel e com certeza esse é um sonho das (os) antigas (os) tapioqueiras (os). Embora a volta do automóvel faça parte hoje das reivindicações das (os) tapioqueiras (os), elas se ressentem muito mais da falta dos ônibus especiais como já foi dito anteriormente. O automóvel acabou gerando uma certa dependência que antes não existia, todas as (os) tapioqueiras (os) eram ambulantes e itineravam pelos mercados e feiras. Atualmente somente a Sra. Ivone que se diz muito satisfeita, faz essa itinerância pelas feiras, seguindo um roteiro que passa por vários bairros de Fortaleza: (Segunda - conjunto Palmeiras, terça – Dias Macedo (onde vende menos), quarta – no conjunto Alvorada, quinta – no mercado da Aerolândia, sexta – Santa Maria, sábado – Edson Queiroz, domingo – Messejana (a maior e que vende mais) -, já os filhos do senhor João que, aliás, reclama da queda das vendas, continuam tendo como destino das vendas um lugar fixo, ou seja, o Mercado São Sebastião.

Ressalta-se mais uma vez a forma abrupta como as mudanças ocorreram, como se de um lance tivessem puxado o tapete das (os) tapioqueiras (os), falando em termos metafóricos, e o lugar do que antes existia fosse substituído por um tapete que não comporta mais nem os pés, nem a vida de todas (os). Embora se saiba que os lugares são tecidos pelo fio da cultura de um povo, ou uma comunidade, e que esse fio demarca a sua história pacientemente entrelaçada. Dessa forma, não se reconstrói de uma hora para outra o que levou tantas gerações para ser construído.

Quando os lugares se tornam formalmente turísticos, inicia –se também o processo de destruição, uma vez que aos poucos a população original vai assumindo posturas e condutas incomuns ao lugar e vai se submetendo ao jugo da colonização. Os interesses hegemônicos preestabelecem os seus destinos como se partissem de deuses.

Para as (os) tapioqueiras (os) começa com o turismo “mundializado” um processo de “engajamento” (pelo menos para as (os) jovens) mais efetivo. Nessa fase da cotidianidade, isto se manifesta pela expansão da metrópole e pelos parâmetros do turismo mundializado, primeiro com o desvio e duplicação da via de

circulação, depois pela instalação do Centro das Tapiocas como momentos desse processo maior que hoje atinge o Ceará e Fortaleza, intensificando a preocupação⁵⁶ permanente com o futuro como uma forma de pressão exercida sobre o cotidiano destas.

O capital financeiro atrelado ao governo do Estado, através da duplicação e desvio da estrada, abriu caminho literalmente para os fluxos de demandas “globais”. Demandas estas, verificadas tanto no caso dos turistas, como dos consumidores locais das (os) tapioqueiras (os), que passaram a possuir gosto e preferências, pelo menos os jovens, na sua grande maioria, ajustados aos padrões de consumo mundializados de mercadoria. Portanto, as (os) tapioqueiras (os) foram capturadas (os) pelo capital mundializado.

O turismo, esse “subsistema fragmentário”, para usar os termos de Lefebvre, exerce-se como pressão e é programado e programa o espaço de ocorrência, alterando o cotidiano e o ritmo de vida das pessoas no lugar. Como já foi dito, o espaço enquanto lugar é consumido pelo turista como mercadoria, e simultaneamente alterado em função da lógica do mercado e não das culturas anteriores. Carlos (2001, p.84) comenta que:

(...) mesmo no momento do lazer, o cotidiano programado pela sociedade de consumo se impõe com toda a sua força. E, assim, lugares ganham uma centralidade saturada de objetos, logo, vazias de sentido. Neste contexto, aparece em conflito agudo uso/troca, pois quanto mais um espaço é funcionalizado e mais ele é dominado por agentes que o manipulam, menos ele se presta à apropriação para o uso, posto que se encontra fora do tempo vivido, mas confinado ao universo da troca.

O espaço turístico se liga, diretamente, ao plano do consumo do espaço enquanto lugar da acumulação, articulado às necessidades de reprodução da sociedade. É conseqüente do fato de hoje no mundo moderno não se produz apenas mercadorias convencionais como mesa, roupas ou cadeiras, mas o espaço voltado ao consumo. O espaço-mercadoria se impõe na vida cotidiana enquanto valor de troca que submete o modo e o tempo do uso.

⁵⁶Kosik (1976, p. 59:62; 66; 68): “Não é o homem que tem “preocupação” é a preocupação que possui o homem. O homem não é preocupado ou despreocupado; a “preocupação” é que é presente tanto no preocupar – se como no despreocupar – se. O homem pode libertar – se da preocupação mas não pode elimina –la. (...) é o engajamento prático do indivíduo no conjunto das relações sociais, compreendidas do ponto de vista desse engajamento pessoal, individual e subjetivo. (...) é o mundo no sujeito. (...) preocupar –se como aparência universal e reificada da práxis humana não é produto e criação do mundo objetivamente prático: é manipulação da ordem existente como conjunto dos meios e exigências da civilização. (...) a “preocupação é antecipação”, ela deprecia o presente e tende para o futuro, que ainda não é. A dimensão temporal e o existir do homem como existir no tempo se revelam na “preocupação”, como futuro fetichizado e como temporalidade compreendida de modo fetichista: o presente para a preocupação não é a autêntica existência, o “ser presente”, mas o átimo o instante, porquanto a “preocupação” em relação ao presente, já se encontra mais além, Na preocupação não se revela a autêntica natureza do tempo humano. (...) Viver no futuro e “antecipar” significam em certo sentido, negar a vida; o indivíduo como “preocupação” não vive o presente, mas o futuro; negando aquilo que existe e antecipando aquilo que não existe, reduz a sua vida à nulidade, vale dizer à inautenticidade.

No Centro da Tapioca o qual trataremos no próximo capítulo, não só a tapioca é vendida, mas outros produtos e até o próprio Centro enquanto espaço padronizado. O simples fato de consumir lá lhe confere o espaço enquanto também produto de consumo, já que o consumo neste é acrescido ao preço final de diferentes e novos produtos consumidos, com exceção da tapioca tradicional que permanece com o mesmo preço, embora que aos poucos, esta esteja perdendo espaço para a tapioca fina, bem mais cara e mais consumida do que a tradicional.

O turismo como instrumento de pressão sobre o cotidiano programando –o para o consumo, se estabelece como subsistema fragmentário que captura os fluxos de entretenimento e também de “busca” gastronômica subscrevendo – os através do planejamento estratégico destinado aos anseios de realização para o capital, portanto também em nome deste o Estado intervém no espaço transformando – o e reorganizando – o como negócio, segundo, (...) uma política de gerenciamento privado no setor público” como afirma Abu-El-Haj (2002, p. 105) e como vem ocorrendo nas últimas décadas em todo o estado do Ceará. Damini (2003, p.426) comenta:

(...) novas tendências, que envolvem, para reproduzir os negócios urbanos, para a venda da cidade real, a utilização da representação da cidade, do *city marketing*, forjados no interior do planejamento estratégico. Um percurso histórico de mais de um século, pelo menos, é possível ser reconstituído dessa perspectiva.

Está posto que a mercadoria, como totalidade, inclui a cidade como negócio, ou nos termos de Lefebvre, retrata a urbanização como negócio, como parte substancial e redefinidora do corpo de desenvolvimento da acumulação do capital.

Logo que um determinado lugar é descoberto pelo turismo, é então enquadrado e adequado às novas demandas internacionais. Isto significa perder sua forma original, quando deveria ser o oposto, o turista é que teria de respeitar as condições originais locais.

Ressaltando o consumo do lugar pelo turismo como atividade de lazer programada, que consome subscrevendo o espaço, descaracterizando os lugares e as pessoas que os fazem, segundo padronizações das atividades de lazer ou gastronômicas “mundializadas”, é destrutivo. Lefebvre (1991, p.113) diz: “O turismo

destrói o lugar turístico pelo simples fato de atrair multidões”. O turismo enquanto mercadoria reifica os lugares e os destrói. Poderíamos citar aqui inúmeros exemplos em que esta situação se repete, mas no caso específico das (os) tapioqueiras (os), além da “amputação” do espaço em nome do turismo “mundializado”, ainda tiveram toda uma organização de produção familiar, de relações de vizinhança, de segurança comunitária espontânea destruídas, desorganizadas, de certo modo solapadas, jogadas para o alto em nome do capital mundializado. Tupinambá (1999, p.171) comenta:

A tradição entra, assim, na formação do presente e contribui para realização de novos elos sociais e culturais. Tal fato leva – nos a perceber que toda modernidade traz à tona configurações que associam “traços modernos” e tradicionais. A relação entre eles não é dicotômica, mas dialética. No entanto essa dialética pode ser construtora ou destruidora, pois é possível retornar a barbárie por vias de uma modernização cega.

O rumo de uma “modernização” e, portanto, “mundialização” “cega” só poderá acumular destruição, catástrofes, lançando culturas, povos e lugares à condição de escombros. Urge a busca de um outro caminho que simultaneamente inclua, conscientize, desmistifique e liberte, que proporcione apropriação para todos.

4. TAPIOQUEIRAS (OS): DE “PROTAGONISTAS” A “COADJUVANTES”: UM CAMINHO SEM RETORNO?

A partida desse trem busca apagar não só o rastro, os sinais, mas os trilhos percorridos, para que não haja testemunha e nem retorno. Muitos são os viajantes, os velhos e os novos, a tripulação, os passageiros, todos num mesmo destino: “servir ao reino da mercadoria”. E o maquinista desconhece a chegada...

Do que ficou para trás restam ainda algumas lembranças; Não demora muito e corre – se o risco de se ter quase todos rastros apagados. O tempo não escorre mais pela ampulheta e muito menos pela soleira da porta; O tempo voa, o tempo foge sem que as (os) tapioqueiras (os) se dêem conta... e a vida segue escapando pelas frestas.

A estrada desviada e duplicada abriu caminho para o novo equipamento moderno, o Centro das Tapiocas e do artesanato de Messejana (fotos 15,16,17,18 e 19); É o que acelera o “novo tempo” na “vida” das (os) tapioqueiras (os), é o ingresso “definitivo” no mundo das efemeridades, da competitividade, da mercadoria mundializada; Desta vez a busca de enquadramento aos padrões modernos é quase “total”, portanto as portas das (os) tapioqueiras (os) não foram só invadidas, mas derrubadas. Qualquer lembrança que o Centro das Tapiocas traga de um *fast food* não é mera coincidência, não é obra do acaso, apesar de não pertencer ainda a uma cadeia.

Nesse “palco” o papel principal não é da (o) tapioqueira (o), não é do (a) turista, nem do (a) consumidor (a) local. Nesse palco o papel principal pertence à mercadoria veiculada pela mundialização, pelo Estado e parcerias com empresas.

Portanto, este capítulo tratará, principalmente, das questões que envolvem o novo Centro das Tapiocas e do Artesanato de Messejana com destaque para as discussões sobre: o enquadramento das (os) tapioqueiras (os) através de novos padrões organizacionais e de gerenciamento; os cursos e as técnicas empregadas; as mudanças nas relações de trabalho, de parentesco, afetivas e de vizinhança; o modelo arquitetônico e a infra – estrutura; a cozinha formal; o turismo, o automóvel e os ônibus especiais; a relação com os técnicos do Estado e parcerias empresariais. Serão também levadas em consideração as representações dos diferentes atores sociais, além das (os) (tapioqueiras (os), técnicos do Estado, fornecedores, turistas e consumidores locais).

4.1. O Centro da Tapioca e do Artesanato de Messejana: Quem comanda? Quem demanda? Quem obedece?

Este item trata mais especificamente do Centro das Tapiocas e do Artesanato de Messejana considerando as formas de pressão exercidas pelo planejamento do Estado através de um modelo de “gerenciamento privado”.

É possível se identificar um período de transição de 2001 a 2002. Inicialmente, foram realizadas reuniões e todas promovidas pelos técnicos da SETAS (Secretaria do Trabalho e Ação Social). Tais reuniões tratavam da condução das (os) tapioqueiras (os) ao Centro das Tapiocas. Foram os técnicos que prepararam a associação e a mudança para o novo Centro, não sendo, portanto, uma iniciativa das (as) tapioqueiras (os).

Depois de terminado o Centro (2002), tiveram início os cursos de culinária, de atendimento ao turista e de enquadramento de todos os permissionários aos novos padrões: curso de eficiência energética nas micro e pequenas empresas, de empreendedorismo, de associativismo, de cooperativismo, qualidade no atendimento, etiqueta, além de outros. Grande parte desses cursos foi ministrada pelo SEBRAE (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Cea-

CE-040 e Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana



Foto – 15: visão panorâmica noturna da Rodovia CE-040, e do Centro da Tapioca e do Artesanato de Messejana



Foto –16: visão panorâmica diurna da lateral esquerda, frente interna e começo da lateral direita do Centro da Tapioca e do Artesanato de Messejana



Foto - 17: Balcão de um box de uma tapiqueira



Foto 18: Lateral direita do C.da T. e do A. de M. (mais freqüentada devido a sombra e estacionamento

Fotos da autora com apoio técnico de Lidiane



Foto 19: Tapioqueiras (os) nos boxes
Foto da autora, apoio técnico Glaudênia Peixoto

rá e o CENTEC (Instituto Centro de Ensino Tecnológico). Destaca –se aqui um trecho da apostila dos cursos aplicados às (aos) tapioqueiras (os): “*A crise é uma farsa a não ser a crise da incompetência, pois o problema de pessoas e países é a autogerência*”, Goes (2003 p.60). Tal frase desconsidera as contradições pertinentes ao atual contexto mundial e local e, a partir desses parâmetros, é possível perguntar: para onde estão levando as (os) tapioqueiras (os)? Serão elas “incompetentes” por não se enquadrarem no novo regime? Terá sido a “incompetência” delas que gerou a crise? Será mesmo tudo tão simples assim que só dependa da autogerência? Será mesmo uma farsa a crise das (os) tapioqueiras (os)? Acredita – se, com esse trabalho, que não. Vejamos ainda o que diz a apostila do CENTEC (instituto Centro de Ensino Tecnológico) (2003, p. 31) aplicada nos cursos das (os) tapioqueiras (os):

Atualmente o Japão é um modelo de qualidade total (qualidade por todas as pessoas, por todo o mundo).

Qualidade começa com a mudança de comportamento das pessoas, que criam novos hábitos e uma cultura voltada para Qualidade Total.

Ao incluir as (os) tapioqueiras (os) nos parâmetros da qualidade total, exclui –se delas as características que mais as identificavam e as diferenciavam, portanto incluem –nas na mundialização, mas excluem – nas, desprotagonizando – as e recolonizando – as a partir dos padrões modernos.

De um lado, a busca dos padrões da “qualidade total”, porque assim demanda o “mundo mercadoria”. Isto se deu principalmente através dos cursos e dinâmicas e das exigências e de alguns técnicos⁵⁷ que assessoraram os permissionários do Centro das Tapiocas, o que dificultou ainda mais apropriação, mesmo quando se refere à apropriação real. Por outro lado, tem –se ainda o problema com infra – estrutura.

Para dar continuidade à compreensão das intervenções técnicas, ou seja, toda tecnicidade ocorrida recentemente no espaço e cotidiano das (os) tapioqueiras (os), exige também, em primeira mão, o entendimento do fenômeno técnico e uma

⁵⁷ As vezes os técnicos extrapolavam e faziam imposições provocado medo de perda do boxe.

leitura capaz de fazer emergir as “ilusões”, fetiches, aparentemente invisíveis e ocultos por trás das novas técnicas que se exercem como formas de pressão.

Tendo em vista mais especificamente as intervenções técnicas ocorridas no cotidiano das (os) tapioqueiras (os), principalmente após o Centro das Tapiocas, é relevante considerar inicialmente o que diz Santos (1997 p.25):

É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço.

As técnicas utilizadas na produção da tapioca, embora consideradas arcaicas, constituíam-se num elemento de cultura, de identidade apropriado por todos do lugar que obedeciam ao tempo da vida mesmo quando tinham que produzir em maiores quantidades. Para isto existia o revezamento na família. Não havia preocupação com regras rígidas, a vida era mais espontânea e mais farta também, pelo menos para a maioria das (os) tapioqueiras (os). As relações eram menos formais e menos reguladas por normas de trabalho padronizadas, os horários eram adaptados conforme a disponibilidade de cada um, as múltiplas funções no trabalho eram conhecidas e realizadas por todos, conforme a necessidade do momento. O curso era o da vida.

A técnica que está presente em tudo o que se faz, pode contribuir, de forma construtiva ou destrutiva, para a constituição do espaço, seja ela arcaica, tradicional ou moderna, não tem uma posição de neutralidade, já que toda técnica depende do contexto em que se insere podendo ser um instrumento de dominação, de esterelização ou de libertação, assim como de identidade, dependendo de onde, de como, para que e por que esta foi implementada,.

Ao se instalar o novo Centro das Tapiocas como mais um equipamento e uma mercadoria turística, instalam-se também as pressões, os fetiches. Nesse sentido, a técnica adquire um caráter estéril e esterelizador, fazendo assepsia nas

diferenças culturais características, esvaziando o conteúdo da cultura e do lugar, a sua verdadeira temporalidade, a sua “diferença”⁵⁸.

Santos (1997, p. 31), ao tratar da técnica, afirma que: “Cabe marcar a distinção entre as técnicas particulares examinadas na sua singularidade, e a técnica, isto é, o fenômeno técnico, visto como uma totalidade”. Ou seja, para este autor, (...) “a relação que se deve buscar, entre o espaço e o fenômeno técnico, é abrangente de todas as manifestações da técnica”. E complementa ainda: “Só o fenômeno técnico na sua total abrangência permite alcançar a noção de espaço geográfico. Dentro dessa ótica é possível afirmar que tal qual o espaço, o fenômeno técnico na sua totalidade é multidimensional, possui dimensões: social, política, econômica, cultural”.

Lefebvre (1969, p.248) comenta: (...) “as técnicas fragmentam o cotidiano e não o integram num conjunto mais vasto”. E confirma com mais clareza o que disse, quando afirma: “A vida fora da grande técnica colora-se de orgulho, poder, reflexo vaidoso da tecnicidade e impotência da atividade parcelada diante dos objetos que dela resultam. A vida fora da técnica não participa. Ela contempla, admira, entedia-se”. “A grande técnica” referida por Lefebvre parece remeter um sentido de totalidade, de técnica apropriada.

Santos (1997, p.35) adverte: “No domínio das relações entre técnica e espaço, uma primeira realidade a não esquecer é a da propagação desigual das técnicas”. Este é, por um lado, um aspecto a ser observado, uma vez que há um processo seletivo de escolha e eleição dos lugares mais aptos, como aqueles que oferecem mais possibilidades de realização técnica programada de sua intencionalidade e de controle e lucro. E no mesmo rumo um outro aspecto deve ser considerado como pontua Santos (1997 p.35): “Do ponto de vista específico da técnica dominante, a questão é outra: é a de verificar como os resíduos do passado são um obstáculo à difusão do novo ou juntos encontram maneiras de permitir ações simultâneas”.

⁵⁸ Considera –se aqui “diferença” segundo o sentido comentado por Lefebvre como está citado no quarto capítulo desse trabalho.

O exagero das técnicas dominantes traz a perda de referências do lugar, referências estas constituídas em outras temporalidades, nem por isso sem importância, pelo contrário. Muitas vezes as técnicas dominantes através do Estado e das empresas se apropriam das referências culturais mais genuínas e as transfiguram, padronizando-as, cooptando-as e terminam por desqualificá-las, arrancando-lhes a alma. Comunidades inteiras são solapadas, fragmentadas, pressionadas e fragilizadas pelo desrespeito às diferenças. O comentário de dois tapioqueiros sobre um outro que desistiu de continuar no Centro das Tapiocas ilustra bem o que foi dito neste parágrafo:

“- A história dele é de fazer chorar... quando levaram ele para o “shopping” não conseguiu se acostumar. Por ser pioneiro era para ficar num lugar mais apropriado, mas foi por sorteio e as pessoas que não tinham experiência é que ficaram com os lugares melhores” (comentário de um tapioqueiro sobre outro parente.) (2004).”

E complementa, ainda, o antes tapioqueiro sobre o companheiro de trabalho: *“Ele não se deu no shopping. Ele achava tudo esquisito, estranho, não era pra ele”*.

Podemos dizer que na atualidade a técnica dominante se aplica, na maioria das vezes, à revelia das culturas preexistentes ou das técnicas originais do lugar. Técnicas estas típicas das populações locais. Não há dúvidas de que o transtorno experimentado pelo tapioqueiro na situação descrita acima confirma essa postura. Nesse caso trata-se de reconhecer, que por mais inevitáveis que possam parecer as mudanças técnicas impetradas pelo processo de modernização, não se deve descartar, atropelar ou cooptar as formas de vida anteriores.

As populações precisam ser ouvidas e verdadeiramente consideradas, com todas as prerrogativas inerentes à cidadania inclusive aquela que deveria ser a principal delas, a apropriação (mesmo que ainda como projeto, ou estratégia). Mas é sabido que, em quase cem por cento dos casos, isto não acontece. E, quando ocorre, é só para legitimar a situação imposta e não para fazer valer de fato os interesses das populações locais. Além disso, quem der uma ligeira “espiada” na história das técnicas, na difusão desigual e universalização da técnica direta ou indiretamente em toda parte, examinando sob esse aspecto a história do mundo,

verá que a aceitação das técnicas novas foi sempre relativa e sempre incompleta, com algumas resistências. Tal situação é verificada no cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os).

As pressões se manifestam de múltiplas formas devido às dívidas, ao ritmo de trabalho, às cobranças de fardamento e horários, às exigências para nova infra – estrutura, nova produção, relações de trabalho, etc. E o fato das (os) tapioqueiras (os) terem sido agrupadas (os) pelos técnicos em uma associação, não diminuiu a questão das pressões, como o comentário abaixo:

“- Nas “novas tapioqueiras”⁵⁹ se tem muito é gasto, vende muito, mas a despesa é grande... Precisa de funcionários e as tapiocas são recheadas... Invenção da SETAS (Secretaria do Trabalho e Ação Social)⁶⁰. Pago uma taxa tipo condomínio de dezesseis reais por semana. Nas antigas não pagava nada e ganhava mais. Tem ainda a associação, são as tapioqueiras e três pessoas do governo que orientam e fiscalizam, fazem reunião, dão curso. Fiscalizam a higiene, tudo tem de ser de acordo com o que eles mandam. A gente teve problema com as fossas, os esgotos que iam para o terreno do vizinho... Tem problema de assalto quando agente vai pra casa. Agente leva os assuntos para os técnicos, eles discutem, mas acaba ficando do jeito que eles querem. E ai daqueles que não cumprem, são ameaçados a perder o box. Tem gente que já entregou os boxes. Todo mundo tem de usar farda. Antes para nós era melhor do que no shopping das tapioqueiras. (Tapioqueira entrevistada em 08/11/2003).”

No mesmo sentido complementa um outro tapioqueiro:

“ - A organização não esta correta desde o começo foi feito e organizado sem a opinião dos tapioqueiros pelo DERT(Departamento de Estradas, Rodagens e Transportes) e pela SETA(Secretaria do Trabalho e Ação Social). Quem manda é o pessoal do governo. Os tapioqueiros não mandam em nada são permissionados. (Entrevista realizada em 24/02/2004).“

Tanto no primeiro caso como no segundo, percebe – se nas falas a insatisfação e a sensação de terem sido desprotagonizadas (os), perdendo a condição de senhores (as) da organização do próprio trabalho e da mesma forma, perdendo a voz ativa pela desconsideração dos técnicos que não acatam e nem

⁵⁹ Nesse caso ao falar em “*novas tapioqueiras*”, o tapioqueiro se refere ao Centro das Tapiocas como um todo.

⁶⁰ Nos primeiros anos iniciais englobando o período imediatamente anterior e posterior à construção e instalação do Centro das Tapiocas foram os técnicos da SETA (Secretaria do Trabalho e Ação Social) que conduziram todo o processo de gerenciamento e formação da associação. Atualmente (do segundo semestre de 2004 em diante, mais ou menos) os técnicos agora pertencem a SETE (Secretaria do Trabalho e Empreendedorismo) que conduzem.

escutam as suas opiniões, cedendo somente naquilo que convém aos seus interesses. Um outro aspecto ressaltado nas falas é a questão dos horários, das reuniões e das ordens a cumprir, situações com as quais não estavam habituados (as) como se verifica abaixo: “- *Horários de cinco a zero hora, reuniões, cumprir ordens...*” (Tapioqueira entrevistada em 16/05/2004).

As cobranças no novo espaço não param por aí, se estendem não só ao novo ritmo, mas as novas práticas que cobram agora um padrão de empreendedorismo, e empreendedorismo “idêntico” por parte das (os) tapioqueiras (os) com o qual não estão acostumadas (os), apesar do modelo arquitetônico favorecer mais a uns (as) do que a outros (as).

O tapioqueiro comenta sobre a representação que os técnicos têm do Centro das Tapiocas: “ *Foi o pessoal da SETAS quem batizou de shopping das tapioqueiras*”. (Senhor Ernandes (desistiu do shopping), entrevistado em 24/02/2004)

A representação dos técnicos com relação ao Centro das Tapiocas evidencia o modelo padronizado e programado para o consumo, o que exigia dos tapioqueiros uma adequação à nova infra – estrutura, obrigando – os a fazer empréstimos para a compra de eletrodomésticos, a pagar taxas, e a comprar novos produtos. Isto resultou em dívidas que funcionaram como formas de pressão como diz o tapioqueiro:

“- Eu tinha mais liberdade no lugar antigo das tapioqueiras, no shopping vivia preso por causa das dívidas. Desde muito tempo eu sabia que tinha um projeto de alargamento e duplicação da estrada que era pra ser aqui, no antigo lugar das tapioqueiras, mas mudaram para lá. (Entrevista realizada em 24/02/2004)”

Do mesmo modo um outro tapioqueiro declara:

“- No shopping foi oferecido mil reais de empréstimo para comprar freezer, geladeira, fogão, mesas e cadeiras que agora tinham de ser de plástico. Nas reuniões cada qual dá sua opinião e não decide nada, quem manda é a SETA (Secretaria do Trabalho e Ação Social). Dos costumes das antigas, lá, só continua ainda a tapioca tradicional, o resto mudou tudo. (Entrevista realizada em 03/2004).”

As representações das (os) tapioqueiras (os) a respeito dos problemas com infra – estrutura, com o funcionamento do novo Centro, demonstram o descontentamento e insatisfação de muitas (os)⁶¹, como se verifica na fala desta tapioqueira:

“(...) dificuldades com estacionamentos, de ônibus existe, mas os ônibus quase não freqüentam, o problema do lado que leva mais sol, atrapalha, os clientes preferem a sombra. As pessoas não atendem a presidência, quem conduzia as reuniões era o pessoal da SETAS.”

Há sem dúvida um problema de infra - estrutura no Centro das Tapiocas, conforme as (os) tapioqueiras (os), que são as condições insuficientes de circulação e de acomodação (estacionamento) do automóvel pelo menos nos dias e horários de maior fluxo em que param mais carros. Porém, a preocupação maior das (os) tapioqueiras (os) continua voltada para os coletivos (ônibus) que permanecem com freqüência reduzidíssima se comparado com o antigo espaço. “- *Sinto falta dos ônibus especiais que chegavam de dez nas tapioqueiras antigas. Antes eles paravam quando iam para praia, encomendavam as tapiocas e na volta levavam, às vezes também comiam lá mesmo*”.

Portanto, mesmo quando se considera as perspectivas do turismo como mercadoria e do consumidor local e do turista, a “condição ótima” de organização do espaço do Centro das Tapiocas para o automóvel anda longe de ocorrer, devido à uma série de problemas, entre estes a má distribuição dos estacionamentos tanto para transportes individuais como para coletivos que, aliás, não favorece igualmente a todas (os) tapioqueiras (os). Sendo comuns os congestionamentos nos finais de semana e nas férias, embora que os estacionamentos permaneçam bastante esvaziados em grande parte das semanas e até determinados horários (em grande parte do dia), nos finais de semana (quando fora de temporada e de férias).

Um tapioqueiro que desistiu do novo Centro descreve os problemas de infra-estrutura e, contraditoriamente, reclama do não cumprimento do regimento, sem desconfiar, sequer, que parte da razão da sua desistência estava ligada

⁶¹ Os problemas do esgotamento e dos estacionamentos de ônibus foram recentemente “resolvidos”, apesar de que a maioria dos ônibus, sequer para, ou tenta entrar no Centro das Tapiocas. Existe a hipótese de que o pessoal pobre dos ônibus especiais teme o preço da tapioca devido a nova aparência e freqüência do ambiente, que se tornou mais elitizado e a dificuldade de penetração dos ônibus.

justamente às novas exigências e normas. Denuncia também a disputa (na época) pela construção do Centro das Tapiocas e do artesanato de Messejana entre políticos locais ligados ao governo do Estado e outros ligados à prefeitura, como se observa na suas palavras:

“- As pessoas antes reclamavam do mal cheiro, onde está a verba que parou? A obra custou quinhentos e quarenta mil reais na primeira etapa. Desisti do box devido a falta de união. Ninguém cumpria o regimento. A parte financeira corre para um lado e para outro, não. Quarenta reais de energia, dezesseis de condomínio por semana e mais de vinte e cinco de funcionária. A obra começou a funcionar incompleta, faltaram os armários, os rejuntas do piso, as bicas, os bancos das laterais. A bica era outro projeto, outra ação, quando chove cai água. Antes da construção do Centro das Tapiocas, um político e funcionário da Regional VI veio cadastrar as tapioqueiras para a prefeitura construir um novo espaço, então eu avisei a um outro político do Estado na sexta, e já na segunda feira, chegou o homem para avisar que a construção iria iniciar pelo governo do Estado. O consumidor de Fortaleza dá mais lucro, do que o turista. “

Na opinião desse tapioqueiro ainda é o consumidor local que mais consome a tapioca, já que o turista só é mais freqüente em épocas de “temporada” (nas férias e feriados). Mas nos finais de semana, fora de “temporada”, a freqüência é mais dos consumidores locais.

Novamente, e com base no processo de implementação do Centro das Tapiocas, observa-SE que as opiniões e determinações que predominam são as dos técnicos e não das (os) tapioqueiras (os). Tanto na fala anterior como na que se segue, percebe – se o aumento das pressões e a perda de liberdade:

“- As obrigações aumentaram. Pago condomínio funcionário, energia, manutenção, telefone, ganho bem, mas tem muita coisa para pagar. Entro cinco horas da manhã e saio as doze horas. A vida mudou conheci muita gente e, moro no trabalho não tenho tempo para os filhos, lá eu ganhava menos mas era mais feliz, ficava com os filhos. Aqui eu não vivo, vegeto. (Tapioqueira entrevistada em 14/05/2004)”

A posição do boxe da tapioqueira citada acima se encontra numa localização ultra privilegiada em relação a maioria, mas nem por isso ela deixa de reclamar das pressões.

É importante ressaltar que, apesar das exigências, nem todas (os) as (os) tapioqueiras (os) seguem a risca as normas e padrões determinados pela a

“associação”, do Centro das Tapiocas. Estão sempre procurando encontrar um caminho menos rígido e que facilite a sua vida. Pequenas táticas que transgridem o estabelecido, como a resistência de alguns (as) no cumprimento dos horários e no uso da farda por outras (os), ou a fidelidade a antigos fornecedores (pessoas que se tornaram amigas ao longo dos anos. Não obstante a possibilidade de crédito, de variedade de produtos e de alguns patrocínios os quais vêm seduzindo e gerando adesão de muitas (os) tapioqueiras (os) aos novos fornecedores, sem falar das empresas com “parcerias” já firmadas com o Estado, essas táticas aparentemente “transgressoras”⁶² não se constituem exatamente em apropriação no sentido pleno proposto por Lefebvre, mas talvez na forma considerada por Certeau, (na qual não se referencia esse trabalho), porém é importante “exumá – las” como propõe esse último autor, embora que não se deva conformar – se só com elas.

Os comentários seguintes pertencem a uma nova tapioqueira que ocupou o lugar de um tio e que por não ocupar um boxe de posição privilegiada (permanecendo muito tempo esvaziado), adequa os horários a sua disponibilidade, transgredindo as determinações da organização do Centro das Tapiocas, o que demonstra uma certa resistência às imposições:

“- Meu tio desistiu do box e passou para mim, ele preferiu continuar nas antigas. Na semana eu abro as quatorze horas porque estou estudando. Dia de quinta tem caranguejada na lanchonete vizinha por isso vai até as onze da noite. A entrada dificulta para os ônibus, que vêm bem poucos, acho que é medo que a tapioca seja mais cara aqui do que lá nas antigas tapioqueiras. As pessoas do turismo que dão curso vem aqui orientar. Acho que apesar dos problemas o shopping é bom, tem de melhorar. (Tapioqueira entrevistada em 15/05/2004).”

Outra vez os técnicos desconsideraram a experiência das (os) tapioqueiras (os) conforme se pode constatar no comentário a seguir: - *Os fornos foram feitos várias vezes, a massa para os fornos não pode levar cimento. As chaminés racharam quando tocou fogo, eram tubos para esgoto*”. (Entrevista realizada em 24/02/2004).

⁶² Compreende –se transgressão nesse caso, não como um dado negativo, mas como resíduo.

A negligência dos técnicos e construtores, quando deixaram de consultar as (os) tapioqueiras (os) sobre as técnicas que eles (as) empregavam na construção dos fornos e chaminés, resultaram em sucessivas tentativas equivocadas e prejuízo para o Estado. Tal fato acabou provocando a rendição dos técnicos e reconhecimento do conhecimento e experiência dos antigos tapioqueiros como se verifica na fala abaixo: - *Depois que o forno tinha sido derrubado várias vezes, eu ensinei a receita e ai deu certo*". (Entrevista realizada em 03/2004).

A desconsideração, mesmo dos aspectos mais simples da experiência cultural das populações locais, pode gerar equívocos e prejuízos como ocorreu com a construção dos fornos e chaminés que foram desmanchados várias vezes porque trincavam logo que aquecidos pelo fogo. E, somente depois de um tapioqueiro intervir e demonstrar como se deve construir um forno e uma chaminé sem rachaduras, é que, finalmente deu certo. O forno deveria ser construído com barro e cinza e jamais com cimento como havia sido feito antes, ou seja, três medidas de barro e duas de cinza.

É relevante reafirmar que a imposição de novas técnicas não se dá sem as resistências do lugar o qual, muitas vezes reage com suas temporalidades diversas. Tais temporalidades, demarcadas por técnicas específicas que identificam o lugar e assinalam as suas diferenças através da cultura, podem ser esmagadas ou capturadas e adaptadas aos novos padrões técnicos, embora que, sempre de uma forma ou de outra, busquem resistir.

O Centro das Tapiocas, um equipamento financiado pelo governo do Estado, foi projetado, acredita – se, no sentido de tornar-se um “mais que perfeito” espaço de consumo. O seu modelo arquitetônico suscita uma reflexão. Não é a toa que as (os) tapioqueiras (os) o chamam de “shopping das tapioqueiras”, mesmo que esta representação tenha partido dos técnicos, reflete bem a condição de organização e “controle” e, mais que isso, a sua finalidade em atender aos hábitos de consumo “mundializados”, via turismo enquanto mercadoria e até mesmo via consumo “moderno” local. Trata – se do “consumo dirigido” a que tanto se refere Lefebvre.

As mudanças técnicas implantadas com o modelo e funcionamento do Centro das Tapiocas podem ser traduzidas em uma, entre tantas outras formas de poderes que se imprimem na geografia dos lugares e no seu cotidiano. De acordo com Foucault, citado por Resende (1995, p.31),

(...) captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições, mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras do direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento.

Embora Foucault perfaça um caminho teórico diferente de Lefebvre, que não toma as pressões como absolutas, nada impede que este seja adotado como referência, já que o próprio Lefebvre em suas publicações o cita, e quando se olha o Centro das Tapiocas (planta na figura 4), lembra – se logo do modelo panóptico de J. Bentham tão citado por Foucault (2000) como se observa na figura 5. O Centro das Tapiocas e seu funcionamento é cronometrado, normatizado, ordenado, gerenciado, regulado e regulamentado por regimento⁶³, visando principalmente atender ao turismo, embora ainda predomine (fora de temporada) a frequência de consumidores locais. Assim, parece se adequar às exigências do capital que reproduz, com algumas diferenças, esse modelo de Bentham. A forma arquitetônica com a disposição dos boxes em forma de U, de modo que cada um veja todos, e todos vejam cada um, aproxima em muito do modelo do panóptico de J. Bentham, citado por Foucault (2000) modelo comum aos presídios, hospícios, escolas e hospitais (figura 6 desse trabalho) antecedente primário do que representa um shopping nas suas refinadas tecnologias de vigilância e controle.

Pode – se afirmar que as estruturas panópticas têm sido reproduzidas em larga escala, e cada vez mais são refinadas as formas de vigilância do tempo e do espaço de vida das pessoas, na busca de controle dos corpos no tempo e no espaço, do conhecimento, e de exercício do poder nas suas formas macro e micro, para assegurar a realização do valor de troca.

⁶³ O Regimento Interno do Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana – CERTAME, se encontra nos anexos desse trabalho.

Planta do Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana

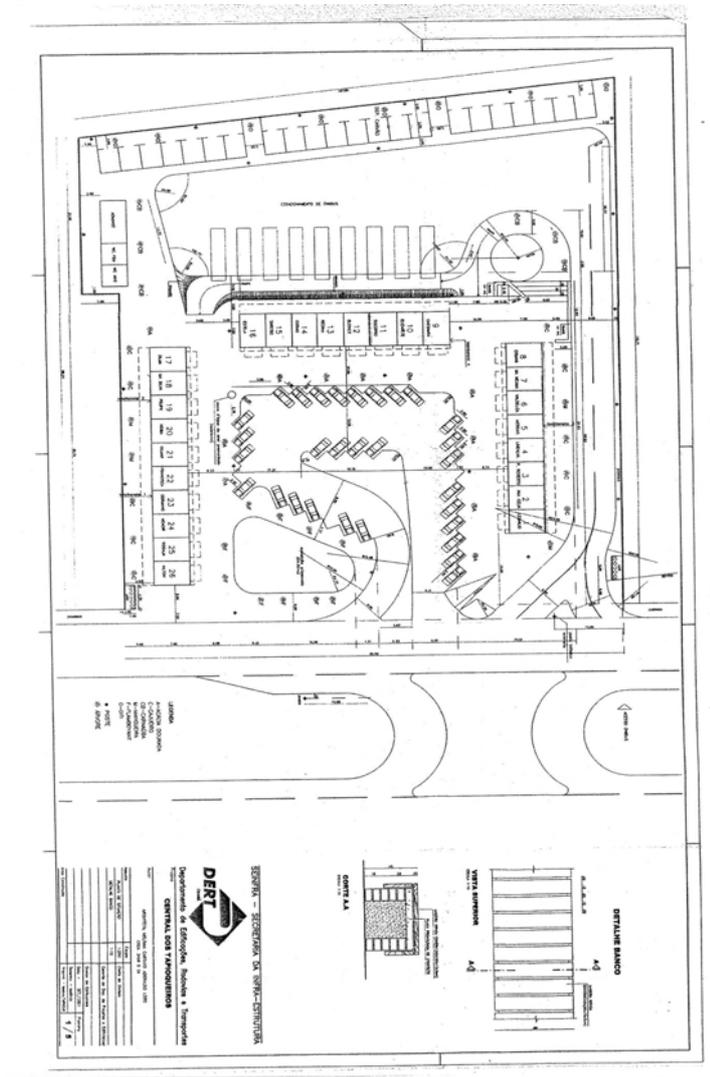
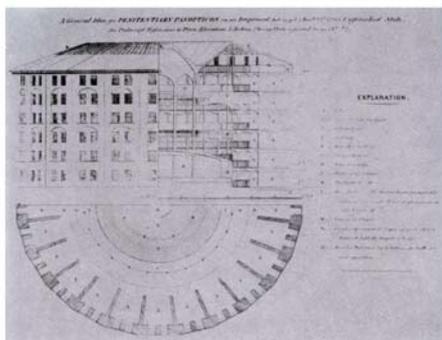


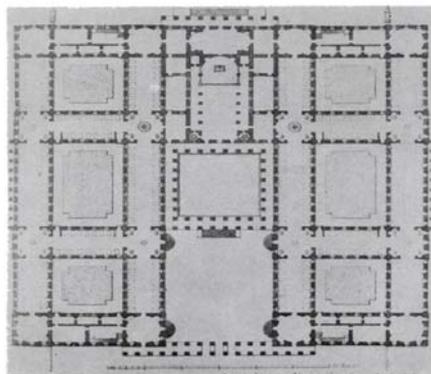
Figura 04: Planta do Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana

Fonte: DERT, arquiteta LÔBO, Melânia Cartacho Aderaldo.



17. J. Bentham, Planta do Panopticon (The Works of Jeremy Bentham, ed. Bowring, t. IV, p. 172-173). V. p. 177.
18-19. N. Harou-Romain. Projeto de penitenciária, 1840. V. p. 222.

Figura 05: (apud Foucault, 2002). Planta do Panopticon. (The Works of Jeremy Bentham, ed. Bowring, t. IV, p. 172-173). V. p. 17



13. J. F. de Neufforge. Projeto de hospital. Coletânea elementar de arquitetura (1757-1780). V. p. 156.

Figura – 6: (apud Foucault, 2002): J.F. Neufforge. Projeto de hospital. Coletânea elementar de arquitetura (1757-1780).V. p.156

Os (as) tapioqueiros (as) têm as suas próprias representações a respeito da arquitetura e funcionamento do Centro das Tapiocas como se verifica no seguinte pronunciamento:

“ - No antigo, o cliente sabia quem era quem, no novo ficam perdidos e pegam o primeiro”. Teve um sistema de sorteio dos boxes. O local que foi sorteado para mim não tinha venda, ficava atrás da caixa d’água...Lá tem horários fixos, tem despesas que não tinha, só de condomínio dá mais ou menos oitenta reais por mês. Com o shopping eu só perdi. O pessoal de fora “pegaram” os melhores boxes (2004).”

Pelo que se pode constatar, esse tapioqueiro sente um estranhamento devido à arquitetura e a padronização dos boxes e considera difícil diferenciar um boxe do outro. Além disso, ainda se sente prejudicado pela localização do seu box que fica atrás de uma caixa d’água dificultando o acesso dos fregueses.

Merece destaque ainda um outro comentário a propósito da forma como declara esta tapioqueira na sua representação sobre o shopping: - *Acho que o povo passa e não sabe o que é, parece com uma granja”. Para melhorar o shopping seria necessário mexer na obra todinha e construir acompanhando a avenida.*

A representação desta tapioqueira, a respeito da forma arquitetônica padronizada dos boxes, mostra o grau de descontentamento e estranhamento, e por trás do não declarado, aparece o estado como esta percebe e se sente dentro do Centro das Tapiocas.

A descrição e opinião de uma jovem tapioqueira e filha de tapioqueira traduz bem o modelo representado pelo o Centro das Tapiocas como réplica de outros existentes em diferentes localidades da metrópole e da RMF (Região Metropolitana de Fortaleza) e até mesmo em outras cidades dos estados do Nordeste:

“ - Das antigas ainda permanece a tapioca tradicional e o bolo de milho, o pé-de-moleque e o grude, agora mais nas festas juninas. Tem dois shoppings desses no bairro Antônio Bezerra, na Caucaía, Bahia, mas que compete com o shopping das tapioqueiras é o café do sertão (no Eusébio). As cobranças são para melhoria, tudo organizado, uniformizado, padronizado, nas antigas era tudo de madeira. Aqui melhorou em termos

de boniteza, mas tem mais obrigações, necessidade de vigia, de serviços gerais... (2004)“

Apesar do reconhecimento do aumento das pressões, nota –se nos comentários da jovem tapioqueira, citada acima, uma “aparente” concordância com o funcionamento do novo modelo.

Seja qual for a construção espacial, sempre vai expressar poder. E quando se trata das estratégias do capital intermediadas pelo Estado, isto quase sempre ocorre de forma interventora, ou, persuasiva pelo marketing e publicidade como caminho único, excluindo das decisões e deliberações dos principais atores submetidos a esse espaço, negando-os à apropriação, desarticulando-os, excluindo-os, cooptando-os, submetendo-os aos diversos tipos de pressão. Daí há que se investigar e analisar esse processo no sentido de buscar reconhecer as possibilidades de alternativas de trabalho, de vida, de apropriação e poder mais horizontalizado com verdadeiro sentido democrático.

Quando se constata nas representações e ações das (os) tapioqueiras (os) formas de apropriação, de resistência e táticas de subversão à cotidianidade imposta, observa-se que estas (es) logo que resolvem não se submeterem por completo às imposições sofridas, acabam recriando novas possibilidades, ou então, terminam se submetendo ao subemprego pela sobrevivência. Tapioqueiros (as) antigos (as) têm buscado outras atividades complementares, como por exemplo, de vigilantes.

O Centro da Tapioca surge então com uma ordenação, normatização, funcionamento, dinâmica, infra-estrutura bem diversas do lugar antigo. Desencadeando, apesar do seu breve tempo de existência, na desistência de algumas (os) poucas (os) antigas (os) tapioqueiras (os) que não conseguiram se enquadrar nesse novo espaço e hoje estão praticamente sem o exercício do antigo “ofício”. Referindo-se às intervenções no espaço urbano, as conhecidas restaurações urbanísticas, como restaurações sociais Certeau, citado por Pintaudi (1997, p. 216) diz:

(...) ao separar dos lugares seus praticantes. Uma desapropriação de sujeitos acompanha a reabilitação de objetos. Mais que intenções malignas, este movimento resulta da própria lógica de um aparelho (técnico e científico) que se constitui isolando da consideração dos sujeitos o tratamento dos objetos (2004).

Sobre o que disse Certeau, comenta Pintaudi (1997 p. 216):

As intervenções promovidas nas cidades, tanto por aqueles que professam correntes culturalistas como progressistas, tanto aquelas intervenções de natureza pública quanto privada e em espaços públicos ou privados, têm transformado o espaço urbano (ou porções dele) em simulacros, em espaços falsos (que fingem ter o que na verdade não têm) (2004).

Os comentários de Pintaudi podem iluminar muita bem a reflexão sobre as (os) tapioqueiras (os) tendo em vista as recentes mudanças ocorridas.

O novo espaço do Centro das Tapiocas, com sua estrutura padronizada, mesmo que não seja exatamente um *shopping* como já foi demonstrado, anteriormente, contém até certo ponto algumas características existentes em um shopping, como lembra Jane Jacobs (2000, p. 3):

Os shoppings centers monopolistas e os monumentais centros culturais, com o espalhamento das relações públicas encobrem a exclusão do comércio — e também da cultura — da vida íntima e cotidiana das cidades. Para que tais maravilhas sejam executadas, as pessoas estigmatizadas pelos planejadores são intimadas, expropriadas e desenraizadas, como se eles fossem o poder dominante. Milhares e milhares de pequenos negócios são destruídos, e seus proprietários arruinados, e dificilmente recebem qualquer compensação. Comunidades inteiras são arrasadas e lançadas ao vento, colhendo um cinismo, um ressentimento e um desespero difícil de acreditar (2004).

As afirmações de Jane Jacobs, guardadas as devidas proporções, apresentam pontos comuns que remetem à situação pela qual passam hoje as (os) tapioqueiras (os) que foram desenraizadas (os), não só do seu espaço físico na sua forma original, mas de todo um ritmo de vida, de uma forma de organização familiar de trabalho. Paralelamente a essas questões, o aumento do número de tapioqueiras (os) acirrou a concorrência entre as (os) mesmas (os) elevando conseqüentemente as pressões. Isto pode ser comprovado nas representações das (os) tapioqueiras (os) no que tange a perda de liberdade, de autonomia, a “sujeição” à nova forma de organização e controle, etc.

A nova organização da produção vem alterando ritmos de trabalho e de vida, além de desarticular antigos vínculos mantidos anteriormente com os fregueses. A instalação desse novo equipamento moderno vem ampliando as pressões pela imposição e exigência de um novo ritmo, ordenamento, normatização, gerência, infra-estrutura, concorrência e competitividade, de modo a intervir decisivamente no cotidiano das tapioqueiras (os). A insegurança, instabilidade e medo nas representações das (os) tapioqueiras (os) denunciam tais pressões tanto nas suas falas muitas vezes truncadas, como no silêncio de algumas (uns) mais amedrontadas (os).

Soja (1993, p. 228) vem situar ainda mais nossas preocupações ao afirmar que: “o processo de internacionalização criou outro conjunto de paradoxos, pois implica num estender-se para fora, do urbano para o global, e um estender-se para dentro, do global para o local urbano”. O padrão de “qualidade” como modelo que se instala no novo espaço das (os) tapioqueiras (os), utiliza elementos de gerenciamento, produção, circulação, consumo, distribuição, publicidade que visam não só o consumo local, mas principalmente o turismo “mundializado” como mercadoria. Estabelece – se, nesse caso, a relação do local urbano para o global e do global para o local urbano sem, no entanto, resolver os dramas cruciais que pressionam o cotidiano das (os) tapioqueiras(os), as quais perdem mais e mais poder de apropriação.

As mudanças no lugar das (os) tapioqueiras (os) com o novo Centro das Tapiocas não só vem desativando toda uma produção artesanal familiar (como já foi mencionado), mas também as teias de relações afetivas familiares, de parentesco, de vizinhança, de trabalho, entre outras.

No tocante às relações familiares, uma tapioqueira comenta sobre a nova condição posta, a partir do novo Centro, na relação mãe e filha: - *Antes era trabalho e moradia, no shopping a minha filha vai trabalhar e eu fico com minha neta*. Do mesmo modo um tapioqueiro diz: - *Era eu e minha mulher e não era mais na frente de casa, corria risco de lá pra cá*”. Esta outra tapioqueira deixa escapar, quase como lamento: *“Não tenho tempo para os filhos, lá eu ganhava menos, mas era mais feliz”*.

As relações familiares também foram afetadas pelo distanciamento do trabalho em relação à residência, o que afastou as mães dos filhos pequenos, em alguns casos, até do marido (quando este passou a ter outra atividade complementar). E mesmo quando o marido trabalha junto com a esposa no novo Centro das Tapiocas, o tempo maior juntos ficou restrito a esse ambiente que é outro, totalmente diferente do antigo lugar da moradia. O estresse também tem atingido as relações familiares devido ao ritmo acelerado que impõe a produção de tapiocas com diversos recheios, feitas na hora em que pede o consumidor. Soma – se a isso a condição de “empreendedoras” associadas que caiu como um peso, aumentando as obrigações e preocupações, significando perda do tempo de vida, de identidade e do vivido, dando lugar à nova organização da produção, através do gerenciamento, da normatização, do padrão de “qualidade” exigido.

As relações afetivas com parentes de primeiro, segundo e terceiro grau (vizinhos na maioria dos casos) têm sido conflitivas e distanciadas. E, apesar dos “esforços”, (segundo as (os) tapioqueiras (os)), de amenização e aproximação dos últimos cursos de reciclagem freqüentados pelas (os) tapioqueiras (os), não diminuíram as tensões. O que indica também que a hiper aproximação dos boxes distanciou ainda mais as relações de parentescos.

A maioria dos permissionários do Centro das Tapiocas é de parentes das (os) tapioqueiras antigas (os) (filhos, sobrinhos, netos, irmãos e algumas (uns) tapioqueiras (os) antigas (os)) como se verifica no quadro três. Apesar disso, como já foi dito, a relação afetiva, de parentesco acaba sendo afetada pelo ambiente que é outro.

Os quadros a seguir mostram alguns parentescos entre os (as) permissionários (as) e as (os) antigas (os) tapioqueiras (os) no caso do quadro 3; e só entre permissionários (as) do Centro das Tapiocas no quadro 4:

Quadro – 3:

| PARENTESCOS ENTRE TPS. DO CENTRO DA TAPIOCA E DO ARTESANATO DE MESSEJANA E TPS. ANTIGAS | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-----------|-----------|------------|----------|----------|----------|----------|--------|----------|-------|----------|----------|----------|--------|----------|-----------|----------|----------|
| P | L | A | P | L | M | V | V | M | C | E | V | E | R | C | T | E | Z | M | F | N | G | F | G | R | R | A |
| ERM | LEON | ANA | PAULO | LINDA | MESSIAS | VALDE | VALDÊNIA | MARILENE | CASSIMIRA | ELIZABETH | VALDELEINA | ELENI | REGINA | OSMO | TARCISO | ESTELA | ZILMA | MARIA | FERNANDO | ÚBIA | GILMAR | FRISCA | GERMANO | REGINALDO | ROSÁLIA | AILTON |
| 1 | - | <u>P</u> | <u>P</u> | - | - | <u>I</u> | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 2 | - | <u>F</u> | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 3 | - | <u>S</u> | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - |
| 4 | - | <u>P</u> | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>F</u> | <u>S</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 5 | - | <u>P</u> | <u>F</u> | - | <u>G</u> | <u>P</u> | - | - | - | - | - | <u>P</u> | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> |
| 6 | - | <u>P</u> | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | <u>S</u> | <u>S</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 7 | - | <u>P</u> | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> | <u>F</u> | - | - | - | <u>F</u> | - | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 8 | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>N</u> | - | <u>F</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> |
| 9 | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | <u>I</u> | - | - | <u>T</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>S</u> | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> |
| 10 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 11 | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | <u>S</u> | - | - | <u>I</u> | - | <u>S</u> | - | - | <u>C</u> | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>S</u> |
| 12 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 13 | - | - | - | <u>E</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | <u>F</u> | - | <u>G</u> | - | - | - |
| 14 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 15 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 16 | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>N</u> | - | <u>P</u> | - | <u>S</u> | - | - | - | - | <u>S</u> | - | - | <u>C</u> | <u>G</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>S</u> |
| 17 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 18 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 19 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |

| CASAS DE TAPIOCAS E TAPIQUEIRAS (OS) ANTIGAS (OS): | |
|---|--|
| <p>1. SÃO RAFAEL - (Hoje quem está a frente é o jovem Júlio G.dos Santos, filho do sr. Rafael Carneiro dos Santos.)</p> <p>2. SÃO FRANCISCO - (Sr. Francisco (sr. Crio) continua a frente, mas só nos finais de semana, já que durante a semana é vigia.)</p> <p>3. SANTA CECÍLIA - (O sr. Manoel desistiu e um neto assumiu o posto , mas somente nos finais de semana.)</p> <p>4. SÃO PEDRO - (A casa de tapioca passou vários meses fechada e foi retomada recentemente pela sra. Zenaide.)</p> <p>5. Da.CHICHICA - (A casa de tapioca há muito foi transformada em mercearia e desde que esta morreu a filha, Da. Betinha assumiu o posto.)</p> <p>6. Da. SOCORRO - (A casa de tapioca foi transformada em bar e casa de refeição quem esta a frente é a própria dona Socorro.)</p> <p>7. Da. NEUMA - (Sra.Neuma continua a frente da casa de tapioca na semana e finais de semana.)</p> <p>8. Da. ELIZA (Hoje quem esta a frente da casa de tapioca é o filho Ernandes Gadelha.)</p> <p>9. TRÊS IRMÃS - (Sra.Socorro Gadelha é quem está a frente da casa de tapioca.)</p> <p>10. T. DO Sr. JOSÉ FRANCA - (Há muito fechou essa casa de tapioca porque o dono morreu.)</p> | <p>11.DA XUXA - (Hoje quem está a frente é o cunhado do antigo dono, Sr. Joãozito Gadelha)</p> <p>12.SÃO JOSÉ (A casa de tapioca fechou após o Centro, pertencia antes a dona Zenaide e filhas, Rosália)</p> <p>13.T.GOSTO QUENTE - (Senhor Renezito Ribeiro de Souza continua a frente da tapioqueira só nos finais de semana.)</p> <p>14.T. DO Sr. OSCAR - (Mudou o forno para estrada do Fio)</p> <p>15.T.sra. Ma. DO SOCORRO P. DA SILVA - (Irmã do Sr. Crio há muito fechou por motivos de doença.)</p> <p>16.T. DO Sr. TARCÍSIO - (Não tinha casa de tapioca, resumia – se numa banca exposta a beira da estrada.)</p> <p>17.O Sr. PELÉ - (Sr. Raimundo Pereira Lima não tinha casa de tapioca, porém vendeu tapioca aos sábados no mercado dos peões por mais de quarenta anos, mas foi afastado recente e definitivamente após este mercado ter sido reestruturado).</p> <p>18.Senhora Ma. IVONE DA S. AMORIM - (Não tinha casa de tapioca, mas vendia tapioca em várias feiras de Fortaleza.)</p> <p>19.Sr. JOÃO S. AMORIM (Não possui casa de tapioca, mas vende junto com os filhos aos sábados no mercado São Sebastião.)</p> |

Fonte: pesquisa direta

Quadro - 4

| PARENTESCOS NO CENTRO DAS TAPIOCAS E DO ARTESANATO DE MESSEJANA ⁶⁴ | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|------------|-------------|--------------|------------|----------|------------|----------|----------|-----------|-------------|------------|----------|----------|------------|----------|---------------|------------|----------------|----------|-----------|--------------|-----------------|---------------|----------------|----------|-----------|
| BOXES | RDO SERTÃO | SÃO Fco-ANA | PAULINHO | S DA TERRA | MESIAS | SÃO RAFAEL | T NEUMA | EMANUELD | CASSIMIRA | FRANCINEUDO | D SOCORRO | 3 IRMÃS | REGINA | S D AMILÃO | DA BOA | T DO CRIA DOR | T DA ZILMA | St a . CECÍLIA | JESUS | T DA XUXA | T . CEARENSE | D a . FRANCISCA | T . DA BRANCA | S ILV . HELENA | SÃO JOSÉ | EL SHADAI |
| PERMISSIONÁR | LEONICE | ANACÉLIA | PAULO ROBERT | LINDALVA | MESIAS | VALDENIZA | VALDÊNIA | MARILENE | CASSIMIRA | ELIZABETH | VALDELEINA | ELENICE | REGINA | COSMO | TARCISO | ESTELA | ZILMA | MARRIA SILVA | FERNANDO | NÚBIA | GILMAR | FRANCISCA | GERMANO | REGINALDO | ROSÁLIA | AILTON |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 2 | - | - | <u>P</u> | - | | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 3 | - | <u>P</u> | - | - | <u>C</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> |
| 4 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | <u>F</u> | - | <u>G</u> | - | - | - |
| 5 | - | - | <u>C</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 6 | - | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 7 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | <u>I</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 8 | - | - | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>S</u> | - | <u>P</u> | - | - | - | <u>P</u> | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>P</u> |
| 9 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 10 | - | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - | - | - | <u>S</u> | - | - | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>P</u> |
| 11 | - | - | - | - | - | - | <u>I</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 12 | - | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>T</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>T</u> | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>P</u> |
| 13 | - | <u>P</u> | - | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - |
| 14 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 15 | - | - | - | - | - | - | - | <u>N</u> | - | <u>S</u> | - | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>S</u> | - | - | <u>C</u> | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>S</u> |
| 16 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 17 | - | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | <u>T</u> | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>P</u> |
| 18 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | <u>G</u> |
| 19 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 20 | - | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | <u>S</u> | - | - | <u>C</u> | - | <u>S</u> | - | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | <u>F</u> |
| 21 | - | - | - | <u>M</u> | - | - | - | <u>P</u> | | <u>P</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>G</u> | - | <u>P</u> | - | - | <u>P</u> | <u>P</u> | - | - | - | - | - |
| 22 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 23 | - | - | - | <u>S</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 24 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 25 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 26 | - | - | - | - | - | - | - | <u>P</u> | - | - | - | <u>P</u> | - | - | <u>T</u> | - | <u>P</u> | <u>S</u> | - | <u>M</u> | <u>P</u> | - | - | - | - | - |

Fonte: pesquisa direta

⁶⁴ **Abreviaturas** do quadro de parentescos: **M**=mãe; **P**=primo (a); **P***=pai; **T**=tio (a); **S**=sobrinho; **P**=parente de segundo e terceiro grau e distante; **S**=sogra; **I**=irmão; **G**=genro; **N** = nora; **F**=filho (a); **C**=cunhada (o);

Observa –se no quadro três ainda um estreitamento de parentescos muito elevado entre as (os) antigas (os) tapioqueiras (os) e a maioria dos (as) permissionários (as) do Centro das Tapiocas, sendo, portanto, grande parte destes (as) que assumiram os boxes de gerações mais novas.

Entretanto, alguns (as) permissionários (as) não são parentes até porque são novatos (as) não eram tapioqueiras (os) antes, Dos parentescos entre permissionários dos boxes, só não tem parentes no Centro das Tapiocas os permissionários dos boxes: um (1), quatro (4), nove (9), dezoito (18), dezenove (19) e vinte e quatro (24). É possível perceber, nesse quadro, que os parentescos em grande parte se mantém, mas as relações afetivas, de parentesco foram alteradas, perderam do seu ritmo anterior a espontaneidade, as misturas entre trabalho e conversa, a descontração, a informalidade.

Algumas histórias de vida se mostram cortadas, interrompidas nas relações familiares e de vizinhança. O tecido das relações de vizinhança foi “esgaçado”, ao transplantarem as pessoas para um ambiente de trabalho estéril e padronizado, movido pela concorrência, pelo consumo, pela mercadoria. Um espaço voltado unicamente para o consumo é diferente de um lugar com múltiplas opções, como morar, trabalhar, brincar, divertir- se, festejar, ir à novena, sentar na frente da casa para “jogar conversa fora” com o vizinho, ou com o freguês, fazer uma fogueira no terreiro, queimar um Judas com a molecada, rir das “presepadas” de um bêbado (velho conhecido) passante da rua, olhar os filhos brincando, viver.

Na verdade, as mudanças radicais com a implantação do mais moderno (o novo Centro), as (os) tapioqueiras (os) sofreram e sofrem diversas formas de pressão (como as que foram ditas acima) com as quais não estavam de todo habituadas (os) antes. Lefebvre (1969, p. 243) nos faz refletir essa questão, quando diz: “A tecnicidade introduz-se no cotidiano e, no entanto, deixa-o de lado. As intervenções técnicas modificam a vida privada, a cidade, as paisagens, mas de maneira brutal e descontínua, sem liame. Elas fragmentam e não integram o cotidiano num conjunto mais vasto”. Com base em Lefebvre é possível dizer que as (os) tapioqueiras (os), foram desapropriadas (os) da condição, ritmo e forma de vida que as diferenciavam e as faziam ser o que eram.

É importante levar em conta algumas considerações a respeito das diferenças culturais presentes nos diversos agrupamentos humanos, como ressalta Carleial, (2002, p. 18):

As formas de sentir, pensar e agir, fazem parte do sistema cultural de um povo. Os homens tornam-se diferentes, entre si, pelos distintos modos de convivência, de reprodução e de produção material e espiritual de seus agrupamentos humanos, criando variadas diferenças culturais, de significados múltiplos.

As tapioqueiras (os) ao serem distanciadas da porta de casa, da vizinhança compartilhada, dos filhos brincantes do terreiro, das conversas entre comadres, da informalidade das suas vidas, do desfrute das sombras das mangueiras, foram apartadas do que faziam estas (es) serem tapioqueiras (os) e restringidas (os) ao padrão de produção circulação e consumo determinado pelo turismo.

As relações afetivas tecidas no antigo lugar com os fregueses podem ser traduzidas nas palavras de um tapioqueiro: - *“Quando fomos para o shopping ganhamos um enxoval dos clientes antigos porque eles se cotizaram e compraram geladeira, freezer, etc. Mas depois perdemos tudo quando devolvemos o box”* (Sr. Manoel - 2003).

Isso só demonstra até que ponto chegava à amizade e vínculos com os antigos fregueses sem que houvesse nenhum outro interesse, além do encontro espontâneo e da colaboração com o outro. Esses pequenos gestos residuais que permanecem, declaram possibilidades outras, que não só a da mercadoria.

As relações de trabalho mudaram, antes não eram assalariadas, portanto não eram relações de trabalho capitalistas. E, embora que apoiadas na produção familiar, não deixavam de ser inseridas na economia capitalista. Passaram então a ser assalariadas (capitalistas), o que funcionou como pressão, porque impuseram a condição de patrões e patroas às (aos) tapioqueiras (os). Ressalta-se, nesse caso, o fato destas (es) terem apresentado um grau de apropriação no antigo lugar relativamente maior do que após a criação do Centro das Tapiocas, onde as novas

relações de trabalho é que passam a contar basicamente, sobretudo com a introdução de empregados assalariados.

A mudança nas relações de trabalho e a forma rápida de produção da tapioca, lembrando os *fast foods*, aparece claramente na fala deste tapioqueiro que também propõe um distanciamento para os boxes:

“- Nas tapioqueiras antigas era praticamente só família, não tinha funcionário. No shopping aumentou o trabalho, as tapiocas são feitas na hora. No shopping tem lanchonetes, coisa que não tinha no antigo espaço. Gosto do trabalho, e mais do antigo espaço do que do novo. Acho bonito usar farda, ninguém usava agora estão usando dos patrocinadores (Governo, Santa Clara e Ultragás, agora vai ter da manteiga Puro Sabor), fizeram até boné. As vezes o shopping lotado e eu não vendia nenhuma tapioca por falta de estacionamento (2004).”

Com a instalação do Centro das Tapiocas, as (os) tapioqueiras (os) tiveram que se submeter à nova forma de organização da produção. A organização, como já foi dito, implicou no uso de equipamentos não utilizados anteriormente como: geladeira, freezer, cadeiras padronizadas e mesas de plásticos. Implicou também na incorporação e uso de novos ingredientes entre os quais: leite condensado, presunto, queijo, carne-de-sol, camarão, banana, doce de leite, que não eram comuns na situação anterior, mas que passaram a ser adquiridos com a introdução de recheios à tapioca fina, o que implicou numa diversificação do tipo de tapioca. Sobre isto comenta um tapioqueiro: - *“No novo espaço mudou a história dos ingredientes, ter que pagar empregados, taxa de condomínio”* (03/2004).

Como foi visto, a nova forma de organização, não gerou apenas novas relações de trabalho, mas incorporou o assalariamento, o que contribuiu para a incorporação de novos hábitos típicos dessa forma de produção. O cumprimento de horários fixos de trabalho, a “diversificação” da tapioca comprova algumas das mudanças ocorridas.

Além disso, alteram – se as relações entre os diversos atores envolvidos, a exemplo da relação com os fornecedores que se dão agora, tanto com empresas como com indivíduos.

Quanto á representação do grupo das (os) tapioqueiras (os) convém destacar a criação de uma associação, porém esta incorpora pessoas estranhas ao grupo original do antigo espaço, tanto as (os) novatas (os), como indiretamente e não oficialmente representantes das empresas fornecedoras (as quais “participam” das reuniões) e técnicos assessores.

A criação artificial de uma associação pode ser caracterizada como uma outra forma de intervenção impetrada pelos técnicos do governo do Estado. Uma associação formalizada, porém originada de forma legal (burocrática) e não legítima, “legitimada” depois talvez, as “expensas” do processo lembrado em alguns aspectos a criação de algumas cooperativas artificiais, criadas para gerar mão - de - obra barata para a indústria, sem garantias ou direitos trabalhistas, no interior do Estado.

Essas relações de produção impostas pela nova forma de organização da produção trouxeram, portanto para o cotidiano das (os) tapioqueiras (os) a quebra dos laços de parentesco nas relações de trabalho, uma vez que na situação anterior a produção estava restrita ao âmbito familiar.

A desarticulação da antiga forma de produção para alguns (as) não foi compensada pela atual situação no Centro das Tapiocas, que não é das mais alvissareiras para esta ex - tapiqueira:

“- Tenho uma lanchonete. Estou sofrendo, tendo despesa, tem que pagar pessoa para cozinhar, gostaria de voltar a ser tapiqueira, para ganhar um pouco mais, já tentei entregar o ponto porque não tem recurso, o forte é a tapioca. Mas tem uns que passam o dia para vender cinco tapiocas quando é fora das férias e feriados.” (2004)

Justamente as (os) mais antigas (os) de todas (os) as (os) tapioqueiras (os) preferiram desistir do Centro da Tapioca e continuar insistindo na produção e venda, mesmo que reduzidíssima, de tapioca no antigo espaço, e buscar simultaneamente outras atividades complementares para cobrir os gastos domésticos. Vale lembrar que houve casos de desistência total da atividade de produção da tapioca por parte de alguns (as) como se constata nas palavras desse tapiqueiro:

“- Devolvi o meu box a associação... a SETA quem manobra. Tem também o SEBRAE. Antes de todo mundo ir para o shopping houve muita reunião. Estranhei muito a concorrência, nunca eu soube usar esse tipo de coisa. A tapioca do shopping requer muita mão-de-obra, é feita com vários recheios e tinha de fazer cursos (Sr. Manoel , 2003).”

Para esse tapioqueiro o Centro representava o total estranhamento pela concorrência. Era estranho também, de repente, ter que aprender a fazer novas tapiocas justamente ele que tinha passado a vida fazendo tapioca e nunca ninguém havia reclamado.

As (os) antigas tapioqueiras (os) que aderiram ao novo Centro e as novas que iniciaram a atividade neste espaço tiveram que se adequar às normas de funcionamento até então estranhas para elas. Portanto, além de assumirem a condição de patrão (oa), e de estabelecerem relações diferentes, isto é, com novos e diferentes fornecedores, tiveram ainda que incrementar a produção. Acrescenta-se a preocupação com a estocagem de produtos industrializados que devem ser acondicionados numa infra-estrutura mínima exigida. A obediência a horários rígidos, o uso de uniformes e os encargos com o condomínio são também exigências que, quando não cumpridas, podem colocar em risco a manutenção da vaga ou box. Como relata esta tapioqueira:

“- Aqui tem obrigações como farda, horários, as compras dos recheios... No começo agente recebia ameaça de perder o ponto, mas agora eu perdi o medo, eles não estão mais como antes. Gostaria que separassem as tapioqueiras acompanhando a estrada. O pessoal do lado da entrada vende muito mais, e o pessoal desse lado vende pouquinho. É meia saca na semana da fina e meia no final de semana, a grossa eu quase não uso (2004).”

A pressão permanente permeia o Centro das Tapiocas nos seus diversos aspectos, embora se tenha observado que, após o início dessa pesquisa, a relação dos técnicos, “assessores” com as (os) tapioqueiras (os), parece ter se tornado mais cordial, menos opressiva. Observa -se que o controle vem se dando mais “discretamente”, através dos cursos ou da intermediação da presidenta orientada por técnicos e pelas empresas fornecedoras. Porém, isso não diminui o nível de “preocupação” das (os) tapioqueiras (os) que atuam com uma permanente pressão presente nesse novo estágio da cotidianidade “reificada”. E conforme alguns

técnicos, atualmente a nova Secretaria responsável pelo Centro das Tapiocas é a SETE (Secretaria do Trabalho e Empreendedorismo).

O Centro das Tapiocas serve de meio publicitário permanente para os seus fornecedores fixos, que também fornecem a farda das (os).tapioqueiras (os) com nome e marca da empresa fornecedora e patrocinadora dos fardamentos. Um fornecedor “autônomo”, (individual, não – representante de empresas) comenta:

“- Sou fornecedor. Fui chegando fui ficando e fornecendo, não tenho ambição. O shopping foi a melhor coisa que foi feita para as tapioqueiras, foi dado de graça pelo governo. O pessoal não tem muito estudo por isso há desunião. O que havia na estrada antiga era muito primitivo. As pessoas tem se desenvolvido mais... uns mais do que outros. Tem gente que nunca foi tapioqueiro e tem movimento porque sabe trabalhar, outros se acomodaram não procuram crescer. Vendo da goma fina e grossa por semana seiscentos quilos da fina para vinte boxes e cem quilos da grossa. Os boxes que me compram mais são São Francisco, Silvia Helena, Da boa, três irmãs, tem uns que compram goma também de outros fornecedores. Vendo também dois fardos de café de vinte quilos por semana e sessenta quilos de açúcar. Vendo de tudo, o que as tapioqueiras pedem eu trago, tanto produtos prioritários como não-prioritários e elas pagam com o prazo de oito dias. Mas, as marcas de exigência, Santa Clara e a margarina Puro Sabor...Elas trouxeram a proposta de fardamento, eventos, publicidade, compromisso de fidelidade... Para ter fidelidade é preciso não vender o produto... A Santa Clara tem parceria com o governo do Estado (2004).”

As representações desse fornecedor e das (os) tapioqueiras (os) mais recentes, que começaram a atuar como tal no Centro das Tapiocas tendem a reproduzir o que dizem os técnicos, talvez como uma forma de se preservarem.

Uma tapioqueira comenta também sobre os fornecedores fixos (empresa que tem parceria com o Estado): “- *A Santa Clara, quando foram botar os boxes, quando fez a associação, ela veio para o meio e todos se cadastraram como comprador*”. Outra tapioqueira confirma o que disse a anterior: “- *Os fornecedores fixos, que todo mundo tem que comprar só deles, pelo menos os produtos que eles vendem é a Santa Clara, Ultragaz, Puro*. Estas colocações dão uma dimensão de como funcionava do que foi registrado como “associação”, como algo que estava submetido a outros interesses seja do Estado representado pelos técnicos e políticos e das empresas fornecedoras.

Nada mais apropriado do que deixar que os (as) próprios (as) tapioqueiros (as) continuem falando mais das pressões provocadas pelas mudanças advindas do Centro das Tapiocas como demonstra o tapioqueiro: “- *O desvio da estrada e o shopping pra mim significaram perdas. Perdi o antigo lugar, porque esvaziou, e o novo. Perdi o trabalho, os clientes, perdi a saúde, e minha mulher ficou com depressão, pressão alta*” (Sr. Manoel 2003).

Essas perdas não são apenas materiais, elas significam muito mais, a perda de sentido para vida, por isso vem as patologias, o desânimo, a instabilidade, a descrença no futuro. Quando se mata a identidade de alguém, essa pessoa morre por antecedência da morte física; É a morte da energia vital que cada um carrega consigo. De uma outra maneira, um outro tapioqueiro, que preferiu que a filha ficasse com o box no novo Centro, diz:

“- O shopping para minha filha está bom porque a localização do box é boa, funciona tudo direitinho, só não tem negócio de bebida. A minha filha acha boas as dicas das reuniões. Lá todo mundo fez empréstimo, paga o vigia (ex. tapioqueiro), água e condomínio. As vezes quando tem reunião “as gentes” não dão “pitaco”. Acho que melhorou com o shopping, mas para o futuro devia mudar, era melhor ter ficado como era antes. Hoje eu continuo fazendo tapioca no lugar antigo das tapioqueiras, mas só nos finais de semana, porque também sou vigia...Se a senhora precisar eu faço limpeza faxina na sua casa (2004).”

O fato deste tapioqueiro ter uma filha no Centro das Tapiocas num box bem sucedido pela localização favorável faz com que este tenha mais cautela ao falar, mas a insatisfação com a sua condição atual acaba aparecendo ao desejar que a vida voltasse a ser como antes.

Já uma outra tapioqueira comenta sobre a “Xuxa”⁶⁵, um ícone da Rede Globo, que havia passado no antigo lugar: “- *Vem gente aqui por causa da Xuxa, fiz um trono pra ela com coroa e tudo, fotografias, recortes de jornais*” (senhora Núbia, tapioqueira há 25 anos).

Para essa tapioqueira a imagem da Xuxa serve como publicidade. Lefebvre (1991, p.100) destaca a “ideologia da publicidade” atrelada à mercadoria, a qual se apropria da arte e da literatura em proveito principalmente do valor de troca,

⁶⁵ No imaginário dessa tapioqueira a passagem de um ícone “global”, a Xuxa é ainda cultuada como uma “justificação” do lugar como atrativo.

programa o cotidiano, penetra no imaginário “(...) se baseia na existência imaginária das coisas (...) implica a retórica, a poesia, sobrepostas ao ato de consumir, inerentes às representações”. Através da persuasão ela seduz e, de certo modo, fabrica o consumidor e determina o ato de consumir. Sobre isso novamente Lefebvre (1991, p. 100) afirma:

O ato de consumir é um ato imaginário (portanto, fictício) tanto quanto um ato real (sendo o próprio real dividido em pressões e apropriações). Ele adquire então um aspecto metafórico (a felicidade em cada bocado em cada erosão do objeto) e metonímico (todo o consumo e toda a felicidade de consumir em cada ato). Não seria grave se o consumo não se apresentasse a si mesmo como um ato pleno, como atualidade, inteiro á parte, sem trapaça, sem ilusão. Consumo imaginário, consumo do imaginário – os textos de publicidade – e consumo real não tem fronteiras que os delimitem. Pode se admitir que tenham uma fronteira móvel, transposta incessantemente; apenas a análise discerne os níveis.

O patamar ilusório alcançado pelos objetivos da publicidade no sentido não só de provocar, mas produzir o consumidor e o consumo para a realização da mercadoria atinge hoje níveis paroxístmicos, “esquizofrênicos”. A ida da Xuxa serve como propaganda e é permanentemente lembrada e usada como recurso para venda de tapiocas.

Até o uso torna-se imaginário, esvaziado de seu conteúdo e denuncia a exaltação e exacerbação do valor de troca que é a principal finalidade da publicidade e portanto da mercadoria. Lefebvre (1991 p.64) diz: “Não é o consumidor nem tampouco o objeto consumido que tem importância nesse mercado de imagens, é a representação do consumidor e do ato de consumir, transformado em arte de consumir”. O caso do destaque dado pelo uso da imagem fabricada da Xuxa pela mídia e o caso da tapioca gigante no dia do índio para chamar atenção do consumidor local e do turista, dentro das devidas proporções, ilustram bem o que diz o autor.

Sampaio & De Rossi (1999, P.59) num estudo sobre a condição de estranho nas relações cotidianas dizem:

Outrora havia uma estabilidade garantida pelos costumes tradicionais que fundavam a ordem presente no espaço e no tempo – o primeiro nos rígidos limites de um território, o segundo no calendário, cíclico, como as estações do ano – estabilidade essa que se esfacela ante a instauração da linearidade do tempo da

vida cotidiana. Essa cotidianidade institui novas concepções e novas atitudes que transformam não só as relações de trabalho, mas as relações de vizinhança, assim como as relações afetivas e familiares. Os costumes e tradições que davam previsibilidade e uma certa estabilidade aos comportamentos são sobrepujados pela *mídia*, que invade o lar de cada um com suas sugestões cambiantes de normas de conduta, dirigidas de “fora”, “programando” a vida das pessoas de acordo com orientações e interesses quase sempre estranhos em relação à vida de cada um. O homem está predominantemente subjugado pelo tempo cotidiano. (...) O resultado do seu agir está dissociado de sua vontade. O homem não se reconhece naquilo que faz. A racionalidade dos atos imediatos do cotidiano engendram uma irracionalidade que abrange a totalidade da vida. O seu sentido só aparece nos fragmentos que a compõe. (...) a cotidianidade é lugar das relações fluidas que não se sustentam.

O estranho, no caso das (os) tapioqueiras (os), é a “presença” do novo Centro que, junto à *mídia* (a qual adquire um caráter de reforço, exaltando a sua organização e funcionamento) traduz bem a citação acima. Insere definitivamente as (os) tapioqueiras (os) na cotidianidade, programa o seu tempo e espaço, o seu trabalho, os seus comportamentos em função do consumo, do turismo como mercadoria, em função de interesses estranhos.

A entrada do Centro das Tapiocas na *mídia* se dá com a utilização de vários mecanismos, entre os quais a recorrência ao espetáculo como recurso publicitário. Este foi o caso da tapioca gigante produzida no Centro das Tapiocas como diz esta tapioqueira: “- *No dia dezanove de abril de 2003 agente fez uma festa no shopping com uma tapioca de 43 metros em comemoração ao dia do índio*”.

Na verdade a *mídia*, através das campanhas publicitárias, passou a dar ênfase ao Centro das Tapiocas, principalmente depois das parcerias deste com as empresas fornecedoras que o utilizam também como espaço de divulgação dos seus produtos. O pronunciamento seguinte, de uma tapioqueira, refere - se à reprodução das “festas” e comemorações padronizadas e enfatizadas pelo comércio nas programações para o consumo: “*Tem as festas das mães, das crianças, do índio, juninas patrocinadas, tudo para os clientes.*”

Os recursos midiáticos como o caso da tapioca gigante (43 m), a comemoração do dia do índio, a quadrilha não mais voluntária entre parentes e vizinhos, mas produzida e encomendada, são incomuns entre as (os) tapioqueiras

ocorrem mais como simulacro, como nos casos de *“invenção de tradição”*⁶⁶, e não como uma prática anterior, antiga das (os) tapioqueiras (os) que, guardadas as diferenças, ainda se preserva desde os potiguaras até hoje no mesmo lugar em Paupina, Messejana. Por isso, é possível dizer que o Centro das Tapiocas representa um espaço por excelência voltado para o consumo, um simulacro, uma “caricatura” do que foram e são as (os) tapioqueiras (os).

Com base em Marx (1985, p. 75), é possível dizer que a mercadoria oculta a relação social determinada por homens que é como se fosse relação entre coisas. Carlos (1997, p.202) questiona se seria a “(...) supremacia do objeto sobre o sujeito?” Da mercadoria, portanto, com seu fetichismo e a partir deste a reificação, mas não de forma absoluta, embora saibamos que a atual “sociedade burocrática de consumo dirigido” realize, anuncie e contraditoriamente denuncie isso. Sobre isso Carlos (1997, p. 203) posiciona-se muito bem ao comentar que:

A mercadoria parece figura autônoma dotada de vida própria em relação aos homens. No mundo moderno, essa situação atingiu o seu limite. A mercadoria se autonomizou face ao sujeito, determinando as relações entre as pessoas uma vez que o processo de reprodução das relações sociais dá-se cada vez mais fora da fábrica, na cidade, englobando a sociedade e o espaço inteiros, invadindo o cotidiano e produzindo o que Granou chamou de reino da mercadoria. Nesse contexto, o mundo da mercadoria generalizou-se, mas não sem conseqüências. Na sociedade de consumo, passa-se definitivamente da cultura da escassez – alicerçada na limitação das necessidades – para a da abundância, esta constituída pela multiplicação dos objetos e amplitude do consumo, onde o homem passa a ser visto e pensado enquanto simples consumidor, apagando-se a idéia do homem criativo substituído pela imagem do consumidor, isto é, homens dominados pelo valor de troca.

Carlos trata justamente do processo de reificação da mercadoria que não se limita só ao fetichismo inerente a ela, mas vai mais além, invade a “realidade”, o cotidiano e passa a permear quase todas as relações e a constituir em muito a cotidianidade. Perde - se de vista a multidimensionalidade do ser humano, as suas múltiplas potencialidades (a sua capacidade criativa, o seu tempo de vida, a sua vocação para o uso) ao colocar como “figura central” nessa sociedade a mercadoria e o seu consumo reificado, o uso aparece apenas como resíduo. Convive –se então com o império do simulacro que se sobrepõe como capa cada vez mais mascarando

⁶⁶Hobsbawm (1997, p. 9-10) se refere às tradições inventadas como (...) “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. (...) na medida que há referência um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam – se Pode estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial”.

o cotidiano, negando a possibilidade de vivências mais autênticas livres das simulações da mercadoria.

De uma outra maneira, diferente daquela verificada nas representações anteriores, algumas (uns) tapioqueiras (os), bem poucas (os) e mais jovens, dizem-se satisfeitas (os) com o Centro das Tapiocas. Esta opinião é compartilhada por parte dos fregueses antigos, bem como pela quase totalidade dos fregueses locais recentes e dos também turistas. Estes dizem gostar desse novo equipamento, até mais do que do antigo lugar (pelo menos para aqueles que o conheceram). O que não é de admirar numa “cotidianidade reificada”, já que o novo Centro, como já foi dito, enquadra-se como modelo, entre muitos outros que se multiplicam por aí fabricados para o consumo. Uma jovem tapioqueira diz:

“- Sou filha da permissionária do box. Na associação a presidente conduz a reunião e a decisão é da maioria, tem debates, conflitos, mas a maioria é que decide., tem ata. O ambiente do novo espaço é mais agradável, a maioria dos clientes diz isso, entre turistas e clientes antigos. Só dez por cento dos clientes antigos continuam gostando mais do antigo espaço. Os horários são obrigatórios tem no papel, mas não são cumpridos (2004).”

As observações desta jovem tapioqueira não coincidem com o que diz a maioria a respeito das decisões nas reuniões. Muitas vezes a presidenta já trazia determinações prontas e elaboradas por técnicos, que, na verdade acabavam sendo “acatadas” formalmente pela “maioria”, temendo fazer contestação em relação ao que diziam os técnicos. Portanto, a maioria decidia apenas as questões que não eram de interesse dos técnicos.

Foram as (os) mais jovens tapioqueiras (os) (com pouquíssimas exceções) que assumiram realmente os trabalhos com o Centro da Tapioca, enquanto muitas (os) das (os) mais antigas (os) não conseguiram se enquadrar às novas condições de regulação.

Os (as) mais jovens⁶⁷ são mais facilmente seduzidos (as) pelas “novidades”, as coisas e comportamentos “mais modernos”, levados (as) pelas

⁶⁷ Por um lado, o mercado tem se ocupado da venda de mais uma “mercadoria”, “a juventude fabricada” para, pelo e em nome do consumo. Por outro lado, (daqueles que não são mais jovens pelo menos), a **juvenildade** fabricada é condição imposta aos adultos e idosos quase como uma ditadura, uma forma de violência, de terror.

mistificações do consumo. Percebe – se já algumas mudanças, ainda sutis, tanto no comportamento (jeito de falar), como no consumo pessoal (modo de se vestir, uso de maquiagem).

Mas, vale ressaltar que a implantação desse equipamento e gerenciamento “moderno” não se deu sem o autoritarismo daqueles que se colocam hierarquicamente acima das (os) tapioqueiras (os), como uma herança ainda das velhas oligarquias. Um fato marcante logo de início, na reunião de vinte e seis de junho de dois mil e quatro, quando foi feito o seguinte pronunciamento pela presidenta: **“- A farda é obrigatória, a doutora disse que quem não usar vai ser punido, vai ser lacrado⁶⁸ um, ou até três dias”**.

Portanto, a presidenta se coloca como alguém que obedece a ordens, algo incomum numa associação, mas freqüente no Centro das Tapiocas. Muitas decisões vêm de cima para serem legitimadas nas reuniões e para isto há tolerância com o autoritarismo “dos que estão acima” como se isto fosse “normal” que devesse fazer parte. O Centro é visto pela maioria das (os) tapioqueiras (os) como algo que não lhes pertence, mas que pertence ao governo e que *“se elas não andarem na linha poderão perder o ponto”*.

O drama e os conflitos no cotidiano das (os) tapioqueiras (os) denunciam uma situação nada fácil para aqueles que a vivenciam. Por trás do cansaço e das tensões há muito mais do que se vê, como é possível observar a partir do que dizem algumas (uns) tapioqueiras (os): uma diz: *“- No shopping tem muita briga”*.

Outra relaciona as brigas à concorrência: *“- Uma dificuldade no shopping é a desunião. Nas antigas tapioqueiras também tinha desunião, mas no shopping piorou*

Lefebvre (1991, p.181-182) comenta sobre a **juvenildade**: “Desde alguns anos tem-se tentado (alguém ou alguns) literalmente institucionalizar a juventude. O que acaba acontecendo é a integração da juventude no mercado, no consumo, procurando-se para ela uma cotidianidade paralela. Tende-se a constituir uma essência, a juvenildade, dotada de atributos e de propriedades comercializáveis, possuída por uma parte da população privilegiada, ou assim considerada, justificando-se desse modo a produção e o consumo de objetos marcados (roupas, entre outras coisas, que resumem e simbolizam o *blue jeans*). Coloquemos então (...) a juvenildade traz uma contribuição ao terror. Quem não tem medo de não parecer jovem?(...) a cada um, na sua cotidianidade, a opção dilacerante da não liberdade, da não apropriação”.

⁶⁸ “Lacrado” significa que o box será fechado como forma de castigo pela desobediência.

devido à briga por clientes". E esta de outro modo, comenta: "*Nos cursos as pessoas que tinham deixado de falar umas com as outras estão voltando a se falar*".

Como já foi dito, os "esforços" dos cursos no sentido de atenuar os conflitos não apaga as contradições geradoras destes, os quais tendem a se acentuar com a excessiva proximidade dos boxes e principalmente com o aumento da concorrência, já que aumentou o número de tapioqueiras (os) e diminuiu o espaço.

As tapioqueiras (os) mais antigas (os), apesar de temerosas (os), são mais espontâneas deixam escapar o que sentem verdadeiramente. Não se trata de diabolizar as (os) novas tapioqueiras (os), ou deificar as antigas (os). Trata-se de perceber que as perspectivas, os interesses são diferentes. As (os) novas (os) tiveram e algumas (uns) ainda têm dificuldades, são pessoas que conhecem a dureza da vida, mas não sofreram ou viveram o mesmo drama e os impactos e percas abruptas ocorridos com as tapioqueiras (os). Alguns (mas) dos (as) novas (os) são essencialmente vendedores (as), apesar de terem aprendido a fazer tapioca. Já as tapioqueiras (os), antes de serem vendedoras, eram tapioqueiras (os) desde meninas e isso faz uma grande diferença. Há toda uma cultura e percepção da vida, uma história por trás que as fizeram ser tapioqueiras (os), pelo menos das (os) mais antigas (os) que já eram filhas (os) e netas (os) de tapioqueiras (os).

Convém destacar ainda um aspecto muito enfatizado pelos (as) tapioqueiros (as) que é a má distribuição da localização dos boxes que favorece mais a uns do que a outros, tão presente nas falas dos (as) entrevistados (as) e dispostos conforme aparece na figura 12. O comentário que se segue elucida bem essa questão: "*(...) uma obra mal feita, é bom para uns, e para outros não. É estressante devido ao trabalho e aos conflitos*". (Tapioqueiro entrevistado em 24/02/2004). Uma tapioqueira argumentou: - "*Alguns boxes são privilegiados*" (03/2004).

A proximidade exagerada dos boxes, de modo que todos vêem o que todos estão fazendo, gera inquietação e descontentamento pela perda de espaço e

privacidade, como comenta uma tapioqueira: “- *No shopping os boxes eram pra ser mais distante um do outro*” (24/02/2004). Um outro tapioqueiro propôs uma medida de distanciamento para os boxes: *Eu propus uma distância de três metros para cada box*” (24/02/2004).

Como já pode ser observado, as desigualdades na produção e venda das tapiocas têm gerado disparidade de renda entre as (os) tapioqueiras (os) devido à forma como estão dispostos os boxes. Sejam porque não ficam logo na entrada, pela falta de estacionamento ou porque levam mais sol. Os comentários e representações de tapioqueiras (os) que se seguem a respeito da produção e venda da tapioca traduzem bem essa questão. Uma tapioqueira que tem seu box localizado num lugar não muito favorecido diz: “- *O pessoal de fora apura bem, mas os de dentro não apura dez reais “no shopping das tapioqueiras. Acho que é devido a maneira como estão distribuídos os boxes, deveria todos ser na beira da pista como antes*”.

A declaração da tapioqueira a seguir confirma o que disse a anterior e demonstra o favorecimento nas vendas dos primeiros boxes localizados na frente: “- *No shopping só é bom nas férias e feriados. Depois só vende bem os da frente*”.

Uma outra questão levantada, além da irregularidade das vendas, pelas (os) tapioqueiras (os) é a do reduzido espaço para as mesas nos dias de maior frequência, como afirma esta senhora: “- *Aqui no shopping tem dias que a gente vende quarenta tapiocas, dias de sessenta e dias que não vende nada. No final de semana vende mais. É animado, mas deveria ter mais clientes e mais espaço*”.

É importante lembrar que a chamada goma grossa (de sessenta quilos por saca) destina – se à tapioca tradicional, feita comumente pelas antigas tapioqueiras. A goma grossa produzida artesanalmente em farinhadas vem sendo substituída pela goma prata industrializada. Mas é a goma fina de vinte e cinco quilos por saca destinada à produção da tapioca fina que não era vendida no antigo espaço das (os) tapioqueiras (os), que, apesar de mais cara, é mais consumida, já que a tapioca tradicional, mais barata, é bem menos solicitada.

Os comentários das (os) tapioqueiras (os) podem também ser observados pelas quantidades de uso de goma na produção quem produz e vende mais e quem vende menos (os quadros 6 e 7 dão uma idéia das desigualdades na produção e venda das tapiocas). Por exemplo, o comentário da tapiqueira a seguir se refere ao uso da goma fina (da tapioca de recheio) na produção e a venda da tapioca tradicional:

“- No final de semana nas férias desmancho uma saca e meia de vinte cinco quilos da fina e na semana desmancho duas. Sábado e domingo vendo cem tapiocas da tradicional. E na semana nas férias vendo cinquenta da tradicional e trinta, trinta e cinco fora das férias (2004).”

Outra diz: “- *No final de semana, sábado e domingo dá uns sete quilos de goma da fina (a tapioca recheada sai mais), da goma grossa são só cinco quilos*”. É complicado para a maioria das (os) tapioqueiras (os) arcar com prejuízos com os quais elas não estavam acostumadas como demonstra esta: “*Nos períodos fracos tem perdas, as vezes a gente faz a tapioca e não é vendida*”.(tapiqueira entrevistada em 15/05/2004). Já a tapiqueira seguinte diz: “- *Comigo uma saca de goma fina de vinte e cinco quilos dá para quinze dias, e uma saca de goma da grossa dá para um mês. A tapioca mais pedida é da fina com carne-de-sol. Sábado e domingo é de três a cinco quilos da fina mais usada (15/05/2004)*”. Continua esta outra: “-*Na semana eu desmancho meia saca da grossa e uma saca da fina, no final de semana uma saca da fina. A fina de vinte e cinco quilos custa quarenta e três reais e a grossa de sessenta quilos custa cento e oitenta reais*”. Do mesmo modo comenta esta tapiqueira: “- *Aqui no final de semana desmancho cinquenta, às vezes trinta quilos. De segunda a domingo quando tem feriado desmancho duas sacas*”. Percebe –se, nas diversas falas, que as quantidades não são calculadas pelo número de tapiocas vendidas (o que só foi possível depois com muito esforço e está demonstrado em quadro mais à frente), mas sim pelos quilos de goma (matéria prima) utilizados. E esta outra tapiqueira diz ainda:

“- Trabalho mais com a goma fina e gasto no final de semana em média uma saca (25 quilos). Tem semana que desmancho uma saca e meia da fina. Não tenho fornecedor certo para goma o Edmar ou”, o homem do fusca”, o Evandir que inventou de vender a goma prata e a fina mais baratas. Antes quem vendia era a dona Inês da grossa a r\$ 170,00 a saca, muito cara, continua ainda família só no final de semana bota gente para ajudar (2004). “

Os comentários anteriores reforçam a tese de que conforme a localização dos boxes (mais ou menos favorecidos), será maior ou menor a renda obtida pelas tapioqueiras com a venda das tapiocas, seja por ser próximo à entrada, ou pelo fácil acesso dos carros ao box, ou por estar na sombra. A fala de uma tapioqueira demonstra que nem sempre o ritmo acelerado na produção, concentrado nos momentos de grande movimentação, é indício das grandes vendas:

“- No shopping é mais cansativo, o ritmo aumentou. Eu desmancho meia saca da grossa, (trinta quilos) por semana e três sacas da fina de vinte cinco quilos e ralo 300 cocos. A grossa compro da dona Inês, a fina do sr. Cláudio e os cocos do sr. Manuel (2004).”

É importante notar que o fato do ritmo ter aumentado, e da tapioca fina mais vendida ser mais cara, não indica necessariamente que todas as (os) tapioqueiras (os) aumentaram a sua renda, já que a forma de “lanche rápido” (tapioca feita na hora) é que estressa e requer mais mão de obra nos períodos de muito movimento.

O que diz a tapioqueira que ocupa um dos primeiros boxes, mostra uma grande diferença na produção e venda de tapiocas em relação a maioria das falas anteriores: “- *De segunda a domingo eu desmancho dez sacas de vinte cinco quilos. Aqui o ritmo é mais puxado*”. Já esta outra denuncia a desproporção da produção e venda de tapiocas ocorrida no Centro: “- *Não desmancho nem uma saca, a concorrência é grande*”. Uma tapioqueira novata e desfavorecida pela localização diz: “- *Sou tapioqueira há um ano. Vendo de cinqüenta a sessenta tapiocas por semana e de cinqüenta a sessenta por final de semana*”. Até aqui pode – se notar a desproporção nas vendas por parte de algumas (uns) -tapioqueiras (os) permissionárias (os) ocupantes dos boxes, o que será mais evidenciado ainda no quadro à frente.

O comentário seguinte se refere à irregularidade das vendas, aparentemente como se fosse algo que atingisse igualmente todo o Centro das Tapiocas: “- *No shopping tem dias que é bom, tem dias que é ruim as vendas. Quando chove alaga tudo, os fornos ficam alagados, água nos pés*”.

A irregularidade das vendas é muitas vezes associada apenas à frequência irregular dos consumidores, mas os quatro primeiros boxes, independente dos dias de maior pico, são sempre bem freqüentados em relação aos demais.

A ambigüidade da fala que se segue deixa claro que para esta tapioqueira a “única opção” foi se submeter ao Centro das Tapiocas, apesar da diminuição das vendas e dos perigos que corre no retorno para casa:

“- Prefiro hoje o shopping, mas se tivesse que mudar, preferiria lá perto de casa. No final de semana desmancho meia saca, durante a semana não chega a uma saca. Não falto as reuniões e minha filha fez os cursos. Só acho perigoso a volta para casa (2004).”

A declaração seguinte é de um permissionário⁶⁹ (nome atribuído pelo Estado às (os) tapioqueiras (os) ocupantes dos boxes e membros da “associação”) que passou a ser tapioqueiro recentemente e é favorecido pela localização do box:

“- Sou tapioqueiro há um ano. Aqui no final de semana o movimento é intenso. O turista reclama mais, preço, qualidade. Tenho que chamar ajudante no final de semana. Aqui há desorganização no pátio de estacionamento porque a construtora parou por falta de repasse, teve o problema do esgoto, falta de esgotamento. Esse box tinha como permissionário o meu cunhado. Ele foi chamado para vir resolver as pendências, como não compareceu, então o secretário veio com dois advogados para botar para fora e a associação votou para a minha esposa ficar como permissionária no lugar dele. Trabalho muito, durante a semana desmancho de cinco a seis sacas e no final de semana são duas, duas e meia, ou mais de três sacas. Compro goma industrializada, vem do Paraná, da distribuidora Lopes. A tapioca tradicional custa setenta centavos e a tapioca fina com recheio custa de um real e cinquenta a três reais e cinquenta. Agente compra goma, coco, queijo, leite condensado, catupiri, requeijão... A vida hoje melhorou, trabalho muito, mas compensa. Tenho dois filhos que estão em São Paulo participando de um evento de forró nordestino, fazendo tapioca. Aqui agente trabalha com várias empresas e produtos (2004)”

A posição privilegiada desse permissionário no Centro das Tapiocas que, conforme ele próprio relata, deu-se de forma conflitante isto é, significou perda para o permissionário anterior. Resultou, portanto, em ganhos para este atual, que vende

⁶⁹ De acordo com o Regimento interno do Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana – CERTAME, Art. 4^a. – Define-se por **permissionário** do CERTAME todos os associados da Associação das Tapioqueiras da Paupina – ATP e as Associações de Artesãos, que irão ocupar os respectivos boxes para o desenvolvimento de suas atividades. É importante lembrar que desde a inauguração do Centro os boxes foram ocupados, tendo apresentado algumas desistências, uma expulsão (desmembramento) e substituições.

mais do que os outros pela localização do box. Segundo a contagem dele, “(...) *uma saca (das que ele compra) corresponde a 350 tapiocas só da tradicional das cinco sacas semanais e das três de final de semana utilizadas*”. Além disso, a posição privilegiada “influenciou” a presidência da esposa e aos seus filhos as viagens como “representantes” das (os) tapioqueiras (os) e do Centro das Tapiocas em eventos como o citado em São Paulo.

Os pronunciamentos das (os) tapioqueiras (os) ou permissionárias (os) já denunciam por si só a situação de desigualdade em que se encontram no Centro das Tapiocas. Apesar de não ser tapiqueira, essa outra permissionária de um box que funciona como lanchonete diz:

“- Eu tenho uma lanchonete, aqui não sinto falta de nada, tem espaço, o cliente fica a vontade. As quintas na caranguejada, vendo buxada, panelada mão-de-vaca, caranguejo, buxada, caldo, canja, vatapá paçoca, forneço quentinha para duas empresas, cerveja em latinha...semana boa apuro seiscentos reais, semana ruim, apuro quatrocentos, trezentos reais. Nas antigas tapioqueiras eu apurava trezentos reais por semana, tenho fregueses antigos que as vezes vem aqui, não vendo mais cachaça, o povo aqui procura wisk, lá nas antigas procurava cachaça. Só posso vender cerveja de latinha. Dia de quinta só vem gente rica. Das antigas permanecem as amizades, aqui eu canso , mas já conquistei muita coisa” (Cassimira- 2004).”

Cassimira era vendedora ambulante de caldo e outras comidas no lugar antigo das (os) tapioqueiras (os). Economicamente é possível dizer que a situação dela no Centro melhorou bastante, embora o ritmo tenha se tornado cansativo. O fato de vender coisas que os outros boxes não vendem como carneirada, caldo, refeições, caranguejo e várias comidas típicas a favoreceu em termos econômicos, mas ela já não faz a própria hora como fazia antes, quem faz a hora agora é o próprio Centro como espaço de consumo. No antigo lugar das (os) tapioqueiras (os), os seus fregueses pediam cachaça para comprar, no Centro, seus novos fregueses pedem *wisky*, apesar dela só poder vender cerveja. Isso mostra que suas relações também mudaram, no antigo lugar das (os) tapioqueiras (os), que era mais democrático, menos seletivo, acolhia-se quem chegava, ricos e pobres sem fazer assepsia de ninguém. Já no Centro das Tapiocas predomina um público mais elitizado.

A representação desse permissionário (tapioqueiro recente, antes vendedor profissional) sobre o Centro difere da totalidade das (os) tapioqueiras (os):

“- Comecei a ser tapioqueiro aqui no “shopping”. Apesar do desfavorecimento do lugar do meu box, ele sempre tem gente, a razão está na qualidade do atendimento. Eu uso um slogan: “- Se você foi bem servido diga aos outros, se foi mal servido diga a nós”. Eu ganho seiscentos reais por semana. As reuniões são importantes porque botam limites. Aqui não existe competição e sim parceria, ex. quando acaba a tapioca tradicional eu pego com a vizinha, o que é raro. Desde os dez anos que sou vendedor. Todos os clientes eram clientes de alguém e hoje não são mais (2004).”

Trata –se, no caso dessa fala, de um vendedor profissional e que, portanto, já traz um discurso pronto. Às vezes por trás da competição não declarada se esconde a disputa mais acirrada. Nesse momento o pesquisador tem que ser um verdadeiro analista de discurso para descobrir nas falas dos entrevistados o que está oculto. A última frase já traduz tudo: o ápice da competição pelas técnicas de venda aplicadas e a perda de fregueses por quem não as aplica. Mesmo dos fregueses mais antigos, com os quais as (os) tapioqueiras (os) haviam tecido laços de amizade. A imagem padronizada do Centro das Tapiocas favorece essa indiferença. As (os) tapioqueiras (os) não eram só vendedoras (es), eram muito mais tapioqueiras (os), e o novo Centro tende a transformá – las em vendedoras apenas.

Os três quadros que se seguem mostram estimativas aproximadas do número de pessoas trabalhando (familiares e não - familiares) e o número de tapiocas vendidas por bloco, por semana e por final de semana, durante as férias e fora das férias. A mostra desses quadros se justifica apenas para esclarecer que, mesmo do ponto de vista econômico, o Centro não tem correspondido, portanto, não tem favorecido às (os) tapioqueiras (os) para que estas (es) obtenham, na sua maioria pelo menos, a renda que tinham antes no antigo espaço, sem tantas pressões e vendendo uma tapioca a um preço bem popular, já que eram só a tapioca tradicional (muitas vezes encomendada antes no caso dos ônibus especiais) e os bolos e doces típicos que elas (es) produziam e vendiam.

Este trabalho não tem como foco central a questão da renda, ou à renda anterior das (os) tapioqueiras (os) em si, afinal desde muito tempo antes do desvio da estrada, as (os) tapioqueiras (os), com o trabalho familiar, já estavam inseridas na economia, como foi dito em outro momento. Procura – se então ressaltar que

mesmo nesse aspecto, (o econômico, da renda) o Centro das Tapiocas não tem atendido a contento e tem gerado grandes desigualdades a nível econômico entre os (as) permissionários como poderá ser observado nos quadros 5, 6 e 7.

O Centro das Tapiocas possui ao todo vinte e seis boxes distribuídos em três blocos (como foi visto na planta da figura 12). Dos 26 boxes, vinte e dois funcionam como tapioqueiras (os) e quatro como lanchonetes. O quadro 5, a seguir, apresenta um demonstrativo do número de pessoas trabalhando por box, sejam familiares ou não, e também o número de tapiocas vendidas por semana e fins de semana, como também nos meses de férias e feriados e fora das férias e feriados.

Quadro 5:

| NÚMERO DE PESSOAS TRABALHANDO (FAMILIARES E NÃO-FAM.) E DE TAPIOCAS VENDIDAS POR BLOCO: BLOCO - 1 | | | | | | | | | | | | |
|--|----------------------|-----------|-------------|------|-------|--------|--------|-----|------|--------|-----|-------|
| BOXES | | | 1T | 2T | 3T | 4T | 5L | 6T | 7T | 8T | T | |
| N. DE PESSOAS TRABALHANDO | FÉRIAS | SEMANA | FAMILIARES | 5 | 2 | 4* | 2 | 2 | 8* | 2 | 4 | 29 |
| | | | NÃO-FAMIL. | 7 | 4? | 1 | 4 | 2 | 2 | 1 | 1 | 22 |
| | | | TOTAL | 12 | 6 | 5 | 6 | 4 | 10 | 3 | 5 | 51 |
| | E FERIADOS | FIM DE S. | FAMILIARES | 5 | 2 | 6 | 2 | 2 | 8* | 2 | 4 | 31 |
| | | | NÃO-FAMIL. | 7? | 5 | 1F.2D. | 2F.2T. | 2D. | 4 | 1F.2D. | 3D. | 31 |
| | | | TOTAL | 12 | 7 | 9 | 6 | 4 | 12 | 5 | 7 | 62 |
| | FORA DAS FÉRIAS E F. | SEMANA | FAMILIARES | 5 | 2 | 4 | 1 | 2 | 2 | 2 | 4 | 22 |
| | | | NÃO-FAMIL. | 7? | 5? | 1 | 2 | - | 2 | 1 | 1 | 19 |
| | | | TOTAL | 12 | 7 | 5 | 3 | 2 | 4 | 3 | 5 | 41 |
| | FÉRIAS E F. | FIM DE S. | FAMILIARES | 5 | 2 | 6 | 3 | 2 | 3 | 2 | 4 | 27 |
| | | | NÃO-FAMIL. | 7? | 5 | 3 | 2F2T | 2 | 4 | 3 | 2D | 30 |
| | | | TOTAL | 12 | 7 | 9 | 7 | 4 | 7 | 5 | 6 | 57 |
| N. DE TAPIOCAS VENDIDAS | FÉRIAS | SEMANA | TRADICIONAL | ? | 2000? | 600 | 600? | - | 80 | 40 | 50 | - |
| | | | RECHEADA | ? | 1000? | 1200 | 700? | - | 100? | 100 | 50 | - |
| | | | TOTAL | 3500 | 3000 | 1800 | 1300 | - | 180 | 140 | 100 | 10020 |
| | E FERIADOS | FIM DE S. | TRADICIONAL | 350? | 1200 | 200? | 200? | - | 90 | 100 | 60 | 2200 |
| | | | RECHEADA | 700? | 2400 | 300? | 300? | - | 150 | 160 | 70 | 4080 |
| | | | TOTAL | 1050 | 3600 | 500 | 500 | - | 240 | 260 | 130 | 6280 |
| | FORA DAS FÉRIAS E F. | SEMANA | TRADICIONAL | 1000 | 120 | 100? | 100? | - | 40 | 40 | 35 | 1435 |
| | | | RECHEADA | 700 | 240 | 800? | 800? | - | 35 | 20 | 20 | 2615 |
| | | | TOTAL | 1700 | 360 | 900 | 900 | - | 75 | 60 | 55 | 4050 |
| | FÉRIAS E F. | FIM DE S. | TRADICIONAL | 700 | 500 | 150? | 150? | - | 50 | 100 | 40 | 1690 |
| | | | RECHEADA | 600 | 600 | 250? | 200? | - | 80 | 150 | 50 | 1930 |
| | | | TOTAL | 1300 | 1100 | 400 | 350 | - | 130 | 250 | 90 | 3620 |

Fonte: pesquisa direta

O quadro do bloco – 1 apresenta a situação mais promissora no que tange às vendas, (pelo menos nos quatro primeiros boxes), do que os boxes restantes. Isso se deve a vários fatores já mencionados e pode – se comprovar nas falas das (os) tapioqueiras (os). Esses boxes têm a vantagem de estarem localizados na entrada do Centro das Tapiocas, além de ficarem no lado mais

sombreado e dispostos de forma a darem acesso a lugares para estacionamento dos veículos.

Ainda com relação aos boxes do bloco – 1, referente ao quadro - 5, é possível observar também tanto com relação ao número de pessoas, como com relação à venda de tapiocas, que do primeiro e segundo boxes para o oitavo, (o último), há uma diferença enorme. Enquanto o primeiro e segundo boxes vendem de três mil a três mil e quinhentas tapiocas por semana (de domingo a domingo nas férias), o oitavo box vende apenas cem tapiocas. Há, portanto, uma disparidade nas vendas, o que indica, por sua vez, uma desigualdade de oportunidades e de renda entre as próprias (os) tapioqueiras (os) ao mesmo tempo em que gera insatisfação e conflito entre eles.

Quadro 6:

| NÚMERO DE PESSOAS TRABALHANDO (FAMILIARES E NÃO-FAM.) E DE TAPIOCAS VENDIDAS POR BLOCO: BLOCO - 2 | | | | | | | | | | | | |
|--|--------------------|------------------|-------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|
| BOXES | | | 9L | 10T | 11T | 12T | 13 | 14T | 15T | 16T | T | |
| N. DE PES- SOAS TRA- BA- LHAN- DO | FÉ- RIAS | SE MA NA | FAMILIARES | 3 | 1 | 3 | 4 | 2 | 4 | 7 | 2 | 26 |
| | | | NÃO-FAMIL. | 1 | - | 2 | - | 2 | 2 | - | 4 | 11 |
| | | | TOTAL | 4 | 1 | 5 | 4 | 4 | 6 | 7 | 6 | 37 |
| | E FERI- ADOS | FIM DE S. | FAMILIARES | 3 | 2 | 3 | 5 | 2 | 4 | 9 | 2 | 30 |
| | | | NÃO-FAMIL. | 1 | 1 | 2 | 1 | 2 | 2 | - | 4 | 13 |
| | | | TOTAL | 4 | 3 | 5 | 6 | 4 | 6 | 9 | 6 | 43 |
| | FORA DAS | SE MA NA | FAMILIARES | 2 | 2 | 2 | 3 | 1 | - | 4 | 1 | 15 |
| | | | NÃO-FAMIL. | 1 | - | 1 | - | - | - | - | 2 | 4 |
| | | | TOTAL | 3 | 2 | 3 | 3 | 1 | - | 4 | 3 | 19 |
| | FÉRI- AS É F. | FIM DE S. | FAMILIARES | 3 | 2 | 2 | 5 | 1 | 4 | 9 | 2 | 28 |
| | | | NÃO-FAMIL. | 1 | - | 2 | 1 | 2 | 2D | - | 4 | 12 |
| | | | TOTAL | 4 | 2 | 4 | 6 | 3 | 6 | 9 | 6 | 40 |
| N. DE TAPI- OCAS VEN- DI- DAS | FÉ- RIAS | SE MA NA | TRADICIONAL | - | 15 | 30 | 60 | 60 | 20 | 30 | 40 | 255 |
| | | | RECHEADA | - | 25 | 100 | 40 | 100 | 60 | 50 | 50 | 425 |
| | | | TOTAL | - | 40 | 130 | 100 | 160 | 80 | 80 | 90 | 680 |
| | E FERI- ADOS | FIM DE S. | TRADICIONAL | - | 15 | 40 | 70 | 50 | 30 | 50 | 55 | 310 |
| | | | RECHEADA | - | 40 | 100 | 100 | 150 | 80 | 200 | 70 | 740 |
| | | | TOTAL | - | 55 | 140 | 170 | 200 | 110 | 250 | 125 | 1050 |
| | FORA DAS | SE MA NA | TRADICIONAL | - | 10 | 20 | 40? | 30 | - | 20 | 10 | 130 |
| | | | RECHEADA | - | 15 | 40 | 30 | 40 | - | 120 | 25 | 270 |
| | | | TOTAL | - | 25 | 60 | 70 | 70 | - | 140 | 35 | 400 |
| | FÉRI- AS É F. | FIM DE S. | TRADICIONAL | - | 20 | 60 | 40 | 50 | 20 | 20 | 20 | 230 |
| | | | RECHEADA | - | 30 | 120 | 50 | 100 | 50 | 100 | 30 | 480 |
| | | | TOTAL | - | 50 | 180 | 90 | 150 | 70 | 120 | 50 | 710 |

Fonte: pesquisa direta

Diferentemente do bloco - 1 do quadro 05, o bloco 2 do quadro 06, não apresenta disparidades entre os boxes, ou seja, dos três blocos é o mais atingido em termos de perdas nas vendas, como indicam os números. Este bloco conta com menos estacionamentos do que o primeiro, além de ser o mais quente devido à

localização ficando mais exposto ao sol tornando –se, assim, menos procurado pelos clientes.

Quadro 7:

| BLOCO – 3 DO CENTRO DAS TAPIOCAS E DO ARTESANATO DE MESSEJANA – NÚMERO DE PESSOAS TRABALHANDO (FAMILIARES E NÃO-FAM.) E DE TAPIOCAS VENDIDAS POR BLOCO: | | | | | | | | | | | | | | |
|---|----------------------|-----------|-------------|------|-----|-----|-----|------|-----|-----|------|------|-----|------|
| BOXES | | | | 17T | 18T | 19L | 20T | 21T | 22T | 23L | 24T | 25T | 26T | T |
| N. DE PESSOAS TRABALHANDO | FÉRIAS | SEMANA | FAMILIARES | 3 | 3 | 2 | 6 | 1 | 4* | 1 | 3* | 3* | 2 | 28 |
| | | | NÃO-FAMIL. | 1F | - | - | 2 | 1F | - | 1 | 2F1D | - | 1 | 9 |
| | | | TOTAL | 4 | 3 | 2 | 8 | 2 | 4 | 2 | 6 | 3 | 3 | 37 |
| | E FERIADOS | FIM DE S. | FAMILIARES | 2 | 3 | 2 | 10 | 2 | 4* | 1 | 3F | 3 | 2 | 32 |
| | | | NÃO-FAMIL. | 1F2D | 1 | 1D | 2 | 1F2D | 2D | 1 | 2F3D | 4 | 4 | 26 |
| | | | TOTAL | 5 | 4 | 3 | 12 | 5 | 6 | 2 | 8 | 7 | 6 | 58 |
| | FORA DAS FÉRIAS E F. | SEMANA | FAMILIARES | 2 | 3 | 2 | 4 | 1 | 2D | - | 3* | 3*? | 3 | 23 |
| | | | NÃO-FAMIL. | - | 1 | - | 2 | 1 | - | - | 2F1D | - | 1 | 8 |
| | | | TOTAL | 2 | 4 | 2 | 6 | 2 | 2 | - | 6 | 3 | 4 | 31 |
| | | FIM DE S. | FAMILIARES | 2 | 3 | 2 | 5 | 1 | 4* | - | 3 | 3 | 3 | 26 |
| | | | NÃO-FAMIL | 1D | 1 | 1D | 2D | 1F1D | 2D | 1 | 2F3D | 3 | 1 | 19 |
| | | | TOTAL | 3 | 4 | 3 | 7 | 3 | 6 | 1 | 8 | 6 | 4 | 45 |
| N. DE TAPIOCAS VENDIDAS | FÉRIAS | SEMANA | TRADICIONAL | 30 | 10 | - | 100 | 50 | 50 | - | 300 | 150 | 100 | 790 |
| | | | RECHEADA | 60 | 50 | - | 200 | 40 | 100 | - | 500 | 120 | 70 | 1140 |
| | | | TOTAL | 90 | 60 | - | 300 | 90 | 150 | - | 800 | 270 | 170 | 1930 |
| | E FERIADOS | FIM DE S. | TRADICIONAL | 60 | 100 | - | 200 | 100 | 100 | - | 200 | 150 | 150 | 1060 |
| | | | RECHEADA | 120 | 120 | - | 300 | 150 | 200 | - | 700 | 200? | 200 | 1990 |
| | | | TOTAL | 180 | 220 | - | 500 | 250 | 300 | - | 900 | 350 | 350 | 3050 |
| | FORA DAS FÉRIAS E F. | SEMANA | TRADICIONAL | 15 | 10 | - | 70 | 35 | 30 | - | 150 | 50 | 40 | 400 |
| | | | RECHEADA | 30 | 50 | - | 150 | 100 | 70 | - | 250 | 70 | 30 | 750 |
| | | | TOTAL | 45 | 60 | - | 220 | 135 | 100 | - | 400 | 120 | 70 | 1150 |
| | | FIM DE S. | TRADICIONAL | 30 | 20 | - | 80 | 90 | 40 | - | 100 | 100 | 50 | 510 |
| | | | RECHEADA | 60 | 30 | - | 200 | 80 | 70 | - | 400 | 120 | 70 | 1030 |
| | | | TOTAL | 90 | 50 | - | 280 | 170 | 110 | - | 500 | 220 | 120 | 1540 |

Fonte: pesquisa direta

O bloco 3, (quadro número 07) não apresenta grande disparidade de vendas entre os boxes, como ocorre com o bloco 1. A exceção do box vinte quatro. O permissionário desse box começou a ser tapioqueiro recentemente (após a inauguração do Centro das Tapiocas), antes já era vendedor profissional (segundo ele próprio), o que não ocorre com as (os) tapioqueiras (os) que são vendedoras espontâneas. Mas tal qual o bloco 2, o bloco 3 apresenta vendas muito baixas tanto em relação ao bloco 1, como em relação ao antigo espaço das (os) tapioqueiras (os).

4.2. O turismo e a cozinha formal no Centro das Tapiocas

Esse subtópico trata dos “subsistemas fragmentários” cozinha formal e turismo como formas de pressão. No “turismo-mercadoria” o turista e os lugares também são consumidos com tempo e espaço programados. Não são as

representações do turismo só que são consumidas é o tempo de vida do próprio turista como consumidor que é consumido como diz Lefebvre (1991, p.63) (...) “na sociedade de consumo o consumidor é consumido. (...) não ele, mas o seu tempo de viver”. Afinal o que o turista busca é a apropriação (mesmo sem ter consciência disso), é a possibilidade do encontro desprogramado.

O fato das populações locais se tornarem não mais subempregadas como costuma ocorrer com a chegada do turismo e sim “empreendedoras”, como muitos apologeticos do “turismo” defendem (mesmo que “maqueadamente” como termina acontecendo) contribui para o aumento das pressões, “desprotagoniza” e descaracteriza as populações locais, e assim os lugares, e esta é uma forma de inclusão e exclusão simultâneas. Por outro lado o que o turista passa a ver é apenas o simulacro do que existiu, uma maquiagem como vem ocorrendo com o Centro das Tapiocas.

A produção “ritualística”, mais demorada da tapioca tradicional, aos poucos vai perdendo espaço para a cozinha formal que é agora o “carro - chefe” do Centro das Tapiocas exigindo a rapidez e precisão dos fast food. A citação de Lefebvre (1991 p.109) a seguir, ilustra o que acabou de ser comentado:

... a cozinha. Esta se torna um subsistema ao perder seu antigo estatuto de produção local, artesanal e familiar, qualitativa, feita de receitas transmitidas oralmente - para se tornar atividade formalizada, especializada, matéria para tratados, guias “gastronômicos”, para uma hierarquia de lugares, de iguarias, pretexto de uma ritualização mundana.

O autor citado nos inspira a compreender as mudanças na cotidianidade prática das (os) tapioqueiras (os) a partir da instalação do Centro da Tapioca. Se antes a produção se restringia a uma única receita, transmitida oralmente desde as tribos potiguaras, hoje com o novo Centro a tradição foi quebrada pela introdução de novidades gastronômicas (tapiocas com quarenta tipos de recheios diferentes) além de apresentar - se como uma atividade formalizada, especializada, com guia gastronômico (os cardápios), com uma hierarquia de iguarias demarcadas pelo preço mais ou menos elevados.

As tapioqueiras vêm – se pressionadas por esse novo padrão introduzido pelo Centro das Tapiocas e pela “força do mercado”, ou seja, pelas mudanças que tiveram outras implicações. Agora são exigidos cursos para o aprendizado de novas receitas de culinária e gastronomia, além de formas de atendimento, os cardápios são previamente elaborados e a compra de equipamentos e de matéria – prima tem que se adequar às novas exigências como a aquisição de produtos industrializados: presunto, leite condensado, doce de leite, queijo, carne de sol, etc. Tudo isso submetido às normas, modelos de qualidade para adequar –se “aos padrões modernos de consumo e ao turismo “mundializado”⁷⁰.

É possível dizer que quem determina o que vai ser produzido para o consumo não é o consumidor (como diz o pessoal do marketing), é muito mais o mercado de turismo “mundializado”. Se o turista busca o “diferente”, acaba encontrando muitas vezes o “igual”, já que o mercado logo captura e padroniza em função do moderno exigido pelo “mundo da mercadoria”. E é diante de situações como estas que as (os) tapioqueiras (os) são desprotagonizadas (os), como se observa no comentário dessa filha de tapioqueiro: “- *Como, uma pessoa que passou a vida fazendo tapioca de repente, de uma hora pra outra, tem que fazer curso para aprender a fazer tapioca? É complicado*” (Mônica filha do Sr. Manoel –2003).

As (os) tapioqueiras (os) que conseguiram se submeter à nova forma de organização da produção, como já foi dito antes, tiveram que fazer cursos, ou seja, cursos para aprenderem a produzir novos e diferentes tipos de tapiocas. Antes tinham o costume de produzir somente a tapioca tradicional de goma (fécula de mandioca), coco ralado e leite de coco. Com os cursos aprenderam a fazer tapioca com carne de sol, com leite condensado, com camarão, com banana, com doce de

⁷⁰ Não são os consumidores que adquirem a tapioca como oferta de um produto “cultural”, onde ele vai em busca dele. Agora é a representação do produto que busca e que atrai o consumidor. Como já se exemplificou em capítulo anterior o caso da tapioca gigante como golpe de publicidade. Guy Debord, citado por Damini, (2003, p. 428) comenta: “O espetáculo não é ligado a um sistema econômico determinado, mas traduz a vitória da **categoria da economia** enquanto tal, no interior da sociedade. A classe que instaurou o espetáculo, a burguesia, deve sua dominação ao triunfo da economia e de suas leis sobre todos os outros aspectos da vida... A ‘economia’ deve então ser compreendida aqui como uma porta da atividade humana global que domina sobre todo o resto. O espetáculo não é se não o reino autocrático da economia mercantil. A economia autonomizada é em si uma alienação; a produção econômica está baseada na alienação; a alienação torna –se seu produto principal; e a dominação da economia sobre a sociedade inteira desencadeia justamente o espetáculo. ‘A economia transforma o mundo, mas o transforma somente como mundo da economia’”.

leite etc. Isso tudo exigiu, como foi visto, o estabelecimento de novas relações, com novos fornecedores. A fala do tapioqueiro confirma o que foi dito acima: “- Lá eu tinha que comprar queijo, requeijão, carne-de-sol, camarão, frango, chocolate, banana e canela, além de coca-cola, água e cajuína. A tapioca mais preferida é a fina”.

Manter uma produção variada sobrecarrega as (os) antigas (os) tapioqueiras (os) que não estavam habituadas (os) aos encargos de ter que estar sempre comprando esses novos ingredientes, e de ter que repassar o mais rápido possível para o consumidor sob o risco de perecerem. Esta é uma situação nova para elas (es). Uma outra questão é de agora terem que lidar com constantes endividamentos. “- O turista prefere a tapioca fina”, diz uma tapiqueira. O turista também gosta e elogia o Centro das Tapiocas conforme as representações destes, mas sempre ressaltam que conhecem outros lugares espalhados pelo país semelhante. O que não é de admirar já que o Centro das tapiocas reproduz um padrão voltado para o consumo dirigido.

Diante das questões apresentadas neste capítulo é possível dizer com base em Martins (2002) quando se refere ao “protagonismo” alienado do homem comum, que, se o “protagonismo” das (os) tapioqueiras (os) era limitado, tendo em vista que algumas pressões já eram comuns ao “seu” cotidiano, colocando - as desde antes das mudanças como “coadjuvantes”, esta situação se agravou e consolidou após a instalação do novo Centro acelerando o processo de “desprotagonização”. Portanto, Programando ainda mais o cotidiano delas e simultaneamente fragmentando, “pulverizando” o “seu” lugar. Com base em Santos, Bezerra (1997, p.87) comenta:

Qualquer organização espacial deve partir das realidades locais (de baixo para cima) e não o contrário, como costuma acontecer com os planejamentos estratégicos dos tecnoburocratas, dos governos municipais, estaduais, federais com todas as suas instituições). É preciso que haja a inclusão nesse processo de todos aqueles que de uma maneira ou de outra coabitam e coparticipam de cada espacialidade cotidiana em questão.

A inclusão só poderar se realizar verdadeiramente se houver apropriação por parte das populações dos diferentes lugares, de modo a priorizar o uso permanentemente reavaliado e qualificado por estas a partir do tempo de vida.

5. DAQUILO QUE ESCAPA, O QUE NÃO SE DEIXA APRISIONAR: A LUTA PELO LUGAR DA VIDA SE FAZENDO NA BUSCA DA VIDA NO LUGAR

O lugar se realiza principalmente pela apropriação que sugere uma volta para o começo não como fim, mas como eterna nascente. A apropriação é a imprecisão da vida que se manifesta pela *poiésis*, pelo resgate do “tempo”, “corpo”, “desejo”, “natureza”, sobretudo pelo encontro, pela festa.

Longe da busca de ser conclusivo, este capítulo reabre a discussão sobre alguns conceitos motores que moveram e nortearam esse estudo como o conceito de apropriação sem dissociá – lo das pressões e do conceito de lugar.

Para maior compreensão do que seja apropriação se retoma a discussão sobre o lugar e cotidiano das (os) tapioqueiras (os), procurando discutir e refletir mais diretamente sobre apropriação como “projeto”, e como processo que não se dá isolado ou separado das pressões. Portanto, consideram –se também as pressões e, *apropriação “real”*⁷¹ que ocorrem na cotidianidade prática e que de certa forma perpassam os capítulos anteriores e, simultaneamente, vislumbrando as possibilidades e implicações advindas. Sabendo – se, desde então, que a *apropriação “real”* não é o mesmo que a apropriação buscada por Lefebvre como algo que vislumbra a obra, e com base nesse autor, é possível dizer que para atingi – la é necessário buscar no “possível” o “impossível”, sabendo – se que novas pressões surgirão havendo sempre a possibilidade de detectá –las, decodificá - las e superá - las.

Portanto, não se trataria de buscar operar os conceitos, mas sim de retomá – los, compreendê – los, discuti – los e refleti – los em um primeiro momento. Em um segundo momento, após a discussão e reflexão do que venha a ser

⁷¹ “Apropriação real” expressão usada por Carlos (2005).

apropriação, ensaia – se aqui uma busca de desocultação na cotidianidade prática de algumas *pressões* e resistências, resíduos, *apropriação real* antes e depois das mudanças ocorridas (a reestruturação e desvio da estrada e o Centro das Tapiocas).

A imprecisão e diferenças da vida não podem ser completamente aprisionadas e capturadas por racionalização homogeneizante – reducionista - opressora. Vida em seu sentido máximo é apropriação apesar das pressões. a luta pela vida deverá ser comum a todos e para todos, como necessidade máxima, como processo na imprecisão do movimento, como apropriação afirmada na diferença, mas que resulta da totalidade aberta, como “caminho que se abre ao caminhar”⁷², buscando dar um sentido para a vida que vislumbra a “obra” e não o fragmento apenas, deixando claro que a existência da obra não elimina de todo as pressões que sempre existirão, mesmo que sejam outras, novas.

Assim, é a apropriação: imensurável, viva pela diferença, busca incontida de todo ser humano mesmo quando não tem consciência disso, mesmo quando nega isso pela alienação. Porém, para superar as pressões no sentido de alcance cada vez maior de apropriação como processo permanente desse par dialético, é necessário não só desalienar – se, mas simultaneamente buscar superar também as condições de alienação “cotidianamente”, o que não poderá se dar de forma isolada, individual, mas coletiva e individualmente e vice-versa. Embora Marx não tenha se referido exatamente à apropriação, quando tratou do conjunto das “*necessidades radicais*”⁷³, é importante que se tenha consciência do “sistema” de alienação que constitui em grande parte a cotidianidade.

⁷² Lefebvre (1972, p.22-25) comenta Quien dice “revolución” dice al mismo tiempo “creacion. (...) atribución a la historia de una capacidad creadora em el plano social, lúcida o no. Há dejado de satisfacer al pensamiento. No se deberá esto a que la *práxis* plenamente consciente há recobrado la capacidade creadora, puesto que, iluminada teoricamente, há encontrado su *camino*, y puesto que los obstáculos que se opan a este camino han desaparecido, han sido destrozados o deformados?

La invención em los *diferentes* domínios (diferentes del conocimiento teórico y entre si: el arte, la poesia, el juego, el amor, etc.) implica la salida a las actividades prácticas, contenidos y formas de desarrollo.

El camino se opone al modelo, y se opone com fuerza. (...) Especifico, *diferente*, el camino se distingue, se construye, em uma invención perpetua y cotidiana. (...) El modelo, apostado en el camino, lo obstruye. Engendra el servilismo y la rutina, después la corrupción mortal (incluso si este servicio fúnebre está organizado, es rápido y mejor”). (...) El Modelo pretende ser idéntico para todos. Impone la identidad o el fingimiento. Manipula a la gente y permite intimidarla. El camino no impone, propone. Los caminos difieren: el camino es la diferencia.

⁷³ Heller (1986, p.112), apresenta os diversos aspectos da concepção marxiana que segundo esta mesma autora aparecem de modo claro e inequívoco: (...) “El capitalismo comporta uma sociedad antinómica, su esencia es la alienación. La riqueza del género y la pobreza del individuo se fundamentan y se reproducen reciprocamente. Es la antinomia *del devenir universal de la produccion de mercancías*. (...) La sociedade capitalista como totalidade, como <<cuerpo social>>. No produce solo la alienación, sino también la *consciência de la alienación*, dicho em otras palabras, las *necessidades radicales*. (...) Esta consciência (las *necessidades radicales*) la genera el

5.1 Repensando o lugar⁷⁴ como “promessa”

O potencial de um lugar na busca de refazer – se, de recriar –se na procura da apropriação, mantém - se como permanência, como desejo. O tecido desfeito e esfacelado na sua constituição, muitas vezes pode até não ser retomado no seu fio original, talvez há muito esquecido, mas a “resistência de sua fibra” poderá ou não mantê-lo de alguma forma resistindo. Porém o resíduo, o irredutível permanecerá. Certamente o lugar das (os) tapioqueiras (os), como tantos outros, poderá juntar –se à poeira da estrada da modernização, mas a vontade, o desejo de resgate do tempo de vida permanecerá.

Benjamin (1995 p.39) faz lembrar, na citação abaixo, a natureza e a natureza humana perdida (mesmo que ainda não completamente) e a importância de recuperá –la como quem tenta resgatar o sentido da vida: “Há muito o eterno retorno de todas as coisas tornou – se sabedoria de criança e a vida, uma antiqüíssima embriaguez de dominação, com a retumbante orquestra, no centro, como tesouro de coroa”. Descobre –se aí a “alegria” como um “querer - para – trás”⁷⁵ de que também fala Nietzsche.

O lugar, como “dimensão espacial do cotidiano”⁷⁶, como promessa de vida, tende à busca da possibilidade de lugar reencontrado no caminho sempre reabrindo como espaço de “apropriação real” apesar das pressões, mas também

capitalismo *necessariamente*. (...) A su vez, esta consciència (el conjunto de las necesidades radicales) transcende al capitalismo em su ser y a través de su desarrollo hace imposible que la base de la producción continúe siendo capitalista. La necesidad de resolver la antinomia y la acción correspondiente se constituyen, em consecuencia, en el deber colectivo, em la <<consciència clara>>. La <<consciència clara>> no es la conciencia de la miséria ni tampoco de la pobreza *sensu stricto*: las necesidades que de ella se deriven (o que constityen su base) no están dirigidas hacia una <<mayor posesión>> ni tampoco a um salário más elevado o hacia una <<vida mejor>>. Es la simple consciència de la alienación extrañadas, de lo que se sigue (o contituy su base) la necesidad de *superar la alienación*, de transformar de modo revolucionário las relaciones sociales y de producción extrañadas y *em general* la necesidad de crear relaciones no alienadas”.

⁷⁴ Nesse caso a restituição do lugar não significa voltar a ter o lugar de antes, mas reconstituir o lugar como lugar da vida o que se busca como processo e simultaneamente como projeto.

⁷⁵ Essa expressão de Nietzsche será retomada mais a frente nesse trabalho.

⁷⁶ Carlos (2001, p. 304), comenta: “O cotidiano como produto e condição da reprodução das relações sociais, do mundo moderno, só se revela nos fragmentos da metrópole. (...) temporalidades diversas e desiguais se associam a espaços fragmentados, explodidos, revelando pelos usos a segregação. (...) a análise do cotidiano aponta para o fato de que o social não é redutível ao econômico, mas se refere às relações dos indivíduos com o grupo, e deste com a sociedade. Nesse sentido manifesta-se também como lugar do conflito entre o racional e o irracional, entre o efêmero e o que persiste”.

como projeto maior, como espaço de um outro acontecer cotidiano ainda que outras e novas pressões possam surgir.

É no lugar que a vida se encontra. E como não poderia deixar de ser, no cotidiano das (os) tapioqueiras (os) o lugar só poderá ser reencontrado pela apropriação, mesmo que limitadamente, em momentos possibilitados pela “apropriação real” da cotidianidade prática. Esse reencontro não seria exatamente do lugar que existia anteriormente (o que seria impossível), mas de um outro, como possibilidade de vida, como reapropriação da vida, de tempo de vida, e não do capital, o que permaneceria apenas como vontade residual.

O lugar diz respeito principalmente ao vivido, mas não se encontra isolado do mundo, da mundialidade que ao abraça – lo, muitas vezes o sufoca, o estrangula, restando pouco, ou quase nada do que existia, como já se pode ver nos capítulos anteriores. A “mundialidade” se manifesta como pressão permanente sobre o lugar, e este se mantém como resistência “passiva” ou ativa na busca de reafirmar – se. Carlos (1993, p. 303), diz:

O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresenta como o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. Só é possível o entendimento do mundo moderno a partir do lugar na medida em que este for analisado num processo mais amplo.

Como dimensão material da “cotidianidade prática” exercida por pressões e apropriações, o lugar se constitui, portanto, num ponto chave de interesse desse estudo no sentido de enfatizar o tratamento deste como possibilidade de apropriação. Em concordância com a autora pode-se dizer que é no lugar principalmente que o cotidiano se materializa, concretiza – se enquanto tal como conflito entre a busca de apropriação do tempo da vida e as pressões (o tempo do capital, da reificação da mercadoria, das programações e coações).

Há, desse modo, uma “aceitação” e negação, um conflito permanente que se trava no cotidiano e no lugar (dimensão espacial do acontecer cotidiano) entre as pressões da reificação a partir da mercadoria associada às técnicas hegemônicas

com suas formas de organização, normatização organização e programação do espaço (através da instalação de novos equipamentos ou, através das estratégias de marketing, da “ideologia da publicidade” das empresas “transnacionais”, do Estado (capturado por estas)) e o lugar muitas vezes com suas técnicas mais lentas, mais espontâneas. Porém, entranhadas na vida, obedecendo a um ritmo capaz de escutar “o tambor da cultura”, sem os atropelos apressados e imprevisíveis da megalomania das intervenções técnicas abruptas que na forma como, porque, e para que se instalam, desrespeitam, descaracterizam o lugar e pressionam o cotidiano impedindo a apropriação.

O acontecer cotidiano de fato se realiza no lugar, mas como fragmento. Por sua vez, o lugar ainda assim é a dimensão espacial do acontecer cotidiano, mesmo que isto se realize de forma fragmentária e anuncie a revelação da práxis enquanto totalidade, como uma possibilidade a ser buscada. Sobre lugar e cotidiano Santos (1997, p.258) comenta que:

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática do mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através das ações comunicativas, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Há um destaque para essa dimensão espacial do cotidiano, o lugar que se depara a todo o momento com o fetichismo da mercadoria e, portanto, da tecnicidade (submetida à relação mercantil), com todas as formas de normatização, programação, controle enfim, pressões condicionadas e determinadas pelos diversos atores hegemônicos (do Estado, das empresas) que colonizam e territorializam o lugar e o cotidiano impactando-os com micro e macro formas de poder (e essa é uma “teia” que nem os atores hegemônicos escapam, de modo diferente eles também são prisioneiros dela). Por outro lado, em contrapartida, as resistências (não só, mas principalmente da parte dos atores hegemonzados) e o uso mesmo como resíduo estão sempre insurgindo, criando, fazendo a festa, buscando e fazendo a hora da apropriação “real”.

Silveira (2000, p. 25), em concordância com Santos, diz: (...) “percebemos outras racionalidades, manifestas ou ocultas em um cotidiano do lugar, que envolve certamente, um saber fazer próprio de divisões territoriais do trabalho pretéritas e uma criatividade sempre renovada”.

Não há dúvida de que é através da criatividade voltada para o uso, a poesia em vida, a festa no lugar, que o cotidiano se inicia e se mostra ainda que de forma limitada, mas como possibilidade de apropriação. Carlos (2001, p.216) diz que:

O uso como apropriação, como atividade poética, atividade humana que se realiza pelo homem em torno do ser humano e nele engloba os seus sentidos, sensibilidade, necessidade e desejos. Realiza-se com base em uma estratégia que escapa à equivalência (imposta pela troca) e ao homogêneo (imposto pela norma) e faz aflorar o diferente – é a multiplicidade da heterogeneidade, o que acentua seu caráter apropriador, isto é, o homem apropria-se das condições exteriores, transformando –as.

Com base no que disse Carlos, é importante ressaltar que a apropriação só se realiza pela diferença. Esta nasce do conflito entre a imposição do homogêneo (os “poderes homogeneizantes”), do efêmero e o que teima em permanecer, o irreduzível. Assim, parte de particularidades e, após o conflito, poderá permanecer a diferença⁷⁷. Lefebvre (1972, p.120) comenta:

Apropiación y diferencia no pueden pensarse separadamente y, menos aún, vivirse y entrar en la praxis. La apropiación (del cuerpo, del deseo, del tiempo y del espacio) no se define sino por el conjunto de las diferencias que la práctica puede sacar de los recursos naturales”. La propiedad fija y esteriliza. La dominación sobre la naturaleza produce e destruye. La apropiación desarrolla y transforma.

A apropriação em sentido mais amplo só pode se afirmar pela diferença emancipada. É importante destacar que, embora esse trabalho se apóie basicamente em Lefebvre, considera –se e reforça – se neste caso, que a apropriação também poderá ser buscada como um encontro de libertação cotidiana

⁷⁷ É importante diferir particularidade de diferença, sobre isto Lefebvre (1972, p. 45): “(...) La particularidad y al umbral que existe entre lo particular y lo diferente (...)El paso de uno a outro no puede realizarse unicamente por el pensamiento. Este paso implica duras pruebas y acciones.Essas pruebas suponen la existència de consciências, pero no se llevan a cabo únicamente em la consciência que reflexiona. (...) Confundir la particularidade com la diferencia es mezclar el fin com el comienzo, el sentido com el origen y, conseqüentemente, negar o movimiento, desmentir la aparición de algo nuevo em el curso de los actos y de secuencias activas. Aparición que tiene y que jamás há tenido una armonía preestablecida”.

surgida a partir de uma compreensão crítica profunda e transformadora. Portanto, a apropriação como princípio transformador que é, porque transforma pensamento e ações, constitui tanto mais se afirma, quanto mais detecta e supera as pressões, decodificando – as, libertando o homem que Lefebvre chamou de “homo quotidianus” (1991, p.204), aquele que está submerso às pressões do sistema generalizado de alienações, próprio da cotidianidade reificada, mas que é capaz de subvertê – la, como de recriá – la num modo de vida que elimine as formas de dominação e inclua as relações sociais emancipadas num permanente movimento de enriquecimento destas, mesmo sabendo que sempre surgirão outras formas de pressão.

O lugar é, assim, o espaço do encontro e do desencontro, da comunicação e do incomunicável, do acolhimento e do conflito entre o que faz o lugar permanecer sendo o que é, e o que “entra”, o que chega de fora como se já fosse de dentro sem o ser. Depois de tudo, de todo conflito, o que permanecer, apesar de tudo (se não for a destruição completa), é o lugar reencontrado como espaço da diferença em comunicação com outros lugares.

5.2. É possível detectar novas possibilidades de apropriação após as mudanças?

É recorrente o apelo mesmo que muitas vezes inconsciente da necessidade de apropriação do espaço, tempo, corpo, desejo e natureza. Basta observar no dito e no não dito a insatisfação, o mal-estar, insegurança, medo do futuro, instabilidade, obrigações, cobrança de determinado padrão de consumo (expressos direta ou indiretamente) no cotidiano das (os) tapioqueiras (os) após as intervenções. E isto faz lembrar Walter Lacerda Filho (1999, p.58) quando diz em seus versos: (...) *“um canto ardendo dentro como os quatro cantos fora/ incarnado”*. É o irreduzível que atua e permanece como força legítima no cotidiano, subvertendo a cotidianidade reificada, negando - a e rebelando –se diante do inautêntico (forças padronizantes, “hogeneizantes” e de controle) pelo “autêntico”, mesmo que ainda de

início apenas como “aparente particularidade”, mas que oculta no desejo incontido de uma finalidade a de afirmar a “diferença” pela negação à “indiferença”.

A apropriação seria a restituição do tempo e espaço de vida capturado pela atual sociedade, ou seja, a possibilidade de todos serem protagonistas da própria vida. E isso tudo a partir de um projeto que se crê nesse trabalho processual. Uma estratégia permanentemente feita e refeita, segundo os usos qualitativos, capaz de desmistificar o cotidiano, identificando e dominando as pressões, apesar da existência de novas, uma “revolução cultural” como possibilidade de realização de uma práxis libertadora que ao mesmo tempo possa resgatar a espontaneidade perdida. Mas, como reencontrar as qualidades e as propriedades do ser humano de modo a restituir natureza, corpo, tempo, espaço, desejo, enfim a festa? Esse é o verdadeiro sentido de apropriação proposto por Lefebvre, o sentido da “cotidianidade transformada”, mas que defende – se, nesse estudo, que seja feita pela desmistificação criativa e processual e jamais pela luta de morte⁷⁸.

Por um lado o peso da cotidianidade recai sobre a “sociedade” a partir de um plano, uma estratégia “mundializante” de pressões e controle para efeito da mercadoria. Por outro, ela se anuncia pelos conflitos, resistências e resíduos como possibilidade. Para isto Lefebvre (1991, p.82) alerta: (...) “é necessária nada menos que a conquista da cotidianidade por uma série de ações (...) transformações”.

⁷⁸ Sobre isto é importante observar o que diz Nandy, citado por Boaventura Santos (2000, p.374): “ a perspectiva de Gandhi desafia a tentação de igualar o opressor em violência e de recuperar a auto – estima competindo dentro do mesmo sistema. A perspectiva assenta numa identificação com o oprimido que exclui a fantasia da superioridade do estilo de vida do opressor, tão profundamente entranhada nas consciências dos que afirmam falar em nome das vítimas da história”.

Gandhi, citado por Santos (2000, p.374) diz:

“Na nossa situação atual, somos metade homens, metade animais, e na nossa ignorância e até arrogância dizemos que cumprimos plenamente os desígnios da nossa espécie sempre que a um ataque respondemos com outro ataque e que, para tal, desenvolvemos o necessário grau de agressividade”.

Nietzsche (1987, p.106) comenta sobre a condição animal quando se refere a “*senha de ouro* – Ao homem estão impostas muitas cadeias, para que desaprenda de se portar como um animal: e efetivamente ele se tornou mais suave, mais espiritual, mais alegre, mais atento, do que são todos os animais. Mas agora ele ainda sofre por ter carregado tanto tempo suas cadeias, por ter lhe faltado tanto tempo ar mais puro e movimentação mais livre: - essas cadeias, porém, eu o repito sempre e sempre de novo, são aqueles graves e significativos erros das representações morais, religiosas, metafísicas. Somente quando a *doença das cadeias* estiver superada, estará alcançado inteiramente o primeiro grande alvo: separa – se o homem dos animais. – Agora estamos no meio do nosso trabalho de retirar as cadeias e precisamos da máxima cautela nisso. Somente ao *homem enobrecido pode ser dada a liberdade do espírito*; somente dele se avizinha a *facilitação da vida* e unge suas feridas; ele é o primeiro que pode dizer que vive em função da *alegria* e de nenhum outro alvo; Ainda, ao que parece, *não é tempo* para que todos os homens possa suceder o mesmo que àqueles pastores que viram o céu iluminado sobre eles e ouviram aquela palavra:”Paz na Terra e aos homens uma satisfação de uns com os outros”. – Estamos ainda no *tempo dos indivíduos*”.

Em termos metafóricos, é possível afirmar a existência de muitas cortinas que ofuscam o caminho da apropriação, embotando o cotidiano, como já foi demonstrado em momento anterior desse trabalho. Entre estas cortinas destacam-se: o sonho de felicidade sub-repticiamente prometido pela modernidade, mas que tem soado mais como canto de sereia, restando disto as muitas formas de violência; os fetichismos (da mercadoria, da técnica, do Estado, das instituições como um todo) e, portanto, do espaço como tal; a velocidade da corrida tecnológica a serviço da guerra, (o terror) e de uma produção e consumo ensandecidos pelo lucro, enfim todo um conjunto de *álibis* para a mistificação. Tais fetichismos atuam como formas de pressão mistificando mais ainda o espaço e, portanto, o lugar e o cotidiano das pessoas reduzindo a possibilidade de apropriação.

A dupla face da cotidianidade, as pressões e os momentos raros de apropriação acabam por expor os limites do cotidiano na sociedade moderna, que se consolidou obstaculizando as transformações capazes de possibilitar verdadeiramente a apropriação. Mas que também, como já foi dito, ao mesmo tempo, apresenta - se como possibilidade para a apropriação através das resistências, das insurgências, dos resíduos (aquilo que permanece vivo e se nega à burocratização).

Diante disto é pertinente perguntar: como restituir o cotidiano como apropriação na sua integralidade (embora que não totalmente isenta da convivência com as pressões), o tempo de vida das pessoas, o valor de uso em face da atual realidade reificada a partir da mercadoria, pela corrida tecnológica, pelo planejamento urbano estéril, pelos padrões modernizantes da indústria do consumo e do turismo que agora atinge o cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os)? Esta é uma questão complexa que talvez requeira ainda muitas e muitas gerações de pesquisadores e que atinge não só as (os) tapioqueiras (os), mas muitos outros lugares do mundo, provavelmente todo o mundo, o que não impede de ser *aqui* levantada. Lefebvre (1972, p.72) comenta:

(...) el gran malestar del mundo revela una orientación, Hay una relación, que la mayoría de las veces se encuentra oculta (no manifiesta), entre la lucha por diferir y todas las demás luchas, dramas, combates y sufrimientos. Esta perspectiva no es solamente "inter-nacional", es mundial.

A força do lugar resulta daquilo que afirma a sua diferença após os embates e conflitos travados. A diferença é também a voz do lugar que se realiza pela apropriação e resistência às pressões, portanto evoca seu caráter emancipatório e emancipador diante das forças hegemônicas -“homogeneizantes”- “imperialistas” que hoje buscam atingir todos os lugares.

Apesar desse trabalho não buscar um caminho eclético para as suas reflexões, entende que para um maior esforço de compreensão nada impede que, em momento adequado e específico, lance - se mão do pensamento de um, ou outro autor que de modo geral estaria fora do caminho trilhado até aqui por esse estudo, mas que, entretanto, serve como elemento de provocação para o enriquecimento da reflexão. Rousseau citado por Reich (1999, p. 1) comenta: *“O homem nasce livre e por todo o lado ele está acorrentado. Mesmo quem se crer senhor dos outros; esse ainda é mais escravo do que eles”*. Talvez alguns homens nasçam mais, ou menos livres do que outros, já que alguns, além de nascerem numa “realidade” reificada pelos fetichismos que pressionam a cotidianidade como todos os outros na atualidade, ainda nascem sob o “estigma” de uma classe hegemônica não só ainda desprovida de uma “consciência clara” que dê conta da “realidade mistificada”, mas também das condições materiais necessárias à vida. Benjamin a respeito da luta de classes diz:

A representação da luta de classes pode induzir em erro. Não se trata nela de uma prova de força, em que seria decidida a questão: quem vence, quem é vencido? Não se trata de um combate após cujo desfecho as coisas irão bem para o vencedor, mal para o vencido. Pensar assim é encobrir romanticamente os fatos. Pois, possa a burguesia vencer ou ser vencida na luta, ela permanece condenada a sucumbir pelas contradições internas que no curso do desenvolvimento se tornam mortais para ela. A questão é apenas se ela sucumbirá por si própria ou através do proletariado. A permanência ou o fim de um desenvolvimento cultural de três milênios são decididos pela resposta a isso. A história nada sabe da má infinidade na imagem dos dois combatentes eternamente lutando.

As palavras de Benjamin demonstram o perfil de insustentabilidade que acompanha a sociedade “apoiada” nos pilares burgueses. Tão importante quanto desmistificar “a realidade” e simultaneamente buscar superá-la, como é para o proletariado, deveria ser também para a burguesia que só não transforma o seu

sonho pela profunda incompreensão do motor das pressões que exerce sobre os outros e sobre si mesma.

Burguesia e proletariado, ou hegemônicos e hegemonzados, diferentemente uns dos outros, cada qual com as suas especificidades, estão todos presos na mesma teia, a teia da cotidianidade, do cotidiano na sociedade moderna. A cotidianidade assume o papel de prisão, a pior das prisões, prisão que prende por dentro e por fora, acorrenta as vontades, os sonhos, os desejos, o tempo de vida, busca abafar as diferenças⁷⁹ no sentido de reduzi – las, mas que, como já foi dito, assume uma postura ainda mais perversa para aqueles que não dispõem nem das condições materiais capazes de assegurar – lhes a vida e por isso reduzem seu “sonho” em busca – lo no imediato, na urgência da forma mais precária e limitada possível. É a partir da crítica da cotidianidade que a apropriação pela superação das pressões, libertação e humanização do homem deve ser buscada.

Porém, a burguesia, quanto mais concentra riqueza, mais amplia as condições simultâneas de carcereira e prisioneira de si mesma, do outro, do que é e do que possui. É justamente nas janelas, nas frestas desse “cotidiano implacável”, onde a “*sociedade terrorista*” é o seu próprio terror que escapa o residual que não se deixa aprisionar, a vontade de apropriação do tempo, espaço, natureza, corpo, desejo.

As (os) tapioqueiras (os) foram então submergidas à cotidianidade ainda mais do que antes. Isto se mostra na aflição e “preocupação” destas (es) quando se sentem pressionadas (os) a ter que de uma hora para outra se engajar nos novos padrões, (novas preocupações: cursos, novos hábitos de produção e consumo, endividamento, ritmos, normas e relações de trabalho, cobranças) virando patroas e patrões, para atender as urgências do momento, que exigem que a tapioca fina seja feita na hora, instante em que é consumida, como nos *fast foods*. É claro que esta

⁷⁹ *É preciso está atento para uma advertência de Lefebvre (1991, p.46): Sin embargo, el concepto recae facilmente em la trivialidad. El individualista se pretende, se cree, se siente ‘diferente’, siendo que lo que tiene em común com los otros individualistas es justamente esse rasgo que lo define, de suerte que todos los individualistas se parecen e incluso, em el limite, se identifican com um modelo que se propone interior e exteriormente: viven de una identidad o de una analogia que desconocen. La afirmación de la subjetividade vuelve la espalda a la diferencia. Los granos de “arena humana” se amontoan em su indiferencia que los reúne y los hace parecidos.*

Las actitudes intelectuales que niegan las diferencias las hemos llamado reductoras.

situação recai ainda com mais pressão sobre o trabalhador fixo, temporário, diarista que tem que se submeter ao ritmo e à baixa remuneração, já que a maioria das (os) tapioqueiras (os) no Centro das Tapiocas tem uma renda pequena e a exploração é inerente à relação trabalho assalariado e, portanto, à sociedade capitalista. Mas é a inserção definitiva das (os) tapioqueiras (os) na cotidianidade que vai dar o tom desse momento em que elas estão “vivendo”. Reich (1999, p.14) diz:

(...) a Vida vive a vida de almas prisioneiras, ela se adapta rapidamente e completamente á Vida na prisão. Ela se acostumará com a agitação, com a pressa, com o nervosismo, ao lado de uma vaga ansiedade, como um sonho desvanecido há muito tempo – mas sempre presente, de uma maneira ou de outra. A tranqüilidade da alma dos cativos não será perturbada pela idéia de que esses sentimentos sejam sinais de uma vaga lembrança da Vida passada outrora no paraíso. A adaptação é completa. Ela atinge um grau que vai além dos limites da razão”.
A Vida na prisão logo se tornará auto-absorvente, como se supõe que aconteça na prisão.

A cotidianidade na modernidade, reificada a partir da mercadoria, apresenta – se como prisão pelas pressões que incorpora, mas ao mesmo tempo se manifesta nesta pela resistência e resíduos “necessidade” de libertar –se, transformando – a pela apropriação. Diferente do que diz Reich, o mal – estar, a sensação de perda, a ansiedade, a instabilidade, o medo denunciam que a adaptação à cotidianidade não se completa, principalmente para quem já provou de um naco mínimo de autenticidade de vida que seja, de liberdade. Esse naco permanece como resíduo de um passado que poderá ter sido ontem (dentro dos limites cabíveis), antes do desvio da estrada ((a qual não implica só nela mesma, esta é apenas um momento de um processo muito maior de “mundialização” instituidor do “espaço urbano como negócio” (entre outros, negócios financeiros e de turismo ⁸⁰)), mas que também poderá ser tão remoto quanto o das tribos potiguaras antes do primeiro europeu encontrá – las, ou mais distante ainda, a natureza e a própria origem da humanidade, hoje quase totalmente “encerrada”, “acorrentada”. Um passado esquecido, mas que permanece vivo nos sonhos.

Após as intervenções “modernas” sofridas as (os) tapioqueiras (os), parece que se tornaram mais prisioneiras (os) e sucumbidas (os) ao mundo fetichizado, “cegado”, o que faz lembrar Lefebvre quando se refere às sociedades

⁸⁰ Vê Damiani (2004) e Carlos (2005).

pré- capitalistas (embora que este não seja exatamente o caso tratado aqui): ‘(...) *la diferencia entre las sociedades precapitalistas y la nuestra; no se trata de exaltar o pasado sino de comprenderlo*’ (1972, p.38). Como teria dito, ainda que de outro modo, Benjamin (1995 p.41 – 42):

Somente quem soubesse considerar o próprio passado como fruto da coação e da necessidade seria capaz de fazê-lo, em cada presente, valioso ao máximo para si. Pois aquilo que alguém viveu é, no melhor dos casos, comparável à bela figura à qual, em transportes, foram quebrados todos os membros, e que agora nada mais oferece a não ser o bloco precioso a partir do qual ele tem de esculpir a imagem do seu futuro.

A compreensão do passado poderá potencializar o presente e o futuro no sentido de buscar desmistificar as relações sociais, “exorcizando” todos os fetiches comuns à cotidianidade reificada. Sobre a “*reificação*” “nos moldes” da relação mercantil, Lukács (2003, p. 198) comenta:

Pois é somente como categoria universal de todo o ser social que a mercadoria pode ser compreendida em sua essência autêntica. Apenas nesse contexto a reificação surgida da relação mercantil adquire uma importância decisiva, tanto para o desenvolvimento objetivo da sociedade quanto para atitude dos homens a seu respeito, para a submissão de sua consciência às formas nas quais essa reificação se exprime, para as tentativas de compreender esse processo ou de se dirigir contra os seus efeitos destruidores, para se libertar da servidão da “segunda natureza” que surge desse modo.

Desenvolver uma consciência como reação à reificação a partir da relação mercantil, pode até, para muitos, não implicar numa real mudança das condições materiais de produção e de vida, mas sem dúvida poderia ser um ponto de partida, já que, como se acredita, nesse estudo: só se muda verdadeiramente aquilo que se compreende com profundidade. Talvez para isto se exija uma postura mais profunda do que ficar aguardando o momento da reação, o que implica em buscar, através da crescente contribuição em processos sucessivos, momentos de libertação enriquecidos pela partilha do que se sabe, do que se é, e do que se tem. O que diz Benjamin (1995, p. 23) traduz em parte os comentários de Lukács e reitera - o de certo modo:

A liberdade do diálogo está se perdendo. Se antes, entre seres humanos em diálogo, a consideração pelo parceiro era natural, ela é agora substituída pelo preço dos seus sapatos ou de seu guarda-chuva. Fatalmente impõe - se em toda conversação em sociedades, o tema das

condições de vida, do dinheiro. No caso trata – se não tanto das preocupações e dos sentimentos dos indivíduos, nos quais talvez pudessem ajudar um ao outro, quanto da consideração do todo. É como se estivesse aprisionado em um teatro e se fosse obrigado a seguir a peça que está no palco, queira – se ou não, obrigado a fazer dela sempre de novo, queira – se ou não objeto, objeto do pensamento e da fala.

A situação comentada por Benjamin tende a se potencializar no “cotidiano” e “lugar das (os) tapioqueiras (os)” como em qualquer outro lugar, onde tem ocorrido a captura da vida, sem que as pessoas se dêem conta do que realmente se passa com elas às vezes, “aleiadas” e “alienadas” as pressões que sofrem embora as sintam, sentem – se num labirinto onde se perdeu o caminho de volta de uma realidade *reificada*. Kosik (1989, p.73) refere – se à cotidianidade:

Se a cotidianidade é a característica fenomênica da realidade, a superação da realidade *reificada* não se processa como salto da cotidianidade a autenticidade, mas como destruição prática do fetichismo da cotidianidade e da História; isto como eliminação prática da realidade reificada, tanto nos seus aspectos fenomênicos como na sua essência real.

A cotidianidade poderá ser outra que não esta que se encontra submetida a uma modernidade que se “mundializa” segundo o reino da mercadoria, colonizando, ampliando as pressões e que agora invade e se ocupa de quase todas as relações. Apesar de escapar à compreensão da grande maioria dos atingidos, que não sabem “onde se encontra a saída dessa prisão”, a cotidianidade, (embora que pressintam e em alguns momentos, sub-repticiamente até escapem e “atrassem as suas paredes” voltando a cair na maioria das vezes na mesma “armadilha” e “masmorra”, haverá sempre algo que persistirá negando essa situação como irreduzível. Como se o cotidiano fosse “um obstáculo, um dique”, uma parede onde todos estivessem aguardando o momento da “*piracema*”⁸¹, de pular fora no sentido do encontro da *poiésis* como fazem os peixes quando nadam em busca da nascente. Afinal, porque se necessita tanto de férias? Mas acaba – se caindo em outra armadilha as férias programada para o consumo.

A desmistificação da cotidianidade deve então partir do que Gramsci (1987) propôs, no sentido de elevar a visão de mundo ao mais alto patamar e colocá – la em relação às outras, buscando “conhecer a si mesmo” (acrescente – se a isso

⁸¹ Ferreira (1993 p.424): (...) “Época em que (...) cardumes de peixes (...) migram para as nascentes dos rios”.

o que propõe Nietzsche (1987, p. 96) ‘(...) como se pairasse diante (...) um mandamento: *quer* um si mesmo, e assim *te tornarás* um si mesmo’(...), e retomando Gramsci, como produto histórico até hoje desenvolvido, de modo que se eleve de uma filosofia ingênua para uma filosofia crítica, o que poderia mais rapidamente desembocar no despertar de uma “consciência clara” (o que Marx colocou como *necessidade radical* e que para ele acontecerá inevitavelmente num determinado momento da sociedade capitalista). Destaca –se, aqui, a importância de se considerar a decodificação consciente, crítica de tudo que hoje “aprisiona” que deverá levar em conta o lúdico, a criação, a libertação como processo permanente e não dissociado – se do que Nietzsche (1987, p. 196, 197) disse:

(...) e eu não saberia viver se não fosse ainda um visionário daquilo que há de vir. (...) Eu ando entre homens como entre fragmentos do futuro”. (...) Vontade - assim se chama o libertador e o mensageiro da alegria (...) Mas agora aprendi mais isto a própria vontade é ainda um prisioneiro”. (...) “A vontade é um criador”.
 (...) Já se tornou a vontade para se própria o redentor e o mensageiro da alegria? Desapareceu o espírito da vingança e todo ranger de dentes?
 E quem lhe ensinou a reconciliação com o tempo, e algo mais alto que toda reconciliação?
 Algo mais alto que a reconciliação tem de querer a vontade de potência – mas como lhe acontece isso? Quem lhe ensinou ainda a querer - para - trás?

Há uma “vontade latente”, em todo ser humano, que se mantém como resíduo ao que Nietzsche chamou de “vontade de potência”. Não estaria Nietzsche aí se referindo à necessidade do resgate do tempo, espaço, corpo e desejo, da natureza perdida, da poesia, do lúdico, do espontâneo? Essa “vontade de potência”, na compreensão desse trabalho, nada mais é do que a vontade de apropriação. Não se trata de uma potência que se dá pelo domínio ou poder exercido sobre os outros, ou sobre um território (mesmo que se ponha a vida de cada um como seu próprio território, ou de todos como territórios próprios), mas de uma potência de “vida plena” que só se realiza como possibilidade para todos, por isso permanece como olhar para o futuro e simultaneamente como “*querer* – para - trás” quando se busca o referido reencontro com o paraíso perdido (falando em termos metafóricos), com o espontâneo, com a alegria. O caminho para esse reencontro se descobrirá no percurso em permanente criação, como exercício de libertação. Retomando a questão das contradições do cotidiano hoje, Lefebvre (1991, p.88) alerta para uma das contradições mais graves levantadas sobre o cotidiano na atual sociedade:

(...) o cotidiano – faz então aparecerem contradições novas, de importância diferente, mas numa escala global. Uma das mais importantes situa –se entre a ideologia da tecnicidade e os mitos da tecnocracia, de um lado, e de outro a realidade do cotidiano. A mais grave se determina como conflito entre o conjunto das *opressões*, consideradas como constitutivas de uma ordem social e de um plano, o cotidiano, e a ideologia da Liberdade mantida como aparência, apesar de todas as opressões e repressões reveladoras de um trajeto e de um projeto muito mais essenciais.

A liberdade é também mistificada quando vista e proposta apenas em aparência numa cotidianidade portadora de tantas pressões impostas pelos planejamentos da tecnicidade que impõem uma racionalidade programada e programadora para o consumo mistificado e que afrontam a possibilidade de um cotidiano mais liberto e apropriado, o que, como foi visto, vem ocorrendo com as (os) tapioqueiras (os) no novo Centro.

Vaneigem (2004, p.18), ao tratar da questão da liberdade de expressão, diz:

Originada do livre intercâmbio e da livre circulação de bens e de pessoas, a liberdade de expressão está hoje ameaçada pelo espírito do comércio que presidiu seu nascimento. O que ontem a abria hoje a aprisiona, à medida que o círculo do lucro se fecha sobre o mundo. (...) O combate contra a tirania, do qual se prevalece a liberdade de palavra e de pensamento, é um engodo se o cidadão não aprende a demarcar e a distinguir, nas informações que lhe sobrecarregam todos os dias os olhos e os ouvidos, a que conjurações de interesses elas obedecem ou, ao menos, como elas são ordenadas, governadas, deformadas. (...) Nunca a sentença de Manon Phillipon-Roland, “liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome”, conseguiu desencadear tanta vigilância, em um tempo no qual as liberdades, individualmente concedidas ao velho reflexo predador, sufocam por todo lado o grande desejo de viver segundo a liberdade do desejo.

É por isso que nós queremos, em vista de descartar toda e qualquer ambigüidade, conceder todas as liberdades ao humano e nenhuma liberdade às práticas desumanas. A absoluta tolerância com todas as opiniões deve ter por fundamento a intolerância absoluta com todas as barbáries.

O direito de tudo dizer, de tudo escrever, de tudo pensar, de tudo ver e ouvir decorre de uma exigência prévia, segundo a qual não existe nem direito, nem liberdade de matar, de torturar, de maltratar, de oprimir, de constranger, de privar de alimento, de explorar.

Nem sempre aqueles que se colocam como porta – vozes da liberdade a defendem e a desejam de fato pelo menos para os outros, haja vista os discursos falaciosos que dizem defender a democracia em nome da liberdade quando o trato dessa defesa é contraditório e se manifesta através das piores formas de opressão

(física, econômica, cultural, política, psicológica, etc.). Na maioria dos casos, a “defesa” da liberdade se apresenta muito mais como uma mistificação que camufla, mascara o real *terror* que está por trás e que a nega. Não há liberdade em sentido amplo e desmistificado, se não for pela apropriação como possibilidade para todos.

A apropriação não se faz pela representação do que quer ou de quem quer que seja. A apropriação se faz pela autoria e protagonismo de todos, compartilhando a vida não pelo reducionismo de forças homogeneizantes, mas pela diferença. Até mesmo no falar, para um discurso ter força ele tem de acontecer como apropriação, autêntico, transformando simultaneamente o seu autor e aqueles que o escutam. Os imitadores não conseguem imitá – lo e alcaçá – lo porque são inautênticos, sequer acreditam no que repetem e o máximo que chegam é a uma caricatura e um esvaziamento do seu verdadeiro conteúdo. A linguagem da apropriação é inconfundível, não se camufla, por isso é inadequada às formas opressoras, latentes na atual sociedade.

A apropriação é uma “necessidade” da vida que a “*realidade reificada*” da sociedade moderna tenta apagar pela expansão crescente dos fetiches e tudo o que é cercado pelo mundo da mercadoria, pela “mundialização”, mas que se mantém como resíduo, resistência, insurgência. Diz Reich (1999, p.3): “*É inútil filosofar sobre o sentido da Vida, se ignoramos o que é Vida*”. A Vida no seu sentido pleno é a apropriação, mas que não se dá totalmente isenta de pressões. E continua ainda o autor (1999, p.41; 48):

Viver na plenitude é se abandonar ao que se faz. Pouco importa que se trabalhe, que se fale com amigos, que se eduque uma criança, que se escute uma conversa, que se pinte um quadro, que se faça isso ou aquilo”.
(...) Por que o homem mataria a vida em si mesmo?

A situação apontada por Reich aporta ao uso do tempo de vida empregado qualitativamente, com apropriação. Mas, pouco ou quase nenhuma importância terá se não se realizar como possibilidade para todos, escapando ao plano puramente do indivíduo, ou do individual pelo individual, podendo cair facilmente na indiferença, ou no individualismo. Para que adquira importância maior e sentido é necessário que seja acompanhada de uma consciência e ação libertária

e libertadora e de busca de transformação da cotidianidade como possibilidade para todas as pessoas e não apenas para algumas.

5.3. Para onde vão as (os) tapioqueiras (os)?

Os (as) tapioqueiros (as) jamais reencontrarão o lugar perdido, onde se tinha a “apropriação real” e se tinha alguma coisa maior nesse sentido. Talvez se tornem mais prisioneiras (as) ainda de “si mesmos” (as) ao serem “transformadas” (os), consolidando a figura do chamado homem ou mulher moderno (a), embora nunca tenham sido isentos de pressões; e até mesmo aqueles que ficaram e resistiram, não abandonando o lugar, não estarão livres de um outro destino, bem diferente do sonhado, mesmo que não queiram abandonar o “naco” de liberdade que a vida lhes concedeu, de quem conhece bem o seu sabor; pelo que indica os rumos da história, aos poucos, poderão ser dispersos, desagregados, extintos embora permaneça o irreduzível.

Acredita –se, no entanto, que tanto no antigo lugar, como no novo Centro das Tapiocas, de uma forma ou de outra, as resistências para a apropriação, ora latente como vontade incontida e até “inconsciente”, ora subvertendo pela ação voluntária e involuntária, permanecerão como necessidade máxima da vida que estará sempre se manifestando, seja como resíduo de uma natureza humana não racionalizada, imprecisa, seja pela “apropriação real”, seja se rebelando, insurgindo e resistindo à “racionalidade” programadora e homogeneizante imposta.

Na verdade não se sabe ao certo o rumo que tomarão, mas para aqueles que preferiram ficar, com certeza, viver de modo mais espontâneo é sempre melhor. Por isso continuar, não agarrando – se às pedras, mas à vida, é o sentido imperioso que os tange.

Continuar com a memória viva do que ainda não se perdeu, dos sentimentos, atos e ações indomesticáveis pelo mercado, construídos conforme o tempo da vida e não do capital, é condição *sine qua nom* para quem não perdeu ainda de todo o trem da “sua própria história”, e para os (as) tapioqueiros (as), alguma coisa da história dos potiguaras, um remanescente, o verdadeiro pão de

casa, “o pão nosso de cada dia”, a tapioca, e tudo o que ela significa e simboliza. Pois que fazer tapioca não é para qualquer um (a), é preciso toda uma vida, é preciso viver de tapioca, é um ritual que se repete por várias gerações e que por isso não pode simplesmente ser quebrado, só quem como o sr. Manoel, o sr. Crio, o sr. Raimundo, a sra. Zenaide, a sra. Neuma, a sra. Ivone, o sr. João e tantos outros que conhecem bem essas intimidades das artes de fazer tapioca em Paupina poderá reconhecer o valor do que significa uma atividade tão simples e tudo que esta envolve. Lefebvre (1991 p. 214-215) nos seus anseios a respeito do cotidiano declara:

Que o cotidiano se torne obra! Que toda a técnica esteja a serviço dessa transformação do cotidiano!” Mentalmente o termo “obra” não designa mais um objeto de arte, mas uma atividade que se conhece, que se concebe, que re-produz suas próprias condições, que se apropria dessas condições e de sua natureza (corpo, desejo, tempo, espaço), Socialmente, o termo designa a atividade de um grupo que toma em suas mãos e a seu cargo seu papel e seu destino social, ou seja, uma *autogestão*.

Em grande parte é este o sentido de apropriação sobre o qual se apóia esse trabalho, onde a apropriação é vista como uma “revolução cultural permanente” (como mudança processual qualitativa de superação) que vislumbra a *obra*, não como fim, mas como um processo e como propõe muito bem Lefebvre (1991 p. 214), que seja enraizada na cultura de um novo cotidiano, e assim mais libertário e libertador, que priorize o uso desmistificado, livre dos fetichismos (como mistificações *reificadas* advindas dos fetichismos da mercadoria, da técnica, do Estado, etc.).

Ressalta – se a busca do irredutível, daquilo que resiste, que existe e se nega a se submeter a toda essa ordenação e programação do cotidiano para o consumo. Portanto, investigar e decodificar desocultando as pressões para a “*apropriação*”, mesmo que seja ainda a “*apropriação real*”, (sem perder de vista a vontade de *apropriação* como recuperação do tempo, espaço, corpo, desejo, portanto da poíesis como possibilidade para todos), é uma iniciativa que deve ser encarada como processo permanente, no sentido de detectar cada vez mais e fazer emergir as possibilidades submersas nesta sociedade obscurecida por falsos “encantos”, fantasmas muitas vezes produzidos por laboratórios de marketing de grandes empresas, “álibis” que embotam o cotidiano.

Mesmo sabendo – se que assim como em Marx não se operam os conceitos, tanto quanto em Lefebvre⁸², nesse trabalho aventura - se a uma tentativa de buscar ainda que ao nível do empírico, (embora que vistos e refletidos aos olhos da teoria) no cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os), na cotidianidade prática e a partir das “representações” destas (es), desocultar alguns elementos de pressão, de resistência, resíduos e manifestação de “*apropriação real*” tanto nas permanências como nas mudanças, já que as insurgências voluntárias ou involuntárias sempre ocorrerão.

De modo sucinto é possível dizer que dentre o aumento das *pressões nas permanências* destacam-se as seguintes: - *Dificuldade de coesão interna de grupo* (descrença de uns para com os outros em alguns casos); - *Ambigüidades*: -o temor e desconfiança do que vem de fora (da comunidade) e, ao mesmo tempo, a crença de que o que vem de fora é mais poderoso, é mais forte, “imbatível”; - o *tratamento da tapioca como mercadoria no antigo espaço das tapioqueiras tinha um duplo papel*: de pressão, a exigência de acompanhamento do ritmo dos preços do mercado, e, ao mesmo tempo, o papel de “salvadora”, como produto de uma atividade geradora de renda capaz de garantir, através da venda da tapioca, o sustento e relativa autonomia das famílias. Mesmo no antigo espaço já era possível observar por parte de algumas (uns) tapioqueiras (os), (não originárias do lugar, mas

⁸² Lefebvre (1972, p.18-19) se referindo ao método de Marx interroga: ? Como podría el método que analiza las contradicciones situarse fuera de las circunstancias en las que nacen estas contradicciones? Podría decirse que lo anterior significa que dicho método y los conceptos (categorías) de que se sirve no son operativos. Es cierto. Los conceptos operativos no sirven más que dentro de los marcos sociales y políticos que “el operador” admite. Son conceptos tácticos. Em las ciencias llamadas “sociales” o “humanas”, tratan de manipular a la gente. El método y los conceptos marxistas so sitúan a nivel global; ponen en cuestión una totalidad que han contribuido a formar. Son estratégicos e no son manipuladores.

(...) El análisis dialéctico, es decir, crítico a la vez que científico, introduce aquí una diferencia esencial entre crecimiento e desarrollo.

Ni Marx ni Lenin ignoraram esta diferencia, caída em desuso después de ellos.

El capitalismo concedió una prioridad absoluta a la economía política, que Marx rechazó en nombre de un pensamiento crítico (de la economía política, que es famoso subtítulo de El capital) y científico. La prioridad de lo económico em una sociedad que domina y administra la burguesía es mantenida por esta clase a través de una acción política (estatal) permanente, represiva y opresiva, es decir, a través de una primacía ficticia (ideológica e real (actuante) de lo político, que recubre y disimula los mecanismos económicos de explotación. Este doble aspecto, a saber, prioridad real de lo económico y primacía ficticia y, sin embargo. Actuante de lo político, constituye una estructura social destinada ao fracaso. Em la medida em que el socialismo, al renunciar a la diferencia, há adoptado esta estructura (este modelo), esta destinado también al fracaso. En qué consiste este fracaso? Em la disolución de relaciones sociales esenciales.

Acabar com la gran indiferença que existe (em el plano teórico, se entiende) entre crecimiento y desarrollo (...) El desarrollo, destituido em su plenitud, implica um enriquecimiento, uma complicación sin reducción de las relaciones sociales. Es (y no pued ser outra cosa) cualitativo. Implica la creación de formas de vida social, “valores”, ideas, modos de vida, estilos; em una palabra, diferencias.

já com 25 anos de produção de tapioca) *o poder da mídia e as influências do turismo e do consumo*.

A forma de gerenciamento privado introduzido pelo Estado e o automóvel, o turismo e a cozinha formal como subsistemas fragmentários constituem – se em pressão sobre a “cotidianidade” das (os) tapioqueiras (os).

O aumento das pressões comuns às (os) tapioqueiras (os) nas mudanças pode ser observado em situações como: - A perda de autonomia, de autenticidade no que fazem; - Perda de “apropriação real” de espaço - tempo de trabalho e de vida próprios; - A crescente desprotagonização: pela imposição de um novo espaço (o Centro das Tapiocas) como alternativa “sanadora” do deslocamento da via através da imposição de normas, regras, comportamentos, com os quais não estavam habituados; pelo enquadramento quase imediato, apressado a novas situações; inclusive a própria associação - a mudança nas relações de trabalho de não – capitalistas (trabalho familiar) para capitalistas (trabalho assalariado), quando tiveram então que assumir a figura de patrão e patroa já que antes lidavam mais com o trabalho em família.

Destacam –se ainda as dívidas que tiveram que contrair devido à exigência de novos equipamentos e novos ingredientes para as tapiocas; - A exigência permanente de competitividade através da pressão exercida no acompanhamento dos cursos; - A forma arquitetônica que atua como elemento de pressão pela disposição em forma de U e a proximidade excessiva dos boxes de modo que todos vêem o que todos estão fazendo (o que limita a privacidade e autonomia) criando um ambiente de pressão lembrando o panóptico, além dos problemas com o estacionamento que não favorece igualmente a todos; - Distanciamento dos pais em relação aos filhos menores. Algumas mães e pais não podem mais dar a assistência que davam antes aos filhos quando trabalhavam na frente de casa. Uma ou outra mãe se obriga a levá-los para o Centro da Tapioca (já houve caso de se levar criança até em fase de amamentação) ou deixá – los sós em casa, ou na rua.

O aumento da concorrência é um outro elemento de pressão; – O aumento da violência devido aos assaltos que antes não eram comuns; - A associação, apesar de se tratar de uma "associação" de "permissionários" tapioqueiras (os), esta atua também como elemento de pressão já que não foi fruto de iniciativa interna, proveniente das pessoas que vivem o lugar. Além disso, a condução das decisões e deliberações são determinadas principalmente pelos técnicos do Estado. Um olhar, uma palavra mais firme, um gesto de um técnico (que se coloca numa posição hegemônica), ou da presidenta que transmite a vontade dos técnicos (a favor ou contra a sua própria vontade), é suficiente para a retração e para que a maioria acate, embora uma minoria tenha lá reservadamente as suas queixas.

Na verdade necessariamente não é preciso que os técnicos estejam presentes para que as suas vontades sejam satisfeitas, a presidenta é conduzida como intermediária; - As "comemorações" (dia do índio, São João) são programadas para o consumo e pela publicidade. - Pergunta-se de quem é a "comemoração"? Do mercado e da mercadoria. A comemoração não é das (os) tapioqueiras (os), nem do povo, não é do cidadão, e nem de quem pode pagar por ela, o consumidor. É justamente aí onde as pressões supostamente invisíveis e mais eficazes no seu destino se exercem na instabilidade agravada pela concorrência, medo, insegurança, desconfiança, novas cobranças, e nas perdas dos vínculos com os antigos fregueses, incluindo ainda a frequência dos coletivos especiais (de classes menos abastadas) que iam à comunidade ou agrupamentos de vizinhança, de parentesco em busca de lazer na praia.

Ao contrário do que a mídia expõe, o Centro das Tapiocas tem intensificado a desigualdade de renda entre as (os) tapioqueiras (os) e também, ainda em termos econômicos, para a maioria, os rendimentos diminuíram muito em relação ao lugar antigo, tendo aumentado as cobranças, o ritmo (pela produção da tapioca com recheio feita na hora), e a adoção repentina de novos comportamentos que desprotagonizam, tolhendo a liberdade e espontaneidade.

Como elementos *de resistência, de resíduos e manifestação de apropriação real* nas permanências, evidenciam – se os seguintes: - As (os)

tapioqueiras (os) tinham mais liberdade, espontaneidade, proteção interna, todos se conheciam e muitos eram parentes, mas até no seu lugar, mesmo com uma produção familiar não escapavam totalmente a reificação da realidade própria da economia capitalista; - Devido a grande maioria residir vizinho ao local de trabalho, havia maior comodidade na divisão das tarefas, e na conciliação das atividades domésticas (como cuidar dos filhos e da casa) com a produção e venda da tapioca; - O ritmo de trabalho, os horários, a repartição dos ganhos eram combinados, divididos e alternados em família de acordo com a disponibilidade de cada um”.

O contato permanente com alguns fregueses possibilitava a criação de vínculos de solidariedade que ia muito além da compra e venda da tapioca; - A descontração, imprecisão e espontaneidade dos comportamentos possibilitavam maior apropriação”. tanto” por” parte das (os) tapioqueiras (os), como dos fregueses locais e turistas⁸³.

Após as mudanças, destacam – se como elementos de resistência, de manifestação de *apropriação real*, resíduos como, por exemplo: - A insatisfação, o descontentamento (mesmo quando não é expresso por alguns, acaba aparecendo indiretamente nas entrevistas); - A resistência ao uso da farda por parte de alguns; - As desistências também como forma de protesto pela insistência de outros em abdicar do Centro e permanecer no lugar antigo; - Os resíduos, ou seja, a permanência de um sentimento de vontade de resgate da liberdade perdida, uma vontade latente de espontaneidade, de calma, como a ausência de um ritmo mais lento anterior sempre improvisado, e que, apesar dos níveis mais elevados de venda da tapioca era mantido e não era tão acelerado; A insatisfação em se tornarem patrões e patroas; a resistência as formas de enquadramento.

É certo que não havia *apropriação* nos termos Lefebvreanos (e seria ingênuo acreditar que houvesse, ou que haverá de uma hora para outra, ou até mesmo em futuro próximo) no espaço das (os) antigas (os) tapioqueiras (os), até porque para que haja apropriação, no sentido defendido por esse autor, seria necessário que ocorresse uma revolução cultural e urbana permitindo a obra, ou

⁸³ Lembra -se, por exemplo, o caso do famoso cantor Tim Maia que ao passar por lá, após ter comido tapioca pediu que arramassem uma rede embaixo das mangueiras e dormiu a vontade.

seja, a *apropriação como processo*, para o que se acredita nesse trabalho, que só seria possível a partir do desenvolvimento de uma “consciência clara”⁸⁴ (que guardadas as diferenças da proposição de Marx poderá ser desenvolvida) de modo que desmistifique as contradições da atual sociedade e simultaneamente uma vontade de superação e a superação propriamente dita. Soma –se a isso um processo contínuo de mudança, que priorize uso qualificado crescentemente para todos resgatando a *poiésis*.

É possível dizer que as (os) tapioqueiras (os) perderam ainda mais, mesmo que falando em termos de *apropriação real*, (aquela que está ao alcance no momento) pelo aumento das pressões. Desse modo, Investigar e desocultar o que é ou não é elemento de *apropriação real*, vestígio e prenúncio de possibilidade de *apropriação “possível”* nas permanências e mudanças no cotidiano das (os) tapioqueiras (os) permanece como desafio que não se esgota num trabalho ou numa geração. É um processo, uma caminhada que não é só das (os) tapioqueiras (os), é do mundo. Na verdade, o drama destas não difere do mesmo que coloca em cheque toda a modernidade, toda a “mundialidade”, portanto o drama em si, guardadas as suas especificidades, é comum a toda a sociedade moderna.

A questão que vem se colocando até então é: por que todos têm que seguir a mesma estrada, “seja a CE – 040”, ou o “Centro das Tapiocas” como produções da “estrada” do processo de modernização permanentemente refeito e adaptado a cada nova fase da “modernidade”, que mesmo nunca tendo se completado nos países da América Latina (como teria dito José de Souza Martins), assegura – lhes o cunho de eterna recolonização, fragmenta “o que se tinha como inteiro”, as culturas no seu tempo e ritmo próprios?

O relógio das culturas locais jamais poderá ser mecânico se tem em vista a *apropriação*. A tessitura do tempo não pode ser desencarnada da vida. E é necessário dar tempo, entranhá – lo na vida para não estranhá – lo. Na atual sociedade moderna se diz: “*não se deve perder tempo, tempo é dinheiro*”. Na vida para ganhar tempo é preciso perdê - lo. Adélia Prado (1991, p.79) nos dá uma clara

⁸⁴ “Consciência clara”, no sentido proposto por Marx como algo que ocorrerá – citado em nota anterior.

idéia disso ao dizer: (...) *“rir, rir até me desidratar e parar engelhada, para o resto dos meus dias pacificada num ser que não pudesse aspirar ser mais velho, matusalêmica avó. Porque é engraçado, é engraçadíssimo tecer rede para pegar tempo”*. Salvo as diferenças entre uma criança e um idoso, o idoso carrega sempre a criança dentro de si e os momentos em que esta se manifesta ignora a idade que este possa ter, porque o tempo da vida não é mensurável. Como o verdadeiro artista que, ao criar sua obra, não conta o tempo gasto para fazê-la, o prazer de realizá-la é indiferente ao “tempo mensurável”, não o vê passar, simplesmente porque ele não conta. E ele usa o tempo pela *apropriação real*, quando a sua obra não tem o destino das mercadorias, e nesse momento artista e obra se fusionam.

Que as mudanças sempre ocorrerão em qualquer sociedade, principalmente hoje, com a mundialização que rege a “sociedade moderna”, isso não é nenhuma novidade. E que a reestruturação da CE – 040 é uma intervenção que “sacode” o cotidiano das (os) tapioqueiras (os), não há também dúvidas quanto a isso. Mas, as resistências aos horários, as padronizações, os conflitos, as contradições e insatisfações estão aí para dizer que as mudanças não foram tão incorporadas como se “precisava”. É que, de algum modo, o irreduzível permanece e denuncia o mal estar, o estranhamento. Sennett (2004, p. 176) diz:

(...) se ocorre mudança, ela se dá no chão, entre pessoas que falam por necessidade interior, mais do que por levantes de massa. Que programas políticos resultam dessas necessidades interiores, eu não sei. Mas sei que um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar sua legitimidade por muito tempo.

Mas, de quais *“necessidades”* se pode falar na atual *“sociedade burocrática de consumo dirigido”* professada por Lefebvre? E o que então, Sennett chama de *“necessidade interior”*? A *“necessidade interior”* não é uma ilha, não se dissocia do contexto histórico, logo corre o risco na maioria dos casos, de ser fruto das necessidades alienadas, (sejam estas “materiais” ou “imateriais”) pelas formas fetichizadas (econômicas, políticas, técnicas, etc.) que o mercado capitalista professa. Lefebvre difere em muito de Sennett em termos de abordagem teórica, no entendimento da “sociedade moderna”, mas, guardadas as diferenças dos caminhos teóricos seguidos no enfoque dessa questão, a das necessidades e da diferença,

nada impede que haja proximidades em alguns momentos e algumas inquietações comuns. Lefebvre (1972, p.1):

Se trata de constituir uma certa política, de instituir em forma de partido? No! Se trataría más de tomar consciéncia de un fracasso, el de los organismos especializados y la maquinaria política, recordando una gran enseñanza de Marx: el objetivo de la revolución es el fin de la política. Se trataría entonces de introducir un apoliticismo, variante intelectual do neoliberalismo? Al contrario. Se trataría más bien de poner de manifiesto un razonamiento hasta ahora dejado en la oscuridad, a saber, que la indiferencia política y la política profesionalizada se sostienen mutuamente.

Talvez, para saber mais das necessidades, seja preciso saber das diferenças, já que essa sociedade que agora se mundializa não é absoluta, está sempre encontrando resistências, gerando insatisfação, mal – estar e toda sorte de terrorismos e o cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os) não escapou. Como já foi dito tantas vezes, seria ingênuo, diante do contexto atual em permanente processo de “mundialização”, achar que o lugar das (os) tapioqueiras (os) se perpetuaria. Quando, desde o início da colonização, este vem sofrendo abalos e transformações e, repetindo: na segunda metade do século XX passou por novas transformações em função dos fluxos de automóveis de veranistas, tendo recentemente no início do século XXI sofrido fortes intervenções já citadas anteriormente desse trabalho. Porém há que se destacar que para maior compreensão, nesse estudo, tem que se considerar o que particularizava o lugar das tapioqueiras frente aos poderes hegemônicos”⁸⁵.

O capitalismo, muitas vezes ao se apropriar de alguns elementos das culturas como mecanismo de enquadramento e estratégia para o consumo mistificado, procura utilizar as culturas para integrá-las ao consumo “mundializado” e simultaneamente desintegrá-las, dando um caráter aparentemente homogêneo, mas que não se concretiza de fato, já que o irredutível permanece. Os poderes hegemônicos, embora que com uma hegemonia permanentemente ameaçada, cada vez mais diminuem as suas possibilidade de legitimidade a cada momento que estes se impõem e provocam situações inautênticas e isto, guardadas as especificidades,

⁸⁵ Las particularidades locales y nacionales no han desaparecido. La burguesía las ha utilizado, especialmente en los grandes países imperialistas; algunas veces ha destruido y otras las ha reanimado, según su estrategia. En general, se persigue la devastación de las particularidades nacionales y naturales, pero éstas se resisten obstinadamente a la uniformación (...).

vale tanto para a atual sociedade capitalista como para os países que “adotaram” o “socialismo real” (soviético)⁸⁶.

Diante disto é importante compreender o que seja particularidade e diferença, já que se busca aqui compreender o que realmente seja apropriação. Lefebvre (1972, p.2) refere –se à diferença:

(...) noción aparentemente vanal, la diferencia, (...) Se anuncia através de diferentes conductos (política, filosofía, economía política, antropología, etnología, arte e literatura –pero también por la crítica de la política e de la filosofía, de la economía política, de la antropología y de la etnología Del arte y la literatura, etc.-) que son los conductos de la diferencia “.
Esta noción expresa algo em relación com el pasado; tiene um significado em lo que concierne a lo possible. Quién difiere, de quién y de qué? Qué es diferir? Estamos destinados (ustedes y nosotros, tu y yo) a perder nuestras diferencias, a luchar por uma sombra, es decir, la nuestra? Non debemos conquistar em gran combete lo que somos, nuestra diferencia? Es um hecho o um derecho, uma certeza o uma posibilidad?

É justamente essa diferença negada que grita como resíduo mesmo quando silenciada, ou quando abafada, ignorada. Diferença muitas vezes atropelada pelo curso das mudanças e que, no entanto, se afirma naquilo que permanece após os conflitos e sem considerá – la, não se tem apropriação. É essa mesma diferença que, sem sabê - lo tanto clamam as (os) tapioqueiras (os). Diferença pela vontade de apropriação do tempo, espaço, corpo, desejo, natureza, o que para Lefebvre só se realizará após a *revolução urbana*. E que, para este estudo, a apropriação possível no sentido de apropriação real poderá processar – se como caminho partilhado e

⁸⁶ Lefebvre (1972, p.10; 32;) comenta: “Es necessário (...) introducir la diferencia hasta la obra y el pensamiento de Marx, em lugar de buscar y pretender hallar um cuerpo homogêneo”. E continua o autor (p.32): “...em médio de los conflictos y enfrentamientos, el combate titánico entre los poderes homogeneizantes y las capacidades diferenciales. Dichos poderes homogeneizadores disponen de médios enormes.(...) modelos, aparatos, tendencias centralistas, ideologias (el productivismo, el crecimiento ilimitado). Estos poderes, destructores de las particularidades y consecuencia de las posibles diferencias, saben también hacer uso de la técnica, de la ciencia, de uma cierta racionalidad (determinada y limitada). Em cuanto a los poderes diferenciales, éstos se encuentran más comúnmente a la defensiva. Resisten; al matenerse em estado latente se manifiestan por médio de irreductibilidades. Es así como los dramas del mundo no se dejan reducir a cantidades y la poesia conserva algo de irreductible. La espontaneidad no se anula sino por autodestrucción. Abatidos y humillados, los “remanentes” no pueden ser suprimidos. Llega el momento em que los poderes diferenciales pasan a la ofensiva”. “El policentrismo que se impone praticamente em el campo “socialista. (...) La irracionalidad manifiesta tiene razones que la razón ignora; se resiste a la racionalidad represiva-opresiva, a las estrategias de homogeneización basadas em los imperativos de la industria, de la organizacion y del crecimiento. ?No será el arte, a veces rebelde y a veces sumiso, a veces em agonía y otras resurgiendo, uma de las formas más activas de resistencia?”

exercício consciente de desalienação e de libertação pela doação do que se é, do que se sabe e do que se tem.

Para isso é necessário que cada um saiba primeiro quem realmente é, para que não abrace “por escolha reificada” quem mais o devora⁸⁷. E a resistência de algumas (ns) tapioqueiras (os) que preferiram ficar e insistir no antigo lugar poderá ser um vestígio, um sinal, disto. Talvez uma sabedoria contida em quem não se deixa colonizar, mas preservada, que se mantém como semente de liberdade, como resíduo, herança talvez de tempos primitivos, de uma natureza perdida capturada pelo individualismo e programação do “mundo” capitalista, mas que poderia ser potencializada pela diferença da *apropriação possível*, assegurada pela desmistificação e libertação, pelo uso, mesmo que não seja ainda a diferença pela apropriação no sentido proposto por Lefebvre, possível apenas com a revolução cultural. Será que a verdadeira mudança virá daqueles que não são hegemônicos, provavelmente daqueles que menos esperamos, os que não costumam ter respostas prontas, mas que apesar das adversidades da vida, têm se “mantido de pé” pela experiência individual e coletiva, pela luta e resistência cotidiana, pela criatividade, poesia e engajamento apesar das intempéries?

Para quem não tem “nada”, ter um encontro com amigos pode significar imensa riqueza, como de fato é. Mas essa dimensão cotidiana do verdadeiro encontro muitas vezes escapa a muitos homens e mulheres mais abastados (as), tão atolados (as) que estão nas coisas, nos seus bens, etiquetas e toda parafernália que os conduz. Martins (2002, p. 15) comenta: “Quando os dominados manifestam a necessidade de ter idéias próprias essa é uma necessidade radical. Uma necessidade que não pode ser atendida sem transformações sociais”. É bom que se

⁸⁷ Como diz Kosik (1989 p.s.74 -75):

“O sujeito do indivíduo é, em primeira instância e na maioria das vezes, um sujeito *que não lhe pertence* e isto tanto na forma da falsa individualidade (falso eu), como da falsa coletividade (o nós fetichezado). A tese materialista que afirma ser um homem um agregado de condições sociais, mas não acrescenta quem é o sujeito real ou o sujeito mistificado ou o nós mistificado, para os quais o indivíduo real se transforma em instrumento e máscara”. O sujeito já é constitucionalmente impregnado de objetividade, que é objetivação da *práxis* humana. O indivíduo pode ser a tal ponto absorvido pela objetividade, pelo mundo da manipulação e da fadiga, que o seu sujeito se perde nessa mesma objetividade e assim a objetividade se apresenta como sujeito real, ainda que mistificado. O homem pode perder – se no mundo “exterior” porque na sua existência ele é sujeito objetivo, que só existe enquanto produz subjetivamente o mundo histórico objetivo. (...) o homem não nasce jamais em condições que lhe são “próprias”, ele é sempre “jogado” no mundo, cuja autenticidade ou inautenticidade ele tem de comprovar por si mesmo, na luta, “na práxis”, no processo da história da própria vida, no curso do qual a realidade é possuída e modificada, reproduzida e transformada.

veja como dominado não só a classe conceitualmente classificada de trabalhadora pelo assalariamento, mas também todos aqueles (as) que assim como os (as) tapioqueiros (as) foram “desprotagonizados (as)” na decisão do seu “destino”. Martins (2002, p.20 – 21) diz ainda que nos seus estudos sobre o subúrbio busca “(...) fazer com que o homem comum, nos seus atos aparentemente sem história, aparecesse como protagonista da História, ainda que de fato coadjuvante, mesmo que protagonista alienado e equivocado”. Portanto essa postura também serviu de inspiração para esse estudo. É importante também considerar que:

(...) é emergente o estudo dos processos, objetivando a descoberta das possibilidades existentes para construção de uma sociedade onde todos tenham oportunidades iguais, onde todos participem na produção consciente do espaço, exercendo a cidadania e, portanto, a democracia plena. Para isso é necessário a democratização dos bens produzidos e simultaneamente do saber sistematizado crítico ao alcance de todos. Assim também a inclusão do bom senso, presente no saber popular, na compreensão do espaço produzido para uma ação coletiva, permanente comprometida com a valorização do ser humano e da natureza da qual ele também faz parte, enfim a valorização da vida como possibilidade para todos e não para poucos.

Entender a produção do espaço e desmistifica – lo é simultaneamente um processo de entender a si próprio e desmistificar – se também, como um todo que representa um todo maior. É situar –se como possibilidade aberta para o futuro, como agente capaz de criar e produzir o novo, libertando – se cada vez mais das armadilhas das alienações do passado e do presente, para além dos preconceitos (machismos, racismos, valores mercantis).

Finalmente, é colocar –se como processo, como movimento para além dos “papéis sociais cristalizados” ou modelos de comportamentos impostos pelo exterior dominante. Bezerra (1996, p.127-128).

Complete – se a isso o uso qualificado e a apropriação como direito e possibilidade para todos. Talvez Nietzsche (1987, p. 106) tivesse razão quando disse: “Não nos deixaríamos queimar por nossas opiniões: não estamos tão seguros delas. Mas, talvez, por podermos ter nossas opiniões e podermos mudá – las”.

6. Considerações finais

Não há como fechar ou concluir o que permanece em aberto. O fim de uma pesquisa sugere sempre uma continuidade, um recomeço. Muito há para rever, mais ainda para descobrir, porém é cobrado nos trabalhos científicos um tempo para sua realização e, portanto, um fim. Procura –se aqui esboçar não uma conclusão como algo fechado pronto e acabado, mas apenas algumas considerações que possam traduzir o alcance do caminho percorrido por esta pesquisa.

É possível dizer que a complexidade do problema que envolve o cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os), guardadas as suas especificidades, é algo que atinge hoje o cotidiano no mundo, ou pelo menos em muitos lugares do mundo, que sofrem intervenções provenientes de um processo maior de modernização submetido à “mundialização” do capital que transforma o espaço em negócio.

Do atual contexto mundial pode – se afirmar que nunca, em toda sua história, o espaço foi tão normatizado, programado, cronometrado, vigiado numa permanente ânsia de precisão matemática. É o império de uma racionalidade que se impõe sobre o planeta, sobre os países, regiões, territórios e lugares através de sucessivas intervenções técnicas. A modernidade, com todas as suas fases, não tem dado conta dos dramas e problemas cruciais da humanidade como a falta crescente de liberdade, como possibilidade para todos, portanto de verdadeira democracia, de justiça, de apropriação de cada um e de todos do seu tempo de vida. A modernidade, através do processo de modernização que se “mundializa” colonizando e recolonizado em função do capital, tem transcorrido dissociada de um compromisso maior com “felicidade” humana, do ser humano na sua integridade.

A modernização em curso em suas várias fases tem sido realizada a expensas da destruição de muitas culturas, de muitas vidas, de muitos lugares, inclusive do planeta como um todo. Um caminho que não leva em consideração a vida dos implicados, mas a atropela, não poderá trazer bons resultados e corre o

risco de destruição total. É necessário que se exercite no caminho o que se busca como projeto, portanto uma modernidade associada às aspirações do capital, ou de apenas uma minoria que se impõe e sozinha planeja, que não inclui os verdadeiros interesses da maioria que às vezes “reproduz” (pela representação e incompreensão das ações) quem domina, não poderá corresponder jamais aos anseios de todos e a uma transformação integral qualitativa da sociedade com suas diferenças.

Com a aparente “liberação” e simultâneo “aprisionamento” do espaço e, portanto da sociedade, através da “mundialização” e da reificação da realidade no cotidiano a partir da mercadoria e da sujeição da técnica a esta, mas precisamente das novas tecnologias, tem se constituído a abundância das efemeridades que se realizam na atualidade como uma das múltiplas faces da modernidade, principalmente através da informação programada para o consumo cada vez mais veloz, que na sua grande maioria tem contribuído mais para a mistificação do espaço, no sentido de promover os anseios de realização do capital, instrumentalizado pela “ideologia da publicidade” que tanto Lefebvre fala. Assiste – se à “reificação” do espaço como negócio e do cotidiano como cotidianidade reificada.

A reflexão sobre a modernidade, modernização, “mundialização” e a cotidianidade e, a partir destas, a discussão sobre as pressões na cotidianidade prática no sentido de resgatar fragmentos do vivido das (os) tapioqueiras (os) como patrimônio primordial de um povo e do seu lugar, trouxe à tona as aflições e agonia de um lugar que foi desarticulado pelo desvio e reestruturação de uma estrada a CE-040 como momento do processo de modernização no Ceará e em Fortaleza que, através do Estado, subscreve o espaço pela “mundialização” do capital seja associado ao capital financeiro internacional, ao turismo, ou a empresas. Desse modo o Estado interveio no espaço como negócio demarcando um antes e um depois no lugar e cotidiano das (os) tapioqueiras (os). As mudanças provocadas no lugar e cotidiano das tapioqueiras, seja pelo desvio e duplicação da nova estrada ou pelo enquadramento das (os) tapioqueiras (os) nos padrões de um espaço para o consumo, o Centro das Tapiocas, deram - se em detrimento dos interesses destas e em função de interesses hegemônicos, ou seja, de representantes do Estado, de

empresas e de demandas turísticas vinculadas ao turismo e ao turismo mundializado.

Por maior que seja a programação e enquadramento das (os) tapioqueiras (os), os resíduos sempre permanecerão de algum modo pela apropriação real e isto vale tanto para aquelas que se submeteram ao enquadramento, como para aquelas que resistiram permanecendo no antigo lugar. A vontade de apropriação permanecerá sempre como desejo, tempo, corpo, espaço, e natureza frente às pressões. A submissão crescente a um espaço cada vez mais estéril pela excessiva racionalização, onde quase tudo se mensura, traduz – se como violência, em “terror latente”.

A aceleração das inovações técnicas é permanentemente acionada pelas pesquisas técnico-científicas e militares que estão sempre injetando novas tecnologias no mercado, tecnologias estas, que eram destinadas à guerra e constantemente incentivadas pelos investimentos financeiros, pela competitividade das empresas e pelo império da mercadoria. Com isso o controle e a indução programada da produção, circulação e consumo tem contribuído cada vez mais para transformação do espaço em negócio, como mais uma mercadoria destinada à acumulação.

Desse modo as intervenções técnicas dos projetos seja pela abertura, desvio, alargamento e duplicação de vias, seja pela instalação de novos equipamentos urbanos, acabam negligenciando o uso e a satisfação dos principais interessados, aqueles que habitam e vivem ao lugar.

É dentro deste contexto que o “lugar” tendo presente nele a mundialidade, se vê constantemente convulsionado pelas intervenções técnicas, que na organicidade, normatização, programação e controle exagerados limitam cada vez mais a realização do cotidiano como possibilidade de apropriação na sua dimensão espacial pertinente o lugar.

As mudanças ocorridas, em princípio, convulsionaram o lugar e cotidiano das (os) tapioqueiras (os) e podem ser traduzidas em formas de pressão que se

estabelecem, usando “a necessidade de inovações técnicas”, como “necessidades infra – estruturais” em face do turismo. Portanto, como “álibi”, mesmo que isto custe a perda e limitação ainda maiores de apropriação real por parte das (os) tapioqueiras (os).

As formas de pressão se exercem na imposição de uma racionalidade buscando imprimir uma organicidade, normatização, programação, padronização, enquadramento e controle o que “desprotagonizou” ainda mais as (os) tapioqueiras (os) do seu trabalho e vida.

Pouco a pouco o formalismo foi tomando conta do espaço e tempo da vida para dar lugar a um ambiente estéril, com uma racionalidade burocrática, atomista, comum aos espaços de consumo de mercadorias, geralmente espaços “*panópticos*” (Foucault, 2002) encontrados no *shopping center* por excelência também no *fast food*, e nas instituições de vigilância e controle (presídios, escolas, hospitais e hospícios) principalmente agora com “gerenciamento privado”. No mundo inteiro, em alguns lugares mais, noutros menos, as freqüentes insurgências que emergem no cotidiano e, portanto, no lugar denotam a insatisfação relacionada à “mundialização”, através do implante de novas técnicas sempre à revelia das demandas constituídas culturalmente no lugar.

O contexto do cotidiano e lugar das (os) tapioqueiras (os) se apresenta como um contexto reificado, e assim capturado pela mundialização a partir da mercadoria, portanto pelas formas que a reificação assume e se imprime na “realidade”. Porém não como algo absoluto, já que permanecem resíduos, resistências e insurgências, que demonstram que não há resignação total por parte das (os) tapioqueiras (os) por mais que o processo de modernização através da reestruturação da estrada e da implantação do Centro das Tapiocas tenha tentado desprotagoniza – las (os) ainda mais, recolonizando – as em moldes determinados.

A relação das (os) tapioqueiras (os) com o turista mudou no Centro das Tapiocas. Antes ambos tinham uma manifestação espontânea um em relação ao outro. Hoje é programada para os padrões turísticos de consumo, para o que isto representa. Portanto, tanto o turista como a (o) tapioqueira (o) estão submetidos ao

marketing, como planejamento estratégico de “gerenciamento privado” impetrado pelo Estado no Centro das Tapiocas, “reconhecem – se” ou se estranham pelas representações a que estão condicionados (as) e não pelo que são, ou possam vir a ser.

O turismo, como atividade social específica submetida à organização institucional burocrática do Estado pela implantação de um planejamento estratégico de gerenciamento privado e como “subsistema fragmentário”, não diminui as pressões que se exercem sobre o cotidiano, mas ao contrário se exerce como pressão tanto para o turista, como para a (o) tapioqueira (o). Portanto, o turista que buscava escapar do “peso” do cotidiano, acaba caindo noutra armadilha: as férias programadas para o consumo. É como se este saísse de um lugar para o mesmo lugar e pela mesma via. O turismo submetido à lógica do mercado não retira o turista do cotidiano, mas o mantém na cotidianidade programada pelo “mundo da mercadoria” ou reificado a partir desta. O turista não escapa ao cotidiano.

O automóvel como “subsistema fragmentário” que exerce pressão permanente, com todas as mistificações que reporta sua representação, teve um duplo papel no lugar das (os) tapioqueiras (os): ao mesmo tempo em que possibilitou em outros tempos pelos seus fluxos carregados principalmente de veranistas à fixação da venda da tapioca no lugar onde moram estas, de outro modo, após o desvio e duplicação da CE-040, estagnou com sua ausência e, como foi visto, sacudiu o lugar destas (es) para “fora”, arremessando – as definitivamente na mundialidade. Nesse momento o Estado intervém no espaço reestruturando – o através do capital estatal e do capital financeiro internacional para dar fluidez aos fluxos direcionados à metrópole, mas também, e, principalmente, para dar fluidez aos fluxos turísticos.

No mesmo sentido ocorre a captura da cozinha informal de produção familiar típica das (os) tapioqueiras (os) pela cozinha formal, (outro subsistema fragmentário que também se exerce como pressão), submetida aos moldes e padrões de produção, circulação e consumo das cozinhas “mundializadas” na mistura do tradicional ao moderno para atender aos padrões do turismo “mundializado”. Novamente o Estado entra em ação e intervém através da instalação

do Centro das Tapiocas, do reordenamento e programação das (os) tapioqueiras (os) através das assessorias, dos cursos e das “parcerias” com empresas privadas fornecedoras.

As (os) tapioqueiras (os), sempre foram tapioqueiras (os) e não só vendedoras (es). E essa é uma grande diferença entre o antigo lugar e o Centro das Tapiocas, é que este é um espaço feito para o consumo, para as vendas, e o antigo lugar das (os) tapioqueiras (os) é um espaço para se viver e essa é uma “diferença radical”. Um espaço para se viver não se constrói simplesmente com financiamentos e técnicos, constrói – se com participação de todos que vivem nele, o fazem e fazem parte dele. É o lugar por “excelência”.

Observou –se de um lado uma maior “desprotagonização” das (os) tapioqueiras (os); perda do tempo de vida, um tempo próximo da natureza, perda da liberdade, de decisão sobre os seus destinos, insegurança, medo, sujeição e submissão (não absolutas) aos novos padrões. De outro, resistências por parte de algumas (uns) tapioqueiras (os) que não se deixam enquadrar nos novos padrões impostos com o Centro da Tapioca. Apesar das pressões não se deixam abater completamente e buscam alternativas de sobrevivência, e mesmo sem uma consciência clara disso, ressentem - se e anseiam possibilidades de vida como novos caminhos para apropriação.

A modernização associa -se ao tradicional, captura - o e se dá muitas vezes como violência que se impõe aos lugares, portanto como ameaça e destruição destes, não importando os interesses, vontades e desejos das populações locais. Nesse sentido ela assume um caráter destrutivo, o que se pode verificar com relação à “desprotagonização” das (os) tapioqueiras (os) que foram “incluídas” (aquelas que assumiram o Centro das Tapiocas) de acordo com os padrões modernos do novo equipamento definido pelos técnicos do Estado e empresas e excluídas nos seus interesses, vontades e “modo de viver”.

O lugar real como dimensão do cotidiano e da cotidianidade prática se faz pelo movimento do par dialético, pressão e apropriação real. O lugar como “promessa” e possibilidade, como projeto de emancipação se faz como caminho de

permanente desalienação através do reconhecimento da existência das pressões e busca de superação destas (sabendo –se que outras surgirão) e via apropriação assinalada na diferença e recuperação do “corpo, tempo, espaço, desejo, natureza” da *poiésis* que dá sentido à vida. O lugar como caminho e projeto não se dissocia do compromisso da busca de felicidade, de encontro para todos, internamente entre os que fazem parte do lugar e com aqueles que vem de outros lugares.

Referências Bibliográficas

ABUL - EI – HAJ, Jawdat. **Classe, poder e administração pública no Ceará**. In: PARENTE, Josênio; ARRUDA, José Maria. A era Jereissati: modernidade e mito. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, p. 83 – 106, v. 1, 2002.

AMORA, Zenilde B. **O Ceará: enfoques geográficos**. Fortaleza: Funece, p. 25 – 38, 1999.

ANDRADE, Carlos Drumond de; NETO; João Cabral de Melo; BANDEIRA, Manuel; MORAES, Vinicius de. **O melhor da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, p. 11 – 30, 1979.

BARREIRA, Irllys A. F. **Pensamento, palavras e obras**. In: PARENTE, Josênio; ARRUDA, José Maria. A era Jereissati: modernidade e mito. Fortaleza – Ceará: Edições Demócrito Rocha, p. 63 – 82, v.1, 2002.

BATISTA, Paulo Nogueira Batista Jr. **“Mitos da “globalização”**.in : Estudos Avançados/Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Avançados.12 (32). São Paulo (USP), janeiro/abril de 1998.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total: mito-ironias do virtual e da imagem**. Tradução de Juremir Machado da Silva 3ª.ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **Cool Memories III: fragmentos 1991-1995**. Tradução de Rosângela V. Tibúrcio. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. Tradução: Rubens R. T. Filho e José Carlos Martins Barbosa. Obras escolhidas 5ª. ed. São Paulo, Brasiliense, v. II ,1995.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: A aventura da Modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Loriatti. 2^a. ed. São Paulo; Companhia das Letras, 2005.

BEZERRA, Celina M.T.Portugal. **A importância do ensino de geografia**. Revista de Educação AEC. Materiais escolares,. Brasília: AEC, ISSN – 0104 – 0537, n. 1001, p.126 – 128, out/dez. v. 25, 1996.

_____. Celina M.T.P. **Uma reflexão sobre o ensino da Geografia nos níveis fundamental e médio como instrumento de desvendamento e transformação da espacialidade do cotidiano no Brasil**. Monografia apresentada no curso de pós-graduação *latu-sensu* – Planejamento Educacional – UNIVERSO. Fortaleza: 1997.

CARLEIAL, Adelita Neto. **Cultura migratória**. In: CARLEIAL, Adelita Neto (org.): Transições migratórias. Fortaleza, Edições IPLANCE, p. 181 – 195, 2002.

CARLOS, A. F. A. **O lugar: Modernização e fragmentação**. In: SANTOS, M. Fim de século e globalização (o novo mapa mundo). São Paulo: Hucitec – Anpur, 1993.

_____. **O lugar do /no mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A Construção de uma “nova urbanidade”**. In: SILVA, Borzarchiello José; COSTA, Maria C. Lustosa; DANTAS, Eustógio W.C. (Orgs.). A Cidade e o urbano. Fortaleza: EUFC, p. 199 – 220, 1997.

_____. **”Novas “contradições do espaço**. in DAMIANI, Amélia L.; CARLOS Ana F. A. ; SEABRA Odette C. de Lima. O espaço no fim do século: a nova raridade. 2^a. ed. São Paulo: Contexto, 62 – 64, 2001.

_____. **Espaço - tempo e metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole.** São Paulo: Contexto, 2005.

CASTRO, Iná Elias de. **Seca versus seca. Novos Interesses, Novos Territórios, Novos Discursos no Nordeste.** In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Brasil: Questões Atuais da Reorganização do Território. – 2ª. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.283 – 323, 2002.

Censo Demográfico 2000. **Resultado do universo de Fortaleza.** Rio de Janeiro: IBGE.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Tradução Ephraim Ferreira Alves. 8ª. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, v. 1, 2003.

CHESNAIS, François. **A mundialização do Capital.** Tradução Silvan Finzi Foá. – São Paulo: Xamã, 1996.

DAMIANI, Amélia L. **População e geografia.** São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **A crise da cidade: os termos da urbanização** in: DAMIANI, A. L.; CARLOS, Ana F. A. ; SEABRA, Odette de Lima. O espaço no fim do século: a nova raridade. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, p.48 – 61, 2001.

_____. **O lugar e a produção do cotidiano.** In: CARLOS, A.F. A. Novos caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, p. 161 – 172, 2001.

_____. **O urbano no mundo da mercadoria.** in: CARLOS, Ana F. Alessandri e LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs.). Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo Contexto, p. 367 – 377, 2003.

_____. **Urbanização crítica e situação geográfica a partir da metrópole de São Paulo.** In: CARLOS, Fani Alessandri e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Geografias de São Paulo: Representação e crises da Metrópole (orgs). São Paulo: Contexto, p. 19 – 58, v. 1, 2004.

DANTAS, Eutógio W.C. D. Mar à vista: **Estudo da maritimidade em Fortaleza.** Fortaleza: Museu do Ceará Secretaria da Cultura e Desportos do Ceará, 2002.

ELIAS, Denise. **Integração competitiva e semi – árido cearense.** In: ELIAS, Denise; SAMPAIO, José Levi Furtado (orgs.). Paradígmata da Agricultura Cearense: Modernização Excludente. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, p. 11 – 36, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1993.

FERNANDES, Manoel. **Aula de geografia e algumas crônicas.** Campina Grande: Bagagem, 2003.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Groal, 1979.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, 26^a. ed, Vozes, 2000.

FUCK JÚNIOR, Sérgio César de França. **Expansão Urbana e Segregação Espacial no Sudeste do Município de Fortaleza.** Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, UECE, 2002.

FURTADO, A. C. T. B. **Cadernos de gestão; Empreendedorismo módulo I.** Fortaleza; Instituto CENTEC (Instituto Centro de Ensino Tecnológico), 2003.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. Editora Unesp, São Paulo, 1991.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1987.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola, 12ª. ed. São Paulo, Brasil, 1992.

HELLER, Agnes. **Teoria de lãs necessidades en Marx**. Traducción de J. F. Yvars. Prólogo de P. A. Rovatti. 6ª. ed. Barcelona: ediciones península, 1986.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9 – 23, 2002.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Tradução: Carlos S. Martins Mendes Rosa. São Paulo; Martins Fontes, 2000.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

KURZ, Robert. **Os últimos combates**. Petrópolis: editora Vozes, 1997.

LACERDA FILHO, W. B. **Sagatinga**. São Paulo: Grupo Editorial Cone Sul, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **Introdução à modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A., 1969.

_____. **El manifesto diferencialista**. Traducción de Julio Moguel y Saul Escobar. México: XXI – siglo veintiuno editores s. a., 1972.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução de João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **A revolução urbana.** Tradução Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe.** Tradução: Rodinei Nascimento. Revisão da tradução: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes 2003.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política.** Tradução de Régis Barbosa e Flávio Kothe –. coleção os economistas. 2ª ed, São Paulo: Nova Cultura, v. II, 1985.

_____. **Os Pensadores.** Seleção de textos de Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, José de Sousa. **A sociabilidade do homem simples:** cotidiano e história na modernidade anômala. 2ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. **Subúrbio:** Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano do fim do Império ao fim da República Velha. 3ª.ed. São Paulo:Hucitec; Unesp, 2002.

MENELEU NETO, José. **Dinâmica Populacional e Condições de Vida por Indicadores.** In: ELIAS, Denise (org.). O Novo Espaço da Produção Globalizada: O Baixo Jaguaribe. Fortaleza: FUNECE, p. 177 – 217, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Os pensadores: Nietzsche.** Obras incompletas. Seleção de Textos de Gerard Lebrum.Os pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 4ª. ed., São Paulo: Nova Cultural, 1987, v. 1.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Tópicos sobre dialética.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **A filosofia na crise da modernidade.** Edições Loyola, 3ª. ed. São Paulo 2001.

PINTAUDI, Silvana Maria. **Cidade, cotidiano e imaginário**. in: SILVA, B. José Borzacchiello; COSTA, Maria C. L.; DANTAS, Eustógio W. C. D. (orgs.) *A cidade e o urbano*. Fortaleza: Edições UFC, p. 213 – 233, 1997.

PRADO, Adélia. **Solte os cachorros**. São Paulo: Siciliano, 1991.

REICH, Wilhelm. **O assassinato de Cristo**: A peste emocional na humanidade. Tradução. Carlos Ralph Lemos Viana. 5ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, V. 1. 1999.

RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves. **Relação de poder no cotidiano escolar**. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). Campinas, SP: Papyrus, 1995.

RIBEIRO, Esaú Costa. **Memorial e história de Messejana**. Fortaleza: Editora e tipografia Eunice, 1982.

SANTOS, Boaventura de. **A Crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática..., São Paulo; Cortez, 2000, vol 1.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, Editora Hucitec, 1997.

SENETT, Richard. **A corrosão do Caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução: Maros Santarrita. 8ª. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, Ana Cristina Mota. **A produção do espaço urbano como negócio**: Fortaleza da segunda metade do século XIX. In: CARLOS, Ana F. Alessandri e LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs.). *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo Contexto, p. 370 – 377, 2003.

SILVA, José Borzarchiello José. **Os incomodados não se retiram**: Fortaleza em questão. Fortaleza: Multigraf, 1992.

SILVEIRA, Maria Laura. **Por um conteúdo da reflexão epistemológica da geografia.** Paisagem território região: em busca da identidade/ Org. SOUSA, Álvaro José de, SOUZA, Edson Belo Clemente de, JÚNIOR, Lourenço Magnoni – Cascavel/; EDUNIOESTE, 2000.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas.** A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução: Vera Ribeiro; Revisão Técnica: Berta Beker, Lia Machado. Rio de Janeiro. Jorge Zuhar Editora, 1993.

TUPINAMBÁ, Soraya Vanini. **Do tempo da captura à captura do tempo livre.** **Terra e mar** : caminhos da sustentabilidade. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós – graduação em Desenvolvimento e Meio ambiente da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza: 1999.

VANEIGEM, Raoul. **Nada é sagrado tudo pode ser dito:** reflexões sobre a liberdade de expressão. Tradução Márcio Marcionilo São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Anexos

Anexo I: Roteiro dos questionários e entrevistas realizadas

Atores sociais:

Tapioqueira (o) antiga (o) [] ou recente []:

1. Dados pessoais:

Nome:.....Naturalidade:.....

Idade:.....sexo:.....Tempo de exercício das atividades relativas a produção e venda da tapioca:.....Nome da antiga casa de tapioca (tapioqueira):.....Nome e número do novo box no Centro da Tapioca (se caso teve ou ainda tem):.....Escolaridade:.....

2. Quanto a produção e venda da tapioca:

2.1. Como se realiza (ou se realizava) a produção e venda da tapioca no espaço original das (os) tapioqueiras (os)?

2.1.1. Quando e com quem você aprendeu a fazer tapioca?

2.1.2. Quantas tapiocas vendiam (ou vendem) em média, e qual era o faturamento médio na semana e no final de semana retirando os gastos para produção?

2.2. Como é (ou era) organizado esse espaço (fornecimento, produção, relações e divisão do trabalho, infra-estrutura, venda e consumo)?

2.2.1. Quais são (ou eram) suas dificuldades, (possíveis pressões)?

2.2.2. O que era (ou é) bom nesse espaço (prováveis apropriações)?

2.3. Como é o dia-a-dia o seu dia-a-dia?

2.4. Qual é a importância de ser tapioqueira (o) na sua vida, e como se dá (ou se dava) a relação das (os) tapioqueiras (os) entre si?

2.5. Como era a relação das (os) tapioqueiras (os) com o consumidor de tapioca local (individual e dos coletivos dos ônibus especiais) no espaço original? Como é hoje no Centro da Tapioca?

2.6. Como era a relação com o consumidor turista no espaço original?

2.7. Como era a relação com os representantes do governo? E como é hoje?

- 2.8. Quem eram os fornecedores, que tipos de mercadorias eles forneciam e como era a relação com eles? Quem são os fornecedores hoje, que tipos de mercadorias eles fornecem e como é a relação com eles?
- 2.9. Na sua opinião o que permanece e o que mudou no espaço original das (os) tapioqueiras (os)?
- 2.10. Das permanências, o que você classificaria como positivo, ou como negativo no espaço original? Quantas (os) tapioqueiras (os) antigas (o) continuam atuando no espaço original? Quantas desistiram?
- 2.11. Das mudanças, o que você classificaria como positivo, ou como negativo no espaço original?
- 2.12. Como você avalia o desvio, alargamento e duplicação da CE-040? Que consequência teve isto para a venda da tapioca e para a sua vida?
- 2.13. Qual é a sua opinião sobre o Centro da Tapioca?
- 2.14. O que você acha da organização do centro da tapioca?
- 2.14.1. Quantas tapiocas vendem em média por semana e por final de semana retirando os gastos para a produção?
- 2.14.2. Qual é o tipo de tapioca mais, (ou menos) consumido?
- 2.14.3. Como acontecem às reuniões (quem conduz, propõe, decide ou delibera), são democráticas (participativas) ou não?
- 2.14.4. Tem alguma empresa, instituição prestando serviço? Como ela atua e o que propõe?
- 2.14.5. Como foi feito o regimento?
- 2.15. O que permanece e o que mudou com esse novo espaço em relação ao antigo (o original)?
- 2.16. Como é a relação com os consumidores locais (individuais e “coletivos” dos ônibus especiais) nesse novo espaço?
- 2.17. Como é a relação com os consumidores turistas no Centro da Tapioca?
- 2.18. Como é a relação com os agentes do governo no Centro da Tapioca?
- 2.19. Como é a relação com os fornecedores e que tipo de mercadorias eles fornecem?
- 2.20. Como é a relação com as outras (os) (os) tapioqueiras (os) no Centro da Tapioca?

2.21. Das permanências transferidas do espaço original para o Centro da tapioca o que você considera positivo (possíveis apropriações), ou negativo (prováveis pressões)?

2.22. Quantas (os) tapioqueiras (os) antigas (o) continuam nesse novo espaço e quantas (os) desistiram?

2.23. Das mudanças ocorridas com a implantação do Centro da Tapioca, o que você considera positivo (possíveis apropriações), ou negativo (prováveis pressões)?

2.24. Quais foram as mudanças ocorridas no “dia-a-dia” das (os) tapioqueiras(os) após a instalação do Centro da Tapioca?

2.25. Que outras observações você poderia acrescentar?

2. Sobre os produtos de consumo doméstico, pessoal e por gênero das (os) tapioqueiras (os):

3.1. Quais são os produtos mais comuns no consumo pessoal dos homens e das mulheres no espaço original das (os) tapioqueiras (os)?

3.2. Quais são os produtos de uso doméstico consumidos pelas (os) tapioqueiras (os)?

3.3. A mudança da atividade de produção e venda da tapioca para o Centro da Tapioca mudou os hábitos de consumo doméstico, pessoal e por gênero das (os) tapioqueiras (os)? Se por acaso mudou, quais foram então as mudanças?

3.4. Você consome as mercadorias pelas marcas?

3.5. Há alguma marca da sua preferência? Qual? Por quê?

3.6. O que acha das campanhas de publicidade?

3.7. Que outras observações você poderia acrescentar?

Consumidores locais:

1. Dados pessoais:

Nome:.....Naturalidade:.....

Idade:.....Sexo:.....Escolaridade:.....

Endereço:.....fone:.....

2. É a primeira vez que frequenta o Centro da Tapioca? [] sim [] não

3. Ha quanto tempo freqüenta as (os) tapioqueiras (os) antigas (os) (se for o caso), e o Centro da Tapioca?
 - a)Antigas (os) :.....b) Novas (os):.....
4. Caso tenha conhecido (ou conheça) o espaço original das(os) tapioqueiras (os), o que achava (ou acha)?
- 5.O que acha das mudanças ocorridas com o desvio da CE-040 e a instalação do Centro da Tapioca?
- 6.O que considera positivo ou negativo nas permanências e nas mudanças?
- 7.Que tipo de tapioca costuma consumir?
- 8.Além da tapioca, quais são os outros produtos que você mais consome no Centro da tapioca?
- 8.Quando não consome tapioca, que outro produto consome?
- 9.Como é que é a relação com as (os) tapioqueiras?
- 10.Que outras observações você poderia acrescentar?

Consumidores turistas:

Nome:.....Naturalidade:.....
 Nacionalidade:.....Idade:.....Sexo:..... Escolaridade:.....
 Cidade que reside.....Destino.....

- 1.Já conhecia o Centro da Tapioca de Messejana? [] sim [] não
- 2.Através de que ou de quem veio?
3. O que acha?Quais são as suas impressões? Conhece em algum lugar um outro espaço semelhante?
- 4.Conhece o espaço original das (os) tapioqueiras (os)? O que acha? O que mudou e o que permanece positiva e negativamente do espaço original para o Centro da Tapioca?
- 5.Que tipo de tapioca costuma consumir?
6. Além da tapioca ,que outro (os) produto (os) consome?
- 7.Quando não consome tapioca, que outro produto consome?
- 8.Como é a relação das (os) tapioqueiras (os) com o turista e vice-versa?
- 9.Que outras observações você poderia acrescentar?

Fornecedores:

Nome:.....Naturalidade:.....
 Idade:.....Sexo:.....Empresa:.....Ca
 rgo ou função:.....Tipos de produtos que fornece:.....
 Endereço:.....fone:.....

- 1.Há quanto tempo fornece para as (os) tapioqueiras (os)?
- 2.Já fornecia no espaço original?
- 3.Há diferenças no fornecimento de um e para o outro? Quais?
- 4.De que modo começou a fornecer para as (os) tapioqueiras (os)?
- 5.Como é a relação das(os) tapioqueiras(os) para com os fornecedores e vice-versa? Existe crédito?De que tipo? Tem outro concorrente ou é exclusivo?
6. Quais são as facilidades ou dificuldades encontradas?
7. Quanto custa a unidade do produto que você fornece?
- 8.Por semana e por mês, quanto costuma vender em termos de quantidade de produtos e de valor em reais?
9. Caso tenha sido, ou seja fornecedor também do espaço original, e do Centro da Tapioca o que você indicaria como negativo ou positivo nas permanências e mudanças?
- 10.Costuma participar das reuniões da associação? O que acha?
11. Que outras observações você poderia acrescentar?

Agentes do governo e prestadores de serviços:

Nome:.....Naturalidade:.....
 Endereço:.....fone:.....
 Funcionário público:.....Trabalhador de empresa privada:...Terceirizado:.....Outras
 formas de contrato:.....
 Idade:.....Sexo:.....Instituição:.....Cargo:.....
 Profissão:.....nível de escolarização:.....

- 1.Como e por quê veio trabalhar com as (os) tapioqueiras (os)?

- 2.No que consiste (ou consistiu) o seu trabalho com as (os) tapioqueiras (os) com relação ao Centro da Tapioca?Que tipo de serviços você prestou ou presta?
3. Quais foram (ou são as dificuldades? Quais foram (ou são) as facilidades? O que é (ou foi) positivo ou negativo na sua opinião?
4. Como foi (ou é) a relação com elas (es)?
- 5.O que você sabe, e qual é a sua opinião sobre sobre o planejamento urbano de Fortaleza em relação ao desvio e duplicação da CE-040?
- 6.Como você vê a forma como é organizado o Centro da Tapioca (sistema de marketing, infra-estrutura, normas, ritos hierarquias, controle do espaço e tempo, concorrência, competitividade (cursos de capacitação),forma de organização do trabalho, fornecimento, produção circulação, vendas, consumo, divulgação, publicidade) ?
- 7.Que outras observações você teria para acrescentar?

Anexo II: Instituições públicas visitadas para levantamento de dados

Relação das secretarias e órgãos do Estado

1. Secretaria da infra-estrutura – SEINFRA;
2. Secretaria do Trabalho e Ação Social – SETAS;
3. Departamento de Edificações Rodovias e Transporte – DERT;
4. Instituto de Pesquisa e Informação do Ceará – IPLANCE;
5. Secretaria do Desenvolvimento Econômico – SDE;
6. Secretaria do Trabalho e Empreendedorismo

Orgão Federal:

1. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

PERIÓDICOS:

1. Jornal O POVO
2. Jornal Diário do Nordeste

Anexo III: Programa Rodoviário de Integração Social do Estado do Ceará II⁸⁸

I – INTRODUÇÃO

O programa Rodoviário do Estado do Ceará – CEARÁ II se propôs a melhorar aquelas deficiências da malha rodoviária estadual e recuperar as rodovias deterioradas, não incluídas no Programa CEARÁ I, obedecendo critérios de seleção exigidos pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID.

O CUSTO TOTAL DO Programa CEARÁ II é de US\$ 230 milhões, dos quais US\$ 115 milhões são financiados pelo BID, através do Contrato de Empréstimo n.1.019/0C –BR firmado em 19.12.97 e os US\$ 115 milhões restantes são custeados com recursos do Governo do Estado do Ceará como aporte local.

O Programa tem como Co-Financiador, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, através do Contrato de Empréstimo n.98.2.017.3.1 firmado com o Estado do Ceará. O prazo final de contabilização do Programa é 19.12.2004.

II – OBJETIVOS

Os objetivos gerais do Programa, fundamentam – se na execução da Duplicação de Rodovias de Acesso à Região Metropolitana de Fortaleza, na Pavimentação de Vias Principais e de Acessos Municipais, na Restauração de Vias Pavimentadas e na Selagem Asfáltica de Rodovias Estaduais, objetivando dotá – las de infra – estrutura viária que permita a integração entre as regiões norte – sul e leste – oeste do Estado, garantindo o escoamento da produção interna e de matéria-prima para o parque industrial Cearense, e facilitando a inter-relação com os Estados vizinhos.

⁸⁸Fonte: DERT (Departamento de Estradas, Rodagem e Transporte).

III – MUNICÍPIOS BENEFICIADOS COM AS OBRAS DO PROGRAMA CEARÁ II

| | | | |
|-------------|---------------------|--------------|-----------------|
| ACARAPE | CHORÓ | ITAPIÚNA | PEDRA BRANCA |
| ACARAÚ | CHOROZINHO | ITAREMA | PENTECOSTE |
| ACOPIARA | CRATEÚS | ITATIRA | PINDORETAMA |
| AIUABA | CRATO | JAGUARETAMA | POTIRETAMA |
| ALTANEIRA | CRUZ | JUCAS | QUITERIANÓPOLIS |
| ALTO SANTO | D. IRAPUAN PINHEIRO | MARACANAÚ | QUIXADÁ |
| AMONTADA | ERERE | MARANGUAPE | QUIXELÓ |
| ANTON.DO N. | EUSÉBIO | MAURITI | QUIXERAMOBIM |
| APUIARÉS | FORTALEZA | MILAGRES | REDENÇÃO |
| AQUIRAZ | FORIM | MILHÃ | RUSSAS |
| ARACATI | GENERAL SAMPAIO | MIRAÍMA | SALITRE |
| ARACOIABA | GIJOCA JERIQUAQ. | MOMBAÇA | SANTA QUITÉRIA |
| ARARENDA | GRAÇA | MONS. TABOSA | SENADOR POMPEU |
| ARNEIROZ | GRANJEIRO | MORADA NOVA | SOBRAL |
| BARBALHA | GUAIÚBA | NOVA OLINDA | SOLONOPOLE |
| BATURITÉ | IBARETAMA | NOVA RUSSAS | TAMBORIL |
| BEBERIBE | ICAPUÍ | NOVO ORIENTE | TARRAFAS |
| CAMP.SALES | ICÓ | OCARA | TAUÁ |
| CANINDÉ | IGUATÚ | ORÓS | TEJUÇUOCA |
| CAPISTRANO | IPAPORANGA | PACATUBA | TURURU |
| CARIÚS | IRACEMA | PACUJÁ | UMARI |
| CASCAVEL | ITAITINGA | PARAMBÚ | VARJOTA |
| CEDRO | ITAPIPOCA | PARAMOTI | VIÇOSA CEARÁ |

Anexo IV: Quadro de Acompanhamento Físico – Financeiro Subprograma de Obras Civis⁸⁹

3.2.1 - QUADRO DE ACOMPANHAMENTO FÍSICO - FINANCEIRO
SUBPROGRAMA DE OBRAS CIVIS

Jan/05

1 - DUPLICAÇÃO DE VIAS NA RME

| REG. III | RODOWIA | TRILHIO | IXL (km) | CONTR. Nº | TIPO | VALOR CONTR. MIL US\$ | CUSTO AMPL MIL US\$ | VALOR PAGO MIL US\$ | BT UNIF PAGO MIL US\$ | SITUAÇÃO | AVANÇO FÍSICO (%) | AVANÇO FINANC. (%) |
|-------------|---------|---|----------|-----------|------------|-----------------------|---------------------|---------------------|-----------------------|-----------|-------------------|--------------------|
| A1912 | C1-440 | Acesso C1-440 - Washington Soares | 3,0 | 007/98 | ET | 6,936 | 3,448 | 3,298 | 1,50 | Concluído | 100 | 100 |
| B0120 | C1-440 | Acesso C1-440 - Washington Soares (3 passarelas + Canteleira) | - | 202/98 | PIAIXAIS | 480 | 498 | 498 | 0 | Concluído | 100 | 100 |
| - | C1-440 | Avenida Washington Soares (01 passarela BIC) | - | 064/02 | JMV | 0 | 0 | 0 | 0 | EXCLUÍDO | 0 | 0 |
| - | C1-440 | Colégio Lanus Brito - Canteleira (adaptação) | - | 219/01 | COH | 202 | 244 | 244 | 0 | Concluído | 100 | 100 |
| A1912 | C1-440 | Canteleira - Messejana | 4,0 | 002/98 | III | 4,222 | 4.021,1 | 3.887 | 1,36 | Concluído | 100 | 100 |
| - | C1-440 | Canteleira - Messejana (Int. Acesso à Lagoa Barrota) | - | 027/00 | ALIANÇA | 820 | 876 | 876 | 0 | Concluído | 100 | 100 |
| - | C1-440 | Canteleira - Messejana (01 passarela Hospital General Mota) | - | 063/02 | JMV | 0 | 0 | 0 | 0 | EXCLUÍDO | 0 | 0 |
| - | C1-440 | Canteleira - Messejana (01 passarela Colégio Com. Cárter) | - | 062/02 | JMV | 0 | 0 | 0 | 0 | EXCLUÍDO | 0 | 0 |
| A1911 | C1-440 | Messejana - Aquiluz | 13,9 | 003/98 | ENFERMARI. | 9,664 | 10.169 | 9,676 | 49,1 | Concluído | 100 | 100 |
| B0142 | C1-440 | Messejana - Aquiluz (Oleas Complementares) | - | 162/99 | CINEMP | 337 | 417 | 417 | 0 | Concluído | 100 | 100 |
| A1945 | C1-465 | Aud Rodoviário - Cárter | 3,8 | 004/98 | BLA | 3,248 | 3.81,1 | 3,746 | 67 | Concluído | 100 | 100 |
| A1945 | C1-465 | Cárter - Marungapin | 8,7 | 004/98 | CINCEM | 5,151 | 6,147 | 6,105 | 2,42 | Concluído | 100 | 100 |
| A2119 | C1-460 | Abreolândia - Aud Rodoviário | 3,8 | 009/99 | Q. CALVÃO | 2,228 | 3,419 | 3,242 | 197 | Concluído | 100 | 100 |
| A1914 | C1-460 | Pajucara - Pacatuba | 13,8 | 240/01 | EXUNCEM | 173 | 163 | 163 | 0 | Concluído | 100 | 100 |
| - | C1-440 | Pajucara - Canteleira - Messejana - Aquiluz | - | 007/98 | ENFERMARI. | 5,967 | 6,596 | 6,198 | 190 | Concluído | 100 | 100 |
| - | C1-460 | Pajucara - Abreolândia - Aud Rodoviário - Cárter | - | 162/00 | ENFERMARI. | 65 | 60 | 60 | 0 | Concluído | 100 | 100 |
| - | C1-460 | Pajucara - Abreolândia - Aud Rodoviário - Cárter - Marungapin | - | 163/00 | ENFERMARI. | 45 | 42 | 42 | 0 | Concluído | 100 | 100 |
| - | C1-465 | Pajucara - Abreolândia - Cárter - Marungapin | - | 164/00 | ENFERMARI. | 39 | 37 | 37 | 0 | Concluído | 100 | 100 |
| TOTAL ROS | | | 51,0 | | | 39,589 | 40,073 | 38,590 | 1,483 | | 100 | 100 |
| AL PREVISTO | | | 0 | | | 484 | 0 | | | | | |
| AL ORIGINAL | | | 51,0 | | | 40,073 | 40,073 | 40,073 | | | 100 | 100 |
| | | | 51,0 | | | 45,000 | 45,000 | | | | | |

*Fonte: DERT (Departamento de Estradas Rodagem e Transporte).

⁸⁹Fonte: DERT (Departamento de Estradas Rodagem e Transporte).

Anexo V: Regimento Interno do Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana – CETARME⁹⁰

CAPÍTULO I - GENERALIDADES E DEFINIÇÕES -

Art. 1. – O presente Regimento Interno estabelece regras de uso e normatiza o processo de administração do Centro das Tapioqueiras e Artesanato de Messejana – CETARME, entendido que estão submetidos às suas disposições todos permissionários que ali exerçam suas atividades de produção e venda de tapiocas, lanches ou artesanato, ou que no mesmo se encontrem, sejam com que finalidade for, enquanto ali permanecerem.

Art. 2. – Entende – se como Centro das Tapioqueiras e Artesanato de Messejana, identificado, abreviadamente, pelas iniciais CETARME o terreno e as edificações presentes que o constituem e quaisquer áreas internas ou externas, compreendidas no endereço conforme definido no art. 3.

Art. 3. – O Centro das tapioqueiras e Artesanato de Messejana – CETARME com endereço na CE – 040 – Km____, N. _____, no bairro de Messejana, consta de uma área comercial contando com 30 (trinta) boxes, medindo _____m², sendo 22 (vinte e dois) boxes destinados a atividade de tapioca, 06 (seis) boxes destinado ao artesanato e 04 (quatro) boxes para atividade de lanchonetes.

Art. 4. – Define –se por permissionários do CETARME todos os associados da Associação das Tapioqueiras da Paupina – ATP e as Associações de Artesãos, que irão ocupar os respectivos boxes para o desenvolvimento de suas atividades.

CAPÍTULO II HORÁRIO E FUNCIONAMENTO

⁹⁰ Fonte: CETARME: (Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana).

Art. 5. – O horário de funcionamento do CETARME para entrada e saída dos permissionários será o seguinte:

- Entrada: a partir das 5 horas e 30 minutos
- Saída: no máximo às 22 horas

CAPÍTULO III DAS OBRIGAÇÕES DOS PERMISSIONÁRIOS

Art. 6. – São obrigações dos permissionários do CETARME:

- a) Atentar para o uso adequado, a manutenção e conservação do CETARME;
- b) Participar, assiduamente e pontualmente, de todas as reuniões administrativas convocadas pela Comissão Disciplinar, para discutir e deliberar quaisquer assuntos de interesse da coletividade dos permissionários;
- c) Cumprir e fazer cumprir as decisões tomadas nas reuniões administrativas do CETARME, em que sejam tratados assuntos enquadrados nas normas desse Regimento ou quaisquer outros assuntos deliberados;
- d) Ajudar a Comissão Disciplinar no cumprimento das normas constantes desse Regimento.

CAPÍTULO III DAS ATRIBUIÇÕES DA COMISSÃO DISCIPLINAR RELATIVAS AO USO DAS INSTALAÇÕES DO CETARME

Art. 7 – Durante as horas em que o CETARME esteja aberto ao acesso dos permissionários e do público em geral, o ingresso, a permanência e a circulação em suas dependências estarão sujeitas a fiscalização por parte da Comissão Disciplinar, que deverá fazer cumprir as seguintes normas:

- a) Proibir a entrada e fazer retirar do CETARME qualquer pessoa que, pela incontinência de sua conduta amoral ou impropriedade de seus trajes, a seu exclusivo critério, considere inconveniente;
- b) B) Impedir a prática de atos que, por qualquer forma, possam perturbar ou restringir a livre circulação e / ou tranqüilidade dos permissionários e / ou clientes do CETARME;
- c) Impedir quaisquer manifestações públicas nas dependências do CETARME sejam elas de qualquer natureza;
- d) Impedir o uso de som de automóveis por clientes ou permissionários durante sua permanência no CETARME;
- e) Proibir o uso de equipamento de som de forma individualizada no interior dos boxes, haja vista causar poluição sonora quando ligados por vários boxes ao mesmo tempo;
- f) Fazer utilizar no CETARME sistema de som coletivo com música ambiente;
- g) Disponibilizar coletores de lixo nas áreas internas e externas dos boxes;
- h) Diligenciar pela preservação do projeto arquitetônico original (fachada e pintura) dos boxes;
- i) Zelar pela limpeza e manutenção das estruturas físicas de todo o Centro;

Art. 8 – A comissão Disciplinar será formada por 06 (seis) membros, sendo 04 (quatro) da Diretoria da ATP e 02 (dois) representantes dos artesãos.

CAPÍTULO IV

DA APRESENTAÇÃO E USO DE EQUIPAMENTOS E UTENSÍLIOS DOS BOXES

Art. 9. – Os associados da ATP e da Associação de Artesãos, na condição de permissionários do CETARME deverão atender as seguintes normas de apresentação e uso dos boxes:

- a) Placas ou letreiros de identificação só serão permitidos nas testeiras de cada boxe;
- b) Os boxes das tapiocas e lanchonetes deverão utilizar mesas e cadeiras de plástico de cor branca para atendimento aos clientes;

- c) O boxe destinado a venda de tapioca poderá utilizar mesa de madeira para suporte do isopor para acondicionamento das tapiocas;
- d) O boxe destinado a venda de tapioca poderá conter no seu interior somente os seguintes equipamentos: fogão a gás e geladeira;
- e) O boxe destinado a lanchonete poderá conter no seu interior somente as seguintes máquinas / equipamentos: freezer, geladeira, fogão a gás, expositor de doces e salgados, liquidificador, grill;

CAPÍTULO III

DA APRESENTAÇÃO FÍSICA DOS PERMISSIONÁRIOS

Art. 10. – Em relação a apresentação física dos permissionários fica estabelecido:

- a) Os sócios permissionários, seus funcionários e / ou agregados deverão utilizar no dia a dia, quando do desempenho de suas respectivas atividades, o seguinte fardamento: blusa de malha branca com logomarca da associação, bermudão ou calça comprida azul, boné de cor branca / azul com logomarca da associação;
- b) Manter bom aspecto de higiene e apresentação pessoal como: unhas limpas, fardamento limpo, cabelos penteados, etc;

CAPÍTULO IV

DA ADMINISTRAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO CENTRO

Art. – 11. – A administração do CETARME será de responsabilidade da ATP. Caberá a Diretoria da ATP, promover todas as iniciativas e medidas necessárias a consecução dos objetivos a que se propõe o Centro.

Art. 12. – A manutenção e conservação do CETARME serão efetuadas mediante pagamento de mensalidade definida pelos permissionários, constituídos pelos associados da ATP e das Associações dos Artesãos que ocuparem os boxes para venda de artesanato.

Único – Para o cálculo da mensalidade serão somadas todas as despesas de uso coletivo, realizadas mensalmente, tais como: energia, água, vigilância, material de limpeza, telefonia, etc., que deverão ser rateadas pelo número de boxes existentes no CERTAME.

CAPÍTULO V

DOS PRODUTOS A SEREM PRODUZIDOS / COMERCIALIZADOS

Art. 13. – Em relação aos produtos a serem produzidos e /ou revendidos nos boxes fica assim estabelecido que:

- a) Em hipótese alguma será permitida a venda de qualquer tipo de bebida alcoólica, a exceção de cerveja em lata;
- b) A comercialização da cerveja em lata é restrita aos boxes de lanchonetes;
- c) Aos boxes de tapiocas serão permitidas a produção e comercialização dos seguintes produtos: tapioca, bolos, cocadas, água de coco, água mineral, refrigerante, café, petas, sequilhos;

CAPÍTULO VI

DO ACESSO E USO DO ESTACIONAMENTO DO CETARME

Art. 14. – Fica estabelecido em relação ao acesso e uso do estacionamento do CETARME, as seguintes condições:

- a) O estacionamento do CETARME será de uso exclusivo e de forma rotativa dos clientes e dos associados da ATP.
- b) Em hipótese alguma será permitido o estacionamento de veículos por tempo superior a duas horas;
- c) Não será permitida a entrada de veículos para uso do estacionamento sem que o objetivo / destino do proprietário seja circular, única e exclusivamente, nas dependências do CETARME;

CAPÍTULO VII

Art. 15. – Ocorrendo a decisão em não mais exercer suas atividades no respectivo boxe o qual é permissionário no CETARME, o associado da ATP deverá comunicar sua decisão a Diretoria da associação, que se encarregará, através de seu Presidente de convocar reunião extraordinária para levar o fato ao conhecimento dos demais permissionários.

Parágrafo Primeiro – A comunicação deverá ser formalizada, ou seja, por escrito, e devidamente assinada pelo permissionário desistente da vaga.

Parágrafo Segundo – A decisão deverá ser comunicada pelo p residente da ATP em reunião extraordinária e será registrado em ata, que será assinada por todos os presentes para os devidos efeitos legais.

Parágrafo Terceiro – O permissionário desistente será convocado a participar da reunião extraordinária para que esponha seus motivos de desistência.

Parágrafo Quarto – Caso torne irrevogável sua decisão, o Presidente da ATP comunicará o seu automático desligamento da ATP.

Art. 16. – Ao associado será solicitado que o mesmo indique a pessoa que o substituirá na ocupação do ponto vago, para que o nome do indicado seja apreciado e deliberada a sua aprovação ou não pelos associados.

Art. 17. – Sendo o nome da pessoa indicada aprovado pela maioria dos associados, após votação, caberá a Diretoria providenciar o seu processo de inclusão no quadro social da ATP, conforme reza o seu Estatuto.

Art. 18. – As negociações da forma de transferência de todo o imobilizado do boxe, inclusive dívidas contraídas em instituições financeiras, será objeto de negociação entre as partes, sem interviniência da ATP.

Art.19. – É proibida a venda de ponto, cobrança de jóia ou outro tipo de remuneração pela liberação do ponto de ex – associados da ATP em benefício de futuros associados.

Art. 20. – A permanência de box fechado por tempo indeterminado ou mesmo em dias alternados e / ou contínuos, será objeto de apreciação em Assembléia Geral sobre a continuidade do associado da ATP como permissionário do CETARME.

Art. 21. – Os Casos em que ocorra o previsto no artigo anterior, qualquer que seja o período, será convocada uma Assembléia Geral para a tomada de decisão pelos associados.

CAPÍTULO VII DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 22. O presente Regimento Interno só poderá ser alterado, de todo ou parcial, por decisão da maioria dos associados da ATP, desde que convocada uma assembléia Geral para este fim.

Art. 23. – Os casos omissos nesse Regimento Interno e que, por ventura, venham a ocorrer serão tratados e decididos em Assembléia Geral.

Art. 24. – Esse Regimento Interno, lido, discutido, aprovado e abaixo assinado por todos os associados da ATP e da Direção da Associação dos Artesãos, deverá ser cumprido em sua totalidade de formas a tender os objetivos propostos.

Aprovados e atualizados em 16/04/2002.

Anexo VI: Informativo Gerencial - ANEXO II – DECRETO N. 26. 411/2001⁹¹.

Relação Descritiva das Rodovias Estaduais: Rodovias Radiais

Informativo Gerencial

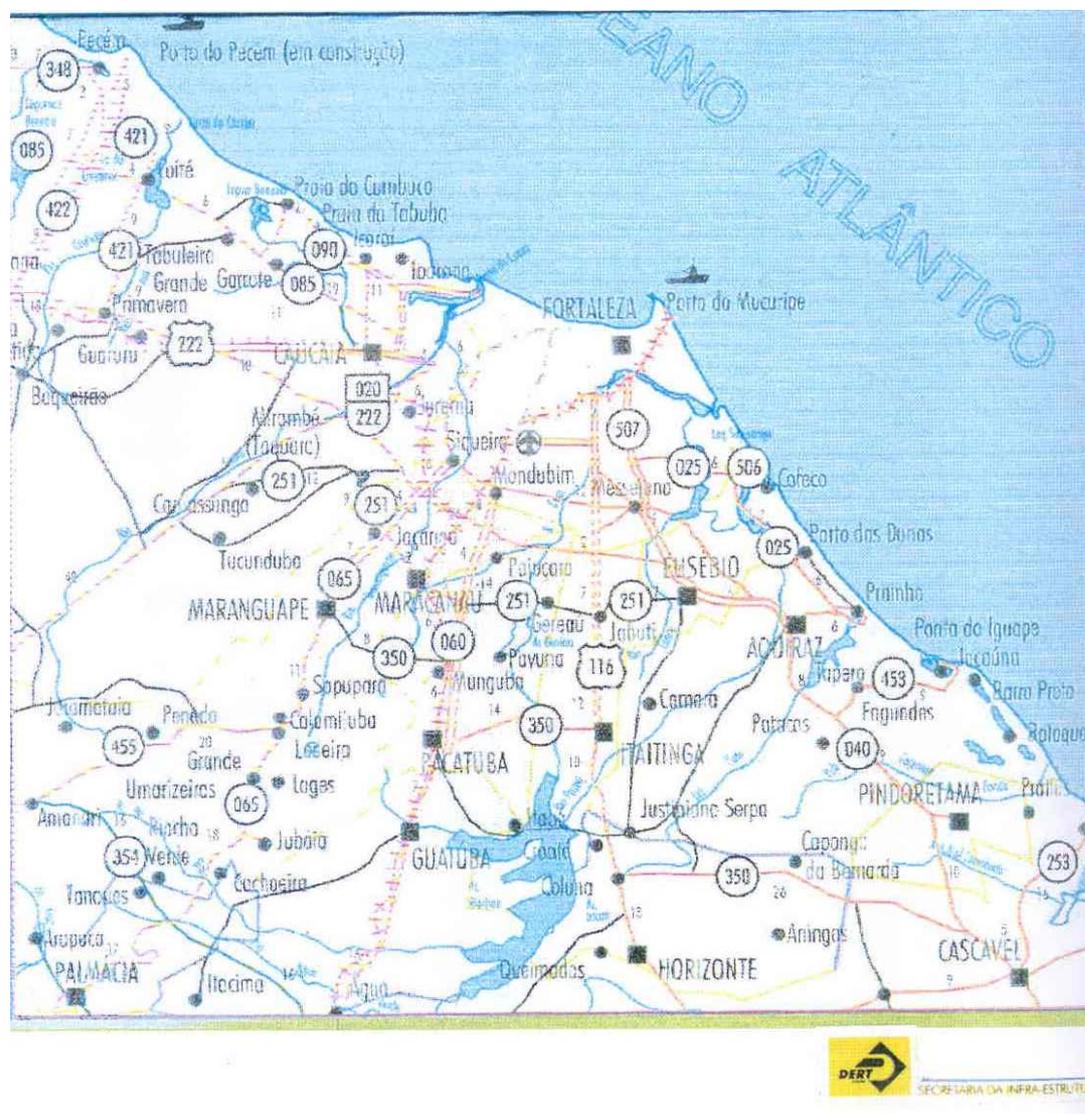
ANEXO II

DECRETO Nº 26.411/2001 de 18 de outubro de 2001.

Relação Descritiva das Rodovias Estaduais

| RODOVIAS RADIAIS | |
|------------------|--|
| RODOVIAS | PONTOS DE PASSAGEM |
| CE-025 | ENTR.CE-040 (AV. WASHINGTON SOARES)-ACS. p/COFECO – PORTO DAS DUNAS – ACS. p/PRAINHA – PRESÍDIO – IGUAPE – BARRO PRETO – BATOQUE – BALBINO – ENTR.CE-138/453 (CAPONGA) ÀGUAS BELAS. |
| CE-040 | FORTALEZA (AV. PADRE ANTÔNIO TOMAZ) – ENTR.CE-025 – MESSEJANA – ANEL RODOVIÁRIO –ENTR.CE-251 (EUSÉBIO) – ACS. NORTE p/AQUIRAZ – ENTR.CE452 (AQUIRAZ) – ENTR.CE453 (FACUNDES) – ENTR.CE – 454 (PINDORETAMA) – ENTR.CE-350 p/COLUNA – ENTR.CE-138(A)/253. (CASCAVEL) – ENTR.CE-138(B) – ENTR.CE352 p/BEBERIBE – SUCATINGA – PARIPUEIRA – PARAJURU – ACS p/FORTIM – ENTR. CE-123(A). VIÇOSA-ENTR.CE123(B)/BR-304. |

⁹¹ Fonte: SEINFRA (Secretaria de Infra – estrutura)

Anexo VII: figura representativa da malha rodoviária de Fortaleza

Anexo VIII: Pesquisa de tráfego na CE – 040⁹²

| Código | Início | Final | VL | ON | CARGA | TOTAL | ANO |
|------------|-------------------------|--------------------------|--------|------|-------|--------|------|
| 040ECE0010 | MESSEJANA | ENTCE- 251(EUSÉBIO) | 15604 | 461 | 1540 | 17605 | 1994 |
| 040ECE0030 | ENTCE-O25 | MESSEJANA | 26811 | 1203 | 1539 | 29553 | 2004 |
| 040ECE0050 | MESSEJANA | ANEL RODOVIARIO | 15604 | 461 | 1540 | 17605 | 2004 |
| 040ECE0070 | ANEL RODOVIÁRIO | ENTECE- 251(EUSÉBIO) | 18039 | 370 | 1719 | 20128 | 2004 |
| 040ECE0010 | MESSEJANA (AV.PERIM) | ANEL VIÁRIO | 14.440 | 261 | 1.230 | 15.930 | 2000 |
| 040ECE0030 | ANEL VIÁRIO | ENTR.CE- 251(EUSÉBIO) | 11.660 | 397 | 2.022 | 14.078 | 2000 |

⁹²Fonte; DERT (Departamento de Estradas, Rodagem e Transporte).

Anexo IX: “Iracema – Messejana”

Entrevista realizada com a autora além de outros e publicada no jornal O POVO. Paula, Ethel (07/03/2004)

NoOlhar: Vida e Arte

Iracema – Messejana

De fora para dentro. Através do projeto PerCursos Urbanos, a ONG Mediação de Saberes investiga Fortaleza e suas paisagens urbanas. Dentro de um ônibus, mediando trajetos, acadêmicos e remanescentes dos bairros visitados. O passeio, nas tardes de sábado, é intelectual e afetivo. Em foco, Messejana

Etel de Paula

Da Redação

Tarde de sábado para flunar com inteligência, sensível aos acenos sutis de fachadas, calçadas, muros, árvores, cores, sons, aromas. O projeto PerCursos Urbanos, proposto pela ONG Mediação de Saberes, eleva o passeio a exercício estético.

Assim é que, antes de tomar o ônibus estacionado nos arredores do Centro Dragão do Mar, passageiros interessados em ampliar o olhar habitual e apressado, que não vai além da superfície da metrópole, ouvem o conceito, ainda no auditório: O deslocamento tem caráter investigativo, equivale a uma prática intelectual. Não confundir com turismo. Vamos ler a cidade, tentar apreender sua alma, já que a primeira vista ela não tem uma marca própria. Além de trazê-la para dentro de nós, interessa o estreitamento das relações sociais, possíveis vínculos que se estabeleçam entre pessoas com pesquisa e atuações diversas”, avisa o coordenador da entidade Júlio Lira.

Em sábados alternados do mês, dão-se os trajetos (**ver programação na 5**). Sempre mediados por acadêmicos e artistas dos bairros visitados. É assim desde de

novembro de 2003, quando o Centro Dragão do mar garantiu financiamento e um grupo piloto tomou o ônibus para varrer Fortaleza de Barra a Barra. Fomos da Barra do Ceará à Barra do rio Cocó, guiados pelo geógrafo José Borzacchiello e o rapper Eduardo Carioca. O interessante é aproximar e fundir o conhecimento científico a experiência vivida, a dinâmica cultural do lugar”, observa Júlio. De lá para cá, o projeto já percorreu o Pirambú, o mangue as margens do rio Cocó, A Fortaleza de **A Normalista** e as feiras livres locais. Messejana foi o destino de 26 passageiros do Per Cursos Urbanos do último dia 14. À frente, a mestrandia em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará, Celina Portugal, apontou usos atuais do bairro de passado bucólico cujo o principal ícone é a casa de José de Alencar. “Se Messejana tinha como marca–registrada o cheiro das mangueiras e já foi considerada aprazível a ponto de atrair para cá o Hospital do Coração, antes voltado a doenças pulmonares, hoje lamentamos a invasão desenfreada do comércio, além do aterramento e poluição da lagoa, que perdeu 40% do seu tamanho original. Daí o fim do balneário e dos piqueniques”, ilustrou.

Ver para crer. A primeira parada estratégica dá-se bem as margens da lagoa. Ao invés de banhistas, lixo. Mas também lendas – “Já viram lara cantar aqui”, “lá no fundo mora uma serpente quando alguém morre afogado ela geme” - e pescadores nativos, que usam como píer a base de concreto construída para receber a Estátua de Iracema, obra da Prefeitura de Fortaleza duramente criticada pela comunidade artística. “Precisamos de um Centro Cultural. O Casarão da Lagoa tinha essa função, mas foi derrubado para construção de uma quadra de basquete e compositores, poetas e artista plástico de Messejana ficaram sem ter aonde mostrar a produção”, reclama de dentro do ônibus o músico Gilvan da Silva, outro mediador da tarde, assim como pintor Mateus da Silva, autor do mural de 20 metros de comprimento pintado entre barracas da já tradicional feira livre do bairro. Tudo que era feirante queria ser retratado, foi difícil agradar a todos, mas deu certo. E é muito bom que o trabalho possa ser visto agora por pessoas de outros bairros”, comentou Mateus.

Ao grupo agradou em cheio a caminhada entre a feira e o mercado, focos de resistência cultural em Messejana. “Esse pedaço não se burocratiza. Para além do consumo, este é o espaço soberano do encontro, da troca. Tanto assim que

shopping Diogo, logo ao lado, morre a cada dia. As lojas fecham porque as pessoas preferem comprar dos feirantes”, destacou Celina. Nos boxes de venda, diversidade, a intersecção entre cidade e campo ao alcance das mãos. Olho espichado para dentro do comércio de Jacinta Maria. Sob o telhado original de carnaúba, flerte ao pé do balcão de madeira, regado a cachaça e vitória. No ar a voz de Francisco Lopes, o “Índio do Pará. Impressiona porque percebemos que a vida ali escapa as padronizações, o que tem identidade forte não se deixa aprisionar. Mas essas frestas somente se revelam em momentos como esse, de delicada interação com o ambiente. Eis o forte do projeto. Ele não busca cartões postais, a cidade maquiada, mas sua real pulsação”, reforçou a professora.

Quadro inverso quarteirões adiante. Com a construção do Centro das Tapioqueiras em plena CE-O40, as donas de casa que trabalhavam nos terreiros das próprias casas não só tiveram que bater em retirada, como vestir uniforme, obedecer a horários e garantir infra – estrutura mínima para ocupar o novo espaço de venda, que não pertence a elas. “Eram mães, trabalhadoras autônomas, donas de seu tempo e às voltas com uma produção familiar. Isso aqui era sempre cheio. E os consumidores tinham vínculos com os vendedores. O tempo no espaço programado e normatizado é o do capital, acirrando a concorrência, coisa que não existia”, cutucou Celina.

A entrada da tapioqueira Santa Cecília, hoje desativada, a plaqueta dava conta do passado de visitação assídua: Ei, psiu!   proibido cheirar as mercadorias, sentar no balcão, pentear os cabelos na sala do forno. 26.7.78.N cia”.  poca em que conta – se a atriz Florinda Bolkan, a modelo Xuxa e o cantor Tim Maia encostaram o carro por ali, a fim de tirar a limpo a fama das tapioqueiras cearenses. “Era o tempo do vivido, que conseguia manter certa comunhão com o turismo”, frisou a pesquisadora. Mais adiante, assento na São Rafael, única palho a aberta. Seu João serviu o grupo. Nenhum recheio na tapioca fofa e morna. São a manteiga por cima, derretendo porque assim pede a tradi o. Fim de tarde. Os de Messejana saltam do  nibus. Menos Gilvan. Que fez questão de tocar violão no nublado trajeto de volta. Um percurso com direito a trilha sonora.

Anexo X : Outras publicações em jornais⁹³ relativas as (os) tapioqueiras (os)

Tapioqueiros terão centro para venda na CE-040

Data: 17/08/2001 Tamanho: M

Editora: Fortaleza Página:10

Clichê: Primeiro

Assunto: cc

Identificador: cc

O governador Tasso Jereissati assinou a ordem de serviço para a construção do Centro dos Tapioqueiros, na CE-040. Comerciantes reclamavam há muito tempo da queda nas vendas, com alargamento de rodovia

A família Gomes dos Santos vende há 60 anos tapioca às margens da CE-040, em Messejana. O filho mais velho, Júlio, 23, assumiu o pequeno comércio há pouco mais de um ano com a doença do pai, José Gomes, 84. Com o apurado, ele sustenta os pais e irmãos. O rendimento do comércio garantiu a sobrevivência e educação de mais de 15 membros da família. Mas hoje o dinheiro é escasso devido a duplicação da CE-040 até Aquiraz. Com a obra, executada pelo Governo Estado em 1999, o trecho onde estão os pontos de venda foi transformado em via urbana e o fluxo de veículos para as praias do litoral leste ocorre pela rodovia alargada.

Os tapioqueiros reivindicam o remanejamento para a nova via. Agora, quase dois anos depois da duplicação eles vão ser atendidos. Na noite de ontem, o governador Tasso Jereissati assinou a ordem de serviço para a construção do Centro dos Tapioqueiros, na CE-040. Segundo a Assistente Social e gerente da Célula de Programa de Crédito da Secretaria de infra-estrutura, Bete Almeida, 26 famílias vão ser beneficiadas. São elas que vão gerenciar o Centro. A promessa do Governo é concluir as obras em outubro próximo.

Desde a duplicação, os tapioqueiros enfrentam a queda nas vendas. “Os prejuízos chegam a 20%”, garante Júlio Gomes. Essa situação não é exclusiva da

⁹³ Fonte: Jornal O POVO.

família dele. Vinte e seis tapioqueiros enfrentam o mesmo drama. Desde 1960 estabelecido às margens da rodovia, Manoel Hilário, 69, conta que perdeu muito dinheiro. Ele diz que só os clientes antigos e fiéis mudam a rota de viagem e passam em frente a sua barraca para comprar tapioca.

O comércio na área é antigo e era ponto de parada de quem vinha das praias do litoral leste. Regina Lúcia Barros, que chegou no local há 26 anos e ajudava a mãe na confecção das tapiocas e depois assumiu o negócio, diz que no início eram poucas barracas. "Tenho fregueses de mais de 20 anos que não deixam de vir aqui". Para manter a freguesia, ela promete continuar com a barraca, mesmo quando for para o Centro das Tapioqueiras. "Não posso abandonar nossos amigos, que nunca nos abandonaram".

Tapioca para os sentidos

Data:06/11/02 Tamanho:M

Editoria: Vida&Arte Página: 4

Clichê: Primeiro

Autor: Manoella Monteiro

Crédito: Felipe Abud

Observação: Qual é a boa

O cheiro bom de café passado na hora atíça o olfato. É inevitável seguir em frente e conferir as várias opções. Os ouvidos vão recebendo de bom grado todas aquelas sugestões. O prato chega na mesa em poucos minutos e a visão é estimulada ao máximo justificando a expressão "comendo com os olhos". Mas é hora de dar vez ao paladar e saborear, ainda quentinha, a tapioca.

A comida de origem indígena pode vir recheada com chocolate, queijo, goiabada, camarão ou carne do sol. De massa mais grossa ou aquela bem fininha enrolada. Tudo ao gosto do freguês. Com a mudança de localização, as tapioqueiras de Messejana oferecem um melhor espaço aos seus clientes.

Nos finais de semana o movimento é maior, principalmente nos finais de tarde para aquele bom cafezinho. Muitas pessoas estão retornando de dias de desfrute na praia e não resistem a tentação parando no Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana, na avenida Washington Soares, no caminho do Eusébio.

O lugar, bastante ilimitado e com amplo estacionamento, foi inaugurado em janeiro deste ano. São 26 lojas que vendem, além da tapioca e do café, doces, biscoitos e bolos. Todas funcionam diariamente de 5h às 24 h. Os preços também são convidativos. A xícara de café custa apenas 0,30. O preço da tapioca varia de R\$ 0,70 (natural) a R\$ 2,00 (carne do sol, camarão, chocolate, Romeu e Julieta). Com R\$ 1 você pode experimentar a de queijo ou de nata. Uma delícia!

Serviço

Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana – Avenida Washington Soares (no caminho do Eusébio). Aberto diariamente das 5h às 24h.

Tapioca vira atração turística

Data: 06/03/03 Tamanho: G

Editoria: Turismo Página:2

Clichê: Primeiro

Assunto: TAPIOCA, ARTESANATO

Identificador: MESSEJANA /Bairro/

Crédito: (1) Edimar Soares (2) Evilázio Bezerra

Legenda: Conferir os produtos artesanais do Ceará e a deliciosa tapioca é uma boa pedida para turistas e cearenses

Tapioca e artesanato são agora atrativos principais do Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana. Os 26 quiosques servem a tapioca com deliciosos recheios acompanhada de café. A loja da Ceart, inaugurada recentemente, expõe o melhor do artesanato cearense e deixa o lugar mais atraente para os turistas

A fécula que se extrai da mandioca virou tapioca nas mãos dos índios. A comida ganhou recheios saborosos nas mãos dos brasileiros e agora são os

cearenses que querem fazer da tradicional tapioca um atrativo turístico. Recentemente foi aberta uma nova loja da Central de Artesanato (Ceart) no Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana, na CE-040.

A idéia do Centro das Tapioqueiras começou com o objetivo de dar melhor infra-estrutura de trabalho aos vários tapioqueiros que vendiam seus produtos na Paupina, em Messejana. Eles foram recolocados em uma área ampla e agradável próxima à Avenida Washington Soares, a caminho do Eusébio. Ao todo são 26 quiosques empregando cerca de 180 pessoas.

Com a loja da Ceart, a Secretaria do Trabalho e Empreendedorismo quer tornar o “tapiocódromo”, como foi chamado pela apresentadora Ana Maria Braga em sua visita ao Ceará, um lugar a ser visitado por turistas. A localização é outro ponto a favor. Quem volta das praias do litoral Leste certamente passará em frente ao Centro das Tapioqueiras.

É melhor não resistir! Se entregue as variedades de tapioca com recheios doces e salgados.

Que tal carne do sol? Ou camarão? Para quem prefere doce, tem recheio de chocolate, de banana com canela ou ainda de goiaba com queijo. O café é o acompanhamento ideal e o mais pedido. O melhor é que os preços também são convidativos. As tapiocas custam a partir de R\$ 0,70 e o café, R\$ 0,30. Mas existem outras opções de bebidas (chocolate quente ou frio, refrigerante e chá) e de comidas (doces e bolos).

O horário de funcionamento vai de 5 horas até às 20 horas. Então dá para tomar café da manhã, lanche e até enganar a barriga na hora do jantar. Vale a pena passar por lá só para provar destas delícias. Experimente.

SERVIÇO

Onde comer tapioca

Centro das Tapioqueiras e do Artesanato de Messejana – Na CE 040. Siga pela avenida Washington Soares. No sentido de quem sai do centro de Fortaleza, o Centro de cor predominante amarela fica do lado esquerdo.

Coco Bambu – Rua Canuto de Aguiar, 1317 – Aldeota. Telefone: 85-242.7557. Abre todos os dias a partir das 17 horas.

Restaurante Boi do Sertão – avenida Pontes Vieira, 2340 – Dionísio Torres. Telefone: 85-272.0301. Funciona diariamente de 10h à 1 hora da madrugada.

Café do Sertão – avenida Eusébio de Queiroz, 2159. Funciona todo os dia de 7h às 19h. Telefone: 85-2603447.

Homenagem com tapioca

Data: 19/04/04 Tamanho: G

Editoria: Fortaleza Página:4

Clichê: Primeiro

Assunto DOAÇÃO, TAPIOCA, ÍNDIO.

Identificador: CAUCÁIA/CE/

CRÉDITO: Edimar Soares

Legenda: Para Zilma Lima Teixeira, a homenagem é uma forma simbólica de agradecer os índios pela culinária

Culinária tipicamente indígena, mas que faz sucesso “entre” o homem branco há muito tempo. A tapioca agrada a cearenses e turistas e, por isso, o Centro das Tapioqueiras, na CE-040 faz tanto sucesso. Hoje, dia do índio, as tapioqueiras do Centro vão homenagear os inventores da tapioca, doando 220 guloseimas para os tapebas

O primeiro “pão” brasileiro tem sabor incomparável. Difícil conhecer quem não goste, principalmente quando recheada doce ou salgada. A tapioca massa feita da fécula extraída da mandioca, descoberta pelos índios, é sucesso absoluto entre turistas e cearenses. E hoje, Dia do Índio, a associação das tapioqueiras do Ceará estará promovendo o festival da tapioca, distribuindo a guloseima entre os tapebas de Caucáia.

Foram os índios que ensinaram os portugueses a extrair da mandioca uma farinha branca. Misturada à água e deixada de molho para dar o ponto, bastava peneirar a massa e levá-la ao fogo para garantir uma refeição para toda família. Para os primeiros moradores do Brasil, aquela goma era suficiente. Mas para os brancos, sal e manteiga tornaram a massa muito mais saborosa. Hoje, as tapiocas já não são como antigamente. E até recheados como queijo catupiri, camarão ou leite condensado é possível encontrar.

A vice-presidente da Associação das Tapioqueiras do Ceará, Zilma Lima Teixeira, 30 anos, não é índia, nem sabe se há na família índios legítimos, mas prepara uma tapioca como poucos. Vive do negócio “desde sempre” tendo passado o ponto de tapioca por várias pessoas da família. “Nasci e me criei aqui na Paupina, fazendo tapioca. Rico, pobre. Cearense ou turista. Todo mundo vem aqui, sempre lotado principalmente cedinho da manhã”, diz Zilma, fazendo referência ao Centro das Tapiocas e do Artesanato de Messejana, na ce-040.

E para homenagear os inventores da tapioca, as tapioqueiras cearenses vão pelo segundo ano consecutivo, realizar o festival da tapioca. No ano passado elas prepararam a maior tapioca do mundo, com 43 metros, que foi distribuído entre os tapebas. Amanhã, eles deverão ser novamente homenageados. Dessa vez, cada uma das 22 tapioqueiras do Centro deve preparar dez tapiocas, somando 220 tapiocas a serem doadas para os índios. “É uma forma simbólica de agradecer a eles, já que ganhamos a vida com a culinária típica dos índios”. É uma forma simbólica de agradecer a eles, já que ganhamos a vida com a culinária típica dos índios”, afirma Zilda. O festival será realizado a partir das 16 horas de hoje.

Eles provarão a tapioca tradicional, feita com goma e coco ralado, que mesmo simples é uma delícia. Mas as tapioqueiras do local sabem preparar tapioca com queijo e presunto; como camarão ou frango, tapioca com carne de sol; com catupiri ou nata; ou tapioca com recheio de calabresa. Além dos sabores salgados, fazem sucesso as tapiocas recheadas com banana, queijo, leite condensado e canela; ou a de queijo, coco ralado e leite condensado. Deu água na boca só de ler? Imagine vendo elas prepararem na hora, na lenha, o que dá um gostinho mais especial.

SERVIÇO

No Centro das Tapioqueiras funcionam 22 boxes de tapiocas e quatro lanchonetes. É aberto de segunda a segunda, das 6 horas às 20 horas. Os preços variam de R\$ 0,70 (a tradicional), passando por R\$ 1,50 (com recheio de catupiri), até as de 2,50 (como a de carne do sol ou camarão).

Cultura indígena presente no Ceará

Tapioca como prato preferido do “homem branco?” Sinal de que a cultura indígena ainda está bastante presente hoje em dia. Há quem não se reconheça como originário dos “peles vermelha”, alguns inclusive mantendo preconceito contra os índios, mas cearense que se preze gosta de tapioca, de dormir de rede e tem em seu vocabulário palavras como Itaoca, Paupina, Aracoiaba, Itapiúna...

Anexo XI: Pesquisa de tráfego: dia/hora na Ce – 040⁹⁴

07 de julho de 2003

| | | | | | | | | | |
|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|----------------|
| 15:00 | 16:00 | 17:00 | 18:00 | 19:00 | 20:00 | 21:00 | 22:00 | 23:00 | |
| 203 | 187 | 517 | 484 | 442 | 321 | 231 | 158 | 87 | 6951 |
| 352 | 548 | 584 | 529 | 483 | 323 | 429 | 389 | 269 | 8310 |
| 494 | 555 | 617 | 524 | 269 | 204 | 156 | 112 | 103 | 8100 |
| 660 | 621 | 712 | 663 | 598 | 233 | 401 | 768 | 923 | 10566 |
| 634 | 792 | 656 | 515 | 310 | 473 | 388 | 360 | 232 | 12180 |
| 343 | 281 | 300 | 279 | 286 | 152 | 142 | 50 | 24 | 7907 |
| 522 | 563 | 506 | 535 | 443 | 128 | 189 | 152 | 69 | 7472 |
| 503 | 552 | 485 | 547 | 477 | 274 | 151 | 153 | 79 | 8288 |
| 493 | 565 | 592 | 591 | 448 | 331 | 407 | 392 | 347 | 9307 |
| 544 | 544 | 639 | 379 | 365 | 357 | 226 | 184 | 94 | 8281 |
| 607 | 639 | 869 | 520 | 450 | 587 | 569 | 710 | 567 | 10932 |
| 726 | 633 | 569 | 556 | 475 | 370 | 338 | 421 | 371 | 12303 |
| 312 | 316 | 285 | 251 | 295 | 223 | 181 | 149 | 74 | 8668 |
| 432 | 507 | 618 | 419 | 453 | 335 | 228 | 161 | 54 | 8096 |
| 533 | 554 | 573 | 508 | 385 | 273 | 263 | 180 | 82 | 8248 |
| 546 | 568 | 441 | 349 | 294 | 218 | 293 | 321 | 300 | 7972 |
| 472 | 481 | 349 | 421 | 495 | 375 | 227 | 162 | 111 | 7681 |
| 621 | 596 | 656 | 783 | 624 | 272 | 332 | 560 | 469 | 10380 |
| 760 | 760 | 605 | 529 | 448 | 409 | 379 | 405 | 473 | 11614 |
| 349 | 333 | 287 | 322 | 190 | 250 | 229 | 185 | 85 | 8692 |
| 522 | 549 | 396 | 412 | 416 | 118 | 75 | 112 | 76 | 7041 |
| 533 | 546 | 368 | 532 | 489 | 299 | 244 | 168 | 72 | 7709 |
| 517 | 567 | 622 | 553 | 517 | 391 | 391 | 601 | 458 | 9799 |
| 553 | 366 | 629 | 596 | 474 | 337 | 232 | 161 | 114 | 8983 |
| 846 | 845 | 944 | 867 | 567 | 642 | 467 | 372 | 148 | 11212 |
| 695 | 738 | 613 | 539 | 446 | 346 | 312 | 223 | 155 | 11030 |
| 309 | 327 | 338 | 285 | 278 | 241 | 184 | 141 | 87 | 7651 |
| 512 | 539 | 389 | 406 | 409 | 115 | 74 | 112 | 76 | 7402 |
| 536 | 404 | 356 | 297 | 379 | 313 | 210 | 135 | 125 | 7565 |
| 523 | 511 | 611 | 537 | 504 | 372 | 311 | 435 | 330 | 8056 |
| 496 | 573 | 543 | 340 | 380 | 373 | 267 | 195 | 115 | 8438 |
| | | | | | | | | | 276.834 |

⁹⁴ Fonte: DERT (Departamento de Estrada, Rodagem e Transporte).

Anexo XIII: Informativo Gerencial: b) Malha rodoviária⁹⁶

b) Malha rodoviária

| | | | | | | | |
|--------------|-------------------------------------|------------------------------|-------|-------|------|-----|------|
| 025 ECE 0010 | ENTR CE-048(FOR ALIZA) | ACS. P/ COFECO | 0,0 | 6,3 | 6,3 | PAV | CEUQ |
| 025 ECE 0030 | ACS. P/ COFECO | PORTO DAS DUNAS | 6,3 | 13,3 | 7,0 | PAV | AAUQ |
| 025 ECE 0050 | PORTO DAS DUNAS | ENTR CL-452 P/ PRAIAVA | 13,3 | 18,4 | 5,1 | PAV | AAUQ |
| 040 ECE 0010 | FORTALEZA(AV. PADRE ANTONIO THOMAZ) | ENTR CE-025 | 0,0 | 6,9 | 6,9 | DUP | CEUQ |
| 040 ECE 0030 | ENTR CE-025 | MESSEANA | 6,9 | 9,4 | 2,5 | DUP | CEUQ |
| 040 ECE 0050 | MESSEANA | ANEL RODOVIARIO | 9,4 | 13,7 | 4,3 | DUP | CEUQ |
| 040 ECE 0070 | ANEL RODOVIARIO | ENTR CE-251(EUSEBIO) | 13,7 | 19,0 | 5,3 | DUP | CRUQ |
| 040 ECE 0090 | ENTR CE-251(EUSEBIO) | ACS. NORTE P/ AQUIRAZ | 19,0 | 22,5 | 3,9 | DUP | CEUQ |
| 040 ECE 0110 | ACS. NORTE P/ AQUIRAZ | ENTR CE-452(AQUIRAZ)(SU.) | 22,5 | 25,4 | 2,9 | DUP | CEUQ |
| 040 ECE 0130 | ENTR CE-452(AQUIRAZ)(SU.) | ENTR CE-453(FACUNDES) | 25,4 | 31,9 | 6,5 | PAV | AAUQ |
| 040 ECE 0150 | ENTR CE-453(FACUNDES) | ENTR CE-454 P/ PANDORETAMA | 31,9 | 41,0 | 9,1 | PAV | AAUQ |
| 040 ECE 0170 | ENTR CE-454 P/ PANDORETAMA | ENTR CE-350 P/ COLUNA | 41,0 | 50,5 | 9,9 | PAV | AAUQ |
| 040 ECE 0190 | ENTR CE-350 P/ COLUNA | ENTR CE-138(A)/253(CASCAVEL) | 50,5 | 56,1 | 5,2 | PAV | AAUQ |
| 040 ECE 0210 | ENTR CE-138(A)/253(CASCAVEL) | ENTR CE-138(B) | 56,1 | 65,2 | 9,1 | PAV | AAUQ |
| 040 ECE 0230 | ENTR CE-138(B) | ENTR CE-352 P/ BEBERIBE | 65,2 | 75,6 | 10,4 | PAV | AAUQ |
| 040 ECE 0250 | ENTR CE-352 P/ BEBERIBE | SUCATINGA | 75,6 | 89,6 | 14,0 | PAV | AAUQ |
| 040 ECE 0270 | SUCATINGA | PARIPUEIRA | 89,6 | 108,6 | 19,0 | PAV | AAUQ |
| 040 ECE 0290 | PARIPUEIRA | PARAUARI | 108,6 | 116,0 | 7,4 | PAV | AAUQ |
| 040 ECE 0010 | MONDUBIM(AV. PERIMETRAL) | ANEL RODOVIARIO | 0,0 | 3,8 | 3,8 | DUP | CEUQ |
| 060 ECE 0030 | ANEL RODOVIARIO | ENTR CE-251 P/ MARACANAU | 3,8 | 7,6 | 3,8 | DUP | AAUQ |
| 060 ECE 0050 | ENTR CE-251 P/ MARACANAU | ENTR CE-350(A)(MUNGUBA) | 7,6 | 13,4 | 5,9 | DUP | AAUQ |
| 060 ECE 0070 | ENTR CE-350(A)(MUNGUBA) | ENTR CE-350(B)(PACATUBA) | 13,4 | 19,7 | 6,3 | DUP | AAUQ |
| 060 ECE 0090 | ENTR CE-350(B)(PACATUBA) | ACS. SUL P/ PACATUBA | 19,7 | 21,7 | 2,0 | DUP | AAUQ |
| 060 ECE 0110 | ACS. SUL P/ PACATUBA | GUARUBA | 21,7 | 27,0 | 5,3 | PAV | AAUQ |
| 060 ECE 0130 | GUARUBA | ENTR CE-354(A) | 27,0 | 42,9 | 15,9 | PAV | AAUQ |
| 065 ECE 0010 | SIQUEIRA(AV. PERIMETRAL) | ANEL RODOVIARIO | 0,0 | 5,7 | 5,7 | DUP | AAUQ |
| 065 ECE 0030 | ANEL RODOVIARIO | ENTR CE-251(MACANAU) | 5,7 | 9,3 | 3,6 | DUP | CEUQ |
| 065 ECE 0050 | ENTR CE-251(MACANAU) | ENTR CE-350(MARANGUAPE) | 9,3 | 16,2 | 6,9 | DUP | CEUQ |
| 065 ECE 0070 | ENTR CE-350(MARANGUAPE) | ACS. SUL P/ MARANGUAPE | 16,2 | 18,2 | 2,0 | DUP | CEUQ |
| 065 ECE 0090 | ACS. SUL P/ MARANGUAPE | ENTR CE-455(LADEIRA GRANDE) | 18,2 | 26,8 | 8,6 | PAV | AAUQ |
| 065 ECE 0110 | ENTR CE-455(LADEIRA GRANDE) | ENTR CE-354(BU) | 26,8 | 44,9 | 18,1 | PAV | TSD |
| 065 ECE 0130 | ENTR CE-354(BU) | PALMACIA | 44,9 | 61,8 | 15,9 | PAV | PMF |
| 085 ECE 0030 | ACS. LESTIE P/ CAUCAIA | ENTR CE-090 | 2,0 | 6,5 | 4,5 | DUP | TSD |
| 085 ECE 0050 | ENTR CE-090 | ACS. P/ ICARAI | 4,5 | 6,5 | 2,0 | PAV | TSD |

Distribuição Operacional

81

⁹⁶ Fonte: SEINFRA (Secretaria de Infra Estrutura).

Anexo XIV: Ofício aos órgãos públicos para coleta de dados

Universidade Estadual do Ceará
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Centro de Ciências e Tecnologia

Mestrado Acadêmico em Geografia

Av. Paranjana, 1700 Campus do Itaperi – 60.740-000 Fortaleza-CE - Fone: 299-2692

Home Page: www.propppq.uccc.br/mag/ - E-mail: mcstgco@uecc.br

Ofício Nº 75 / 04 – MAG

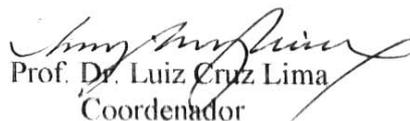
Fortaleza, 23 de março de 2004

Prezado (a) Sr.(a).

Através deste, apresentamos a mestranda *CELINA MARIA TORRES PORTUGAL BEZERRA*, aluna regularmente matriculada neste curso de Mestrado, que desenvolve trabalho intitulado “Dos passos de gazela de Iracema ao rastro do capital: o cotidiano das tapioqueiras (os) em Paupina (Messejana)”, para a qual, solicitamos a V. Sa. a colaboração no sentido de conceder material, dados e informações para realizar pesquisa de composição de sua dissertação.

Certos do pronto atendimento, antecipamos nossos agradecimentos.

Atenciosamente,


Prof. Dr. Luiz Cruz Lima
Coordenador